Introdução

Proximidade do pesquisador com o tema

Os estudos acadêmicos e, em especial, as dissertações e teses, via de regra, procuram responder a algum questionamento da sociedade ou pelo menos a alguma inquietação do pesquisador. Nas ciências humanas as experiências vividas pelo pesquisador podem ou deveriam ser relevantes na escolha e no desenvolvimento do tema a ser estudado. Frequentemente pesquisadores elaboram estudos que não refletem as suas experiências de vida, profissionais ou pessoais. Ainda que estas pesquisas possam ter relevância científica, utilizem-se dos métodos científicos tradicionais e obtenham os graus acadêmicos almejados; dificilmente permitirão ao pesquisador usufruir do mesmo prazer, que aquelas pesquisas nas quais o objeto do estudo faz parte da vida profissional e pessoal do pesquisador. Na minha avaliação, uma "Tese" deveria ser o culminar de uma história de vida ou fruto dela. A metodologia escolhida, a análise das histórias de vida ou *história oral de vida híbrida* e o tema; *o desenvolvimento do judô no Brasil*, estão estreitamente relacionados com as minhas experiências pessoais, vividas, predominantemente no meio do judô.

Meu envolvimento com o judô ocorreu através do ingresso nessa prática na escola, ainda no ensino fundamental em Porto Alegre - RS. Assisti a minha primeira aula no porão do Anexo do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em uma sala pequena com o piso coberto por serragem coberta por lona verde. Alguns anos antes, com a idade de cinco ou seis anos já tinha tido a oportunidade de ver o judô em outra academia, onde meu pai praticava. Nunca poderia imaginar que retornaria a ver e entrevistar o professor de meu pai, sensei João Graf Vassoux, quase cinqüenta anos após, com objetivos acadêmicos. Naquela ocasião não me interessei muito pela prática, possivelmente porque meu pai não fazia parte do grupo de graduados. Mesmo sendo um homem forte e aluno aplicado, caia mais do que derrubava. Aquilo não me agradou muito.

Aos 11 anos com um uniforme, *judogui*[1] que pertencera ao meu pai e, no mesmo colégio onde estudava o primeiro ano ginasial, tive a minha iniciação no judô com um professor brasileiro, sensei Irineu Pantaleão Bazacas. Ele normalmente não vestia o judogui e não me recordo se havia ou não um retrato de Jigoro Kano no nosso

[1] As palavaras em itálico podem ser encontradas no glossário ao final do texto ás páginas 184 a189.

dojo[2]. Ainda assim, era um judô japonês. O judogui simples da marca Tigre, as saudações, o *mukso*, o vocabulário japonês, a disciplina e a etiqueta, não diferia muito daquela que encontrei no Japão 15 anos depois. Pouco tempo depois, um dos professores de Educação Física da escola, Colégio Estadual Júlio de Castilhos, assumiu as aulas de judô. Então tive o primeiro contato com o professor Francisco Xavier de Vargas Neto, que viria a ser o meu treinador. O "Chico do Judô" foi responsável pela formação de uma geração de judocas no Rio Grande do Sul, entre os quais eu me incluo. Mais do que treinador ele influenciou toda a minha vida e, a de muitos outros garotos. Mesmo hoje, passados mais de quarenta anos desse primeiro contato, continuamos nos encontrando. Formamos uma confraria que se encontra regularmente para comer um churrasco e, invariavelmente, falar de judô. De uma certa forma, acabei seguindo os passos deste professor, pois hoje sou também professor de educação física e treinador de judô.

Outros dois professores já falecidos tiveram influência definitiva na minha trajetória, sensei Naoshige Ushijima, meu sensei japonês e o professor Bugre Ubirajara Marimon de Lucena, com quem convivi intensamente na universidade e cujas lições me ensinam até hoje. Hoje lamento não ter entrevistado os dois mestres com quem tive tanto contato, com certeza tornariam este estudo mais completo e interessante. Ambos foram professores fundamentais no desenvolvimento do judô do Rio Grande do Sul, um deles pelo seu contato freqüente com a sua origem, o judô japonês, e o outro, por ter sido o introdutor do judô na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde passou a formar toda uma geração de futuros professores, e assim indiretamente contribuiu para o crescimento do judô no Rio Grande do Sul. Por influência do sensei Naoshige Ushijima consegui um estágio de treinamento no Japão, na Universidade Kokushikan, onde treinei sob a orientação dos professores Nishida e Moriwaki e Hitoshi Saito. Este período me oportunizou uma experiência singular, que ultrapassou os conhecimentos de judô que adquiri. Viver no Japão sem falar japonês com pouco dinheiro e, com as limitações dos sistemas de comunicação da época, me proporcionou um grande crescimento pessoal. Finalmente em 1998/99, mais de dez anos depois de encerrar a minha carreira de atleta, em um curso de treinadores na Universidade de Leipzig, pude conhecer a estrutura do judô

[2] Dojo – Termo japonês que refere local para prática de atividade marcial, ou local próprio para seguir o caminho.

Europeu e desfrutar da convivência do professor Karl Heinz Von Deblitz, outro grande sensei.

Nesses quarenta anos que pratico judô, completados em 2011, meu interesse passou de aprendiz das quedas e técnicas (*waza*) de projeção e de solo, aos treinamentos com objetivos competitivos, (*renshuo),* para o entendimento das formas e métodos de treinamento e busca da performance e, finalmente, para o entendimento de como ocorreram essas modificações na prática do judô no nosso país.

Desde o início da minha carreira de atleta (1971), chegando à conquista da faixa preta, (*sho Dan)* em 1979, a conclusão do curso de Graduação em Educação Física em 1980, minha especialização em judô na Universidade de Leipzig em 1998/99, e finalmente o epílogo deste curso de doutorado na USP, se passaram quatro décadas. Ao longo delas o judô se transformou. Para mim essa transformação foi de atividade de lazer, passando por esporte de competição até se transformar na minha profissão. Esta foi a minha maior motivação para desenvolver esse estudo. De fato, nestes quatro anos de estudos, tive a oportunidade de rever muitos amigos, conhecer e treinar em alguns dos melhores dojos do país, tanto de formação quanto de treinamento dos melhores atletas do judô brasileiro. Como experiência única, cito os treinamentos na Vila Sônia, vinte anos depois da minha primeira visita. A convivência de alguns dias com o sensei Massao Shinohara, que ainda ministra aulas para iniciantes, aos 86 anos, foi por si só uma experiência única. O exemplo de vida do sensei Shinohara e a forma como encara o ensino do judô, só por isso já valeu a pena. Espero que esta investigação possa elucidar alguns aspectos do desenvolvimento do judô no Brasil e estabelecer onde e como a imigração japonesa influenciou o judô no nosso país.

Introdução ao tema

O judô é uma modalidade esportiva de origem japonesa que chegou ao Brasil no início do século XX e que hoje em dia é praticad**o** por cerca de dois milhões de pessoas. A introdução do judô no Brasil ocorreu principalmente a partir da imigração japonesa, com a chegada do Kasato Maru[3], em 1908. Outra versão para o início dessa modalidade é a chegada dos primeiros professores-lutadores[4], representantes da

[3] Nome do primeiro navio de imigrantes japoneses a chegar ao Porto de Santos em 1908.
[4] Em 1914 chegaram ao Brasil Mitsuyo Maeda, Soishiro Satake, Laku, Shimitsu e Okura.

Kodokan[5], com o intuito de difundir esta prática no país. A influência da imigração japonesa foi decisiva na formatação dos processos pedagógicos e na formação dos primeiros praticantes e professores brasileiros.

Desde a sua introdução até os dias de hoje, o judô se transformou em um esporte de combate difundido internacionalmente e, aqui no Brasil, sofreu outras influências, tanto nos seus aspectos pedagógicos e educacionais quanto nos seus objetivos e fundamentos. Definido pelo seu criador, professor Jigoro Kano, como "método de educar o corpo, a mente e o espírito e de competir vitoriosamente..." (KANO, Jigoro. 1954), o judô passou a ser praticado no Brasil e no mundo, predominantemente, como um esporte cujos objetivos educacionais, formativos e marciais foram relegados a um segundo plano ou totalmente esquecidos.

A prática do judô sempre esteve associada à formação do caráter, à disciplina pessoal e à educação de um modo geral, além dos aspectos da defesa pessoal e da saúde (MAEKAWA, M.; HASEGAWA, Y., 1963; TOMIKI, K., 1969; OIMATSU, S., 1984; RUAS, V., 1999; PFISTER, G., 1999; SUGAI, V. L., 2000; WATSON, B., 2000; SOUZA, G., CARDIA, F., FRANCHINI, E., 2007; SIEBER, L.; CYNARSKI, W.; LITWINIUK, A., 2007; SERRANO, E., 2008; LUIZ JUNIOR C.; INTERDONATO G.; MIARKA B.; GORGATTI, M., 2008; HACKNEY, C., 2009). Muitos profissionais da área da saúde recomendam a prática do judô como uma forma de contribuir para a disciplina de crianças e adolescentes e, até mesmo, para minimizar problemas de saúde como hiperatividade, asma e obesidade. Em alguns casos, os alunos procuram o judô para minimizar problemas de relacionamento como timidez ou agressividade excessiva. Mesmo sem comprovação científica consistente, médicos, pedagogos e psicólogos costumam indicar a prática do judô, na expectativa de que ele possa auxiliar na formação desses indivíduos. (GEESINK, A., 2005)

O principal objetivo desta investigação foi o de identificar alguns dos principais genearcas[6] do judô brasileiro e construir a "*árvore genealógica judoística"* dos atletas medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. Tendo em vista a importância que a prática do judô adquiriu na sociedade brasileira e o grande número de praticantes nas mais diversas faixas etárias, este estudo investigou as origens e o

[5] Escola criada por Jigoro Kano para desenvolver o judô, o termo significa, escola para desenvolver o caminho.

[6] Defini como genearca aquele professor que adquiriu seus conhecimentos de luta (judô ou jiu-jítsu) antes de chegar ao país, em condições de retransmiti-los e assim contribuir para o desenvolvimento do judô no país.

desenvolvimento do judô no Brasil. A metodologia utilizada foi a História Oral de Vida Híbrida. Ao estudar as histórias de vida produzi uma nova versão das origens e do desenvolvimento do judô brasileiro. As descrições dos procedimentos estarão explicitadas nos procedimentos metodológicos, porém aqui já refiro que, além das entrevistas com atletas e professores-treinadores, acompanhei os treinamentos em dojos representativos do judô nacional, onde foram formados e/ou treinam alguns dos principais nomes do judô brasileiro.

Os entrevistados foram divididos em duas colônias distintas, a dos atletas medalhistas e a dos seus professores e treinadores. A análise dos dados permitiu comparar as opiniões que vários indivíduos tem sobre um mesmo fato, ou um mesmo momento histórico. As informações prestadas pelos colaboradores em muitos casos foram complementares e comparadas com os dados coletados em documentos da história tradicional. Em muitos casos, entrevistei adversários diretos e os seus respectivos treinadores. Pude observar como cada um deles interpreta os fatos que vivenciaram, e que, em alguns casos, foram o fim da carreira de atleta de uns e a chegada ao auge da carreira esportiva de outros. Esta interessante triangulação de informações possivelmente seja um dos pontos de destaque desta investigação.

Finalmente é necessário informar que a idéia deste estudo surgiu da necessidade e interesse em explorar um tema de meu interesse pessoal a partir da metodologia proposta pela orientadora, a professora Katia Rubio. Assim esta investigação também está vinculada ao projeto de pesquisa "Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros"[7], sob a Coordenação da professora Katia e que segue em execução.

[7] O Projeto: Memórias Olímpicas por atletas olímpicos brasileiros tem o apoio institucional da FAPESP (2009/54.846-2)

1. OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

O principal objetivo deste estudo é elaborar uma genealogia do judô no Brasil, baseada na análise das histórias orais de vida dos medalhistas brasileiros em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. A partir da identificação dos seus genearcas, compreender qual foi a dimensão da influência da imigração japonesa neste contexto.

1.2. Objetivos específicos

a) Identificar, localizar e verificar qual o atual vínculo dos atletas que fazem parte desta colônia com o judô;
b) Identificar, localizar e entrevistar os professores desses atletas e identificar quem foram os seus respectivos professores;
c) Construir uma árvore genealógica judoística de cada um desses atletas, até o seu respectivo genearca;

1.3. Objetivo complementar

Disponibilizar o material coletado através das entrevistas para a comunidade judoística, utilizando uma página eletrônica especializada e outros locais, como o Centro de Memória do Esporte da UFRGS.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

> *"O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa." (BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 2001, p.75)*

A metodologia utilizada neste trabalho foi a Análise das Histórias de Vida, uma das formas de história oral. Esta metodologia tem entre os seus objetivos registrar a escuta das últimas testemunhas de uma sequência de fatos, ou um determinhado período histórico. (MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F., 2010; POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P., 1999; RUBIO, K., 2006).

De acordo com Rubio (2004) as Histórias de Vida são consideradas uma modalidade de história oral e não estão determinadas pelos acontecimentos da história cronológica. As narrativas nesse sentido não são baseadas na cronologia dos fatos e sim de acordo com a vontade do colaborador, ou possivelmente, conforme o grau de importância que ele dá aos fatos. Outras questões também necessitam ser analisadas, como a presença ou não de outras pessoas arguindo o colaborador e, se o testemunho será considerado na sua unicidade ou, será verificado e ainda como será essa verificação. Em qualquer situação o narrador deve poder se expressar sem constrangimento, sobre todos os assuntos. Isso não impede que o entrevistador possa estimular o colaborador. (POIRIER et al., 1999; RUBIO, 2004)

Neste estudo os dados também foram de pesquisa histórica analítica. Recorreu-se a fontes relacionadas à história e evolução do judô no Brasil. Desta forma, pode-se classificar essa metodologia como **História Oral de Vida Híbrida**, tendo em vista que as informações dos colaboradores foram confrontadas com outras fontes convencionais de história. Outra forma de verificação foi a triangulação das informações entre os indivíduos entrevistados, já que entre eles, muitos foram adversários ou colegas de treino e seus respectivos professores. Com relação a escolha da comunidade de destino, ficamos em meio termo, entre os trabalhos dos franceses, que na sua maior parte deram voz aos marginais e excluídos; os projetos da chamada escola de Chicago que estavam centrados nos imigrantes recém instalados nos Estados Unidos e os chamados neo-populistas da história oral na Grâ-Bretanha e também na América que deram voz as classes dominantes. (POIRIER, et al., 1999; MEIHY, 2005; RUBIO, 2004; RUBIO 2006; MEIHY et al., 2010)

Este estudo de história oral de vida híbrida procurou dar voz à atletas de destaque, portanto a elite do judô brasileiro, mas também aos seus professores, muitos deles, desconhecidos ou pouco conhecidos. Os formadores dos atletas são menos reconhecidos pela comunidade judoística, do que os seus treinadores no momento das conquistas de seus títulos mais expressivos. Seguindo a vertente da escola de Chicago, dei voz a muitos imigrantes japoneses, que foram os iniciadores desta prática no Brasil.

2.1. Definição dos colaboradores: comunidade de destino

Os indivíduos selecionados para este estudo são os atletas brasileiros que conquistaram medalhas em Jogos Olímpicos e em campeonatos mundiais, na classe Sênior, e seus treinadores/formadores. Este estudo abrange todas as participações brasileiras da história, até o primeiro semestre de 2011. Com relação aos Jogos Olímpicos, esta investigação tem início na primeira participação brasileira neste evento, em Tóquio, 1964 e vai até os Jogos Olímpicos de Pequim, 2008. Com relação aos campeonatos mundiais, estes ocorrem desde 1956, tendo o mais recente sido realizado em 2011. Desta forma, este estudo compreende toda a história do judô competitivo nacional até a presente data, ainda que não considerei os resultados do último CM.

Assume-se que esses atletas, seus professores-treinadores e os locais onde treinam ou treinaram representam a elite competitiva do judô nacional. Os professores entrevistados que denominamos formadores[8] podem ser destacados como integrantes da elite brasileira na formação de judocas enquanto que os locais onde atuam ou atuavam apresentam características importantes para a formação de futuros campeões. Entende-se que a análise das histórias de vida destes indivíduos e a observação dos locais onde treinam e/ou treinaram durante a sua formação, permitiram analisar o desenvolvimento do judô no Brasil de uma forma abrangente e atingir os objetivos propostos para este trabalho. Formaram-se assim duas colônias[9] distintas: a dos atletas e a dos professores.

[8] Classificação criada para esse estudo para diferenciar as características dos professores de judô.
[9] Colônias segundo a nomenclatura proposta por Meihy (2010) são sub-grupos da comunidade de destino. Neste estudo consideramos duas colônias, a dos atletas e a dos professores.

2.2. Características e localização da colônia dos atletas

A relação de colaboradores deste projeto inicia com os atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais, nomeados abaixo. Os relatos dos atletas me levaram a identificação dos seus professores-formadores e professores-treinadores, categorias que criei a partir das primeiras entrevistas. Da mesma forma que os colaboradores inicialmente identificados, os seus professores formam uma "rede" que se multiplica, pois estes também têm pelo menos duas grandes influências. Optei por buscar prioritariamente a origem dos professores-formadores, de forma a viabilizar o projeto. Sempre que possível, entrevistei tanto os professores-formadores quanto os professores-treinadores.

Um total de vinte e três (23) atletas conquistaram medalhas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos na história do judô brasileiro. Eles ganharam trinta e oito (38) medalhas, quinze (15) delas em jogos olímpicos, onde apenas doze atletas (12) foram os protagonistas. Em mundiais, foram conquistadas vinte e três (23) medalhas por dezoito atletas (18). Sete atletas (07) ganharam medalhas em ambas as competições.

As quinze (15) medalhas em Jogos Olímpicos foram distribuídas entre atletas oriundos dos seguintes locais: um (01) do Japão (brasileiro naturalizado), um (01) da cidade do Rio de Janeiro (RJ), nove (09) desenvolveram-se no judô em academias ou clubes no estado de São Paulo, embora um destes seja paranaense e uma (01) única mulher natural de Taguatinga (DF), atualmente, no entanto, encontra-se radicada em Belo Horizonte (MG).

A tabela um (1) apresenta a relação dos medalhistas em Jogos Olímpicos com as respectivas cidades/local(is) de formação e treinamento dos atletas, bem como o ano e local da competição em ordem cronológica.

Tabela 1- Medalhistas em Jogos Olímpicos, locais de formação e treinamento.

Nome do atleta	**Local de formação**	**Local de treinamento**	**Jogos Olímpicos**
Chiaki Ishii	Japão	São Paulo/Brasil	Munique -1972
Walter Carmona	São Paulo/Kanayama	São Paulo/ Ishii	Los Angeles- 1984
Douglas Vieira	Caçapava (Sp)	São Paulo/Pinheiros	Los Angeles- 1984
Luiz Onmura	São Paulo/ Vila Sônia	São Paulo/São José	Los Angeles- 1984
Aurélio Miguel	São Paulo/ Vila Sonia	São Caetano do Sul	Seul-1988 Atlanta- 1996
Rogério Sampaio	Santos / Paulo Duarte	Santos/ABREV SC	Barcelona- 1992

Nome do atleta	Local de formação	Local de treinamento	Jogos Olímpicos
Henrique Guimarães	Palmeiras São Paulo	São Paulo / Palmeiras	Atlanta-1996
Carlos Honorato	SãoPaulo / Vila Sonia	São Caetano do Sul	Sidnei- 2000
Tiago Camilo	Bastos/Projeto Futuro São Paulo	São Caetano do Sul Porto Alegre/Sogipa	Sidnei- 2000 Pequim-2008
Flávio Canto	Rio / Marapendi	Rio de Janeiro/UGF	Atenas- 2004
Leandro Guilheiro	Paulo Duarte Santos	Santos/Rogério Sampaio São Paulo/Pinheiros	Atenas- 2004 Pequim- 2008
Ketleyn Quadros	Brasília/SESI Taguatinga	Belo Horizonte/MTenis	Pequim- 2008

Com relação aos atletas que obtiveram medalhas em campeonatos mundiais, encontrei um total de dezoito (18) nomes no período de 1956 até 2010. Dois (02) atletas são do Rio Grande do Sul, um deles com dois títulos; uma (01) atleta da Paraíba, que disputou por equipes de São Paulo no momento que conquistou suas medalhas; mais uma (01) atleta nordestina, desta vez do Piauí, vinculada a sua instituição de iniciação, em Teresina; um atleta (01) de Brasília (DF), com duas medalhas, porém com seu trabalho vinculado a um clube de Minas Gerais; dois (02) atletas do Rio de Janeiro RJ) e os demais, em número de onze (11), radicados no estado de São Paulo, sendo que entre eles um (01) é japonês naturalizado brasileiro.

Alguns atletas de São Paulo são formados na capital, porém muitos deles iniciaram no judô em cidades do interior. Dos onze (11) atletas do estado de São Paulo dessa lista, três (03) foram formados no judô de Santos, um (01) em Bauru, dois (02) em São José dos Campos, um (01) em Bastos e três (03) na capital. O décimo primeiro nome, *sensei* Chiaki Ishii, teve sua formação no Japão e veio como imigrante para o Brasil.

A tabela dois (2) apresenta a relação dos medalhistas em campeonatos mundiais com os respectivos locais de formação e treinamento, assim como a data e o local da competição, com destaque em negrito para os atletas que também têm medalhas em Jogos Olímpicos.

Tabela 2- Medalhistas em campeonatos mundiais, locais de formação e treinamento.

Nome do atleta	Local de formação	Local de treinamento	Camp. Mundiais
Chiaki Ishii	Japão	São Paulo/Brasil	Ludwigshafen-1971

Nome do atleta	Local de formação	Local de treinamento	Camp. Mundiais
Walter Carmona	São Paulo	São Paulo/ Ishii	Paris- 1979
Aurélio Miguel	São Paulo	São Paulo/ ADSC	Hessen- 1987 Hamilton- 1993 Paris- 1997
Rogério Sampaio	Santos	Santos/Santos	Hamilton- 1993
Daniele Zangrando	Santos	Santos/Paulo Duarte	Tóquio- 1995
Carlos Honorato	São Paulo	São Caetano do Sul(ADSC)	Osaka- 2003
Fulvio Miyata	S. J. dos Campos	SãoPaulo /ProjetoFuturo	Paris- 1997
Ednanci Silva	Campina Grande	Guarulhos São Caetano do Sul	Paris- 1997 Osaka- 2003
Sebastian Pereira	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro/	Birmingham-1999
Mario Sabino Jr.	Bauru	São Caetano do Sul/ADSC	Osaka- 2003
Luciano Correa	Brasília	Belo Horizonte/ MTenis	Cairo- 2005 Rio- 2007
Tiago Camilo	Bastos/S.Paulo	Porto Alegre/ Sogipa	Rio- 2007
João Derly	Porto Alegre	Porto Alegre/ Sogipa	Cairo- 2005 Rio-2007
João Gabriel Schlittler	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro UGF/ESEFEX	Rio -2007
Leandro Guilheiro	Santos	São Paulo/Pinheiros	Tóquio -2010
Sarah Menezes	Teresina	Teresina Piauí/Expedito	Tóquio -2010
Mayra Aguiar	Porto Alegre	Porto Alegre/SOGIPA	Tóquio -2010
Leandro Cunha	S.J. dos Campos	São Paulo/Pinheiros	Tóquio -2010

(Confederação Brasileira de Judô, 2008; IJF, 2010)

2.3. Locais de Treinamento - Dojos e Localização da Colônia de Professores

A seleção dos locais de treinamento a serem visitados foi feita considerando como critério os locais de formação e onde os atletas treinavam ao conquistar a sua classificação nos Jogos Olímpicos e/ou campeonatos mundiais. Visitei todos os locais de formação dos atletas brasileiros com medalhas nos Jogos Olímpicos no período de 1964 a 2008 e campeonatos mundiais de 1956 a 2010.

A participação do Brasil nos Jogos Olímpicos iniciou em Tóquio - 1964[10], com a participação de apenas um atleta, professor Lhofei Shiozawa. Nesta ocasião o Brasil havia classificado dois atletas na seletiva realizada no Canadá, porém os dirigentes brasileiros decidiram pela participação de apenas um. O sensei Tadao Nagai, hoje radicado no Recife (PE), perdeu, por esse motivo, a sua chance de representar o Brasil na primeira apresentação da modalidade em Jogos Olímpicos.

[10] Nesta edição dos J.O. o único atleta brasileiro na modalidade foi o Prof. Lhofei Shiozawa, que conquistou o quinto lugar na categoria e que foi um dos mais destacados judocas brasileiros de todos os tempos.

A primeira medalha do judô brasileiro em Jogos Olímpicos ocorreu em 1972, nos Jogos de Munique, com o bronze conquistado por Chiaki Ishii. Com relação aos campeonatos mundiais, o primeiro ano em que o Brasil conquistou uma medalha foi o de 1971. Essa medalha também foi conquistada por Chiaki Ishii[11]. As primeiras medalhas obtidas por brasileiros natos em Jogos Olímpicos, entretanto, ocorreram somente em 1984, em Los Angeles. Já em campeonatos mundiais, na classe Sênior, foi o bronze de Walter Carmona, em 1979, em Paris. (JUDOBRASIL, 2008; SHINOHARA, 2005; WALTER CARMONA, Informação pessoal 2011[12])

Alguns *dojos* de formação da colônia de atletas não existem mais, outros mudaram de local ou o professor-formador mudou de agremiação. Em alguns casos o professor já havia falecido ou não mais estava ligado ao judô.

A região Sudeste, mais especificamente o estado de São Paulo, teve o maior número de entrevistados e locais visitados. Em São Paulo encontra-se e foi formada a maior parte dos atletas com destaque no judô brasileiro. Além da capital, visitei *dojos* nas cidades de Santos, Cubatão, São José dos Campos, São Caetano do Sul, Bauru e Botucatu. Em função dos últimos resultados desse ciclo olímpico, atletas radicados em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Teresina também passaram a fazer parte desta colônia. Todos os atletas selecionados estavam radicados nas regiões Sudeste ou Sul no momento do seu mais expressivo resultado, exceção feita a Sarah Menezes, que continua radicada no Piauí. Dois (02) atletas têm a sua origem na região Centro-Oeste, mais especificamente em Brasília (DF). Na região Nordeste, temos a origem de duas (02) atletas, uma nasceu em Souza e iniciou no judô em Campina Grande, na Paraíba e a outra, nasceu e treina em Teresina, no Piauí. No momento da conquista das medalhas, os atletas formados no Distrito Federal e a atleta da Paraíba representavam clubes de Minas Gerais e São Paulo, respectivamente.

A tendência que ocorreu até o século passado, de migração dos atletas para o eixo Rio-São Paulo, que sempre ofereceu melhores condições de treinamento, parece estar se modificando. Hoje encontramos clubes do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e até mesmo do Piauí que conseguem formar e manter os seus atletas até atingirem seus mais expressivos rendimentos. Esta nova tendência pode contribuir para o desenvolvimento do judô em todo o país.

---

[11] Sensei Ishii chegou ao Brasil como imigrante, mas decidiu se naturalizar a convite do Prof. Cordeiro que vislumbrou a possibilidade dele conquistar a primeira medalha brasileira em Jogos Olímpicos.

[12] Entrevista concedida no Shoping Morumbi, em São Paulo em 28 de junho de 2011.

2.4. Procedimentos

As entrevistas com os indivíduos selecionados foram gravadas utilizando-se uma câmera marca Sony, modelo DCR-SR45 (Handycam) e, posteriormente, transcritas parcial ou totalmente. Como equipamentos auxiliares das gravações, foram utilizados um gravador marca Olympus, modelo Pearlcorder S702 (Microcassette recorder) e um telefone celular Nokia, N95. Os mesmos equipamentos foram utilizados para as filmagens e gravações nos dojos. Além das entrevistas, foram feitos registros das observações e vivências através de diários de campo e de filmagens dos locais onde treinam ou treinaram esses atletas. Foram visitados e filmados os locais onde os indivíduos protagonistas deste estudo praticam ou praticaram o judô, bem como os locais onde atuam hoje em dia. As informações obtidas por meio das entrevistas com os atletas, com os professores/formadores e com os professores/treinadores que influenciaram a carreira destes atletas foram analisadas e os diversos pontos de vista foram comparados aos dados encontrados nos documentos. As observações registradas no diário de campo, obtidas junto aos dojos de formação e treinamento desses judocas, permitiram uma triangulação dessas informações.

As entrevistas foram abertas, sem tempo determinado, porém os colaboradores eventualmente foram estimulados a dar a sua opinião com relação a determinados temas. Quando esses assuntos não eram abordados espontaneamente pelos colaboradores, o entrevistador fazia uma intervenção, estimulando-os a exporem a sua opinião. Dentre os assuntos que chamamos de Marcadores de Narrativas estão: os motivos e estímulos iniciais para o ingresso dos atletas na prática do judô; onde e com quem iniciaram no judô; quem os motivou para o seu ingresso na atividade; quem foram os seus treinadores; quais foram os principais adversários na carreira esportiva; onde estavam vinculados e sob que orientação conquistaram os seus mais expressivos resultados competitivos; como ocorreram as suas transições de carreira; qual o seu vínculo atual com o judô e como eles administraram a dor no decorrer das suas carreiras.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. O surgimento do jiu-jitsu e do judô no contexto cultural do Japão

Os combates sempre existiram nos grupos humanos como uma forma de lutar pela sobrevivência ou como atividade de formação e manutenção da forma física. Isto ocorre em todas as sociedades, tanto no Oriente quanto no Ocidente. As atividades de combate da Grécia antiga: luta, pugilato e pancrácio, e, de Roma com os gladiadores, são exemplos conhecidos no Ocidente de como as lutas faziam parte das manifestações culturais da sociedade. Existem ainda registros anteriores de formas de combate no antigo Egito e no Oriente. A formação dos monges chineses e coreanos e a classe dos samurais são alguns exemplos bem conhecidos da formação de lutadores nessas regiões. Nesses locais, a formação para o combate quase sempre esteve associada a rituais religiosos, ao estabelecimento de padrões de comportamento e a uma ética particular. Para o treinamento, utilizavam-se formas mais brandas e menos violentas de combater, daí a transição para o esporte. (WEISS, K., 1999; GUTTMANN, A.; THOMPSON, L., 2001; GHRISTOPOULOS, G., 2003) De acordo com Weiss (1999, p. 83, tradução nossa), "[…]esporte e religião são instituições com estruturas e funções paralelas. Ambas são atividades paralelas na sociedade e têm servido como religiões estatais e esportes estatais."[13]

No Japão antigo desenvolveram-se inúmeras formas de combate, devido a um contexto histórico de lutas internas pelo poder no arquipélago e também pelas inúmeras invasões aos "vizinhos" Coréia, China e Rússia. Souza (2010, p. 21) afirma:

> *Entre 1894 e 1895, o Japão venceu a guerra contra a China e manteve a Coréia em seus domínios. Em 1904-1905 derrotou a Rússia na Guerra Russo-Japonesa, anexando, inclusive territórios que estavam em poder dos russos. Na Primeira Guerra Mundial, lutou como aliado do Reino Unido, com quem tinha assinado tratado em 1902.*

Muito tempo antes, entre os séculos X e XVI, os japoneses viveram um período turbulento, com disputas internas pelo poder que acabaram se polarizando entre duas famílias, os Minamoto e os Taira. Os demais senhores feudais se alinharam a um

[13] Original "....sport and religion are social institutions with paralel structures and functions. They are both "time outs" in our societies and have also served as state religions and state sports." (Weiss, 1999, p. 83)

ou outro lado. Neste período os combates eram freqüentes e as habilidades como lutador rendiam fama e dinheiro. As armas mais utilizadas eram o arco e flecha, a lança e a espada, porém no desenrolar do combate os guerreiros acabavam desarmados e como última alternativa lutavam com as mãos nuas. (LIMA, M. O., 1905; CALLEJA, C. C., 1974; GUTTMANN, et al., 2001; NUNES, A. V., 2002; SAKURAI, C., 2007; HENNING, S., 2008; PIMENTA, T., 2008; CASADO J. E; VILLAMÓN, M., 2009; SOUZA, 2010)

Muitos países construíram a sua identidade baseados nas disputas entre diversas vertentes culturais, "a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por longo processo de conquista violenta, isto é, pela supressão forçada da diferença cultural." (Hall, S. 2006, p. 59)

Diversas teorias procuram explicar o surgimento do jujutsu no Japão antigo. Os autores divergem com relação a quem foi ou quem foram os introdutores do jujutsu no arquipélago japonês. Segundo a teoria chinesa, um monge chamado Chin Gen Pin, naturalizado japonês e cujo nome em chinês é Cheng Yuang Ping, chegou ao Japão por volta de 1659 e teria introduzido a arte do kempo. Logo após a sua chegada, ensinou a três pupilos, *Ronin*[14]: Fukuno, Isogai e Miura. Estes lutadores errantes teriam adicionado a esses conhecimentos os seus próprios conceitos e criado seus estilos de jujutsu. (KURIHARA, T.; WILSON, H., 1966; BONET-MAURY, P.; COURTINE, H., 1994) Alguns pesquisadores defendem que antes da chegada de Chin Gen Pin outras escolas de luta já existiam no país. O próprio Fukuno, um dos três alunos de Gen Pin já teria ensinado jujutsu a pelo menos vinte anos antes da chegada do monge chinês. Outros estudiosos acreditam que mais de um século antes da chegada de Gen Pin, na Prefeitura de Okayama, Hisamore Diasuke, o fundador da Takenouchi Ryu já teria desenvolvido o seu estilo de combate sem armas. (KURIHARA et al., 1966)

De acordo com Kurihara e Wilson (1966, p. 15, tradução nossa):

> *O mais antigo evento historico no qual a arte do jiu-jitsu foi primeiramente empregada foi o combate entre Nomino Sukune e Taimano Kuehaya na presença do IInd Emperor Suinin (70 B.C.)*[15].

[14] Eram bushis, ou guerreiros. Os que serviam a um determinado senhor eram chamados Samurais enquanto os "ronin" eram bushi sem senhor. Lutadores sem senhor.

[15] Original - *The oldest historical event in which a jujutsu-like art was the first employed was a wrestling contest between Nomino Sukune and Taimano Kuehaya in the presence of the IInd Emperor Suinin (70 B.C.) [Kurihara & Wilson, 1966, p. 15]*

Segundo Guttmann e Thompson (2001) a data do evento teria sido, 23 B.C. e o nome correto do segundo lutador seria Tayma no Keyaha. Este evento é normalmente descrito como o primeiro registro de sumô, entretanto a descrição do combate deixa claro que não se tratava de um combate que se assemelhasse ao que hoje conhecemos como sumô. Os golpes do vencedor teriam quebrado algumas costelas do perdedor através de chutes ou pontapés; este tipo de técnica é mais próxima aos Atemi-waza[16] de algumas escolas de jiu-jitsu. (KURIHARA et al., 1966; GUTTMANN et al., 2001)

Durante muitos anos, a partir do século XII, a figura do Imperador não representava realmente o poder. A ascensão de Yoritomo Minamoto, ao vencer a guerra civil em 1185, remeteu o poder político para as mãos do shogun[17], ou generalíssimo. Os xoguns reforçaram o sistema social hierárquico, de forma que cada japonês ao nascer sabia de antemão qual função teria que exercer na sociedade. (SCHILING, V.; GUSMÃO, L. A., [200?]; MUSASHI, M., 2003) A unificação do país, conquistada logo após a famosa batalha de Sekigahara, em 1600, levou o clã dos Tokugawa ao poder por mais de 200 anos. Este período, também conhecido como o feudalismo japonês, permitiu o desenvolvimento de muitas escolas de lutas: ryu. Neste período floresceu também o bushido[18], o código de princípios morais a que os cavaleiros eram exigidos a se submeter. (LIMA, 1905; ARIMA, S., 1908; YOKOYAMA, S.; OSHIMA, E., 1915; NITOBE, I., 2005; SUGAI, 2005) Por ironia do destino, a vitória de Tokugawa Ieyasu em Sekigahara foi alcançada porque ele adquiriu uma carga de mosquetes, que possivelmente foram as primeiras armas de fogo introduzidas no arquipélago. (SCHILING, [200?])

A base do sistema feudal era o poder dos Daimyos, os senhores feudais, e estes se mantinham no poder sustentando a classe dos "guerreiros," conhecidos como samurais ou servidores do senhor feudal. O sistema de castas esteve em vigor até a Restauração Meiji. Neste período somente aos samurais era permitido o uso de armas. Essa contingência social contribuiu para o surgimento e evolução de diversas escolas de luta, cujo nome genérico era jujutsu. Os estilos e os nomes eram os mais variados e a

[16] Atemi-waza – Técnicas de contundência (grupo de técnicas praticadas no judô sem valor competitivo)
[17] Shogun – Título e distinção militar concedido pelo Imperador Japonês, de fato entre o século XII e 1968 os Xoguns dominaram a política no país e o poder do Imperador ficou diminuído. Três xougunatos foram conhecidos nesse período: período Kamakura, Shogun Minamoto; Período Ashikaga, Shogun Ashikaga; Período Azuchi-Momoyama, Shogun Oda Nobunaga e o Período Tokugawa encerrou o xogunato sendo o último representante, o Shogun Yoshinobu Tokugawa, quando o Imperador retoma o poder no arquipélago.
[18] O "bushido" não é um código escrito, consiste de umas poucas máximas transmitidas de boca a boca ou vindo da pena de algum guerreiro ou sábio bem conhecido. (Inazo Nitobe, 2005, p. 11)

sua eficiência era freqüentemente testada em desafios ou combates reais. Fora do período de guerras, não fosse por desafios ocasionais, a prática dos mais diversos estilos era feita apenas sob a forma de *kata*. (ARIMA, 1908; OTAKI, T., DRAEGER, D.,1983)

Com o país pacificado, os samurais foram levados a buscar outros ofícios, como: artesãos, guarda-costas ou tornavam-se até mesmo mercenários. Nesse período, conhecido como Período Edo, a capital do país foi transferida de Kyoto para Edo, atual Tóquio. (LIMA, 1905; GUTMANN et al., 2001; SCHILING, [200?])

Em 1638 os governantes japoneses promulgaram o édito imperial, proibindo o desembarque de quem quer que fosse no arquipélago (RUAS, 1999; MUSASHI, 2003; SAKURAI, 2007; TAKEUCHI, M. Y., 2007). Ruas (1999) nos informa que, em função do descontentamento do então Shogum Eyoshi com os portugueses, o Japão decidiu fechar seus portos indefinidamente.

Os marinheiros portugueses chegaram ao Japão em 1543 e trouxeram o comércio de armas de fogo e o cristianismo para a *Terra do Sol Nascente*. Apesar do curto espaço de tempo que os portugueses ficaram em contato com os japoneses nesta época, cerca de 50 anos, alguns aspectos da cultura européia foram absorvidos, como a religião católica e até mesmo algumas palavras da língua portuguesa, que até hoje fazem parte do vocabulário japonês. (LIMA, 1905; NINOMIYA, M., 1995/86) Os portugueses rivalizavam com os holandeses no que se referia aos espaços de comércio e também à religião. Embora a recepção inicial aos portugueses tenha sido muito boa e muitos japoneses tenham se convertido ao cristianismo, foram os próprios portugueses que entraram em conflito com os habitantes locais. Jesuítas, franciscanos e dominicanos, por meio da Companhia das Índias Orientais, disputavam espaços de comércio para implantar a sua fé por meio da "palavra de Cristo". Este comportamento pouco ético desgostou os japoneses, que passaram a perseguir os convertidos e expulsaram todos os estrangeiros de suas terras por cerca de duzentos anos. Isso ocorreu logo após a Revolta de Shimawara, em 1618, da qual teria participado o lendário samurai Miyamoto Musashi (LIMA, 1903; RUAS, 1999; GUTMANN et al., 2001; MUSASHI, 2003; SAKURAI, 2007; TAKEUCHI, 2007). "O isolamento do Japão tornou-se desse modo tão completo, quanto era possível à vontade dos homens realizá-lo. E, assim, permaneceu amuado e misterioso, envolto na névoa da lenda, até 08 de julho de 1853." (RUAS, 1999, p.11) A afirmação de Lèvi-Strauss (1996, p.16) de que "os homens elaboraram culturas diferentes em virtude do seu afastamento geográfico, das propriedades particulares do meio e da ignorância em que se encontravam em relação ao

resto da humanidade...” parece descrever bem o quadro japonês desta época. Lèvi-Strauss (1978, p. 34) afirma ainda que:

> *Para que uma cultura seja realmente ela mesma e esteja apta a produzir algo de original, a cultura e os seus membros têm de estar convencidos da sua originalidade e, em certa medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros - é somente em condições de sub-comunicação que ela pode produzir algo.*

O longo período de reclusão voluntária do Japão, entre 1618 e 1865, aliado ao mito da origem sagrada da Família Imperial, reforçado a partir da Era Meiji, promoveram as condições ideais para um fortalecimento das origens e da crença de que o povo japonês é uma raça homogênea, pura e com origem divina. (SAKURAI, 2007; TAKEUCHI, 2007; FERREIRA, A.; TOBACE, E., 2009)

A abertura dos portos japoneses e o Tratado de Comércio, Paz e Amizade, assinado em Kyoto em 1865, provocaram uma transformação sócio-política, denominada Restauração Meiji – a Renascença Japonesa, em 1868. (CALLEJA, 1974; CASADO, et al., 2009; RUAS, 1999; SAKURAI, 2007) Nas palavras de Oliveira Lima (1903, p.04), “O Japão reabriu em 1854, pelo temor, os seus primeiros portos, e em 1899, por transação diplomática, todo o seu território aos estrangeiros.” Segundo Sakurai (2007, p.133) “A Restauração Meiji introduz o país em uma nova realidade, dessa vez planetária”.

Neste período, o então jovem imperador Mutsu Hito assumiu o poder, antes nas mãos dos shoguns, e se iniciaram grandes transformações. Um período propício para o novo e o desconhecido, vindos em geral do Ocidente. As grandes alterações políticas e sociais que ocorreram por ocasião do fim da Era Tokugawa e início da Era Meiji (1867-1911) favoreceram o aparecimento e proliferação de novas idéias e sistemas educacionais, além de outras influências ocidentais proibidas no período anterior à abertura dos portos, ocorrida em 1865. (SOUZA et al., 2007; CARR, K. G. 1993; KANO, 1954; SAKURAI, 2007). Assim, com já disse Marx, “[...] homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas.” (Marx, apud HALL, 2006, p. 34). Gladwell (2008, p.25) pensa da mesma forma quando diz que “o lugar e a época em que crescemos fazem a diferença. A cultura a que pertencemos e os legados transmitidos por nossos ancestrais moldam os padrões de nossas realizações de formas inimagináveis.” Este autor ainda afirma que o sucesso depende também da época em

que vivemos e das oportunidades que o local em que vivemos nos proporciona. (GLADWEL, M., 2008)

Salter (1999, p. 29, tradução nossa) afirma que "[…] alterações culturais são mais dramáticas – e usualmente mais traumáticas - quando sociedades marcadamente diferentes colidem"[19]. Este parece ter sido o caso do Japão, na restauração Meiji, onde a introdução da cultura ocidental, de uma certa forma, modificou os antigos costumes. Stuart Hall (2006) afirma que os indivíduos somente conseguem ser os modificadores da história com base nas condições criadas por outros, baseados no momento histórico que eles vivem e nos recursos materiais e condições que lhes são oferecidas. Lévi Strauss (1978?) explica que a Restauração Meiji procurou integrar os japoneses aos ocidentais sem destruir o passado.

Durante este período de transformações, nos últimos anos do século XIX surgiram diversas instituições importantes no contexto internacional, entre elas: o Comitê Olímpico Internacional, em 1894; a Cruz Vermelha Internacional, fundada em 1863 e a Comissão Internacional da Paz, fundada em 1891. (SHOUHE, C., 1999)

Em função destas mudanças, o antigo Bu-jutsu começa a se transformar em budo com alterações na sua forma e objetivos. Em textos antigos, encontra-se a palavra bugei ao invés de bujutsu. O termo bujutsu apareceu na Era Meiji. (TOMIKI, 1969) Guttmann e Thompson (2001, p. 61) afirmam: "Na verdade, o termo budô (arte marcial) era raramente usado antes da era Meiji (1868-1912)".[20] Muitas dessas escolas de luta alteraram o sufixo "jitsu ou jutsu", arte, para "do", doutrina ou caminho. Como as palavras "jiu-jitsu" ou "ju-jutsu" eram escritas em kanji[21], ao serem escritas utilizando-se o alfabeto ocidental (Romaji) passaram a aceitar duas grafias diferentes com o mesmo som, "jiu" ou "ju" e "jitsu ou jutsu". (ITO; SUZUKI; WATANABE, 1978; KAWASE, I.; SUGIHARA, M.; UENO, T., 1979; KANO, 1954; MURATA, N., 2005. tradução nossa)

Segundo Tomiki (1969), cuja referência é a da História da Educação Física do Japão, de Yoshio Yamamura, os estilos antigos de budo eram muito numerosos, o kenjutsu possuía 718 escolas, o mais numeroso, o ju-jutsu 179 escolas e haviam ainda 148 escolas de exercício com lanças. Segundo o mesmo autor, o mais remoto dos estilos

[19] Original - cultural change is most dramatic – and usually most traumatic- when markedly different societies collide.(Salter, 1999, p.29)
[20] Original - in fact, the general term budõ (the martial arts) was rarely used before the Meiji era (1868-1912). (Guttmann & Thompson, 2011, p.61)
[21] Um dos alfabetos conhecidos e utilizados no Japão. Os kanji são mais de dez mil ideogramas, de origem chinesa é traduzido em função do som que se emite ao ler o ideograma.

antigos de jujutsu, data de 1532 e tinha a sua base na escola de Takenouchi. Este dado coincide com o que se encontra publicado na página oficial da Federação Internacional de Judô (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION, 2007; WATANABE, J., AVAKIAN, L., 1997; LUIZ JÚNIOR et al., 2008; DRAEGER, D. F.; SMITH, R., W.; 1969).

O jujutsu surgiu de forma mais organizada e com centros de instrução independentes, nos séculos XVI e XVII, e floresceu no Japão durante o *Shogunato Tokugawa* em função, principalmente, de três fatores: enfraquecimento de muitos clãs empobrecidos, abundância de guerreiros sem senhor, também conhecidos por ronin[22], e desenvolvimento de muitos centros comerciais que necessitavam de proteção. A dinâmica proposta pelas escolas do antigo jujutsu era baseada na necessidade de sobrevivência no combate. A partir desta época, as técnicas utilizadas nos campos de batalha foram se transformando de artes marciais em esportes de combate. Draeger e Smith (1969, p. 133-4) afirmam ainda que: "É importante entender que o combate de mãos nuas (jujutsu) era um sistema secundário do *bugei*, pois complementava as técnicas de uso de espadas das diferentes escolas.[23]" (SERRANO, 2008; GUTTMANN e THOMPSON, 2001; OTAKI e DRAEGER, 1983, tradução nossa)

De acordo com o livro da Kodokan (KANO, 1954), existiam mais de uma dúzia de nomes diferentes para os estilos de luta, mas que eram em geral reconhecidos como jujitsu ou jujutsu, que significa arte da suavidade. (WATANABE e AVAKIAN, 1997) Segundo o próprio Kano (2008, p. 35) no seu clássico Mind over Muscle "Há vários registros antigos transmitidos através dos tempos sobre o verdadeiro significado do termo *ju-jutsu*, mas poucos deles são precisos. Pode-se dizer que esse nome, aparentemente, deriva de ***ju yoku go o seisu***, que pode ser traduzido como – o suave controla o duro."

Durante as profundas modificações ocorridas no Período Meiji, surgiu a figura do professor Jigoro Kano (1860-1938), que viria a se transformar em um dos mais proeminentes membros do sistema educacional japonês. Kano criou o seu próprio sistema aos 22 anos, em 1882, ao qual denominou Judô Kodokan. (CASADO et al., 2009; MAEKAWA, M., 1978; SERRANO, 2008; KANO, 1954; STEVENS, J., 2007;

[22] Os chamados "Samurais" eram "bushis" ou guerreiros que serviam a um determinado senhor, enquanto os "ronin" eram "bushis" sem senhor.

[23] Original - It is important to realize that combat jujutsu was always a secondary system of the bugei, a method of combat complementing the techniques of swordsmanship of the different ryu. (Draeger & Smith, 1969, p.133-4)

WATSON, 2000; KIMURA, M., 1976) Segundo Darrell Craig (1995) “a criação da kodokan ocorreu no mês de fevereiro e a área do Templo Eishoji era de apenas doze tatames (18 pés por 12 pés)”. Kano (1860-1938) foi seguido em suas idéias por Gichin Funakoshi (1868-1957), que estabeleceu o conceito de Karate-Do e por Morihei Ueshiba (1883-1969), que criou o Aikido (STEVENS, 2000; SERRANO, 2008).

3.2. Jigoro Kano – um embaixador da cultura do Japão

O professor Jigoro Kano nasceu a 28 de outubro de 1860 (1 man’ ^{cn}), ano do macaco, em Mikage-sho, Settsu, hoje conhecida como (Hama) Higasshi Nada-ku, cidade de Kobe, no distrito de Hyogo, coincidentemente na mesma data em que Abraham Lincoln assumiu a presidência dos Estados Unidos da América. Terceiro filho de Jirosaku Mareshiba Kano, então um alto funcionário do governo Shogunate e que possuía um forte senso de responsabilidade social. Jirosaku contribuiu para a modernização do Japão, trabalhou na abertura do Porto de Hyogo para o comércio exterior, sugerindo barcos em estilo ocidental. Jirosaku e sua família eram proprietários de uma companhia de navegação. (BENNETT, A., 2005; CASADO e VILLAMON, 2009; MATSUMOTO, Y., 1986; RUAS, 1999; WATSON, 2000; ARIMA, 1908; SUZUKI, E., 1986; HARRINGTON, P., 2002; SUGIZAKI, M., 2005)

O jovem Kano perdeu a mãe, Sadako, aos 10 anos de idade, em 1870, e no ano seguinte mudou-se para Tóquio com o pai. (INTERNATIONAL Judo Federation, 2007; CASADO et al., 2009) Segundo outras fontes, (STEVENS, 2007; BENNETT, 2005; WATSON, 2000), a morte de Sadako teria ocorrido em 1869 e, portanto, Jigoro Kano teria então 09 e não 10 anos de idade. Sua mãe era a filha mais velha, oriunda de uma rica família de produtores de “sakê”, a conhecida marca Kiku-Masamune, razão pela qual, a pedido da família de Sadako, seu pai Jirosaku adotou o sobrenome da família da esposa, Kano, que era um dos principais clãs produtores de saquê. (STEVENS, 2007; WATSON, 2000)

Jigoro Kano, ou Kano Shinnosuke, como era conhecido na infância, foi um aluno brilhante e possuía uma especial habilidade para aprender idiomas, tendo demonstrado isso em toda a sua vida. Jirosaku sempre se preocupou com a formação dos filhos e aos 07 anos kano iniciou o aprendizado da caligrafia sob a tutela de Yamamoto Chikuun. (MURATA, 2005; WATSON, 2000; STEVENS, 2007; SUZUKI, 1986) Depois disso, em Tóquio, Kano ingressou inicialmente na Seitatsusho Juku onde

aperfeiçoou a leitura e a escrita de Nihon–go. Seu tutor, Keiko Ubukata, incentivou-o a estudar a cultura ocidental. Nesta escola, Kano fez contato com Mitsukuri Shuei, professor de inglês (CASADO et al., 2009; WATSON, 2000; STEVENS, 2007; NAOKI, M., 2005). Fisicamente, era de estrutura frágil, não media mais de 1,55 m e seu peso era em torno de 55 kg, porém possuía temperamento explosivo e era extremamente competitivo. (ARIMA, 1908; WATSON, 2000; SUZUKI, 1986) Este perfil contribuiu para que Kano buscasse no jujutsu uma forma de compensar suas fragilidades físicas. Desestimulado pelo pai a praticar o jujutsu, o jovem encontrou seu primeiro professor somente por volta de 1877. (RUAS, 1999; MATSUMOTO, 1986; KANO, 1954; WATSON, 2000; SUZUKI, 1986; MURATA, 2005).

Embora quase todos os registros encontrados apontem para a Tenjin-Shinyo-Ryu de Mestre Fukuda, o primeiro professor de jujitsu de Kano foi Teinosuke Yagi, conforme consta no Illustrated Kodokan Judo, 1954. Não está definido o estilo desta escola, mas Kano teria aprendido as primeiras noções de jujutsu com este professor. (KANO, 1954; SUZUKI, Liogi, 1994)

Entre 13 e 14 anos de idade, Jigoro Kano já havia demonstrado interesse pelo jujutsu, pois enxergava nesta prática uma forma de escapar do *bullying*[24] de parte dos colegas mais velhos e/ou mais fortes fisicamente. Seu pai, entretanto, entendia na época que o jujutsu era uma prática ultrapassada e que seu filho deveria dedicar-se a aprender as novidades da sociedade ocidental. Conforme Murata (2005, p.142, tradução nossa), "Ele iniciou a estudar o jujutsu após aprender que praticantes menores poderiam vencer oponentes bem maiores"[25]

Em 1874 Kano entrou para a Tokyo Foreign Language School, onde teve que reaprender o idioma inglês, já que seus antigos professores tinham sido holandeses e alemães, o que dificultava o seu entendimento e pronúncia. (STEVENS, 2007) De acordo com Watson (2000), o diretor da escola, Shosaku Hida era amigo do pai de Kano e alojou o aluno, minimizando os problemas de bullying da escola anterior.

Finalmente, em 1877, Kano entrou para a Escola Tenshin Shinyo, de jujutsu, sob o comando do mestre Hachinosuke Fukuda, discípulo de Matayemom Iso. Apenas dois anos mais tarde, em 14 de agosto de 1879, sensei Fukuda faleceu, aos 52 anos. Antes disso, em 05 de agosto, Kano participou de uma demonstração de budo, oferecida

[24] Comportamento social que busca desmoralizar com provocações ou brincadeiras desmoralizantes um ou mais membros de um grupo social, incapazes de responder ou revidar às provocações.
[25] Original - He started to studying jujutsu after learning that small practitioners could defeat opponents far bigger in stature. (Murata, 2005, p. 142)

para o presidente dos Estados Unidos da América, Ulysses S. Grant. No mesmo ano, mestre Masatomo Iso, um sexagenário, também da Tenshin Shinyo Ryu, aceitou Jigoro Kano como aluno. (ARIMA, 1908; CASADO et al., 2009; WATSON, 2000; STEVENS, 2007; GUTTMANN et al., 2001) Segundo Arima (1908), Masatomo era o Terceiro Cabeça[26] da Tenjin-Shinyo-Ryu e os treinamentos versavam, predominantemente, sobre kata e atemi-waza Segundo Stevens (2007), Kano, ao retornar para casa diariamente, demonstrava seu aprendizado aos irmãos mais velhos. Mestre Iso, em função da idade, treinava apenas kata, porém o dojo possuía cerca de 30 alunos e Kano fazia *randori*[27] com todos eles. (INTERNATIONAL JUDO FEDRATION, 2007; STEVENS, 2007; WATSON, 2000)

Em 1881 (14 Meiji), mais exatamente no mês de junho, sensei Iso faleceu e, mais uma vez, Jigoro Kano ficou sem mestre. Este foi o ano em que o Sensei Kano se graduou em Literatura, Ciência Política e Economia, pela Tokyo Imperial University. Neste mesmo ano, encontrou o mestre Iikubo, da Kito-Ryu, escola que se diferenciava da Tenjin-Shinyo-Ryu pela predominância das técnicas de projeção, o que chamou a atenção de Kano sobremaneira. (WATSON, 2000; STEVENS, 2007; ARIMA, 1908; MATSUMOTO, 1986; SUZUKI, 1986)

Jigoro Kano sistematizou científica e educacionalmente o antigo jujutsu, sem negar as três naturezas distintas que o compõe: combate real (luta), religião e jogo (esporte), defendendo-as amplamente para mantê-las como práticas da moralidade. (TOMIKI, 1969; SERRANO, 2008; WATSON, 2000) Ele acreditava que, utilizando as qualidades do antigo jujutsu e retirando dele aquilo que considerava defeitos, seria possível criar um novo método com utilidade educacional para a juventude. “Ansioso por descobrir a sua própria forma de viver , ele organizou e reconstituiu um novo estilo de esporte ou treinamento físico e mental baseado principalmente em exercícios de ataque e defesa, chamado Judo Kodokan.”[28] (MATSUMOTO, 1986, p. 5, tradução nossa). O Judô Kodokan procurou compilar os méritos de cada escola e organizá-los como um sistema de prática moderna, alterando o lugar de combate real para local de prática esportiva. (TOMIKI, 1969; SOUZA et al., 2007; KANO, 1986; MATSUMOTO, 1986; CASADO et al., 2009; ARIMA, 1908)

---

[26] Uma espécie de hierarquia utilizada entre escolas (ryu) de estilos de luta no Japão antigo.

[27] Uma das formas de treino estabelecidas pela Kodokan para o treinamento de judô; traduz-se também por treino livre.

[28] Original - Eager to find out his human way of life, he manages to reconstitute a new style of sport or physical and mental training which is based mainly on offence and defense exercises, called Kodokan Judo. (Matsumoto, 1986, p.5)

Jigoro Kano reuniu e modificou os ensinamentos recebidos, principalmente, em duas escolas de jujutsu onde estudou, Tenjin-Shinyo-Ryu e Kito-Ryu e identificou que estas formas de jujitsu possuíam certos valores para a educação de jovens. (ARIMA, 1908; CASADO, et al., 2009; WATSON, 2000; MURATA, 2005; OIMATSU, 1984; MAEKAWA, 1978, FRANCHINI, 2002; SERRANO, 2008; HARRINGTON, 2002) Entretanto, é importante considerarmos que muitas outras escolas (Ryu) influenciaram o trabalho de Kano. De acordo com Serrano (2008), além da Escola Coração de Salgueiro e da Escola de Kito, a Ryu Takenouchi, fundada por Hisamori, também conhecida por Takeuchi Toichiro Ryu; a Ryu Sosuishitsu, fundada por Bungo Takeda Hannosuke, em 1650 e a Ryu Sekiguchi, cujo Sensei Sekigushi Jushin destacava as virtudes de honestidade e objetividade, que também serviram de referência para o professor Kano.

Em 1905, a maioria das escolas de jujutsu fundiu-se com a Kodokan de Kano. Contemporâneos e alunos da Kito Ryu, Jigoro Kano e Moribei Ueshiba seguiram caminhos diferentes. Enquanto Kano, que na Kito Ryu foi aluno de Iikubo, criou o Judô Kodokan, Ueshiba, que treinava com Tozawa Yokosaburo na mesma escola, estabeleceu o Aikido. (STEVENS, 2007; ARIMA, 1908; HANCOCK, H. I.; HIGASHI, K., [1905] 2005)

Em 1883 a Kodokan de Kano trocou de endereço para Minami Jimbocho, em Kanda e novamente para Kojimachi Kami 2 Bancho. Neste mesmo ano, o professor Kano recebeu a licença para ensinar o Jujutsu Kito-Ryu e abriu outro dojo na Escola Gakushuin. (WATSON, 2000). Neste período, com o acréscimo no número de alunos, Kano Shihan[29] criou um sistema de promoção de graus e classes. As bases desse sistema (kyu/dan) são mantidas até os dias de hoje. Naquele momento, ele estabeleceu três níveis para os graus inferiores e outros três para os graus superiores. (SUZUKI, 1986)

O ano de 1885 reservou para Kano acontecimentos importantes. Foi quando ele começou a ministrar aulas na Escola de Nobres Gakushuin e a Kodokan saiu vitoriosa em um torneio da Polícia Metropolitana de Tóquio, porém seu pai faleceu em 15 de setembro. (WATSON, 2000) Com relação ao torneio, que teria sido realizado em 11 de junho de 1886, no Yayoi Shrine (Tokyo´s Shiba Park), segundo Watson (2000), há certa discordância na literatura. Encontrei dados controversos sobre o número de combates realizados, o resultado final destes combates e quais teriam sido os

[29] Shihan: denominação cujo significado é superior a sensei, representa o "mestre" com conhecimento mais avançado.

participantes. A data do torneio, 11de junho de 1886, é referida por Franchini e colaboradores em um artigo de 2007, porém Darrell Craig (1995) cita o dia 10 de junho de 1886. (FRANCHINI, E., DORNELLES, A.G., 2005). Entre 10 e 15 combates devem ter sido realizados, e os atletas da Kodokan foram superiores na maior parte, isto parece ser consenso. De acordo com Watson (2000, p.60, tradução nossa), "a equipe da Kodokan venceu 12 combates perdeu dois e empatou um"[30] Segundo John Arlott (1975) esse desafio na Policia metropolitana de Tóquio foi realizado entre 15 combatentes, sendo que os representantes da Kodokan teriam vencido 13 e os outros dois teriam empatado. Eico Suzuki (1986) destaca a importância da gestão de dois anos e dez meses do Comissário da Polícia Metropolitana de Tokyo, Sr. Mishima Mitiyassu, que inicia em dezembro de 1885, para a Kodokan. Segundo Suzuki (1986), foi neste período que ocorreu o torneio que foi vencido pelos alunos da Kodokan sobre os "ju-jitsucas[31]" do estilo Totsuka-Yoshin, com o resultado de sete vitórias e três empates. Este foi um dos fatos que impulsionaram a divulgação do judô no Japão e o ingresso dos membros da Kodokan na Polícia de Tokyo. Não encontrei registros da participação de Jigoro Kano nesses combates e nem a nominata de todos os participantes que representaram a Kodokan.

De acordo com o Ilustrated Kodokan Judô, (KANO, 1954 p. 13, tradução nossa) "A fórmula técnica do Judô Kodokan foi completada em 1887, enquanto a sua "fase espiritual' foi gradualmente construída e aperfeiçoada até aproximadamente 1922.".[32] Em abril de 1888, falece Iikubo sensei, mestre de Kano no Kito-Ryu, e com quem ele seguiu praticando, mesmo após a fundação da Kodokan. (Watson, 2000)

Jigoro Kano foi indiscutivelmente um excepcional educador e sempre esteve bem respaldado, social e politicamente, mas não praticou o jujutsu por muitos anos. Provavelmente não teve oportunidade de praticar por mais de 10 anos, entre 1877 e 1887. Neste período da juventude, dos 17 aos 27 anos de idade, completou seus estudos em Literatura, Ciência Política, Economia e Filosofia, com ênfase na Ética, de forma que o tempo dedicado aos treinamentos também deve ter sido restrito. Os professores que mais o influenciaram, Fukuda, Iso e Iikubo, faleceram poucos anos após ele iniciar os treinos nos seus dojos. Este fato, que poderia ter uma conotação negativa, colocou Kano como o sucessor de seus mestres e talvez tenha contribuído para que ele pudesse

[30] Original - the Kodokan team won 12 matches, lost two, and drew one tie. (Watson, 2000, p. 60)
[31] Praticantes de jiu-jitsu.
[32] Original - The technical formula of the Kodokan Judo was completed about 1887, while its spiritual phase was gradually built up until it was perfected in approximately 1922. (Kano, 1954, p.13)

estabelecer a sua própria escola. Kano praticou jujutsu por apenas cinco anos, de 1877 a 1882, antes de criar o seu próprio estilo, o Judô Kodokan. Após esse período inicial e graças a sua fama como educador, e também, possivelmente, aos seus excelentes contatos políticos, absorveu as escolas de jiu-jitsu que ainda restavam. Aproximadamente em 1905 a maior parte destas escolas já integrava a Kodokan. Na Europa, de acordo com Arlott (1975) o primeiro instrutor em clubes chamava-se Tani, um astro da luta (wrestling) do início do século passado. Tanto Tani como Koizumi ensinavam jiu-jitsu, porém, após as visitas de Kano à Inglaterra e a aprovação do trabalho de ambos, por Kano, estes aderiram ao Judô Kodokan. Assim, diversas escolas do antigo jujutsu foram entrando para a Kodokan e o nome jiu-jitsu desaparecendo do contexto das lutas. Ainda em 1905 o judô chega à França, mais especificamente à Polícia de Paris. (ARLOTT, J., 1975) Outros mestres destacados do budo, e contemporâneos de Kano, como Morihei Ueshiba e Jinchin Funakoshi tiveram menos apoio oficial para divulgar seus métodos, mas, como lutadores, talvez tenham sido mais eficientes. Kano sempre foi respeitado por seus contemporâneos que parecem ter reconhecido nele as virtudes de um grande educador e político (STEVENS, 2007)

Segundo Murata (2005, p. 148, tradução nossa), na primavera de 1915 Jigoro Kano estabeleceu uma definição para o judô:

> *Judo é o caminho do melhor uso da energia mental e espiritual. Através do treinamento das técnicas de ataque e defesa no judo, o praticante alimenta a sua força mental e física e, gradualmente, incorpora a essência do caminho no judo.*[33]

Professor Kano tornou-se um proeminente educador no Japão e passou a ser muito considerado junto à família imperial. Conquistou postos importantes no país e durante sua brilhante carreira fez treze viagens ao exterior. A primeira, em 1889, quando foi observar o sistema educacional europeu e apresentou pela primeira vez o judô fora do Japão. Embarcou para a Europa a bordo do Caledonian, que percorreu um trajeto via Shangai e depois foi a Paris, Londres, Estocolmo, Berlin, e Amsterdã. (Watson, 2000). Outras viagens se sucederam, em 1902, 1905, 1912, 1920, 1921, 1928, 1932, 1933, 1934, 1936 e 1938, ano em que faleceu.

---

[33] Original - *Judo is the way of the highest or most efficient use of both physical and mental energy. Through training the attack and defense techniques of judo, the practitioner nurtures their physical and mental strength, and gradually embodies the essence of the way of judo (Murata, 2005, p. 148).*

Em 1909, o Japão foi convidado por Coubertin a fazer parte do Comitê Olímpico Internacional. Como o Barão não tinha nenhuma indicação, solicitou ao embaixador francês em Tóquio a indicação de um nome para representar o Japão junto ao IOC. Surgiu então o nome do já conhecido professor Kano, que foi então convidado pelo Barão Pierre de Coubertin para ser o primeiro delegado japonês nos Jogos Olímpicos. (SUZUKI, 1986; GUTTMANN et al., 2001). "Em 1909 Baron the Coubertin enviou pessoalmente uma carta ao Dr. Kano, através do Monsieur Gerard, Embaixador Francês para o Japão e amigo de infância de Coubertin."[34] (WASSONG, S., 2010, p.52, tradução nossa). Essa carta convidava o Japão a tomar parte nos Jogos Olímpicos de 1912 e Kano a ser o primeiro oriental a fazer parte do Comitê Olímpico Internacional. Seu ingresso no Movimento Olímpico promoveu a divulgação do judô e, conseqüentemente, do Japão no contexto do mundo ocidental. Kano conseguiu, através de sua competência e boa articulação política, grande reconhecimento em seu país e também internacionalmente. Em 1911, Kano fundou a "Japan Amateur Association," instituição que correspondia ao NOC (Comitê Olímpico Nacional do Japão) e foi o seu primeiro presidente, permanecendo no cargo por 10 anos. Seu reconhecimento internacional culminou com a indicação de Tóquio para sediar os Jogos Olímpicos de 1940. A indicação de Tóquio ocorreu durante a 35° Sessão do Comitê Olímpico Internacional, realizada no Hotel Adlon, Berlin, em 1936, pouco antes dos jogos olímpicos. A candidatura de Tóquio suplantou, na ocasião, à forte candidatura de Helsink. Kano, auxiliado pelo Conde Soyeshima Michimasa, fez a defesa da candidatura e a capital japonesa conseguiu a preferência de trinta e seis dos sessenta e três votantes. Nesta sessão do IOC, um terceiro japonês foi eleito como membro do comitê, desta vez o filho do último Shogun Tokugawa: Iesato. (GUTTMANN et al., 2001)

O Professor Kano faleceu vítima de pneumonia aguda em 04 de maio de 1938, a bordo do navio Hikawa Maru da Nihon Yusen, quando retornava do Cairo, após a reunião do Comitê Olímpico Internacional (MATSUMOTO, 1986; GUTTMANN et al., 2001). Suzuki (1986) e Watson (2000) afirmam que Kano faleceu em 04 de maio de 1938 às 5h 33min, aos 79 anos incompletos. Em sua última reunião do IOC, a pedido do Ministro das Forças Armadas, Sugiyama Hajime, Tóquio retirou a candidatura à sede dos XII Jogos Olímpicos de 1940. Esta decisão frustrou e, segundo Guttmann e

[34] Original - In 1909 a letter from Baron the Coubertin was delivered personally to Dr. Kano by Monsieur Gerard, the French Ambassador to Japan and a childhood friend of Coubertin. (Wassong, 2010, p.52)

Thompson (2001), humilhou Kano, o que pode ter sido uma das causas do agravamento da pneumonia que o levou a óbito. Os jogos acabaram não se realizando em função da Segunda Grande Guerra. (MATSUMOTO, 1986; KANO, 2007; MAEKAWA e HASEGAWA, 1963; WATSON, 2000; SUZUKI, 1986; CASADO et al., 2009).

Jigoro Kano foi um dos grandes educadores dos séculos XIX e XX, tendo dedicado toda a sua vida à busca de um modelo ideal de educação integral. Suas idéias são atuais e se confundem com outros sistemas educacionais como o olimpismo, de Coubertin e com os conceitos da Educação Física contemporânea. No Japão, Kano é considerado o *Pai da Educação Física*. Alguns autores creditam a Kano a introdução de diversos esportes ocidentais no Japão, como o *beisebol*, porém é improvável que ele os tenha implantado, mas sim contribuído na sua difusão. (SUZUKI, 1986; TOMIKI, 2001; SOUZA et al., 2007) Kano não introduziu o beisebol no Japão, todavia o praticou no colégio. Guttmann e Thompson (2001, p.83, tradução nossa) em seu livro Japanese Sports –a history afirmam que:

> *Em meados de1870, Kano Jigoro,[...],era conhecido como o capitão da equipe dos 'hecklers', ganhando uma reputação por zombar dos adversaries durante os jogos da Kaisei Gakko e equipes estrangeiras dos 'colonizadores' em Yokohama e Tsukichi.*[35].

Esta obra que aborda a introdução dos esportes ocidentais no Japão atribui a Horace Wilson, um professor na Kaisei Gakko, a introdução do beisebol, em 1873, quando Kano era um jovem aluno.

O judô foi a sua mais conhecida criação, mas, mesmo para o judô, a sua principal contribuição foi a transformação que promoveu, já que se trata de uma fusão de várias escolas de jiu-jitsu ou jujutsu. Kano foi o responsável pela organização, sistematização e divulgação de seu sistema de educação física. A alteração do nome da atividade de combate de jujutsu para judô, a elaboração de novos objetivos, a criação de princípios e processos pedagógicos foram os seus grandes legados. (KANO, J., 2008; SUZUKI, 1986; CARR, 1993)

O momento histórico pelo qual passava o Japão, Restauração Meiji, e a posição social de sua família propiciaram o sucesso da Kano. (GLADWELL, 2008;

---

[35] Original - In the mid-1870, Kano Jigoro,[…],was know as captain of the hecklers, earning his reputation by furious jeering during practice games between Kaisei Gakko and foreign teams from the settlements in Yokohama and Tsukichi. (Gutmann e Thompson, 2001, p. 83)

KANO, 2008; MAEKAWA, 1963) O atual direcionamento do desenvolvimento do judô, prioritariamente um esporte de competição, não está inserido nos pressupostos de seu criador. O judô do século vinte um, ou até antes disso, parece estar retornando aos objetivos do antigo jiu-jitsu, pois o resultado nas competições se assemelha às necessidades do passado de provar o seu valor nos combates reais. O maior mérito do judô proposto por Kano parece estar sendo esquecido ou pelo menos relevado a um segundo plano pela maioria dos professores. (CARR, 1993; KOMA, C., 1935) Villamón e colaboradores (2004, p.144, tradução nossa) afirmam que: "Ironicamente o pragmatismo do antigo jujutsu tem sido re-enfatizado [...] a necessidade de vencer, prestígio e dinheiro são os parâmetros de sucesso [...]"[36].

O atual modelo de competição proposto pela Federação Internacional de Judô, com prêmios em dinheiro para os grandes eventos internacionais, e as consequências que este modelo traz para os clubes e academias que trabalham com a iniciação estão afastando cada vez mais o judô atual do caminho proposto pelo seu idealizador. A relação entre os resultados da competição e os valores que os atletas vencedores recebem pelas vitórias alcançadas, transformaram o esporte na sua essência. Além disso, essa profissionalização pode levar a outros problemas éticos, como o uso de métodos e substâncias proibidas e a manipulação de resultados. Estas deturpações já foram constatadas em esportes mais tradicionais, como o sumô japonês, conforme informou Lee Thompson (2011), professor canadense que atua na Universidade de Waseda (informação verbal)[37]. Este modelo talvez complete a transição do judô de uma arte marcial para um esporte de elite. (SIKORSKI, W., 2005) Na condição de esporte, o judô e as lutas em geral são um importante elemento de identidade coletiva. (SUGDEN, J., 2010)

3.3. O processo migratório e a formação de uma cultura brasileira

O processo de elaboração de uma cultura local é dinâmico, multifatorial e demanda o tempo necessário para assimilações, adaptações e novas criações. Países com grandes dimensões territoriais e que tiveram ao longo de sua história grandes

[36] Original - Perhaps ironically, the martial pragmatism of ancient jujutsu has been re-emphasized in modern sports judo [,..] the lesser imperative of winning, prestige and money that are the barometers of success[…] (Villamón et al., 2004, p. 144)

[37] Lee Thompson – Apresentação do trabalho (Competition and collusion in Japanese Sumo) no Congresso Internacional de Sociologia do Esporte, realizado em Cuba, 14 de julho de 2011.

fluxos migratórios tendem a apresentar uma cultura diversificada e em constante mutação (HOLANDA, S. B., 1995). Países como Brasil, Canadá, Austrália e Estados Unidos apresentam estas características.

Outros países, como o Japão, tiveram pouca ou nenhuma influência de povos vindos de outras regiões criando, assim, hábitos e costumes mais uniformes e aparentemente sem sofrer as influências de outras culturas. O pequeno território, uma situação geográfica muito particular, como ser um arquipélago, e alguns fatos de sua história contemporânea contribuíram para esse tipo de formatação sócio-cultural[38]. Apesar disso, pesquisas recentes desmistificaram a formação do Reino de Yamato[39], esclarecendo que mesmo os japoneses não são um povo homogêneo, mas sim a mistura de várias etnias asiáticas, porém, isto teria acontecido há mais de dez mil anos (FERREIRA e TOBACE, 2009; SAKURAI, 2007).

No caso brasileiro, o extenso território e os processos migratórios de povos de origens distintas, somados aos colonizadores portugueses, que se miscigenaram com os índios a partir de 1500, proporcionaram a formação de uma enorme diversidade cultural. A isto se pode acrescentar os diferentes tipos de clima e uma geografia *sui generes* (HOLANDA, 1995; SUZUKI, T., 1969; SAKURAI, C.; COELHO, M. P., 2008).

Os povos que migraram ou foram trazidos ao Brasil nestes mais de 500 anos de história trouxeram na sua bagagem diferentes hábitos, costumes e a sua própria cultura, que, de certa forma, contribuíram e contribuem para a formação de uma cultura tipicamente brasileira. Em primeiro lugar vieram os portugueses, nossos colonizadores, em determinado momento e local específico os holandeses, mas foram expulsos em curto espaço de tempo. A passagem dos holandeses foi breve, porém, graças a eles, em 1640, Recife reuniu o primeiro Parlamento de que há notícia no hemisfério ocidental (HOLANDA, 1995).

---

[38] A versão oficial e religiosa da origem e constituição do povo japonês, como sendo exclusivo e homogêneo já foi refutada pela ciência, indicando que os japoneses são uma mistura- ainda indefinida- de diversas etnias da Ásia. (Conforme Artigo de Ferreira & Tobace, publicado na Made in Japan de 2009 e informações da pesquisadora Célia Sakurai, 2007.)

[39] Segundo a lenda os Deuses Iazanagi e Izanami, teriam dado origem ao arquipélago e através de Amaterazu, a Deusa do Sol governariam o Japão através de seus descendentes. Desta forma a Família Imperial teria origem divina. Isto foi retransmitido de geração para geração fazendo parte da educação do povo japonês. "Em 1890, era publicado o Édito da Educação Japonesa, que enfatiza a origem mitológica do país. Este édito era lido em voz alta diariamente em todas as escolas japonesas desde o período Meiji até os anos quarenta." (FERREIRA & TOBACE, 2009)

O período colonial se caracterizou por grandes restrições de Portugal à imigração estrangeira. A força de trabalho era garantida através da escravidão dos índios nativos e dos negros vindos da África. Eles povoaram as fazendas dos grandes produtores de cana-de-açúcar do Nordeste e, em todo o Brasil, se encarregaram dos serviços que os portugueses não se propunham a executar (SUZUKI, 1969). Os índios nativos não se adequaram às necessidades dos fazendeiros. Holanda (1995) relaciona algumas características dos nossos indígenas que eram incompatíveis com a escravidão: a ociosidade, a aversão a todo o esforço disciplinado, a imprevidência, a sua intemperança e o gosto por atividades predatórias e não produtivas. Segundo o autor, estas características "ajustam-se de forma bem precisa aos tradicionais padrões de vida das classes nobres" (HOLANDA, 1995 p. 56).

A localização dos escravos foi predominante na região Nordeste do país e a Bahia é o estado onde até hoje prevalece a maior população negra ou com descendência africana. Segundo os dados do IBGE as chegadas dos navios-negreiros ocorreram predominantemente no estado da Bahia entre 1781 e 1855. A partir de 1850, em função da lei que proibia o comércio de escravos, os navios negreiros frequentemente chegavam em Porto Rico, hoje Porto de Galinhas, em Pernambuco. Os africanos eram vendidos como mercadorias, junto com as galinhas d´Angola muito apreciadas pela corte. As galinhas viajavam sobre os escravos nos navios-negreiros, que abasteciam os engenhos de açúcar da região. O local já era conhecido desde 1530, com a exploração do Pau-Brasil mas entre períodos de decadência e desenvolvimento serviu como porto exportador de açúcar depois de 1600 e contrabando de escravos no século XIX. (SERICANO, R. A., 2007; IBGE, 2007)

Os negros partiam de sua terra natal, muitas vezes passando por um entreposto comercial português, o arquipélago do Cabo Verde.[40] No pelourinho da ilha de Praia, no arquipélago, os escravos eram escolhidos, distribuídos e transportados para o Brasil e para outros países da América. Os escravos eram oriundos de diferentes tribos e nações africanas independentes e, por isso mesmo, com costumes e características físicas e culturais diferentes. Em Cuba, por exemplo, um país que, como o Brasil, mistura a cultura indígena local com a européia colonizadora e a dos escravos africanos recebeu predominantemente escravos oriundos das tribos do Senegal. Esses negros eram

[40] O Cabo verde é um arquipélago localizado na costa da África, próximo ao Senegal, tendo sido possessão portuguesa desde o descobrimento até 1975, quando se tornou independente. Geograficamente localiza-se em um ponto intermediário entre a costa africana e o Brasil facilitando assim a travessia do Oceano Atlântico.

de grande estatura, possuíam excelentes capacidades motoras e hoje formam a base das equipes competitivas cubanas. Isto deixa a impressão de que a população é predominantemente negra, o que não corresponde à realidade, já que a população cubana é constituída de negros, brancos e pardos, como os brasileiros, porém os primeiros costumam ser maioria nas equipes de competição (PANCORBO SANDOVAL, A. 2005). Nas senzalas brasileiras eram simplesmente negros, escravos destinados a servir os seus senhores até morrer ou fugir. Assim, se mantiveram até que a conjuntura social e política do país lhes permitiu a liberdade.

O fim do período colonial, em 1819, desencadeou outro grande fluxo migratório, desta vez voluntário. Italianos, espanhóis, alemães e japoneses foram os que vieram em maior número. Entre 1891 e 1963 entraram no país cerca de 5,5 milhões de imigrantes. O fluxo se intensificou após a proibição de importação de escravos da África, em 1850, e das campanhas abolicionistas que resultaram na libertação dos escravos, em 1888 (SUZUKI, 1969).

A imigração européia foi estimulada pelo Brasil, que necessitava substituir a mão-de-obra escrava que escasseava no país. Os Italianos chegaram ao Brasil em maioria absoluta neste período, 59,3 % do total de imigrantes. Número este superior ao de portugueses, com 19,4 %, e de espanhóis, 11,3% neste período. Alemães e japoneses chegaram em menor número, cerca de 5% cada um deles (SUZUKI, 1969).

A imigração japonesa iniciou, oficialmente, somente em 1908, e quando os japoneses chegaram ao Brasil já encontraram outros imigrantes assentados em áreas nobres do país. Os primeiros japoneses, no entanto, chegaram em 1906 e 1907, mas as primeiras famílias que teriam se localizado no estado do Rio de Janeiro não se constituíram em uma colônia próspera (SAKURAI e COELHO, 2008). Italianos e alemães foram assentados predominantemente nas regiões Sudeste e Sul. Nos estados da região Sul ainda hoje se encontram localidades que mantêm viva a cultura de seus antepassados. Municípios como Nova Roma, Nova Trento, Nova Bassano, no Rio Grande do Sul, são de colonização tipicamente italiana, enquanto Novo Hamburgo, Nova Hartz e São Leopoldo no Rio Grande do Sul e Blumenau em Santa Catarina são típicas colônias alemãs. Nestas cidades, a cultura local é mantida quase intacta apesar dos dois séculos do início da imigração. Nestes locais, o idioma, as danças, as festas e as atividades esportivas são mantidas e cultuadas.

No início do século XIX vieram os japoneses, que se localizaram originalmente em São Paulo e norte do Paraná (ASARI, A.Y.; TSUKAMOTO, R. Y.,

2008; SAKURAI e COELHO, 2008). A proibição do recrutamento de imigrantes por parte do governo da Itália, em 1902, estimulou a vinda dos japoneses, que já estava alinhavada desde 1895. O interesse dos brasileiros era aumentar a mão de obra nas áreas cafeicultoras em crescimento, em substituição aos imigrantes italianos. O governo japonês se interessava em combater a superpopulação no campo e uma grave crise de abastecimento (KODAMA, K.; SAKURAI, 2008).

Ainda tivemos, em menor número, a chegada dos sírio-libaneses, poloneses, ucranianos e outros povos que também deixaram a sua contribuição nesse grande "caldeirão cultural" que nos é peculiar (ASARI e TSUKAMOTO, 2008).

O Brasil é o quinto país no mundo em território. De acordo com os dados do IBGE (2009, a), nosso território tem uma área total de 8.514.876,599 Km^2. Esta área está dividida em cinco regiões com grande diversidade cultural e étnica: região Sul, região Sudeste, região Centro-Oeste, região Nordeste e região Norte. As regiões possuem perfis bastante diversos em relação à população, recursos econômicos, recursos naturais, clima, etc. A população das duas regiões menos populosas, Norte e Centro-Oeste, não chega aos 15 milhões de habitantes, enquanto que na região Sul ultrapassa os 26 milhões. O Nordeste (51.534.406 hab.) e o Sudeste (77.873.120) hab.) são as regiões mais populosas, com mais do que o dobro de habitantes da região Sul. (IBGE, 2009 a) As regiões norte e centro-oeste têm uma densidade populacional bem menor, e um menor número de municípios. Os dados do IBGE de 2007 apontam que nestas duas regiões o número de municípios não chegava a 500, enquanto as outras superavam os 1000 municípios. As regiões Sudeste e Nordeste têm mais de 1500 municípios cada (Sudeste 1793 – Nordeste 1668). (IBGE, 2009, b) Esta semelhança, no entanto, não corresponde à riqueza, pelo menos se considerado o Pib/Per capita. Segundo este parâmetro as regiões Sudeste, Centro-oeste e Sul são as mais ricas e com valores semelhantes. O Pib/Per capita das regiões Norte e Nordeste têm um valor de menos da metade dos valores encontrados nas outras três. (IBGE, 2009 c)

A evolução e o desenvolvimento das atividades esportivas foi, e é, influenciada por todos estes fatores, pelo tipo de imigração e o legado cultural que os imigrantes trouxeram, pelo desenvolvimento econômico e social e ainda pelo clima e topografia da região. Na formação da nossa identidade cultural, o idioma português parece ser o maior elo de ligação entre estes diversos elementos. Ainda assim, alguns esportes costumam manter e propagar vocabulários típicos e costumes do local de origem. Este é o caso do judô, de Kano, que mantém o vocabulário original em japonês.

As correntes migratórias internas completam essa complexidade. Ao estudar as influências que todos esses povos deixaram, e continuam deixando como legado cultural pode-se inferir que as migrações internas influíram nas alterações de hábitos e costumes regionais, inclusive nas danças e práticas esportivas típicas. Muitos imigrantes se deslocaram durante os primeiros anos de sua chegada ao Brasil. Observa-se, por exemplo, que os japoneses que chegaram nas primeiras levas foram para São Paulo e norte do Paraná e posteriormente migraram para a região Centro-Oeste e região Norte nas décadas de 60/70 (BIANCONI, N., 2009). As regiões Sul a Nordeste não tiveram um grande fluxo de imigrantes desta etnia.

3.4. O judô e o jiu-jitsu no Brasil - origem e desenvolvimento

O judô teve a sua origem no Brasil diretamente relacionada a imigração japonesa que iniciou na primeira década do século XX e se estendeu até os anos setenta. Grande parte desses precursores chegaram ao Brasil nos navios que aportavam em Santos e de lá eram distribuídos para as lavouras de café. Em um primeiro momento os japoneses radicaram-se no estado de São Paulo e norte do Paraná. A prática do judô por esses pioneiros estava mais ligada a aspectos culturais e de lazer do que ao desenvolvimento de uma modalidade esportiva. A presença de gaijins[41] era esporádica e nem sempre bem-vinda. As primeiras duas décadas dessa prática no país ocorreu sem estruturas rígidas de controle, típicas do esporte moderno. O judô ou jiu-jitsu era praticado nas colônias japonesas predominantemente. Não encontrei muitos registros precisos dos locais e sobre os praticantes neste período. Apenas ao final da década de 20 e início dos anos 30 foi que chegaram ao Brasil os imigrantes que conseguiram organizar as práticas do judô e kendô no país. Em São Paulo destaque para Tatsuo Okoshi (1924); Katsutoshi Naito (1929); Tokuzo Terazaki (1929 em Belém e 1933 em São Paulo); Yassuishi Ono (1928), Sobei Tani (1931) e Ryuzo Ogawa (1934). No norte do Paraná as cidades de Assaí, Uraí e Londrina o judô dá os seus primeiros passos com Sadai Ishihara (1932); Shunzo Shimada (1935). (VIRGÍLIO, 2002; SUZUKI, 1994)

No Rio de Janeiro o judô iniciou nas colônias de Santa Cruz e Itaguaí, mas informalmente e voltado para o grupo de imigrantes. Os primeiros professores a chegar ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, foram: Masami Ogino (1934); Takeo Yano

[41] Contração da palavra japonesa “gaigokujin” ou estrangeiro, forma como os japoneses se referem aos não-japoneses.

(1931) e Yoshimasa Nagashima (1935-6 em São Paulo e 1950? No Rio de Janeiro). (WANDERLEY, P. F. T., 2010; Vinicius Ruas, 2010 – informação pessoal)

Outra versão para o início dessa modalidade foi a chegada dos primeiros professores-lutadores[42], com o intuito de difundir esta prática no país. Dentre os pioneiros, dois se destacaram, Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake, ambos eram representantes da Kodokan[43], contemporâneos em sua iniciação na escola de Jigoro Kano. O mais conhecido deles, Eisei Mitsuyo Maeda, também chamado Conde Koma, chegou ao Brasil em 14 de novembro de 1914, tendo entrado no país por Porto Alegre. Junto com ele chegaram Satake, Laku e Shimisu, estes dois últimos se agregaram a Maeda no Peru e na Argentina, respectivamente. Em 18 de dezembro de 1915 a trupe de lutadores chegou a Manaus, antes disso rodou o Brasil em demonstrações e desafios. Posteriormente Conde Koma se radicou em Belém do Pará enquanto Satake ficou em Manaus (VIRGÍLIO, 2002; GRACIE, R., 2008; NUNES, 2005; VINÍCIUS RUAS, 2010 - informação pessoal[44]).

O judô no Brasil teve então duas origens distintas: uma ocasional e outra intencional. A primeira delas está relacionada à presença dos japoneses que imigraram a partir do século XX e a outra com a chegada de lutadores profissionais como Eisei Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake.

A contribuição do Conde Koma, e seus companheiros, pode não ter sido tão importante para o desenvolvimento do judô, quanto a contribuição dos imigrantes japoneses. Maeda era um exímio lutador e divulgou o jiu-jitsu kano predominantemente através de desafios e demonstrações. Embora tenha ministrado aulas e estabelecido um dojo em Belém do Pará, seu maior legado está vinculado a seus resultados nos desafios que promovia. Nesses eventos Conde Koma enfrentava adversários de diversos estilos de luta, sendo as regras estipuladas para cada evento e quase sempre com o envolvimento de empresários que auferiam lucros. Estes lucros eram oriundos da venda de ingressos, de apostas e do oferecimento de bolsas aos lutadores. Esta forma de divulgação teve muita repercussão na época[45], porém se afastava totalmente dos objetivos propostos por Kano.

---

[42] Em 1914 chegaram ao Brasil Mitsuyo Maeda, Soishiro Satake, Laku, Shimitsu e Okura.

[43] Escola criada por Jigoro Kano para desenvolver o judô, o termo significa, escola para desenvolver o caminho e se originou a partir da organização e sistematização de técnicas de algumas escolas do antigo jiu-jitsu.

[44] Entrevista realizada na região oceânica em Niterói, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2010.

[45] A região Norte do Brasil, entre 1914 e 1941, viveu um momento de grande evidência e era local de muitas oportunidades de negócios, devido ao apogeu da indústria da borracha.

A maior contribuição de Mitsuyo Maeda para os esportes de combate no Brasil parece ter sido a sua influência na criação de uma modificação do Judô Kodokan, que hoje é internacionalmente conhecida como jiu-jítsu brasileiro ou jiu-jítsu Gracie. O criador do jiu-jítsu brasileiro, Carlos Gracie foi aluno direto de Maeda em Belém do Pará em algum momento entre 1917 e 1921. Na opinião de Stanlei Virgílio (2002), outro lutador que veio com Maeda, chamado Antônio Soishiro Satake, teria contribuído mais que o próprio Conde Koma para a divulgação do Judô Kodokan, pelo menos da região Norte do país. (WATSON, 2000; VIRGÍLIO, 2002) Esta também é a opinião do professor Vinícius Ruas Ferreira da Silva, um dos alunos de Satake que entrevistei.

Segundo o professor Ruas, Satake ministrava aulas de judô para um grupo de jovens sobre tatame de palha de arroz, que eles mesmos confeccionavam. O dojo improvisado em uma varanda, com cerca de 30 tatames, localizava-se na Cachoeirinha, um bairro de Manaus. Conforme relembra o professor Ruas: "um dos mais graduados era o Gadelha", um sargento do exército que também deu aulas para Ruas. Satake também utilizava o termo jiu-jitsu, quando se referia aos combates reais e desafios. Neste período o próprio professor Ruas testemunhou um dos desafios no Teatro Politheama em Manaus. A luta entre Guilherme Nery, aluno de Satake e João Issac, que era oriundo da luta livre, foi precedida por uma demonstração de judô, que contou com a participação do professor Ruas. Um grande público compareceu a aplaudiu a vitória de Nery, mas também se surpreendeu e vaiou a demonstração daquela prática estranha e com vestimenta desconhecida. Os judogui eram de juta, feitos por Satake e por seus alunos. A juta era plantada nas margens do Rio Negro e servia como fonte de renda para os imigrantes japoneses, como Satake. No período em que viveu em Manaus, Ruas não treinou judô ininterruptamente, talvez por isso não tenha alcançado a graduação de faixa preta com Satake. Na época a primeira graduação outorgada por Satake era a faixa marron clara, depois a marron escura e então a faixa preta. Muitos anos depois, em 1953, Professor Ruas se radicou no Rio de Janeiro, onde voltou a treinar judô. Na academia do Prof. Augusto de Oliveira Cordeiro teve reconhecido o seu conhecimento adquirido em Manaus e foi graduado com a faixa roxa. No Rio esteve em contato com Takeo Yano, de quem relembra um excelente *De-ashi-barai*. Testemunhou a chegada de Michio Ninomiya e Guengo Katayama, que desembarcaram no Brasil no início da década de 50. Este último, foi quem lhe deu a faixa preta, em 1963.

Na Escola de educação física do Rio de Janeiro, foi aluno do professor De La Torre, que ensinava esportes de combate. Além do judô, o professor Ruas praticava

diversos esportes, entre eles, remo, corridas e boxe. Em 1964, no período da revolução esteve exilado na Bolívia, onde contribuiu para a organização do judô no país. De acordo com suas palavras "[...] na Bolívia não tinha judô (antes da sua chegada), absolutamente, o primeiro campeonato foi feito por mim[...]". (informação pessoal, 2011)

Da chegada do Kasato Maru ao Brasil até a segunda guerra mundial, os nomes e as práticas: judô e jiu-jítsu se confundiam. Encontrei registros ainda dos termos jiu-do, jiu-jitsu Kano, e jujutsu. Os praticantes muitas vezes eram os mesmos e lentamente as atividades foram se definindo. O judô Kodokan seguiu o caminho da "esportivização" e entrou para o programa olímpico em 1964. Algumas das formas mais utilizadas para a divulgação do judô de Kano, foram as demonstrações e desafios. Desde o famoso combate de 1886, os desafios sempre estiveram presentes na divulgação do judô. A partir de 1925 no Japão, a partir de um Edito Imperial, o nome judô passou a representar oficialmente todas as antigas escolas de jiu-jitsu. Kano inteligentemente se aproximou de professores de diversas escolas e os convidou a participar da Kodokan. Escolas com orientações diversas passaram a utilizar o nome Judo Kodokan. Esta estratégia foi utilizada por Kano no Japão e fora dele, onde captou Tani e Koizume, por exemplo. Reconheceu o trabalho de ambos e os convidou a ingressar na Kodokan, com seus princípios e objetivos educacionais. Durante esses anos iniciais, representantes da Kodokan, como Maeda e Satake, contribuíram para o engrandecimento e divulgação do judô. O que eles faziam nos ringues, entretanto, era muito diferente do que pregava kano nas suas palestras e demonstrações. Talvez essa tenha sido uma estratégia de "marketing" programada por Kano e seus discípulos. No Brasil ela funcionou em parte, pois os desafios também foram o maior impulso de divulgação de uma nova escola, hoje internacionalmente conhecida por sua eficiência nos combates reais e nos espetáculos de vale-tudo, o jiu-jítsu brasileiro.

O jiu-jitsu brasileiro ou Gracie jiu-jítsu é um esporte de combate criado por Carlos Gracie no Rio de Janeiro em 1925 e divulgado originalmente por ele e por seus irmãos. Carlos ensinou aos seus quatro irmãos, Gastão, Osvaldo, George e Hélio, as técnicas que aprendera. Posteriormente os discípulos de Carlos, muitos deles da própria família Gracie, foram e são os grandes divulgadores desta prática. Os Gracie são uma família numerosa que se ramificou por todo o Brasil o que contribuiu para uma grande divulgação da modalidade (GRACIE, 2008). Curiosamente alguns dos discípulos dos Gracie parecem ter dado uma especial contribuição à iniciação do judô como esporte de

competição, especialmente nos estados em que a imigração japonesa não foi tão marcante ou ocorreu tardiamente. Após a institucionalização da modalidade e o ingresso no programa olímpico alguns praticantes do jiu-jitsu brasileiro migraram para o judô, sendo os introdutores da modalidade em suas regiões. Isso ocorreu em algumas capitais do Nordeste, como Teresina, de onde surgiu uma das entrevistadas desta investigação, a atleta Sarah Menezes. Encontrei indícios que isso também ocorreu no Rio Grande do Norte, em Pernambuco e até mesmo no Rio Grande do Sul. Nestes locais a presença de professores oriundos do jiu-jítsu Gracie foi anterior a dos professores de judô, no entanto muitos deles migraram para o judô.

A partir da década de 80, alguns descendentes dos Gracie migraram para os Estados Unidos e também para outros países, fazendo com que seu estilo de combate ficasse famoso fora do Brasil. Além de bons lutadores, os Gracie sempre se valeram dos espaços que lhe foram oferecidos pela mídia para divulgar o seu estilo. Nos Estados Unidos, nos anos 90, Rorion Gracie foi um dos responsáveis pela criação e divulgação do Ultimate Figthting Contest (UFC), uma forma de vale-tudo. Rorion ofereceu US$ 50.000,00 para o lutador que vencesse a competição, onde o *Brazilian jiu-jítsu* foi representado por Royce Gracie, seu irmão. Usando o mesmo tipo de apelo para a mídia que Carlos e Hélio Gracie se utilizaram no Brasil na década de 50, ele contribuiu para a divulgação desse tipo de espetáculo. Diferentemente do atual UFC, a proposta de Rorion, era de um combate sem regras e sem limite de tempo, onde haveria uma comparação entre as diferentes modalidades ou estilos de arte marcial. (DEHO, M., 2011; GRACIE, 2008; SÁNCHEZ GARCIA, R.; MALCOLM, D., 2010)

De acordo com Sánchez e Malcolm (2010), o nome MMA, abreviação de Mixed Martial Arts, surgiu um substituição a No Holds Barred contests (NHB), que é derivado da tradução do termo em Português, vale-tudo. A proposta do jiu-jitsu brasileiro se afastou dos propósitos de Kano, que buscava prioritariamente um método de educar a sociedade, baseado em uma atividade de combate; enquanto os Gracie divulgaram apenas o método de combate, com ênfase nas técnicas de defesa pessoal e nos combates. Nas palavras de Renzo e Royler Gracie, segundo Hackney (2009, p.3, tradução nossa): "As demandas sociais, morais e estéticas são um entrave para o progresso e desenvolvimento da eficiência do combate na luta de solo.[46]"

[46] Original - social, moral, and aesthetic demands were a hindrance to progress in developing the combative efficiency of grappling. (Hackney, p.3, 2009)

Carlos Gracie teve como primeiro professor Eisei Mitsuyo Maeda, que era amigo de seu pai. Carlos, aos 15 anos de idade, conheceu Conde Koma em uma demonstração de judô, em 1917. Foi aceito como seu aluno desde esta época, até 1921. Em fins de 1921 seu pai, Gastão Gracie, mudou-se para o Rio de Janeiro com a família. Carlos esteve poucos anos em contato com Maeda, dos quinze aos dezenove anos aproximadamente. Segundo Reyla Gracie (2008), uma de suas filhas que escreveu a sua biografia, Carlos teve apenas um ano de aulas consecutivas com Maeda, porém por um período de quase três anos Maeda ainda manteve contato com seus alunos, entre as suas viagens internacionais. Neste período, Carlos também recebeu aulas de Jacinto Ferro, aluno de Conde Koma (GRACIE, 2008). As experiências obtidas em muitos anos de competições e desafios foram o maior legado que Maeda deixou para o judô nos lugares por onde passou. O seu desempenho combatendo adversários de diversos estilos e, muitas vezes com estatura e peso bem superiores, lhe proporcionaram fama e dinheiro. Esta parece ter sido a ênfase dos ensinamentos de Conde Koma, ou pelo menos, os que mais chamaram a atenção de Carlos Gracie. Ao criar e difundir o jiu-jítsu brasileiro, foi isto que ensinou aos seus irmãos e aos seus discípulos.

Maeda inciou a sua jornada nos Estados Unidos, juntamente com Tsunejiro Tomita, aluno e amigo pessoal de Jigoro kano. Tomita fazia parte do famoso Shiten-no ou os quatro mais importantes discípulos da Kodokan, juntamente com Shiro Saigo, Yoshiaki Yamashita e Yokohama. Dentre eles Tomita não era considerado o lutador mais hábil, porém, além de fluente no idioma inglês, era tido como excelente professor.

Maeda, que ao chegar a Kodokan era um jovem com 1,64m e 64 kg, foi designado a Tomita, em função de sua pouca estatura: era o mais baixo dos professores da Kodokan. Maeda nasceu a 18 de novembro de 1878, na Vila de Funasawa em Hirosaki e também era conhecido como Hideyo, na infância. Praticante de sumo na adolescência, Maeda ingressou na Universidade de Waseda em 1894. Em função da fama que as vitórias do jiu-do de Kano vinha obtendo na época sobre algumas escolas de jiu-jitsu, ele ingressou na Kodokan, aos 17 anos de idade. (GRACIE, 2008; GREEN, T.; SVINTH, J, 2011) Desde a sua primeira viagem ao exterior, em 1904 até o seu falecimento, Conde Koma sempre esteve vinculado a Kodokan de Kano. No dia 27 de novembro de 1941, Mitsuyo Maeda recebeu a sua última graduação da Kodokan, o

sétimo Dan[47]. Ele faleceu no dia 28 do mesmo mês, desconhecendo esta honraria. (GRACIE, 2008; VIRGÍLIO, 2002; KOMA, 1935; RUAS, 2010 – informação pessoal[48]; BIUCE, 2010 – informação pessoal[49]; VINÍCIUS RUAS, 2010 – informação pessoal)

As idéias de Kano e sua filosofia foram melhor difundidas pelos imigrantes japoneses. Eles vieram ao Brasil em grande número e, a partir dos diversos locais onde se radicaram, contribuíram efetivamente para o desenvolvimento do judô no país. (SHINOHARA, 1982; FRANCHINI et al., 2005; SUGIZAKI, 2005; CALLEJA et al., 1979)

O Brasil é um país com influência de diversas culturas e etnias. As imigrações do final do século retrasado e início do século passado tiveram um papel importante nessa diversidade etno-cultural. Um dos exemplos marcantes é a influência da colonização japonesa em nosso país, principalmente em São Paulo e no norte do Paraná.

Calleja (1979, p. 55) afirma que foram os imigrantes japoneses que introduziram o judô no Brasil, porém, sem nenhum planejamento. Ratificando essa idéia, ele relata que:

> *[...]entre os anos de 1924 e 1935 ocorreu no Brasil o chamado período japonês, devido ao fato de que nossa terra recebera cerca de 190.000 imigrantes japoneses. Quase a maioria desses imigrantes radicou-se em São Paulo, berço do judô brasileiro.*

Poucos estudos registram como ocorreu o desenvolvimento do judô no Brasil, especialmente se considerarmos as diferenças regionais. Até o ano de 2007 o judô aparecia como a disciplina de combate mais frequentemente oferecida nos currículos dos cursos de educação física no Brasil. (CARDOSO, C. B.e NUNES; 2001; TRUZS, R. e NUNES, 2007)

Desde a chegada do primeiro navio, em 1908, os imigrantes trouxeram na bagagem a cultura do seu povo. Os japoneses mantiveram seus antigos hábitos,

---

[47] Sistema kyu-dan de graduações proposto por Kano, onde os kyu (graus inferiores) são em ordem de impotância decrescente e os Dan (graus superiores) em ordem crescentes de primeiro até décimo, tendo sido atribuído, pós-morten ao próprio J.Kano o décimo segundo Dan.

[48] Vinicius Ruas Ferreira da Silva – Entrevista realizada na Região Oceânica – Niterói –Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 2010.

[49] Osmar "Biuce" Mouzinho – Entrevista realizada em Parnamirim – Rio Grande do Norte, em 02 de agosto de 2010.

especialmente na colônia, entre os quais alimentar-se utilizando o *hashi*, beber *sake* e também treinar o judô, kendô e/ou sumô. No início do século XX, ainda havia muita confusão entre as duas práticas, já que o trabalho de Kano recém estava sendo divulgado no exterior. (FRANCHINI et al., 2005; SAKURAI, 2007; TAKEUCHI, 2007; PIMENTA, 2008) Como era de se esperar neste momento inicial, os termos judô e jiujutsu se confundiam e os instrutores, em sua maioria ex-lutadores, não tinham a formação pedagógica adequada para ministrar aulas. (CALLEJA, 1979)

O estado de São Paulo e adjacências foram privilegiados neste aspecto, pois nessa região, o judô de Kano foi introduzido por seus patrícios e, com isso, foram resguardados os aspectos culturais da forma e etiquetas tradicionais. Enquanto isso, em outros estados, como no Rio Grande do Sul, as informações foram recebidas de forma truncada, pois os japoneses que lá divulgaram essa prática não permaneceram no estado por muito tempo.

3.5. As diferenças regionais no desenvolvimento do judô brasileiro

O enorme território e a grande diversidade cultural que caracteriza o povo brasileiro foi influenciada pela imigração diversa e, em alguns casos, realizada desorganizadamente. Essa diversidade determinou um grande número de atividades e costumes típicos de cada região, quando não dos estados que a compõe. Esses costumes e cultura diversificada ficam evidenciados na sua culinária, danças e ritmos típicos, linguagem peculiar e também pelas atividades esportivas e artísticas.

Os esportes também são um reflexo da colonização e dos diferentes povos que se miscigenaram no decorrer desses 500 anos. Assim, por exemplo, a capoeira pode ser considerada uma atividade típica do nordeste, mais especificamente do estado da Bahia, onde a chegada dos escravos e a formação dos quilombos proporcionaram o surgimento desta atividade. A bocha é uma atividade tipicamente italiana e surgiu na colônia italiana que, no Brasil, predomina na região Sul. O punhobol é um esporte de bávaros e chegou ao nosso país trazido pelos colonizadores alemães, assim, é praticado quase que exclusivamente em clubes de origem alemã, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sob forte influência da colônia japonesa, São Paulo foi precursor da prática do judô, do kendô e do beisebol. Mesmo nos outros estados o judô se desenvolveu a partir de professores japoneses, em sua maioria, imigrantes, que vieram para o Brasil com o objetivo principal de ganhar algum dinheiro e retornar ao seu país de origem. A

perspectiva do governo brasileiro, que incentivou essa imigração, foi a de colocar braços a serviço da lavoura cafeeira, porém, isso não se concretizou totalmente. Muitos deles se evadiram dos locais para onde foram destinados e buscaram outras alternativas para a sobrevivência. Alguns migraram internamente a procura de oportunidades e isto também permitiu que as regiões que originalmente não possuíam colônia de japoneses nas primeiras levas da imigração viessem a criá-las posteriormente. (SAKURAI e COELHO, 2008; TAKEUCHI, 2007; BIANCONI, 2009)

A presença fundamental dos japoneses na criação e evolução do judô brasileiro não foi intencional, pois a maioria dos imigrantes veio ao Brasil com o objetivo de trabalhar na agricultura. Ainda que alguns tenham mudado de atividade-fim, o ensino do judô aparece sempre como fonte de renda secundária ou simples atividade de lazer. A comunidade Nikkei[50] conta hoje com cerca de um milhão e meio de pessoas espalhadas por todo o país. (TAKEUCHI, 2007; SAKURAI, 1993). Sua cultura pode ser observada em gestos, etiquetas, alimentos típicos, música, linguajar, arquitetura e atividades de lazer, entre elas esportes como o judô, kendô, karatê e beisebol. (CRUZ, R.; De ROSA, D.; KEISI, M., 2008) A primeira leva de imigrantes japoneses chegou ao Porto de Santos/SP, a bordo do Kasato Maru, em 18 de junho de 1908, data historicamente reconhecida como o início da colonização japonesa no Brasil. Entretanto existem registros anteriores da presença de famílias de imigrantes japoneses no estado do Rio de Janeiro datando de 1906, porém essa colônia não vingou. (CRUZ et al., 2008; SAKURAI, 2007)

Portugueses, Espanhóis, Italianos e Alemães chegaram antes e em maior número. Segundo Takeuchi (2007), que utilizou como fonte o Apêndice do IBGE, Estatísticas de 500 anos de imigração, entre 1884 e 1933, os japoneses vieram em número inferior aos imigrantes europeus e se localizaram em sua grande maioria nas fazendas de café no estado de São Paulo. O objetivo principal da vinda dos japoneses foi o de substituir os imigrantes italianos na lavoura. O contexto que possibilitou esse processo levou em conta diversos fatores, alguns internos, como a valorização dos preços do café em 1906 e as restrições impostas aos italianos que desejavam imigrar para o Brasil, e outros externos, como as restrições impostas pelos governos dos Estados Unidos e Canadá à imigração de japoneses e, principalmente, a necessidade e o interesse do governo do Japão de que o seu excedente populacional emigrasse.

[50] Indivíduo de origem japonesa, dessa forma identificando o sujeito independente da geração a qual pertença.

Em outras regiões, como a região Sul, Italianos e Alemães chegaram em maior quantidade e em período anterior. Antes de 1904 mais de um milhão de italianos e cerca de 30.000 alemães já haviam imigrado. Os italianos se radicaram no Sul e Sudeste, predominantemente, fundaram colônias em diversas regiões que continuam cultuando hábitos culturais de seus locais de origem, como o idioma, a culinária e as danças típicas, além de atividades de lazer e esportes como a *Boccia* (Bocha). Os alemães se radicaram basicamente no sul do Brasil e fundaram cidades onde a cultura alemã permanece preservada até hoje, com suas músicas e festas típicas, culinária e práticas esportivas e de lazer como a ginástica, o handebol e o punhobol (faustbol). Os clubes tipicamente alemães, antigos Turnerbund, foram importantes na atual estrutura esportiva dos estados da região Sul e também na região Sudeste. Entre outros, a SOGIPA, no Rio Grande do Sul, e o Clube Pinheiros, de São Paulo, são dois dos exemplos de clubes de origem alemã que hoje são expoentes no judô nacional. (IBGE, 2009, a, b, c,)

A região Nordeste teve alguma influência de holandeses e franceses, mas, ao que parece, em número insuficiente para promover grandes modificações na cultura local e no surgimento ou desenvolvimento de atividades esportivas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2011, sobre os 500 anos de povoamento e sobre o destino dos imigrantes japoneses e nikkeis em 1940/1950 dos 129.192, em números absolutos, não existem registros de migração interna para o Rio Grande do Sul e nem para nenhum dos estados da região Nordeste. Em compensação São Paulo lidera com 132.216, em 1940, e 108.912, em 1950, e algum contingente também migrou para os estados do Amazonas, Pará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Paraná e também Distrito Federal, variando de 305 (AM) a 8064 (PR) pessoas, em 1940, e de 201 (AM) a 15.393 (PR), em 1950.

O fim da escravidão foi o motivo principal para a chegada dos imigrantes europeus e, posteriormente, asiáticos ao Brasil. À exceção dos escravos, a região Nordeste do país não recebeu grande contingente de imigrantes estrangeiros e mantém até os nossos dias uma cultura local bastante diferente da encontrada no Sul e Sudeste. A região Norte é uma região que se caracteriza por grandes áreas com baixa densidade populacional, pouca imigração européia e com cultura local fortemente influenciada pelos indígenas de etnias diversas. Os japoneses também se dirigiram para esta região no início da colonização, porém, nesta região não formaram colônias grandes e não tiveram tanta influência na formação da cultura da região como ocorreu em São Paulo,

na região Sudeste. Da mesma forma, o Centro-oeste não recebeu uma corrente migratória estrangeira específica, tendo sido influenciada mais fortemente por migrações internas, principalmente de gaúchos e paulistas mas também de japoneses, na busca por áreas cultiváveis e com preço baixo, utilizadas para agricultura e pecuária. Na década de 1970, iniciou uma migração interna de nipo-brasileiros que aumentou significativamente a presença dos nikkeis na região Norte e Centro-Oeste. (BIANCONI, 2009).

Os portugueses foram a principal influência cultural européia em todo o país. Italianos, espanhóis, alemães, japoneses e outros imigrantes também deixaram a sua contribuição para a criação da nossa identidade cultural. A miscigenação entre todos esses povos, que ocorre até os nossos dias, concorre para a formação do povo brasileiro. Os hábitos e costumes dessa população formam a cultura brasileira que tem por característica comum a língua portuguesa, mas que continua sendo diversificada e com características próprias conforme e região geográfica. A diversidade cultural encontrada em nosso país, explicada em parte pelos movimentos migratórios, pode auxiliar na compreensão de como determinadas atividades, entre elas as práticas esportivas, tiveram o seu desenvolvimento tão diferenciado. (TANNO, 2008; SUZUKI, 1969; SERICANO, 2007; HOLANDA, 1995)

Na região de São Paulo e norte do Paraná o judô começou a ser praticado no interior da colônia japonesa desde os primeiros anos da imigração e, a partir daí, foi se expandindo por todo o país. As migrações internas de japoneses e nikkeis, que ocorreram predominantemente no pós-guerra, contribuíram para o desenvolvimento tardio do judô em outras regiões. Isto parece claro ao observarmos os períodos em que surgiram as federações regionais e seus primeiros dirigentes. Algumas federações tiveram grande influência de nikkeis e foram criadas em locais de forte imigração. A Federação Paranaense de Judô, por exemplo, foi criada em 07 de outubro de 1961 por associações de judô das cidades de Londrina, Assai e Uraí e todas as associações tiveram grande influência de isseis ou nisseis da região. A Associação Assaiense de Judô estava na época sob o comando do sensei Sadai Ishihara, que teria sido aluno de Jigoro Kano na Kodokan. Três dos sete presidentes, inclusive o atual, são nikkeis (Federação Paranaense de Judô, 2009). No Mato Grosso somente na década de 70 é que surgiram os pioneiros do judô, sendo a Federação Mato-grossense reconhecida, em 1983, e desde então os seis presidentes foram nikkeis, três deles da mesma família, também envolvidos com outros esportes tipicamente japoneses.

Na década de 60, diversas federações foram criadas, Minas Gerais (10/06/1961), Bahia (16/04/1970) e Rio Grande do Sul (1969/1970). Nestas federações, todos os presidentes foram brasileiros, o que sugere que, pelo menos no comando destas entidades, não havia japoneses ou nikkeis. Os dados coletados neste estudo não tem por objetivo esclarecer como se desenvolveu o judô em todos esses locais.

A atual geração de professores e os principais responsáveis pela divulgação e desenvolvimento do judô no Brasil não são apenas nikkeis, mas também brasileiros das mais diversas origens. Da mesma forma que a colônia nikkei já está na quinta geração (go-sei) no Brasil, o judô brasileiro de alto rendimento está na quarta ou quinta geração (yo-sei/go-sei). Para citar como exemplo um dos mais destacados dojos do país, a Budokan: Ryuzo Ogawa (japonês –Issei) foi um dos professores de Massao Shinohara (ni-sei), que por sua vez ensinou a Luiz Shinohara (san-sei), que foi o professor de Carlos Honorato, medalhista em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. (OYAMA, T.; VITALE, P., 2007; OLIVEIRA, F., 2008; LUIZ SHINOHARA, 2009,- informação pessoal[51]; MASSAO SHINOHARA, 2009 -informação pessoal[52]; CARLOS HONORATO, 2010- informação pessoal[53])

3.6. O judô fora do eixo Rio-São Paulo

O Brasil é um país de dimensões continentais e que sofreu influência de diversos povos com culturas distintas. Essas influências culturais são facilmente identificadas dependendo da região onde se estabeleceram os grupo de imigrantes e os nossos colonizadores. Os portos do Rio de Janeiro e de Santos foram os mais importantes do país especialmente no período das grandes imigrações. Portugueses, espanhóis, italianos, alemães e japoneses chegaram ao Brasil, predominantemente por estas duas portas de entrada. Além dos imigrantes voluntários o Brasil recebeu um importante fluxo de imigrantes estrangeiros de origem africana. Durante o período da escravidão, os negros chegavam e ficavam em sua maioria na região Nordeste, trabalhando na cana de açúcar. Muitos navios negreiros aportavam na Bahia de 1781 a 1855, segundo dados do IBGE. Outros navios negreiros chegaram em Porto de Galinhas, próximo ao Recife, trazendo sua mercadoria humana misturada às galinhas,

[51] Luis Shinohara – Entrevista concedida em Porto Alegre, em 8 de março de 2009.
[52] Entrevista concedida na Associação de judô Vila Sônia em 20 de maio de 2009.
[53] Entrevista concedida em São Caetano do Sul em 31 de março de 2010.

daí o nome da localidade. O IBGE não possui esses registros, possivelmente por se tratar de mercadoria ilegal.

O fluxo migratório japonês foi posterior aos italianos e alemães e muito antes deles chegaram os negros para ajudar na lavoura da cana de açúcar. Nossa colonização majoritariamente Portuguesa iniciou em 1500, e os primeiros japoneses chegaram somente por volta de 1906. Nesta época, italianos e alemães já estavam estabelecidos, estes últimos se localizaram mais para a região Sul. O nordeste teve uma influência maior dos holandeses, o que não ocorreu no restante do país. Estas diferentes culturas foram se miscigenando gradativamente e cada qual ao seu tempo. Desta forma as regiões brasileiras foram influenciadas culturalmente, de acordo com os imigrantes que para elas se dirigiram. Assim a assimilação das características culturais desses povos se deu em tempos diferentes e em locais diferentes. Esta é umas das nossas mais importantes características, diversidade cultural e geográfica.

Os japoneses sofreram ainda pela imensa diferença cultural, a começar pelo idioma, o que os levou a se agruparem formando colônias. Dentro da colônia florescia a cultura japonesa e lá eram cultuados os hábitos de vida mantidos no Japão, para onde pretendiam voltar um dia, quando enriquecessem. Entre esses hábitos estava a prática do judô, do kendô e outras atividades esportivas.

Nas regiões do Brasil onde não se formaram colônias japonesas, esses hábitos culturais não foram disseminados para os brasileiros natos. Desta forma o contato com algumas atividades culturais ocorreu tardiamente. No estado do Rio Grande do Sul a colônia japonesa em Ivoti, se formou na década de sessenta e mesmo lá a prática do judô foi iniciada por um professor brasileiro nato, sensei Manoel Aparecido Lacerda. A formação de Lacerda foi em São Paulo, na academia do sensei Ono, de acordo com a sua versão, aproximadamente em 1947. Depois disso passou para a academia do sensei Hikari Kurachi, possivelmente em 1952. Em entrevista com o sensei Luiz Tambucci, fui informado que Lacerda teria iniciado no judô com ele, antes de passar para a academia de Yassuishi Ono.

Alguns imigrantes buscaram espaço de trabalho em locais distantes do eixo São Paulo - Rio, onde se formaram as primeiras colônias. Principalmente após o término da Segunda Guerra Mundial e também por ocasião da inauguração de Brasília, ocorreram muitas migrações internas. Muitos partiram de São Paulo para o Centro-oeste ou Norte, enquanto outros, em menor número, foram tentar a sorte no Sul ou no Nordeste.

Outros, como Takeo Yano que chegou ao Brasil em 1931, contribuíram para a divulgação do judô/jiu-jitsu em diversos locais. Yano, depois de um período no Rio de Janeiro, esteve em São Paulo, onde ministrou aulas e participou de desafios. Entre 1951 e 1953 esteve no Rio de Janeiro e no final deste mesmo ano, ou no início de 1954, foi para o Rio Grande do Sul. Esteve em Porto Alegre na década de 1950 por cerca de dois anos. Sua estada no Sul não foi muito longa e ele deixou o estado antes de 1959. Segundo consta, na cultura popular do judô gaúcho, Yano teria perdido no jogo a posse de sua academia e depois disso rumou para o Nordeste do país. Seus alunos, brasileiros de origem e envolvidos com outros estilos de luta, responsabilizaram-se pela divulgação do judô, quando a nomenclatura ainda se confundia com o jiu-jitsu. (MADURO, L. A., 1999; NUNES et al., 2005; KIMURA, 2008 a, b). Yano também teve participação ativa no Rio de Janeiro nos espetáculos de vale-tudo, onde empresariou a vinda de Masahiko Kimura nos famosos combates contra Hélio Gracie, em 1951, e Waldemar Santana, na década de sessenta. O próprio Yano participou de desafios, tanto no Rio de Janeiro quanto em outros locais do país. No final da década de 50, mudou-se para Natal, onde pode ser considerado um dos pioneiros na prática do judô/jiu-jitsu. Um de seus filhos do segundo casamento segue vivendo na cidade onde atua como médico, o Dr. Akyra Yano, tem uma clínica médica em Natal. Takeo Yano também esteve em Belo Horizonte onde faleceu na década de 80. Personagens como Takeo Yano deixaram sementes importantes para o surgimento do judô, porém a falta de sequência nos ensinamentos e a divulgação sob a forma de desafios, não propiciaram uma melhor divulgação das idéias de Kano. Indiscutivelmente os desafios e demonstrações públicas foram uma das formas de divulgação do judô no Brasil, em especial nos estados onde a imigração japonesa não foi tão importante. (Kimura, 2008, a, b; GRACIE, 2008)

Após a passagem de Takeo Yano pelo Rio Grande do Sul na década de 50, vários outros japoneses tiveram importância na organização do judô na região. Entre eles destacam-se o sensei Teruo Obata, um dos fundadores da Federação Gaúcha de Judô (FGJ). Obata chegou ao Brasil em 13 de agosto de 1959 e, finalmente em São Paulo no dia 15 do mesmo mês e ano. Nessa época a região já tinha muitos japoneses e por isso migrou para o Rio Grande do Sul, seguindo a orientação de um jornal japonês editado em São Paulo. Seu sonho era ser toureiro em Barcelona, mas a dificuldade de conseguir um visto e, a impossibilidade de migrar para os Estados Unidos, contribuíram para a sua fixação no Rio Grande do Sul. Obata ministrou aulas no Circulo Social Israelita, quando da Fundação da FGJ, e posteriormente estabeleceu o seu dojo,

denominado Tokyo Judo Club, no bairro Bom Fim, onde permaneceu por muitos anos. Sensei Obata durante as décadas de 60/70 foi um dos responsáveis pelo ensino dos katas no judô do RS. Ele relembra sorrindo a passagem de Chiaki Ishii pelo estado em 1968. Naquela ocasião em um treino na academia Ruy Barbosa, Obata chegou a treinar com Ishii, que mais pesado e em plena forma começava a construir a fama de lutador, *espancando todos os presentes*[54] que se arriscavam a participar do treino. Sensei Obata retornou ao Japão na década de oitenta para tratar a doença de sua esposa e atualmente está de volta a Porto Alegre. Montou um dojo em sua propriedade na zona sul da capital e, aos setenta e nove anos de idade ensina judô para os alunos da comunidade.

Na década de 1960 chegou a Porto Alegre o sensei Naoshige Ushijima, que permaneceu na cidade cerca de 30 anos. Ushijima chegou ao Brasil no Santos Maru, que aportou na cidade de Santos na data de 18 de outubro 1960. Entre outros locais, foi professor de judô da Base Aérea de Canoas, da SOGIPA e do Colégio São Pedro. Sua principal atividade foi o comércio, mas durante muitos anos esteve vinculado ao judô, sempre trazendo para o Rio Grande do Sul atualizações da parte técnica e contribuindo para a manutenção dos aspectos culturais do esporte. Já residindo no Japão a vários anos, Naoshige acompanhou o atleta da SOGIPA, João Derly, campeão mundial dos meio-leves em uma competição em Tóquio, tendo sido esta sua última contribuição ao judô Gaúcho. Ushijima faleceu em 1998, em Tóquio sua terra natal. Até a sua morte visitava alguns de seus antigos alunos anualmente, na data do seu aniversário, a quem presenteava com um *obi*[55] e outras lembranças.

Ainda nos anos 60, ministrou aulas no estado do Rio Grande Sul um dos grandes atletas brasileiros da época, sensei Shunji Hinata que foi o primeiro professor do Departamento de Judô da SOGIPA. Nascido no Brasil e formado no judô de Santos, na academia do sensei Kurachi, Hinata esteve muitos anos no Rio de Janeiro. Exímio praticante, sensei Hinata não apresentava características de um bom professor. Não dava muita atenção aos alunos e costumava ficar sentado em *agura*[56] no fundo da sala. A aplicação quase perfeita das técnicas e as demonstrações em alta velocidade e sem maiores explicações não chegavam a entusiasmar os iniciantes. Ainda assim, a SOGIPA, que é um dos maiores clubes de judô no Brasil, teve na sua origem a presença

[54] Na ocasião Ishii era um lutador muito superior a todos aqui no Brasil, mais pesado e experiente.
[55] Cinto ou faixa que no judô, além de amarrar o casaco (wagui), serve para identificar a graduação do praticante.
[56] Forma de sentar com as pernas cruzadas, garantindo mais espaço para os demais praticantes e a possibilidade de evitar acidentes ao tocar os adversários que se aproximassem com as mãos. Exigência bastante comum em dojos que mantêm o estilo japonês.

de Shunji Hinata que esteve à frente do Departamento de Judô do clube de 1967 a 1971 e, desta semente, surgiu o mais importante dojo do estado do Rio Grande do Sul. (MADURO, 1999; NUNES et al., 2005; JOSÉ MEDEIROS, 2010 – informação pessoal[57]; IRINEU BAZACAS, 2011 –Informação pessoal[58])

O responsável pelo início das atividades no Departamento de Judô da SOGIPA, entretanto foi o sensei Irineu Pantaleão Bazacas, aluno de TakeoYano no início da década de 50 e depois de Kurachi em São Paulo, onde residiu por alguns anos. Segundo seu depoimento, ele apresentou um plano para ministrar aulas de judô a um dirigente do clube. Este lhe respondeu que se comprovasse que havia um bom número de sócios interessados, teria o espaço para iniciar as atividades no clube. Bazacas então realizou uma enquete entre os sócios interessados que apoiaram fortemente a iniciativa. Após este trabalho inicial, o nome de Shunji Hinata foi indicado pelo Presidente da Federação Gaúcha de Judô, recém-fundada. Assim coube a Hinata ser o primeiro professor de judô da SOGIPA, hoje uma referência nacional no esporte. (Irineu Bazacas – informação pessoal[59]; JOSÉ MEDEIROS – informação pessoal[60])

Na década de 90, através de alguns projetos da Fundação Japão/Consulado do Japão de Porto Alegre, estiveram no RS vários professores da Kodokan. Em 1993/94 um desses projetos, trouxe a Porto Alegre o professor Makoto Inokuma. Esse projeto da Fundação Japão, constitui-se de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a SOGIPA, a Federação Gaúcha de Judô e, intermediado pelo Consulado do Japão em Porto Alegre. Esta ação possibilitou que durante cerca de um ano, Inokuma deixasse a sua contribuição para o desenvolvimento do judô gaúcho. O professor Makoto foi a mais recente influência japonesa importante no desenvolvimento do judô Gaúcho. Aparentemente, isto deve ter ocorrido em outras regiões do país. Imigrantes japoneses passam um período relativamente curto na região e iniciam a prática do judô ou jiu-jítsu, porém não ficam muito tempo no local.

No Rio Grande do Norte, no outro extremo do país, as primeiras manifestações de lutas estão ligadas à passagem de Takeo Yano, no fim da década de 50 e/ou a praticantes de jiu-jitsu brasileiro trazido por marinheiros que participavam de desafios. O trabalho de Osmar "Biuce" Mouzinho é reconhecido até hoje na Academia de Polícia Militar da Natal, onde a sala de lutas leva o seu nome. Biuce que hoje reside

[57] Entrevista de José Medeiros em Santos, na Academia de Rogério Sampaio em 01 de julho de 2010.
[58] Entrevista concedida em sua residência em Porto Alegre, 13 de abril de 2011.
[59] Entrevista de Irineu Pantaleão Bazacas na sua residência em Porto Alegre no dia 13 de abril de 2011.
[60] Entrevista a José Medeiros em Santos na Academia de Rogério Sampaio em 01 de julho de 2010.

em Parnamirim, na grande Natal esteve mais vinculado aos combates de vale-tudo e ás atividades de defesa pessoal nas academias militares. Oriundo do Ceará Biuce talvez tenha sido aluno de Pedro Hementério que é oriundo do jiu-jítsu brasileiro. Em seu depoimento Biuce declara ter sido aluno de Mitsuyo Maeda, entre 1938 e 1941, data do falecimento de Conde Koma e posteriormente de Yassuishi Ono em São Paulo. Possivelmente seja o último aluno vivo de Conde Koma. Esteve em Campina Grande na Paraíba onde foi professor de Ivan Gomes, o Leão do Nordeste, um famoso campeão de vale-tudo das décadas de 60/70. Somente na década de setenta a federação de judô é organizada sob a tutela de Carlos Alberto de Castro Barreto. Professor Barreto teve a sua formação de judô no Rio de Janeiro, com o sensei Yoshimasa Nagashima, um dos genearcas do judô Brasileiro, cuja origem no Japão pode ter sido a Kodokan.

No Piauí o início do judô também está vinculado a instrutores de jiu-jitsu brasileiro que, oriundos do Ceará, migraram para o judô, fundando a Federação Piauiense de Judô. A família do professor Denis, atual presidente da federação veio de Fortaleza, onde havia aprendido jiu-jitsu brasileiro. No estado do Sergipe também a organização inicial foi de praticantes de jiu-jitsu. No Ceará, a passagem de Carlos Gracie nos anos 40 foi o ponto de partida e lá foram formados muitos professores que se espraiaram pelo Nordeste, de onde alguns, vieram a migrar para o judô.

Um dos principais responsáveis pelo judô do Rio Grande do Sul, sensei Loanzi, cujo nome é Aloíso Bandeira Nogueira de Mello, também é oriundo da Paraíba, onde possivelmente aprendeu jiu-jitsu. Os professores que entrevistei foram unânimes em afirmar que Loanzi era do jiu-jitsu e não ensinava técnicas de projeção. O contato com a Budokan de Ryuzo Ogawa foi o vínculo de passagem e transformação do jiu-jitsu para judô no Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Norte esta passagem possivelmente ocorreu com o retorno de Barreto a sua terra, Natal, após ter aprendido judô com Nagashima no Rio de janeiro. No Piauí esta transição ocorreu quando ex-alunos de jiu-jitsu brasileiro oriundos do Ceará, migraram para o judô, que lhes pareceu uma prática mais organizada e com apelo competitivo institucionalizado. Algo semelhante deve ter ocorrido com o judô de Pernambuco, Maranhão e com outros estados da Região Nordeste.

A forte influência dos imigrantes japoneses em algumas regiões, notadamente em São Paulo e norte do Paraná, proporcionaram um grande e precoce desenvolvimento do judô nestas regiões. As grandes migrações internas e formação de colônias de japoneses em outras regiões do país, foram fundamentais para o crescimento

do número de praticantes e o desenvolvimento do judô nas demais regiões. Muitos locais iniciaram a prática do judô somente após a segunda guerra, quase sempre coincidindo com a chegada dos primeiros japoneses. Isso provocou um desenvolvimento tardio do judô em muitas regiões e também influenciou o tipo de judô praticado no país. O primeiro resultado internacional obtidos por um atleta, com origem fora de São Paulo, ocorreu somente em 1999, o último ano do século passado[61]. A partir de então, os resultados de atletas de outros estados da federação, tem conseguido resultados tão importantes quanto os de São Paulo.

[61] Sebástian Pereira conquistou a medalha de bronze no Campeonato Mundial de Birmingham.

4. ANÁLISE DOS ACHADOS E TRIANGULAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Os dados deste estudo estão descritos em quatro sub-capítulos que foram elaborados a partir da análise de cinco diferentes conteúdos retirados das entrevistas: 4.1. Origens, idade e motivações para o ingresso no judô; 4.2. Professores e dojos formadores x Professores treinadores e dojos patrocinadores; 4.3 A imigração japonesa, o judô brasileiro e seus genearcas; 4.4. Uma genealogia do judô brasileiro.

Analisei e comparei as informações obtidas nas entrevistas com os colaboradores sobre um tema comum, triangulando-as com as encontradas nos documentos revisados. Os procedimentos metodológicos estabelecidos permitiram atingir os objetivos propostos e, além disso, armazenar um número expressivo de dados que poderão ser explorados em outros estudos. O último capítulo da tese, de número cinco (5), sintetetiza os aspectos que considero mais importante deste estudo e apresenta às limitações e perspectivas futuras deste estudo. Este capítulo final, têm ainda como objetivo, estimular outros pesquisadores a dar continuidade a este tipo de metodologia, aumentando o número de colaboradores, de forma a estudar outros personagens ou modificar a comunidade de destino.

4.1. Origem, idade e motivações para o ingresso no judô

A palavra motivação possibilita uma série de interpretações especialmente no ramo da psicologia, entretanto, este estudo se deteve em abordar alguns dados específicos como: idade de início, quando e por que os atletas medalhistas iniciaram no judô, quem o levou e quais os motivos o levaram a continuar treinando e, em que momento estes indivíduos se transformaram em atletas com o objetivo principal de alta performance.

Dos vinte e três atletas medalhistas que entrevistei, apenas três são nikkeis, sendo que um deles é japonês naturalizado. Todos estes estão ou estiveram vinculados ao judô de São Paulo e suas medalhas, em um total de quatro (04), foram conquistadas no século passado, entre 1971 e 1997. Ambos tiveram a sua formação e treinamento com professores japoneses ou descendentes. O mais jovem, Fúlvio Miyata, foi o primeiro que teve um dos seus treinadores que não era nikkei. Entre os quinze atletas homens restantes (não nikkeis) a primeira geração foi formada quase que exclusivamente em São Paulo. Oito deles conquistaram quatorze (14) das trinta e uma

(31) medalhas do total masculino até o ano 2000. Entre estes atletas, apenas um, o professor Sebástian Pereira, foi formado e treinava no judô do Rio de Janeiro, até o momento que ganhou a sua medalha em 1999. Esta situação parece mudar com a entrada do século vinte e um. Dentre os sete atletas restantes do sexo masculino, que foram os responsáveis pelas conquistas a partir do ano 2000, apenas três são oriundos do judô de São Paulo[62]. Outros dois são do Rio de Janeiro[63], um formado em Brasília e radicado em Minas Gerais e o outro é formado e radicado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Somadas todas as conquistas do judô brasileiro em ambos os sexos a partir de 2001, atletas formados ou em treinamento em outros estados, que não o estado de São Paulo, foram responsáveis por quatorze medalhas (14), enquanto os atletas de São Paulo, no mesmo período conquistaram apenas oito (08), quatro delas pelo mesmo atleta[64]. O judô brasileiro de competição parece ter se desenvolvido também fora do estado de São Paulo, não só na formação mas também no treinamento dos atletas de alto rendimento. Os resultados dos dois últimos campeonatos mundiais demonstram que atletas do nordeste e dos sul do país podem conseguir resultados expressivos em nível internacional. Da mesma forma, a composição das seleções nacionais dos últimos anos aponta na mesma direção. A hegemonia do judô brasileiro parece ter sido quebrada. Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Teresina também formam e treinam os atletas que representam o Brasil em eventos internacionais. Embora o Rio de Janeiro sempre estivesse presente com seus atletas desde o Campeonato Mundial de 1958 em Tóquio, os demais estados, quando muito, formavam atletas de base que eram exportados e passavam a treinar e representar agremiações do eixo Rio-São Paulo. Esta hegemonia foi definitivamente quebrada, e hoje, o Minas Tênis Clube de Belo Horizonte e a Sogipa de Porto Alegre também são importadores de atletas de outras origens. No caso do judô feminino esta situação é bastante evidenciada.

As mulheres conquistaram a sua primeira medalha em 1995, com a Santista Danielle Zangrando. Das nove medalhas femininas, sete delas foram conquistadas após a passagem de século. A partir dos Jogos Olímpicos de Pequím - 2008, quando o Brasil conquistou a primeira medalha feminina, contra duas medalhas entre os homens, tanto

[62] Mario Sabino Júnior, Bronze no Mundial de 2003; Leandro Grilheiro, Bronze nos Jogos Olímpicos de Atenas e Pequím e Prata no Mundial de Tóquio 2010 e ainda Bronze em Paris 2011 e, Leandro Cunha, Prata nos Mundiais de Tóquio-2010 e Paris 2011.

[63] Flávio Canto, Bronze nos Jogos Olímpicos de Atenas e João Gabriel Schlittler, Bronze no Mundial de 2007 no Rio de Janeiro.

[64] Leandro Guilheiro parece ser o grande atleta brasileiro dos último dois ciclos olímpicos, somente sendo superado em número de medalhas por Aurélio Miguel com cinco medalhas conquistadas entre 1987-1997.

no Campeonato Mundial de 2010, em Tóquio, quanto no Campeonato Mundial de 2011, em Paris, as atletas conquistaram tantas ou mais medalhas do que os homens[65]. Em 2011 em Paris as mulheres conquistaram dois bronzes e uma prata na competição individual e os homens apenas uma prata e um bronze. Entretanto na competição por equipes os homens foram vice-campeões, chegando a final contra a França enquanto as mulheres foram eliminadas pelas anfitriãs, justamente na primeira rodada da competição por equipe. A França venceu também no feminino. Ocorreu um crescimento do judô feminino brasileiro nas últimas décadas, em especial se comparamos com o judô masculino. Outra características do judô feminino é com relação a origem das atletas. Apenas Danielle Zangrando, a primeira medalhista é formada no judô de São Paulo, mais especificamente em Santos. Além dela outras cinco atletas fazem parte deste grupo de medalhistas, uma é gaúcha e segue radicada em Porto Alegre; uma é piauiense e segue treinando em Teresina; a terceira e medalhista olímpica, compete por Minas Gerais mas, teve sua formação no judô do Distrito Federal, em Taguatinga; uma delas é carioca e treina no Rio de Janeiro e uma das atletas é Paraibana, onde começou na prática do judô, porém se transferiu para São Paulo onde conquistou os seus melhores resultados. As seis atletas brasileiras com melhores resultados internacionais tiveram a sua formação no judô em seis diferentes estados brasileiros e, três delas, permanecem no seu dojo de orígem.[66]

A idade de início dos atletas variou dos 4 aos 15 anos, porém vinte e um dos vinte três atletas entrevistados ingressaram muito jovens, antes dos 10 anos de idade. A maior parte deles nem sequer estava alfabetizada (15 dos 23), ou ingressou no ano em que estavam se alfabetizando. Apenas Flávio Canto e Edinanci Silva iniciaram no judô com mais de 10 anos, Flávio aos 13 e Edinanci aos 15 para dezesseis anos. Ele já tinha experiência esportiva na natação, onde havia competido muitas vezes, sem resultados expressivos. Ela não tevê oportunidade anteriores de participar de práticas esportivas, antes do ingresso no judô. Os dois casos podem ser considerados exceções a regra de início que é: iniciar precocemente, antes dos sete anos, na maioria dos casos e sob

[65] No Campeonato Mundial de 2010, realizado em Tóquio o Brasil conquistou medalhas com Leandro Guilheiro e Leandro Cunha no gênero masculino e Sarah Menezes e Mayra Aguiar no feminino, repetindo o resultado no Campeonato Mundial de 2011 em Paris com os mesmos atletas.

[66] Danielle Zangrando é de Santos-SP, Edinanci Silva de Campina Grande-PB, Ketleyn Quadros de Taguatinga –DF, Mayra Aguiar de Porto Alegre-RS, Sarah Menezes de Teresina-PI e a última medalhista, resultado conquistado em Paris- 2011, Rafaela Silva, é do Rio de Janeiro-RJ; sendo que as três últimas permanecem em seus dojos de orígem.

influência da família, pais ou irmãos. A seguir a idade de início e o ano em que os vinte e três medalhistas que entrevistei iniciaram no judô.

Tabela 3. Idade de início e ano de ingresso no judô

Idade	**Meninos**	**Meninas**	**Ano**
4	Douglas Vieira		1964
	Rogério Sampaio		1972
	Sebástian Pereira		1980
	Luciano Correa		1986
5	Aurélio Miguel		1969
		Danielle Zangrando	1984
	Henrique Guimarães		1977
	Mário Sabino		1977
	Leandro Guilheiro		1988
6	Walter Carmona		1963
	Fúlvio Miyata		1983
	João Derly		1988
		Mayra Aguiar	1997
	João Gabriel		1991
	Leandro Cunha		1986
7	Tiago Camilo		1988
8	Carlos Honorato		1983
		Ketleyn Quadros	1995
9		Sarah Menezes	1998
10	Chiaki Ishii		1951
	Luiz Onmura		1970
13	Flávio Canto		1989
15		Edinanci Silva	1991

A tabela acima mostra que quatro atletas iniciaram aos quatro anos, cinco atletas aos cinco anos e seis atletas aos seis anos, coincidentemente. Tiago Camilo ingressou aos sete anos e outros dois atletas começaram aos oito anos. Sarah Menezes iniciou aos nove anos. Aos dez anos ocorreu a iniciação de dois atletas e apenas dois ingressaram na adolescência, aos treze e quinze anos respectivamente.

A idade precoce de início indica que os pais foram a grande influência para o ingresso no judô. Muitos deles ingressaram no judô em atividades extra-curriculares na suas escolas e outros para acompanhar os irmãos mais velhos que já haviam iniciado na prática do judô. Apenas os mais velhos fizeram realmente a opção de entrar para o judô, na maior parte dos casos que estudamos o ingresso de deu por influência dos pais ou para acompanhar os irmãos ou amigos. O início da geração dos seus professores também parece ter ocorrido de forma semelhante, porém, de uma forma geral as primeiras gerações de praticantes iniciavam um pouco mais velhos.

Uma interessante constatação surgiu com relação aos atletas que tem irmãos. A grande maioria dos atletas ingressou na prática com os irmãos e, via de regra, os mais velhos iniciaram antes e os mais moços acompanham os mais velhos, acabando por serem aceitos na atividade. Os irmãos mais velhos, ou os que ingressaram antes no judô, ainda que tenham se destacado na modalidade e, inclusive integrado a seleção brasileira, não conseguiram o mesmo destaque e nem os resultados competitivos que os levassem a integrar essa colônia de atletas medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. Esse é o caso dos irmãos de Chiaki Ishii, Aurélio Fernandez Miguel, Luiz Yoshio Onmura, Sebástian Pereira, Rogério Sampaio, Danielle Zangrando, Tiago Camilo, João Gabriel Schlittler, Leandro Cunha e Mayra Aguiar (11/15). Fora desta regra se encontram Carlos Honorato, que também tem um irmão, e que chegou a Seleção Brasileira; Mário Sabino, Douglas Vieira, Flávio Canto e Edinanci Silva que têm irmãos ou irmãs mais moços que também treinaram judô. João Derly, outro que não se enquadra nesta situação, tem duas irmãs que não treinaram judô. Carlão Miguel, Nelson Onmura, Ricardo Sampaio e Francisco Camilo, irmãos mais velhos de Aurélio Miguel, Luiz Onmura, Rogério Sampaio e Tiago Camilo também chegaram a Seleção Brasileira, porém não alcançaram os mesmos resultados dos mais moços. Este foi um achado casual deste estudo que deve ser melhor avaliado em próximas investigações. Oito dos medalhistas são filhos únicos, como é o caso de Walter Carmona, Henrique Guimarães, Leandro Guilheiro, Ketleyn Quadros e Sarah Menezes.

Ao analisarmos a história de vida dos vinte e três atletas e de muitos dos seus professores também encontramos situação semelhante. O ingresso no judô teve, no caso de todos eles, uma forte influência da família, em especial dos pais dos atletas. Os irmãos mais moços, ou os que entraram mais tarde para a prática do judô, são os que atingiram os melhores resultados. Embora não tenha encontrado uma explicação para esta curiosidade, isto parece ocorrer também em outras modalidades, como está sendo

observado em um estudo do Grupo de Estudos Olímpicos da USP que está investigando as histórias de vida de todos os atletas brasileiros que participaram de pelo menos uma edição dos Jogos Olímpicos. Para a população de judocas deste estudo isto ocorreu com grande freqüência. A partir desta constatação verifiquei que o mesmo ocorreu com muitos dos professores que entrevistei, tanto o ingresso 'em família', quanto atingir resultados destacados como representar o Brasil em Jogos Olímpicos ou ser campeão nacional. A probabilidade é que os melhores resultados sejam quase sempre atingidos pelo irmão mais moço. O que indica que os professores devem ter a atenção redobrada aos irmãos mais moços dos seus atletas que se interessem por praticar. É possível que venham a se destacar mais do que os que ingressaram antes.

Pode-se observar que o ingresso se deu em grande parte por interesse dos pais dos alunos que buscavam no judô, além de uma prática esportiva, um complemento a educação dos filhos. Em muitos casos o ingresso também foi motivado por indicação médica. As práticas esportivas são frequentemente recomendadas por médicos e outros profissionais da área da saúde. No caso dos atletas que fizeram parte desta investigação, os principais motivos para o ingresso no judô, alegados pelos pais, foram: asma, obesidade, fragilidade física, comportamento agressivo, timidez ou hiper-atividade**.** Poucos foram os casos em que as próprias crianças teriam demonstrado interesse na prática do judô e/ou que tenham sido indicados por possuir habilidades especiais que de alguma forma previssem que seriam futuros campeões. Flávio Canto foi uma das exceções, pois aos treze anos já sabia o que queria. Influenciado pelo irmão que já praticava, com o então treinador da seleção brasileira Geraldo Bernardes, ingressou com o objetivo integrar a seleção brasileira e ser campeão, a exemplo de Aurélio Miguel. Mesmo assim Flávio ingressou primeiro na natação por indicação médica, para tratar de asma. Mário Sabino e Edinanci Silva receberam indicação médica pois eram muito franzinos e com problemas de coordenação motora. A família de Edinanci inclusive se mudou de Souza, para Campina Grande, onde havia mais recursos e onde ele iniciou no SESC de Campina Grande. Para quem pode observar a carreira e a condição atlética de ambos, parece difícil acreditar que tenham tido tal deficiência na infância ou adolescência. Sebástian Pereira entrou por indicação de seu pediatra em função da hiper-atividade, Honorato e seu irmão para não ficarem na rua "arrumando confusões", conforme me relatou Carlos[67]. João Gabriel Schlittler ingressou para acompanhar o

[67] Carlos Honorato – Informação pessoal em entrevista concedida em São Caetano do Sul em abril de 2010.

irmão mais velho que já praticava judô no Flamengo. Ao que parece o judô cumpriu a sua função, pois todos, sem exceção, tornaram-se atletas fortes e saudáveis. Danielle Zangrando e Leandro Guilheiro referem terem solicitado às mães que queriam ingressar no judô. Danielle porque observava seu irmão mais velho praticar na academia e Leandro após uma experiência agradável no judô na escola, onde se destacou. Seu primeiro professor, graduado em Educação Física não portava a faixa preta, mas suas aulas serviram de estímulo para que Leandro procurasse a academia que lhe projetou no mundo do esporte. Outro dois que se destacaram precocemente foram, Tiago Camilo e João Derly, este último em uma atividade de judô escolar na Escola Estadual Rio Branco, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Com relação ao ingresso e a descoberta das habilidades natas, nenhum dos atletas que fazem parte deste estudo fizeram parte de algum programa governamental de descoberta de talentos**.** No caso do judô os projetos neste sentido parecem ter sido pouco eficazes. As únicas referências que os atletas fizeram com relação a projetos governamentais foi a sua participação em jogos escolares de nível regional e nacional. Duas das atletas referiram ter feito parte do programa bolsa atleta e que este sim, teria auxiliado a sua permanência em treinamento sistemático.

Os programas do governo federal de detecção de talentos esportivos não parecem ter dado nenhuma contribuição para esta modalidade. Da mesma forma as avaliações e investigações da Rede CENESP não são citadas por nenhum dos atletas ou treinadores. Depreende-se que, pelo menos na opinião de atletas e treinadores, estes programas são pouco importantes nas suas carreiras e desempenhos esportivos. Por outro lado os programas de incentivo ao esporte escolar, como a oportunidade de participar dos Jogos Escolares Brasileiros, em suas diversas versões, são citados espontaneamente como aspectos positivos na formação esportiva destes atletas. As duas atletas que receberam o bolsa atleta, Ketleyn Quadros e Sarah Menezes, relataram que fizeram parte deste programa e que isto as auxiliou na carreira. Possivelmente este programa só tenha alcançando os resultados esperados no último ciclo, já que Ketleyn foi medalhista nos Jogos Olímpicos de 2008 e Sarah nos dois últimos campeonatos mundiais, 2010 e 2011. Este último campeonato mundial está ocorrendo no momento que escrevo este texto.

Embora os resultados deste estudo não possam ser extrapolados para outras modalidades seria interessante investigar se estes programas de incentivo ao esporte de alto rendimento estão atingindo seus objetivos nas demais modalidades.

O Projeto Futuro, que é uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, incentiva diversas modalidades esportivas e tevê influência definitiva na carreira de vários atletas de judô. Este parece ser um dos únicos programas que influenciaram fortemente a carreira de muitos dos atletas que fizeram parte deste estudo. Este projeto promove o desenvolvimento do talento esportivo dos atletas que já se encontram dentro do sistema esportivo e não a descoberta deles. A seleção para o projeto é feita entre atletas que já demonstram alguma habilidade ou resultados e por uma avaliação anual ao encargo dos responsáveis. Além do judô o projeto apóia outras modalidades como o atletismo e a natação. A oportunidade para ingressar no judô, parece ter sido mais importante que qualquer detecção de talentos. Todos os atletas que se destacaram na história do judô brasileiro, ingressaram no judô por que essa prática era oferecida na escola, no clube ou em uma academia especializada, e, lhes foi oportunizado o ingresso.

O ingresso no judô ocorreu por ser próximo a sua residência, por indicação médica, ou de outros profissionais da área da saúde, ou ainda, pela necessidade da mãe de deixar o aluno em atividade para desfrutar de um tempo livre. A sociedade brasileira atribui à prática do judô, entre outras virtudes, a melhora de crises de asma, ao tratamento da obesidade infantil, de fraqueza ou fragilidade física de crianças e adolescentes, de alterações comportamentais como timidez, falta de limites, agressividade excessiva e, ainda acredita que, a prática promove o auto-controle.

A iniciação ocorreu, a maior parte das vezes, em academias de bairro. Algumas vezes ocorreu em atividades escolares, outras, nos projetos esportivos da rede SESI/SESC. Apenas cinco atletas iniciaram em clubes esportivos, entretanto, esta parece ser uma tendência recente no judô brasileiro. Destaca-se aqui a rede SESI/SESC que oferece em todo o Brasil atividades esportivas orientadas e a baixo custo ou gratuitamente. Muitos dos atletas que entrevistei bem como alguns dos professores iniciaram no judô ou ministraram aulas de judô nos dojos do SESI e/ou do SESC. Da mesma forma o oferecimento da modalidade em atividades curriculares ou extra-curriculares nas escolas foram algumas das portas de entrada na prática dos indivíduos desta colônia.

Tabela 4. Local e motivos para o ingresso

Idade	**Atletas**	**Motivo**	**Local**
10	Chiaki Ishii	Acompanhar os irmãos na academia do avô.	Academia
10	Luiz Onmura	Levado pelos pais.	Academia
6	Walter Carmona	Acompanhar um amigo.	Academia
4	Douglas Vieira	Levado pelo pai (era o Sensei).	Academia
5	Aurélio Miguel	Levado pelos pais por recomendação médica	Clube
4	Rogério Sampaio	Por indicação do pediatra + irmão.	Academia
5	Danielle Zangrando	Acompanhando o irmão mais velho.	Academia
5	Henrique Guimarães	Levado pela mãe para, para auxiliar na disciplina (por recomendação de um tio judoca).	Clube
15	Edinanci Silva	Recomendada pela terapeuta para tratar labirintite e problemas de coordenação motora (debilidade física).	SESC de Campina Grande
4	Sebástian Pereira	Levado pela mãe por recomendação do pediatra, para melhora comportamental (aprendizado de regras-disciplina).	Academia em Nova Iguaçu
8	Carlos Honorato	Levado pelos pais, para sair das ruas e melhorar o comportamento (disciplina).	Academia
7	Tiago Camilo	Levado pelo pai para acompanhar o irmão. Judô era a melhor opção da cidade (motivação educacional)	Academia
13	Flávio Canto	Inspirado no Aurélio Miguel e para acompanhar o irmão que já treinava (o começo na Natação foi para tratar a Asma).	Clube

Idade	**Atletas**	**Motivo**	**Local**
5	Leandro Guilheiro	Atividades curriculares da escola.	Escola
4	Luciano Correa	Levado pela mãe que ia para aulas de ginástica e o deixava para passar o tempo**.**	Academia Ivanez DF
6	João Derly	Na escola influenciado pelos resultados de Aurélio Miguel.	Escola
6	João G. Schlittler	Levado pelos pais para acompanhar o irmão mais velho, mas gostava mais do basquete.	Clube
8	Ketleyn Quadros	Indicada pelo professor de Educação Física, foi levada pela mãe para fazer natação e depois optou pelo judô.	SESI de Ceilândia
9	Sarah Menezes	Na escola na aula de educação física.	SESC de Teresina
6	Leandro Cunha	Influência dos pais e seguindo os irmãos mais velhos, contra a vontade.	Academia
6	Mayra Aguiar	Influência dos pais /acompanhar a irmã mais velha.	Escola

Como pode ser observado, a família foi decisiva para o ingresso no judô e os motivos principais foram: as possibilidades educacionais do método Kano e não o interesse em formar campeões. Alguns destes atletas não tinham interesse em iniciar na prática do judô, só o fizeram por pressão dos pais. O gosto pela prática surgiu após os primeiros resultados competitivos, em alguns casos. Outros atletas acompanharam os irmãos ou amigos e desde o início apresentavam interesse pela prática.

Um aspecto interessante que observei durante a investigação é relativo ao tempo que cada atleta levou para alcançar o seu mais alto rendimento. Considerei o momento da conquista da primeira medalha em Jogos Olímpicos e ou campeonatos mundiais como o momento da sua melhor performance. A diferença entre o momento do ingresso na prática do judô e o momento da sua melhor performance pode ser considerado o tempo necessário para atingir a maturidade de seu judô. Entretanto este tempo também pode ser determinado, ou influenciado pelas oportunidades que lhes foram oferecidas. Isto ocorreu no caso de três dos atletas que investiguei. Chiaki Ishii que não conseguiu a vaga na equipe japonesa em 1964 e acabou disputando o mundial de 1971 e os Jogos Olímpicos de 1972 pelo Brasil; Mário Sabino Júnior que esteve à sombra de Aurélio Miguel, que disputou três ciclos olímpicos e conseguiu sua vaga para os Jogos de Sidnei, justamente vencendo Aurélio e Leandro Cunha que por muitos anos perdeu a vaga na Seleção para João Derly, Bi-Campeão Mundial em 2005 e 2007.

Tabela 5. Tempo de treino necessário para chegar ao melhor rendimento

Atletas Masculino	**Início**	**Medalhas**	**Tempo**	**Idade**
Chiaki Ishii	1951	1971/72	20 anos	30-31 anos
Walter Carmona	1966	1979/84	16 anos	22-27 anos
Douglas Vieira	1964	1984	20 anos	24anos
Luiz Onmura	1970	1984	14 anos	24 anos
Aurélio Miguel	1969	1987/88/93/96/97	18 anos	23-33 anos
Rogério Sampaio	1972	1992/93	20 anos	25-26 anos
Henrique Guimarães	1977	1996	19 anos	24 anos
Fúlvio Miyata	1983	1997	14 anos	20 anos
Sebástian Pereira	1980	1999	19 anos	23 anos
Carlos Honorato	1983	2000/03	17 anos	24-27 anos
Tiago Camilo	1988	2000/07/08	12/19-20	18-26 anos
Mario Sabino Jr.	1977	2003	26 anos	30 anos
Flávio Canto	1989	2004	15 anos	29 anos
Leandro Guilheiro	1988	2004/2008/10/11	16 anos	22-28 anos
Luciano Correa	1986	2005/07	19 anos	22-24 anos
João Derly	1988	2005/07	17 anos	24-26 anos
João Gabriel Schlittler	1991	2007	16 anos	22 anos
Leandro Cunha	1986	2010/11	24 anos	29-30 anos

Os tempos médios de treino e idade das mulheres, ao conquistarem as suas medalhas, é inferior a dos homens.

Tabela 6. Tempo de treino para as mulheres chegarem ao alto rendimento

Atletas Feminino	**Início**	**Medalha**	**Tempo**	**Idade**
Danielle Zangrando	1984	1995	11 anos	16 anos
Edinanci Silva	1991	1997/03	6-12 anos	21/27 anos
Ketleyn Quadros	1995	2008	13 anos	20 anos
Mayra Aguiar	1997	2010/11	13 anos	20/21 anos
Sarah Menezes	1998	2010/11	12 anos	20/21 anos

A idade que os atletas brasileiros alcançaram seus melhores resultados parece ser muito próxima, de forma a indicar que projetos de preparação a longo prazo deveriam levar este aspecto em consideração. Os atletas do sexo masculino atingiram estes resultados entre os 22 e 25 anos, na maioria das vezes. Dos 18 medalhistas do sexo masculino 12 conquistaram a sua primeira medalha neste período. Um estudo do Comitê Olímpico do Vietnam, conduzido por Ly Thanh, e apresentado na Sessão para diretores das Academias Olímpicas Nacionais, em Olímpia, em 2005, aponta para idades semelhantes em atletas de judô medalhistas em Jogos Olímpicos. Ly encontrou em média 24,8 anos para os homens e 24,6 para as mulheres. É interessante verificar que se consideramos apenas os brasileiros Campeões Olímpicos e Campeões Mundiais[68], as idades das conquistas são entre 24 e 26 anos. (THANH, L., 2005)

Dentre todos os atletas do sexo masculino, excetuando-se dois deles[69] (refiro-me a Mário Sabino e Leandro Cunha) o tempo de preparação oscilou entre 14 e 20 anos de treino. A média de tempo foi de cerca de 18 anos de treino. As exceções a esta regra para mais, ficaram por conta dos resultados de Mário Sabino e Leandro Cunha. Em ambos os casos considerei que isso ocorreu por conta da dificuldade que tiveram de conquistar a sua vaga na seleção, devido aos resultados de dois dos mais destacados atletas brasileiros da história, Aurélio Miguel e João Derly. Tiago Camilo foi outra exceção para menos, por ter conquistado a sua primeira medalha olímpica aos

[68] O Brasil possui apenas cinco atletas que foram, ou Campeões Olímpicos, ou Campeões Mundiais: Aurélio Miguel (aos 24 anos); Rogério Sampaio (aos 25 anos); Tiago Camilo (aos 25 anos); João Derly (aos 24 e 26 anos) e Luciano Correia (aos 24 anos).

[69] Mário Sabino Júnior e Leandro Cunha substituíram respectivamente Aurélio Miguel que representou o Brasil em três ciclos olímpicos –1988-1992-1996; e João Derly Nunes Jr, que foi Bi-campeão mundial em 2005-07.

dezoito anos em Sydney-2000. Tiago foi um atleta precoce nos seus resultados, porém as suas outras duas conquistas ocorreram dentro o período médio que observamos.

Encontrei uma diferença entre os gêneros. Isto ocorreu tanto relacionado à idade de obtenção do resultado quanto relativa ao tempo de treino necessário para atingir estas performances. Seis das oito medalhas conquistadas pelas atletas ocorreram entre 20 e 21 anos de idade. O resultado de Danielle Zangrando, medalhista de mundial aos 16 anos, foi certamente uma exceção. Na minha opinião, sua melhor performance foi durante os Jogos Olímpicos de Atenas -2004, quando estava com vinte e cinco anos de idade e chegou as semi-finais da competição. Compartilham dessa mesma opinião, entre outros, Rogério Sampaio e Ivo Nascimento, seus treinadores na ocasião e que estiveram presentes ao evento. Infelizmente um erro de arbitragem, ao nosso juízo, não permitiu que chegasse a medalha. Edinanci Silva conquistou a sua primeira medalha aos vinte e um anos de idade, Bronze no Campeonato Mundial de 1997, porém seu tempo de treino foi bem inferior a das outras meninas, naquela época, ela tinha cerca de sete anos de treino. Embora o número de atletas analisadas seja pequeno, trata-se da totalidade de medalhistas brasileiras e os dados têm um mesmo padrão. O tempo de treino para o gênero feminino é bem menor. Enquanto para os homens este tempo oscilou entre 14 e 20 anos as mulheres chegam aos seus melhores resultados entre 6 e 13 anos de treino. Das oito medalhas conquistadas pelas mulheres, sete foram conquistadas entre 11 e 13 anos de treino e a maioria dos homens levou entre 14 e 20 anos e para ganhar as suas medalhas.

Tendo em vista os dados apresentados acima pode-se inferir que no Brasil as mulheres devem treinar judô entre 11-13 anos para serem medalhistas em campeonatos mundiais ou Jogos Olímpicos enquanto os homens necessitam mais tempo, entre 14 e 20 anos de treino. Outros estudos com esse enfoque específico devem ser produzidos a fim de esclarecer estes aspectos com maior precisão.

4.2. Professores e dojos formadores X Professores treinadores e dojos patrocinadores

A escolha da História Oral de Vida Híbrida como método exigiu e, simultaneamente, possibilitou-me visitar dojos de todo o país[70], verificando "in loco" onde atuam esses atletas e professores. Nem todos os colaboradores estão vinculados ao judô na atualidade, por isso também visitei os mais diversos locais possíveis no

[70] Segue anexo listagem dos dojos e locais de competição onde foram realizadas as entrevistas.

cumprimento do cronograma. Entre os locais inusitados, posso citar a Linha de Tiro da Academia de Polícia Militar de São Paulo, a Câmara de Vereadores de São Paulo, a Academia de Polícia Militar de Natal, no Rio Grande do Norte, a Fábrica de Kimonos Nagashima, também em Natal, e uma praça em São José dos Campos, no estado de São Paulo. Clubes e academias foram os lugares mais visitados e destas visitas surgiu mais um dado interessante, já citado anteriormente: muitos atletas ingressaram no judô graças aos projetos de iniciação esportiva da rede SESC/SESI, presentes em diversas cidades brasileiras. Da mesma forma, diversos professores-formadores atuaram nessa rede em algum momento da sua carreira. Por exemplo, visitei o SESI de Cubatão, São Paulo, o SESC de Campina Grande, na Paraíba, o SESC de Taguatinga, no Distrito Federal, o SESC de Teresina, no Piauí e o SESC de Bauru, no estado de São Paulo.

Antes de descrever as Árvores Genealógicas Judoísticas dos nossos atletas, cabe salientar alguns aspectos que surgiram no decorrer desse percurso.

Nos últimos quatro anos, visitei os locais atuais de treino de toda a colônia formada por atletas e/ou os locais onde os atletas iniciaram a prática do judô. Ao longo de noventa entrevistas, mais de 20.000 km rodados, e uma extensa pesquisa em fontes históricas diversas, encontrei alguns pontos em comum nos depoimentos. Ocorre que, assim como os atletas, seus professores também tiveram pelo menos duas influências: um professor-formador e outro treinador. Desta forma, optei por entrevistar prioritariamente os professores-formadores da Colônia de Professores, tendo em vista que estes achados aumentaram significativamente o número de colaboradores a serem entrevistados e se multiplicaram os locais onde esses professores se encontram na atualidade.

A grande maioria dos atletas informou ter diversas influências em sua formação, e, embora essa informação possa ser considerada como padrão, inclusive se considerarmos a realidade de outras modalidades esportivas, pode-se afirmar que no judô brasileiro a maioria dos atletas têm um professor-formador e outro professor-treinador.

Além destas duas influências básicas, as experiências internacionais desses atletas foram determinantes para o seu sucesso como competidores. Outro ângulo desta descoberta é que os professores de judô que entrevistamos apresentam características diferentes no que diz respeito às suas habilidades e competências. Alguns apresentam um perfil mais adequado para formar atletas e outros demonstram maior competência para lapidar a carreira dos judocas, facilitando a sua chegada ao alto rendimento. Isto

não significa que esses profissionais não tenham aptidão para a outra função, mas sim que, possivelmente, não priorizaram ou não tiveram as oportunidades que lhes levassem a atingir esses objetivos.

Com relação ao conhecimento ou às impressões da comunidade judoística brasileira, em geral os professores-treinadores são mais reconhecidos, possivelmente porque a mídia tem maior interesse em cobrir os momentos de vitórias e resultados importantes e associa esses momentos aos treinadores presentes.

Dos vinte e três atletas da colônia, apenas dois permanecem com o mesmo professor da iniciação até o seu melhor resultado, mesmo nestes casos, é possível inferir que os professores desses atletas mudaram o seu perfil para acompanhá-los. O fato é que, exceto por esses dois professores, ambos profissionais de educação-física, todos os nossos colaboradores da colônia de professores, ou participaram na formação dos atletas, ou os estavam treinando no momento da conquista de suas medalhas. Esta observação me levou a outra constatação: os locais de formação, em geral, são distintos daqueles onde os atletas alcançaram as suas melhores performances. Novamente observamos duas exceções: um clube do Rio Grande do Sul, a SOGIPA, e outro do Piauí, SESC de Teresina, que participa do desporto comunitário com o nome de Expedito Falcão. Ambos formaram e mantêm até a presente data seus atletas medalhistas. Esse é o caso dos atletas João Derly, bi-campeão mundial em 2005 e 2007 na categoria -66 kg, da SOGIPA, e da atleta do Piauí, Sarah Menezes, terceira colocada no Mundial de 2010, realizado em Tóquio, na categoria -48kg e Vice-Campeã no Mundial de Paris em 2011. Os professores aos quais me referi são Antônio Carlos Pereira, Treinador da Sogipa, de Porto Alegre, e Expedito Falcão, do SESC de Teresina. Ambos acompanharam seus principais atletas, transformando-se de professores-formadores em professores-treinadores. Finalmente os dois professores têm outro aspecto em comum: nos locais onde foram formados não havia uma colônia japonesa forte. Os estados do Nordeste e o Rio Grande do Sul não receberam um grande número de imigrantes japoneses. No caso do Rio grande do Sul, a colônia japonesa surgiu na década de 60. Ainda assim o judô foi introduzido na colônia japonesa por um professor brasileiro, oriundo de São Paulo, sensei Manoel Aparecido Lacerda.

Outro caso atípico dessa colônia é o caso do sensei Chiaki Ishii, que teve sua formação na academia do seu pai e do seu avô, no Japão, antes de imigrar para o Brasil. Aqui não se pode dizer que sofreu muitas influências, pois ao chegar ao Brasil seu nível competitivo era notoriamente superior, se comparado aos atletas formados no

país. Seu treinamento no Brasil não parece ter sido determinante para a conquista da primeira medalha brasileira em campeonatos mundiais, a terceira colocação em Ludwigshafen, em 1971, e o bronze, nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972.

Adotei as informações dos atletas como base para as conclusões aqui apresentadas; assim, foram os atletas que definiram quais foram as suas maiores influências. Em algumas situações as versões dos atletas não coincidem exatamente com as informações de outros indivíduos: professores-formadores, professores-treinadores e outros atletas contemporâneos. Em alguns casos, dentro da colônia de atletas, entrevistamos adversários ou colegas de treino. Muitos deles sucederam seus colegas na categoria que inúmeras vezes serviram de espelho ou modelo de atuação.

As vitórias e os ensinamentos de Chiaki Ishii serviram de referencial para toda uma geração. Entre outros, o sensei Uichiro Umakakeba cita Ishii como uma influência fundamental na sua formação como treinador, ao passo que Walter Carmona teve em Ishii uma de suas maiores referências enquanto atleta. Outra geração aproveitou, da mesma forma, a primeira medalha de Ouro conquistada por um atleta brasileiro: Aurélio Miguel, em Seul-1988. Suas conquistas serviram como modelo para muitos atletas. Alguns afirmam que o seu ingresso na prática do judô deveu-se em parte à conquista de Aurélio. Neste rol, encontram-se atletas de grande destaque no cenário nacional e internacional, como Flávio Canto e João Derly, depoimentos que registrei nas respectivas entrevistas. Muitos outros praticantes seguiram o mesmo exemplo, observando não só os resultados obtidos pelo atleta, como também as suas atitudes em treinos e a sua liderança no meio. Aurélio é citado também por Rogério Sampaio, Leandro Guilheiro e Carlos Honorato.

A primeira geração de atletas brasileiros teve como destaques, entre outros, Goro Saito, Roberto David, Hikari Kurachi, Massayoshi Kawakami, Akira Yamamoto e Luiz Alberto Mendonça, os últimos três tendo representado o Brasil no II Campeonato Mundial em Tóquio, 1958. Lhofei Shiozawa que foi o primeiro representante brasileiro em Jogos Olímpicos[71], em 1964 dividia as atenções com Chiaki Ishii, o primeiro brasileiro a conquistar medalhas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos[72]. Estes

[71] O Brasil poderia ter dois representantes nestes jogos, pois além de Shiozawa, Tadao Nagai da Budokan, havia conseguido a classificação no pré-olímpico, porém por uma decisão do Comitê Olímpico Brasileiro apenas um atleta representou o Brasil e a escolha recaiu em Shiozawa que havia vencido os Jogos Pan-americanos de 1963 em São Paulo.

[72] Os destaques citados revelam as opiniões dos entrevistados que conviveram com estes atletas como, Chiaki Ishii, Fumiu Tani, Akira Yamamoto, Mateus Sugizaki, Rudolf Hermany, Roberto Moretti, Tadao Nagai, Dante Kanayama e os irmãos Hitoshi e Hatiro Ogawa e não a opinião do autor.

foram alguns dos grandes exemplos, desta fase do judô nacional. Entre os Jogos Olímpicos de Tóquio (1964) e Munique (1972) o melhor resultado brasileiro foi a medalha de Ouro de Mateus Sugizaki no Campeonato Mundial Universitário de 1968 realizado em Portugal. Neste mesmo evento o Brasil participou de mais uma final onde obteve a medalha de prata com Liogi Suzuki, do Paraná. Dentre os atletas que entrevistamos, especialmente pelos resultados que conquistou no Campeonato Mundial de 1971 e em 1972 nos Jogos de Munique, Chiaki Ishii foi o grande espelho. Neste período Ishii parecia invencível no país e, superior a quase todos os brasileiros natos. Mesmo entre os atletas da geração seguinte que representaram o Brasil nos Jogos de Montreal (1976) e Moscou (1980), Ishii era bem superior e temido por seu O-soto-gari. Segundo Ishii, ao chegar ao Brasil encontrou fortes competidores como, Lhofei Shiozawa, Milton Lovato, Goro Saito e Kawakami. (Chiaki Ishii, 2010- Informação pessoal; Roberto Moretti, 2009 -informação pessoal; Mateus Suguizaki, 2010 – informação pessoal; Akira Yamamoto, 2011 –informação pessoal; Liogi Suzuki, 2011 – informação pessoal; Walter Carmona, 2011 –informação pessoal[73]; VIRGÍLIO, 2002)

Até então os resultados brasileiros foram obtidos predominantemente por atletas de origem japonesa, além de Ishii, naturalizado. No final da década de 80 e início dos anos 90, Aurélio Miguel e Rogério Sampaio, os únicos campeões olímpicos até hoje, assumiram este papel de liderança e exemplo de dedicação ao judô, dentro e fora dos tatames.

A atual geração de campeões também segue esse mesmo padrão: se espelha nas gerações anteriores e nos atletas mais antigos, com quem convive e pode observar atuando. Em função da qualidade técnica, experiência e atitudes, hoje este papel de liderança parece estar dividido entre alguns dos atletas de alto nível, notadamente Tiago Camilo, Leandro Guilheiro e Flávio Canto.

A formação dos atletas ocorreu em dojos de vários locais do país, porém com algumas características semelhantes. Os dados que registrei apontam para dois tipos de locais de treino. O primeiro tipo denominei de Dojo formador (D.Fo) e o segundo, Dojo-patrocinador (D.Pa); desta forma pode-se diferenciar os locais onde os atletas foram formados dos locais onde estavam vinculados quando conquistaram suas medalhas.

[73] Entrevistas realizadas durante a investigação: Chiaki Ishii em São Paulo, 01/12/2010; Roberto Moretti, em Mogi das Cruzes, 21/04/2009; Mateus Sugizaki em Botucatu, 08/08/2010; Akira Yamamoto, em São Paulo, 29/06/2011; Liogi Suzuki, em Londrina 05/09/2011 e Walter Carmona, em São Paulo, 28/06/2011.

Além da Árvore genealógica judoística dos Atletas, foi elaborada uma outra, contendo os locais onde foram formados mais de um atleta, Dojos-Formadores, e ainda outra dos locais onde estão ou estiveram vinculados mais de dois atletas no momento da conquista de medalhas, Dojos-Patrocinadores. Utilizando este critério, construí três árvores de clubes/academias dentro da categoria D.Fo e cinco na categoria D.Pa. Na primeira categoria encontram-se a Associação de Judô Vila Sônia, em São Paulo (03 atletas formados), a Associação de Judô Paulo Duarte, em Santos (03 atletas formados) e a Associação de Judô Hirakawa, em São José dos Campos (02 atletas formados). Todos os locais formaram, pelo menos, dois atletas da colônia que investigamos. Entre as características comuns destes e dos outros locais de formação, estão: áreas de treino relativamente pequenas, pouca ou nenhuma estrutura auxiliar para preparação física e falta de equipes multidisciplinares de trabalho. O professor, normalmente, assume todos os papéis.

Outro ponto comum a destacar é a atuação carismática dos responsáveis-técnicos e o enfoque educacional, baseado em padrões éticos rigorosos, no respeito, na hierarquia (sistema Korai/Sempai) e comprometimento com os principais conceitos estabelecidos por Kano. Nos locais que visitei e tive a oportunidade de treinar, classificados como dojos formadores, encontrei um ambiente que segue padrões de disciplina e respeito tipicamente japoneses. Possivelmente, na atualidade, até mesmo no Japão seja raro encontrar um dojo onde não se aceite treinar com um judogui colorido, como encontrei na Vila Sônia. Aos 86 anos, sensei Massao segue ministrando aulas para iniciantes e, sozinho, ministra o treino com habilidade e primando pela observação da técnica, utilizando o vocabulário japonês em quase todos os comandos e exigindo a manutenção dos costumes tradicionais. Vale lembrar que sensei Massao nasceu no Brasil e aqui aprendeu o judô. Em 1940, criou a Associação de Judô Vila Sônia, um dojo-formador de grandes campeões, e segue com a sua liderança, embora conte com o auxílio de outros professores. Comparando os treinamentos da Vila Sônia com o de universidades japonesas na década de 80, como a Kokushikan Daigaku onde treinei; podemos considerar que, em certos aspectos, a disciplina, a tradição e os costumes japoneses são mais evidentes aqui.

Em São José dos Campos, sensei Hirakawa momentaneamente ministra aulas em um colégio, pois a sua academia estava em reformas quando lá estive, em julho de 2009. Na ocasião estive acompanhado por meu filho, Rodrigo Nunes que atuou como cinegrafista. O grupo de alunos também demonstrava muita disciplina e foram

utilizados muitos comandos no idioma japonês, perfeitamente entendidos pelos alunos. Curiosamente quando entrevistei o sensei Hirakawa pela primeira vez, apenas um de seus atletas havia conquistado uma medalha em campeonatos mundiais: Fúlvio Miyata, em Paris, 1997. No ano de 2010, no Campeonato Mundial de Tóquio, Leandro Cunha, mais uma de seus alunos destaque, conquistou o vice-campeonato. Este ano (2011) em Paris, Leandro repetiu a façanha e, sagrou-se Vice-Campeão Mundial pela segunda vez consecutiva. Nesta segunda visita novamente observei os cuidados com a disciplina e a utilização do vocabulário em japonês pelos alunos. Os nikkeis não estão mais em maioria, muito pelo contrário, não devem ser mais do que 20% dos alunos, ainda assim é um judô em estilo japonês.

Walter Carmona foi formado por Dante Kanayama, que mantém até hoje seu dojo em funcionamento, no bairro Santo Amaro na capital paulista. A Associação Kanayama existe a quarenta e quatro anos e Walter foi da sua primeira turma de alunos. Kanayama iniciou no judô com Matsuo Ogawa, filho de Ryuzo que segundo Dante era conhecido com Ni-San. Lá ficou por pouco tempo, transferindo-se para a academia de Hikari Kurachi, portanto sempre esteve vinculado a Budokan. Além de professor sensei Dante tem uma destacada carreira na arbitragem nacional. Contribui até hoje na formação dos árbitros da Federação Paulista de Judô. Dois dos seus filhos seguiram o caminho do pai e são graduados no judô. Um deles é professor na própria academia e o outro seguiu outro caminho profissional. Enio foi o que obteve melhores resultados competitivos, inclusive integrando a seleção brasileira por um período. Este se transferiu para o Esporte Clube Pinheiros, na fase áurea de sua carreira. Como outros dojos formadores, a Academia Kanayama, não mantém seus alunos quando estes atingem seus melhores desempenhos competitivos. A sabedoria e opção consciente do sensei Dante não impediu, e não impede, o desenvolvimento dos seus atletas, encaminhando-os para os locais onde poderão atingir melhores resultados. O dojo é adequado para a iniciação com uma área de aproximadamente 50-60 tatames, cujo piso é coberto com lona encerada amarela. Com relação à Academia Kanayama, encontrei o mesmo tipo de ambiente: disciplina tradicional, um pouco menos rigorosa que na Vila Sônia, turmas mistas e com faixas etárias diversas em um mesmo treino. Da mesma forma que em outros dojos formadores, o depoimento do sensei Kanayama indica que o seu principal objetivo é desenvolver o judô para contribuir para a formação global de seus alunos. Os aspectos competitivos do judô não são esquecidos, porém não são a base dos ensinamentos na Associação de Judô kanayama.

Santos é o local onde surgiram três dos medalhistas que estudei, Rogério Sampaio, Danielle Zangrando e Leandro Guilheiro. Todos eles são oriundos da Associação de Judô Paulo Duarte. Paulo é nascido no Rio de Janeiro, porém a família se mudou para Brasília em 1960, chegando lá em 21 de abril, a data da inauguração da Capital Federal. O aprendizado em judô de Paulo Duarte foi em Brasília, na Academia Julio Adnet. Aos dezoito anos, Paulo Duarte mudou-se para Santos, onde começou a sua carreira de professor de judô. Antes disso já atuava como auxiliar de Julio Adnet. Na década de setenta abriu a sua própria academia, a Associação de Judô Paulo Duarte. Em 1992 Paulo se mudou para Santa Izabel onde montou outro dojo. A Associação Paulo Duarte ficou sob a responsabilidade de Rogério Sampaio e Ivo Nascimento, sendo que este último já trabalhava com Paulo Duarte. O projeto de judô atual de Paulo Duarte está sendo desenvolvido no SESI de Cubatão. Lá encontrei um treinamento intenso e com objetivos competitivos, sem se descuidar dos aspectos disciplinares, do respeito aos superiores e dos aspectos técnicos do judô tradicional. A relação afetiva entre os alunos e o professor é grande. Neste espaço, a área a as condições de treino são superiores e com mais estrutura para se desenvolver um trabalho voltado para o alto rendimento.

Os resultados obtidos pelo Brasil em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais apontam como destaque os professores formadores: Massao Shinohara e Luis Junite Shinohara da Vila Sônia; Paulo Roberto Duarte de Almeida de Santos, hoje em Cubatão e o professor Orlando Sator Hirakawa, de São José dos Campos. Os dois primeiros formaram seis dos vinte e três atletas medalhistas estudados e Hirakawa formou dois [74]deles. Somados os resultados destes atletas chegam a quinze (15) das trinta e sete (37) medalhas que o Brasil conquistou na sua história, até o Campeonato Mundial de 2010 em Tóquio. Além dos atletas investigados estes professores formaram várias gerações de grandes campeões que não fizeram parte desta investigação. Outros professores formadores tiveram destaque em diversos momentos da história do judô brasileiro, porém o delineamento deste estudo foi definido por investigar os atletas brasileiros que obtiveram medalhas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

A segunda categoria de entidades que estabelecemos, D.Pa, é composta por Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte; Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo; Associação Desportiva São Caetano, em São Caetano do Sul, a Universidade Gama

[74] Da Vila Sônia de Shinohara saíram Luiz Onmura, Aurélio Miguel e Carlos Honorato; da Associação Paulo Duarte, surgiram Rogério Sampaio, Danielle Zangrando e Leandro Guilheiro e da Associação Hirakawa vieram Fúlvio Miyata e Leandro Cunha.

Filho do Rio de Janeiro e a SOGIPA, de Porto Alegre. Em comum, estes locais participaram da formação e/ou treinamento de, pelo menos, dois atletas da colônia. Os cinco locais são tipicamente entidades que oferecem, ou ofereciam, melhores condições para o treinamento de seus atletas, se comparados com os demais clubes formadores. O suporte financeiro e a estrutura, permitiam que eles se profissionalizassem e assim conseguissem arcar com as despesas de viagem e treinamentos no Brasil e no exterior.

A SOGIPA tem três atletas medalhistas, mas apenas um formado na base, João Derly. Os outros dois medalhistas Tiago Camilo e Mayra Aguiar, foram formados em outros locais e vieram para o clube em busca de melhores condições de treinamento e apoio financeiro. Os outros quatro clubes não formaram nenhum dos atletas da colônia, porém foi representando estas instituições que conquistaram as suas medalhas. Uma característica comum a estas entidades é o tratamento profissional para com os atletas, áreas de treino grandes, tatames importados e estrutura com equipes multidisciplinares de profissionais, tais como: preparadores físicos, nutricionistas, fisioterapeutas, médicos do esporte, psicólogos etc. Estas estruturas parecem ser importantes para a conquista de medalhas em competições internacionais como Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. O formato e as condições das academias formadoras do judô brasileiro não apresentam as condições necessárias para a manutenção de atletas, quando estes chegam ao mais alto rendimento de suas carreiras.

Dentre os professores treinadores o maior destaque do judô brasileiro parece ser o professor Floriano Paulo de Almeida, por seu trabalho no Projeto Futuro em São Paulo e mais recentemente junto ao Minas Tênis Clube. O primeiro local de atuação de Floriano foi a referência de formação/treinamento de pelo menos quatro atletas medalhistas: Tiago Camilo, Fúlvio Miyata, Mário Sabino Júnior e Leandro Cunha e mais recentemente em Belo Horizonte outros dois atletas de Floriano conquistaram medalhas em campeonatos mundiais (Luciano Correa – 2005-2007) e Ketleyn Quadros, a primeira atleta feminina a conquistar uma medalha em Jogos Olímpicos, o Bronze em Beijing-2008. Além disso, o Professor Floriano tevê uma passagem como Técnico da Equipe Feminina da Seleção Brasileira de Judô, de 2001 a 2007. Os professores/ treinadores, diferentemente dos professore/formadores, atuam sempre em equipes multidisciplinares e em dojos com condições de treino diferenciadas.

O Projeto Futuro hoje possui uma das maiores áreas de treino no Brasil, quatro áreas oficiais. Além disto, o projeto oferece alojamento, alimentação, assistência médica e controla o estudo dos atletas. O início do projeto, em 1986, ocorreu pelas

mãos de Walter Carmona, e contou com a presença de muitos dos grandes atletas brasileiros, Aurélio Miguel, Luiz Shinohara e Mário Tsutsui. Após assumir o comando, Floriano contou com outros auxiliares e ultimamente contava com alguns dos ex-integrantes do projeto, Elton Fleibig e Alexandre Garcia.

No ano 2000 Floriano recebeu a proposta do Minas Tênis Clube e deixou o Projeto Futuro. O atual responsável pelo projeto, juntamente com Hatiro Ogawa, é Alexandre Garcia. Garcia cuja origem é o judô do Rio Grande do Sul foi aceito por Floriano no Projeto Futuro, apesar das críticas que recebeu por ter colocado um atleta de outro estado, já que se trata de um projeto com verbas do Estado de São Paulo[75]. O projeto colocou muitos outros atletas na seleção brasileira, dentre os quais Floriano destaca, Edelmar Branco Zanol (Atlanta-1996), Alexandre katsuragi (Vice-Campeão Mundial Universitário-1998); Alexandre Lee; Denilson Lourenço (Atlanta 1996-Sydney-2000); Yasuhiro Sogabe de São José dos Campos; Carlos Bortole de São José dos Campos (Jogos Pan-Americanos de Mar Del Plata-1995); Marco Antônio Costa de São José dos Campos, estes dois últimos oriundos da Associação Hirakawa; Fabiano Ramos e muitos outros.

A Vila Sônia é o dojo de formação do maior número de atletas medalhistas (Am) do Brasil. Neste local foram formados três destacados atletas: Luiz Onmura, Aurélio Miguel e Carlos Honorato, além disso estes atletas conquistaram oito (08) das trinta e sete (38) medalhas que o Brasil recebeu na modalidade em toda sua história. A Associação de Judô Paulo Duarte, em Santos formou outros três Am: Rogério Sampaio, Danielle Zangrando e Leandro Guilheiro, que por sua vez conquistaram seis (06) medalhas. Apenas Leandro segue em atividade representando o Brasil. Seu último título internacional foi no Mundial de 2010[76]. Estas duas instituições podem ser consideradas as mais importantes instituições formadoras do Brasil. Saliente-se que a Vila Sônia, além de ser a mais antiga, é a única que permanece atuante. Paulo Duarte está desenvolvendo seu trabalho no SESC de Cubatão, mas o seu trabalho em Santos tem seguimento pela atuação de dois de seus alunos: Rogério Sampaio e Ivo Nascimento. Uma informação relevante e até mesmo surpreendente para os que não militam no judô brasileiro é que Paulo Duarte iniciou o seu trabalho em Santos, vindo de Brasília, com

[75] Floriano de Almeida Paulo – informação pessoal em julho de 2010 – Belo Horizonte; Walter Carmona –informação pessoal em junho de 2011- São Paulo; Alexandre Garcia –informação pessoal em junho de 2010- São Paulo; Hatiro Ogawa –informação pessoal em 03 de dezembro de 2010.

[76] No momento da conclusão deste trabalho Leandro já havia conquistado outra medalha, desta vez no Campeonato Mundial de Paris -2011.

uma limitação importante para um jovem professor de judô. Um acidente cirúrgico lhe custou uma perna. Segundo suas próprias palavras: "devo ser o único professor de judô do mundo que formou um Campeão Olímpico sem uma perna."[77]. Esta dificuldade não parece ter obstaculizado seu desempenho no exercício das suas atividades, pois formou excelentes atletas, muitos outros além dos já citados. Para quem conviveu com sensei Paulo e presenciou a sua atuação como professor, o seu domínio de turma e a sua metodologia de ensino, são uma grata surpresa.

Faço aqui uma colocação que venho amadurecendo há cerca de vinte anos, desde a primeira vez que desfrutei do convívio com o sensei Paulo: ele costuma formar atletas cujos *tokui-waza* são, O-soto-gari[78] e Uchi-mata.[79] Para os que desconhecem as técnicas, são predominantemente de ação de pernas, justamente a sua limitação. Rogério foi campeão olímpico aplicando O-soto-gari, conforme revimos em seu apartamento em Santos, por ocasião da sua entrevista. Leandro e Danielle aplicam Uchi-mata e O-soto-gari com grande habilidade e outros mais que se destacaram com o O-soto-gari "estilo Paulo Duarte." Entre eles Marcos Alexandre Daud, ex-atleta e hoje preparador físico em Santos. Ivo Nascimento, outro aluno de Paulo, que também foi um dos professores de Leandro Guilheiro, afirmou em sua entrevista que ao mudar para a academia do sensei Paulo este insistiu em modificar o seu Tokui-waza, para O-soto-gari. Ivo, que atualmente é sócio de Rogério na Academia, foi um dos nossos colaboradores em função de sua atuação na formação de Leandro Guilheiro e no treinamento de Danielle Zangrando. Neste período, Ivo atuava como auxiliar de Paulo Duarte e é citado por Guilheiro como o seu professor na iniciação.

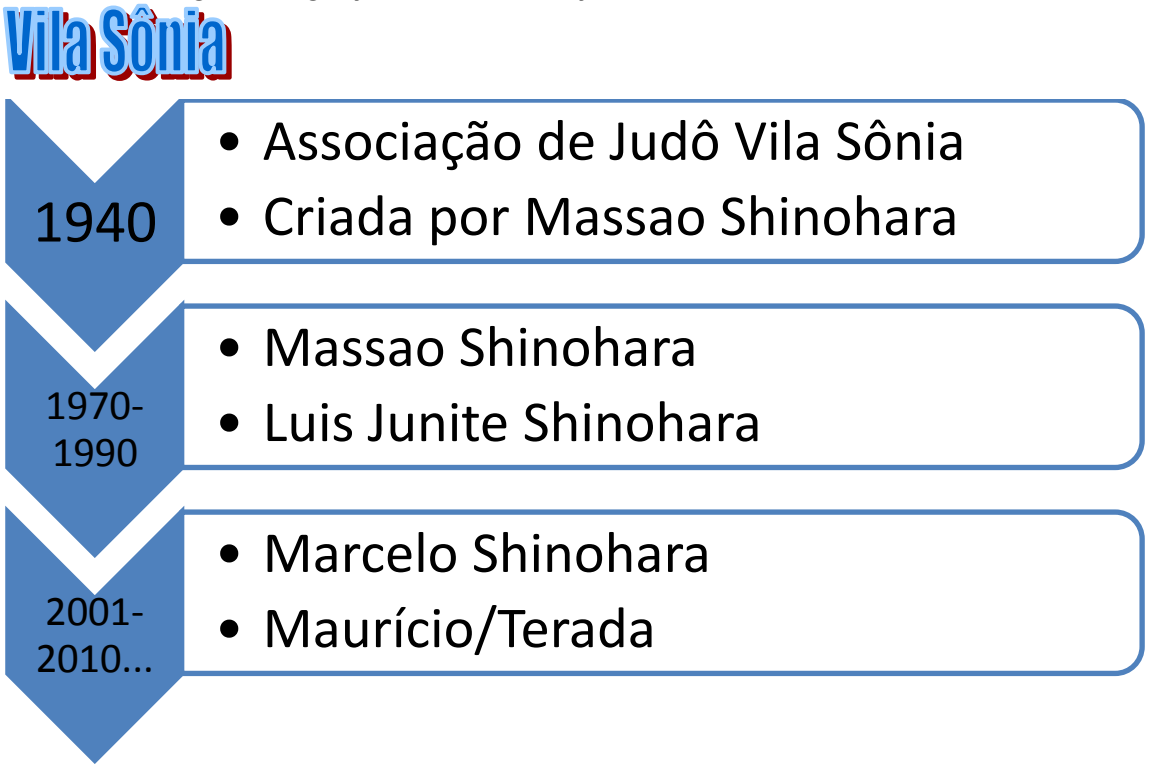
Outra constatação interessante retirada das declarações de Danielle Zangrando, umas das alunas de Paulo Duarte, é a de atribuir a qualidade técnica do seu judô: "por ser um judô tipicamente japonês," entretanto, se considerarmos a árvore genealógica judoística de Paulo Duarte, não encontraremos japoneses muito próximos. O próprio Paulo foi aluno da iniciação até a faixa-preta de Julio Adnet, em Brasília, que por sua vez, iniciou no judô com Georges Mehdi, cuja origem como lutador, possivelmente se deu na academia dos Gracie, no Rio de Janeiro. Outra hipótese é a de

[77] Paulo Duarte – informação pessoal em entrevista concedida em 30/06/2010 em Cubatão –SP.
[78] Técnica de Projeção (Nague-waza) cujo nome significa "grande-gancho-externo" e cuja característica é a utilização da perna para dar o gancho. Por esta razão é classificada pela Kodokan como Técnica de perna (Ashi-waza).
[79] Técnica de projeção (nague-waza) cujo nome significa "entre as virilhas" e cuja característica é a utilização de uma perna, que é elevada entre as pernas do adversário e provoca a queda do mesmo. Por esta razão é classificada pela Kodokan como técnica de perna (Ashi-waza).

que teria aprendido judô na França, antes de chegar ao Brasil, constituindo-se assim em um dos nossos genearcas. De qualquer forma, ainda que Mehdi tenha começado a treinar no Rio de Janeiro, onde chegou aos 16 anos de idade, posteriormente treinou no Japão com o professor Matsumoto. Esta experiência deve ter ocorrido após o Campeonato Mundial de 1965, realizado no Rio de Janeiro[80]. Ao retornar para o Rio de Janeiro com larga bagagem judoística, passou a transmitir os conhecimentos que adquiriu fora do país, por isso é um dos genearcas do judô brasileiro.

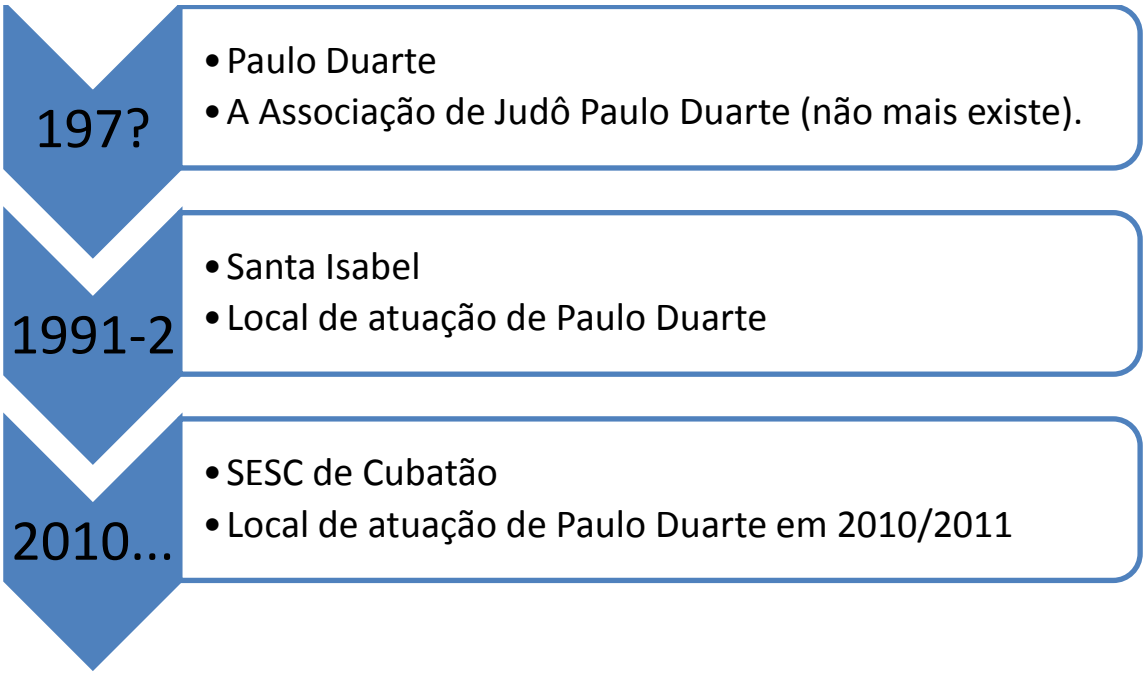
Em Santos, Rogério Sampaio mantém uma academia, Associação de Judô Rogério Sampaio, que também contribuiu para a formação de Danielle e Leandro. A academia de Rogério tem características de dojo-formador (D.Fo.) porém, ele mesmo foi formado por Paulo Duarte, assim como no início Danielle e Leandro. Essa leitura pode ser diferente pois, tanto Danielle como Leandro, seguiram vinculados com Rogério e Ivo após a saída de Paulo para Santa Isabel. Saliento que o critério para esta definição foi o local onde os atletas relataram que iniciaram no judô e, onde estavam vinculados no momento da conquista da medalha.

Figura 1. Àrvore genealógia judoística de dojos formadores



[80] Informação pessoal – Entrevista concedida por Liogi Suzuki em 05/09/2011 Londrina.

Associação de Judô Paulo Duarte



Associação de Judô Hirakawa

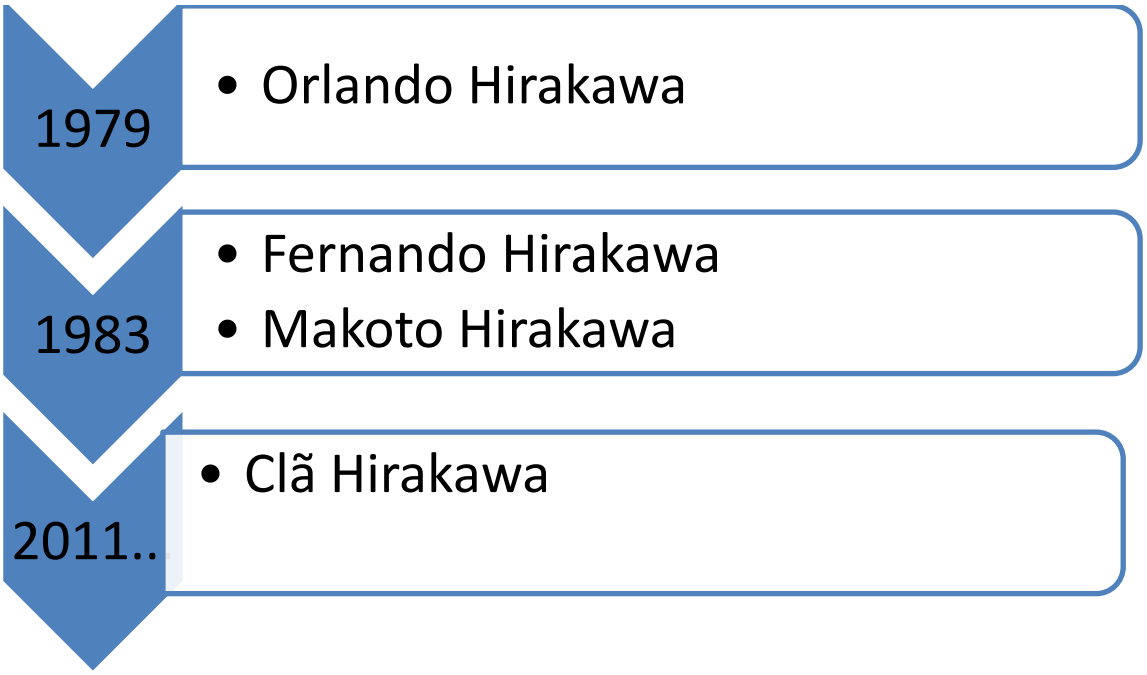


Figura 2. Árvore genealógia judoística dos dojos patrocinadores

Universidade Gama Filho

Início Dojo em Ipanema	• Artur Duarte (1964-5) Ipanema • Edmundo Novaes (Ipanema-Piedade)
Campus da Piedade	• Edson Leandro-Sansão 1971 • Geraldo Bernardes 1973
UGF encerra as atividades de judo	• Osvaldo Simões/Virgílio de Castro Moura • Alfredo Dornelles / Carlos Lapa /Andre Fonseca • 1964 - 2009

Sogipa

1967-1969	• Shungi Hinata - Flexa Ligeira 1967-1969 • Prof. Judeu??
1970-1987	• Francisco Xavier de Vargas Neto -1971?-1988 • Fernando Machado de Lemos- 1975 • Naoshige Ushijima -1981-1985
1988-1992	• Antônio Carlos Pereira/Naoshige Ushijima -1988 • Alexandre Nunes -1989-1991 • Antônio Carlos Pereira -1992-...

Associação Desportiva São Caetano do Sul

1991-2011...	• Mário Tsutsui • Bacellar (originalmente ABREV Barcelona)

4.3. A imigração japonesa, o judô brasileiro e seus genearcas

A idéia original deste estudo foi a de estabelecer uma genealogia a partir dos laços judoísticos dos atletas brasileiros medalhistas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. A elaboração de árvores genealógicas é usual em relações familiares, porém, a adaptação proposta neste estudo considerou os professores dos atletas como se fossem seus pais e assim sucessivamente. Utilizei ainda um dos achados, a existência de professores formadores (P.Fo.) e professores treinadores (P.Tre.), como se fossem os dois galhos originais da árvore individual dos atletas. Assim utilizei as figuras dos P. Fo. E P.Tre, como se fossem os pais e desta forma surgiram também irmãos de judô, que são aqueles atletas formados pelos mesmos professores.

A hipótese inicial de que os genearcas do judô brasileiro são todos imigrantes japoneses foi confirmada apenas parcialmente**.** Os genearcas que este estudo encontrou são em sua maioria imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil entre 1914 e 1968. Todos praticaram judô antes de chegar ao Brasil, tendo condições ao chegar de transmitir esses conhecimentos. Alguns isseis, como Uichiro Umakakeba e Fuyu Oide não treinaram judô no Japão antes de imigrar ou o fizeram por pouco tempo quando eram crianças, este foi o caso do sensei Oide. Nestas situações não os considerei genearcas, pois o judô que eles ensinam, ou ensinaram, foi construído aqui através de outras influências. Isto não diminui a importância do seu trabalho e do legado que deixam para o desenvolvimento do judô brasileiro.

Outro grande nome do judô brasileiro, o sensei Georges Kastridget Mehdi, chegou ao Brasil muito jovem e provavelmente com algum conhecimento de judô, porém naquele momento talvez não tivesse conhecimentos suficientes para transmitir-los. Consta que praticou judô na França, antes de imigrar para o Brasil em 1951, entretanto no período da segunda guerra mundial (SGM) é pouco provável que tenha conseguido treinar com Kawaishi, como consta no livro de Stanley Virgílio e no website da sua academia. Alguns documentos informam que Kawaishi teria lutado na SGM e, que até 1948, esteve preso na Manchuria. Ao chegar ao Brasil, em 1951, Mehdi tinha apenas dezesseis anos de idade. Depois disso, foi aluno de jiu-jítsu na academia Gracie no Rio de Janeiro, antes de abrir o seu próprio dojo em Ipanema. Após o Campeonato Mundial de 1965, esteve um período no Japão e lá treinou com excelentes professores. Ao retornar ao Brasil, possivelmente ao final da década de sessenta foi responsável pela formação de muitos professores e atletas. Como atleta participou dos

Jogos Pan-Americanos de 1963, realizado em São Paulo e de Winnipeg em 1967, após ter se naturalizado. Conquistou medalhas em ambas as competições, prata e bronze, respectivamente. No momento em que retornou do Japão, Mehdi passou a ser considerado um genearca do judô brasileiro, um dos únicos não japoneses. Outro aspecto indefinido neste estudo é a naturalidade de Mehdi, enquanto alguns informam que ele seria nascido na França, na região de Nice, outros informam que ele seria Argelino, portanto nascido na África[81]. A Argélia porém, era possessão francesa até 1962, quando passou a ser um país independente. Assim sendo, Mehdi provavelmente tivesse cidadania francesa, mesmo que tenha nascido na África, de fato. Permanece a dúvida sobre o local, onde teria iniciado na prática do judô. (VIRGÍLIO, 2002; GRACIE, 2000; SUZUKI, Liogi 2011 – informação pessoal; OZON, Edgard 2010 – informação pessoal; DUARTE, Paulo – informação pessoal)

Encontrei apenas um brasileiro, nascido no Rio Grande do Sul que aprendeu judô na Europa e retornou com a graduação de faixa marrom, o sensei João Graff Vassoux. Ele aprendeu judô em Lausanne na Suiça com o professor Valle e, provavelmente, chegou ao Brasil em condições de transmitir esses conhecimentos ainda na década de cinquenta. Nesta época ela possuía a faixa marron, como pude comprovar com o documento de graduação assinado pelo professor Valle, que seus filhos me cederam. Neste período João Graf morou no Rio de Janeiro e treinou judô na Academia do sensei Augusto Cordeiro onde recebeu a faixa preta. No início da década de sessenta (1961) montou a sua academia em Porto Alegre, onde ensinou judô por cerca de trinta anos, com o auxílio dos filhos[82].

A quase totalidade de imigrantes japoneses inicialmente ensinou judô na colônia japonesa. Alguns deles vieram ao Brasil como lutadores profissionais. Ao chegar participavam de desafios e demonstrações como forma de auferir dinheiro e também de divulgação do jiu-jitsu Kano, nome mais utilizado no início do século XX. Os prováveis pioneiros deste grupo foram Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake, que chegaram ao Brasil em 14 de novembro de 1914. Os demais vieram inicialmente para trabalhar na lavoura cafeeira e, em função das péssimas condições encontradas migraram para outras áreas, e buscaram outras formas de ganhar a vida. A participação

[81] Informação pessoal – Entrevistas concedidas por: Edgard Ozon em São Paulo 25/03/2011; Paulo Duarte, em Cubatão 30/06/2010 e Liogi Suzuki, em Londrina 05/09/2011.

[82] A Academia PortoAlegrense, fundada em 1961 foi uma das primeiras do Rio Grande do Sul a ministrar aulas de judô inicialmente e depois caratê, na década de setenta. (Informação pessoal – em entrevista concedida por João Graf Vassoux em Porto Alegre, 14 de abril de 2011).

em desafios, demonstrações e o ensino do judô, foi uma das maneiras através das quais eles se mantinham ou complementavam sua renda. Segundo o artigo de Thomas Green e Joseph Svinth, Maeda e Satake não teriam sido os primeiros professores de judô no Brasil. Este título deve pertencer a um homem chamado Miura, que teria chegado a bordo do Kasato Maru, cerca de seis anos antes da chegada de Conde Koma e sua trupe de lutadores[83].

A nomenclatura do que eles ensinavam também é motivo de controvérsia. Quando a prática se referia as lutas de vale-tudo ou defesa pessoal era chamado de jiu-jitsu ou jujutsu e quando se referiam ao ensinamento das técnicas com objetivos de formação e mais adiante de competições denominavam judô[84]. O termo jiu-jitsu Kano, era uma das denominações encontrada até a criação das federações regionais. (HANCOCK e HIGASHI, 1905)

Alguns dos professores entrevistados podem ser considerados como autodidatas, pois tiveram pouco tempo de formação com um mesmo professor e se valeram de livros e intercâmbios com outros genearcas para formar a sua própria escola ou estilo de ensinar judô. Massao Shinohara em São Paulo, Augusto de Oliveira Cordeiro no Rio de Janeiro e Uichiro Umakakeba em Bastos, são alguns exemplos. Dentre estes excepcionais professores destaco o Sensei Massao Shinohara. Nascido no Brasil e tendo praticado inicialmente kendô na colônia japonesa, iniciou por poucos dias a prática do judô, com o sensei Joji Kosakai. Este porém retornou ao Japão, para servir seu país que havia entrado na SGM, deixando o grupo sem professor. Sendo assim, Massao seguiu na liderança do grupo e foi buscar em outras fontes, como a Budokan de Ogawa ou nos ensinamentos de Yuiti Hashizume e Sobei Tani, as condições de fazer o seu grupo evoluir. Acredito que o sensei Shinohara pode ser considerado um auto-didata no judô brasileiro, embora ele mesmo afirme que evoluiu a partir dos intercâmbios com outros professores, especialmente com a Budokan de Ryuzo Ogawa, vínculo que seu dojo mantém até hoje. Outro caso que destacarei é o de Carlos Gracie, irmão mais velho dos Gracie, que criaram e difundiram seu estilo próprio de combate, denominado Brazilian jiu-jítsu ou jiu-jítsu Gracie. A única origem do Brazilian jiu-jítsu foram as aulas de Mitsuyo Maeda para Carlos Gracie. Maeda é reconhecidamente um membro da Kodokan, tendo inclusive sido graduado pós-morten pela Kodokan, entretanto é

[83] Informação pessoal recebida por mensagem eletrônica do Pesquisador Carlos Loddo de Brasília, referente ao artigo ‘The circle and the octagon: Maeda´s judô and Gracie´s Jiu-jitsu.

[84] Vinícius Ruas Ferreira da Silva - Informação pessoal em entrevista concedida na região oceânica de Niterói, em 12/11/2010.

indiscutível que a família Gracie desenvolveu um método próprio de ensino e regras específicas para competição, distintas do que hoje se utiliza no judô Kodokan. Os Gracie começaram a divulgar o seu método, antes do chamado período japonês, quando a imigração trouxe alguns dos mais destacados professores do judô brasileiro. Desta forma, representantes do jiu-jítsu Gracie, acabaram por contribuir para o início da prática do judô em diversos estados brasileiros. Da mesma forma que alguns praticantes de judô migraram para o jiu-jítsu brasileiro, nos anos 50 e 60 alguns praticantes de jiu-jitsu brasileiro aproveitando o fenômeno da esportivização migraram para o judô e foram precursores do judô em locais onde a colonização japonesa exercia menor influência na sociedade. Por este motivo Carlos Gracie será considerado como um dos genearcas do judô brasileiro, pois descendem dele alguns professores que contribuíram para a formação dos atletas brasileiros medalhistas de campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. De acordo com os critérios definidos pelo autor para este estudo, é possível interpretar que todos os descendentes de Carlos Gracie, são na verdade descendentes de Mitsuyo Maeda. Entretanto vou considerar que Carlos Gracie criou um estilo próprio, nos mesmos moldes que ocorreu no Japão antigo, onde uma escola derivava de outra.

A relação nominal de genearcas não deixa dúvidas, o surgimento e a expansão do judô no Brasil está diretamente relacionado ao processo de imigração japonesa iniciado em 1908**.** Considerando-se a ordem cronológica da conquista das medalhas, apresento a seguir a relação nominal dos genearcas do judô brasileiro que identifiquei e, de alguma forma, se relacionam direta ou indiretamente com os atletas brasileiros medalhistas em campeonatos mundiais e em Jogos Olímpicos ou com a formação de seus professores.

Tabela 7. Genearcas do judô brasileiro dos medalhistas em JO e CM

Genearca	**1ª geração**	**2ª geração**	**3ª geração**	**4ª geração**	**5ª Geração**
Chiaki Ishii	**Walter Carmona**				
Yuiti Hashizume	Hikari	Dante	**Walter**		
Ryuzo Ogawa	Kurachi	Kanayama	**Carmona**		

Genearca	**1ª geração**	**2ª geração**	**3ª geração**	**4ª geração**	**5ª Geração**
Joji Kosakai	Massao	**Luiz**			
Ryuzo Ogawa	Shinohara?	**Onmura**			
Sobei Tani					
Kenji Katsumata	Michiharu	**Luiz**			
Yoshio Kihara	Sogabe	**Onmura**			
Sakae Machi?	Fabio	Ikuo Suzuki	Silvio	**Douglas**	
	Maia?	/ Iwamoto	Vieira	**Vieira**	
Carlos Gracie	Haroldo	João	**Douglas**		
Seissetsu Fukaia	Britto	Gonçalves	**Vieira**		
Joji Kosakai /	Massao	Junite	**Aurélio**		
Ryuzo Ogawa	Shinohara?	Shinohara	**Miguel**		
Sobei Tani					
Carlos Gracie?	Georges	Julio Adnet	Paulo	**Rogério**	
	Mehdi?		Duarte	**Sampaio**	
Guento Katayama	Julio Adnet	Paulo	**Rogério**		
		Duarte	**Sampaio**		
Carlos Gracie	Hélio	George	Julio	Paulo	**Rogério**
(Mitsuyo Maeda)	Gracie	Mehdi	Adnet	Duarte	**Sampaio**
George Mehdi *	Julio Adnet	Paulo	Rogério	**Danielle**	
Ghengo Katayama		Duarte	Sampaio	**Zangrando**	
Ryuzo Ogawa	Hiroshi	Akira	**Henrique**		
	Yamamoto	Yamamoto	**Guimarães**		
Ryuzo Ogawa	Nakano	Zaqueu do	Sergio	**Henrique**	
		Nascimento	Pessoa	**Guimarães**	
Yoshio Kihara	Amadeu	Orlando	**Fúlvio**		
	Lopes	Hirakawa	**Miyata**		
Kenji Katsumata	Michiharu	Orlando	**Fúlvio**		
Yoshio Kihara	Sogabe	Hirakawa	**Miyata**		
Ryuzo Ogawa	Fuyu Oide?	Floriano	**Fúlvio**		
		Almeida	**Miyata**		

Genearca	**1ª geração**	**2ª geração**	**3ª geração**	**4ª geração**	**5ª Geração**
Mitsuyo Maeda	Osmar "Biuce"	Ivan Gomes	Roberto Fialho	**Edinanci Silva**	
Y. Kussabara	Miguel	**Edinanci**			
Yoshio Kihara	Suganuma	**Silva**			
Tosuke Sugui	Uichiro	Mário	**Edinanci**		
Chiaki Ishii	Umakakeba	Tsutsui	**Silva**		
Jiu-jitsu Rio	Theóphanes	Chuno	Cesar	**Sebástian**	
Terazaki	Mesquita	Mesquita	Romeu	**Pereira**	
Nagashima					
Yuiti Hashizume	Hikari	Shunji	Helcio	Ney	**Sebástian**
Ryuzo Ogawa	Kurachi	Hinata	Gama	Wilson	**Pereira**
Joji Kosakai*	Massao	Junite	**Carlos**		
Ogawa/Tani	Shinohara?	Shinohara	**Honorato**		
Tosuke Sugui	Uichiro	Mário	**Carlos**		
Chiaki Ishii	Umakakeba	Tsusui	**Honorato**		
Tosuke Sugui	Uichiro	Omar	**Tiago**		
Chiaki Ishii	Umakakeba		**Camilo**		
Tosuke Sugui	Uichiro	Mario	**Tiago**		
Chiaki Ishii	Umakakeba	Tsutsui	**Camilo**		
Hizume Shingo	Fuyu Oide	Floriano	**Tiago**		
Ryuzo Ogawa		Almeida	**Camilo**		
Ryuzo Ogawa	Tadao Nagai	Michio Harada	Artêmio Caetano	**Mário Sabino**	
Carlos Gracie (Mitsuyo Maeda)	George Gracie	Haroldo Britto	João Gonçalves	Floriano Almeida	**Mário Sabino**
Tosuke Sugui	Uichiro Umakakeba	Mario	**Mário**		
Chiaki Ishii		Tsutsui	**Sabino**		
Yuiti Hashizume / Nukaria?	Hikari Kurachi	José Medeiros	Ivo Nascimento	**Leandro Guilheiro**	
Georges Mehdi	Julio Adnet	Paulo	Rogério	**Leandro**	
Ghengo Katayama		Duarte	Sampaio	**Guilheiro**	

Genearca	**1ª geração**	**2ª geração**	**3ª geração**	**4ª geração**	**5ª Geração**
Yoshimaza	Teóphanes	Geraldo	**Flávio**		
Nagashima	Mesquita	Bernardes	**Canto**		
Carlos Gracie	?	Paulo	**Flávio**		
(Mitsuyo Maeda)		Caruzo	**Canto**		
Carlos Gracie	George	Haroldo	Leopoldo	**Flávio**	
(Mitsuyo Maeda)	Gracie	Britto	De Lucca	**Canto**	
Yoshimasa	Theóphanes	Geraldo	Alfredo	Andre	**Flávio**
Nagashima	Mesquita	Bernardes	Dornelles	Fonseca	**Canto**
Jiu-jítsu Brasileiro	Loanzi	Bira	Matias	Kiko	**João**
Ryuzo Ogawa					**Derly**
João Graf Vassoux	Justino	Francisco	Kiko	**João**	
	Viana	Vargas		**Derly**	
Teroyuki Endo	Takeshi	Ivanez	**Luciano**		
	Miura		**Correa**		
Teroyuki Endo		Michio	Takeshi		
		Ninomya	Miura		
	Manoel				
	Lacerda				
Yassuishi Ono	Luiz	Manoel	Takeshi	Ivanez	**Luciano**
	Tambucci	Lacerda	Miura		**Correa**
Jiu-jítsu brasileiro /	Augusto	Rudolf	Valquenares	**João**	
Ryuzo Ogawa	Cordeiro	Hermany	de Oliveira	**Gabriel**	
Nagashima	Theóphanes	Geraldo	Alfredo	Andre	**João**
Augusto Cordeiro*	Mesquita	Bernardes	Dornelles	Fonseca	**Gabriel**
Yassuishi Ono	Luiz	Manoel	Takeshi	Heder da	**Ketleyn**
	Tambucci	Lacerda	Miura	Silva	**Quadros**
?	Romariz	José	Robert	**Ketleyn**	
		Marcelo	Marques	**Quadros**	
Wakamatsu	Fuyu Oide?	Floriano	**Ketleyn**		
Ryuzo Ogawa		Almeida	**Quadros**		

Genearca	**1ª geração**	**2ª geração**	**3ª geração**	**4ª geração**	**5ª geração**
K. Katsumata / Yoshio Kihara	Michiharu Sogabe	Orlando Hirakawa	**Leandro Cunha**		
Ryuzo Ogawa	Fuyu Oide?	Floriano Almeida	**Leandro Cunha**		
Yassuishi Ono	Luiz Tambucci	Manoel Lacerda	Mauro Oliveira	**Leandro Cunha**	
Wakamatsu Ryuzo Ogawa	⇨	Fuyu Oide	⇨	Floriano de Almeida	
Carlos Gracie Seissetsu Fukaia	G. Gracie ⇨	H. Britto ⇨	João Gonçalves		
Jiu-jitsu Ceará	Queiroz	Daniz Queiroz	Expedito Falcão	**Sarah Menezes**	
Jiu-jítsu brasileiro	Luiz	Fernando	Cid	**Mayra**	
Teruo Obata	Escandiel	Lemos	Borges	**Aguiar**	
Yassuishi Ono	Luiz Tambucci	Manoel Lacerda			
Takeo Yano	Irineu Bazacas	Celso Palma	⇨	Antonio Carlos	**João Derly**
Teruo Obata	Naoshige Ushijima	⇨	⇨	“Kiko” Pereira	
Jiu-jitsu/Ogawa João Graf Vassoux	Loanzi Justino Viana	Bira Francisco Vargas	Matias ⇨		**Mayra Aguiar**

*Cada um dos medalhistas aparece pelo menos duas vezes, sendo que a primeira apresenta a genealogia do seu professor formador e a segunda a do(s) seu(s) professor(es) treinador(es).

A tabela acima apresenta na primeira coluna, em vermelho, os nomes dos genearcas e nas colunas subseqüentes os seus alunos, que formaram algum dos atletas que são o principal objetivo deste estudo. O último nome de cada linha corresponde ao atleta medalhista e por este motivo, seu nome está destacado em negrito.

A seguir apresento uma segunda tabela de genearcas que complementa este estudo onde analiso a ascendência dos campeões mundiais universitários, Mateus Sugizaki, Osvaldo Simões e Rogério Cherobin e os atuais responsáveis técnicos da Seleção Brasileira de Judô, Ney Wilson Pereria da Silva, Coordenador Técnico, Luiz Junite Shinohara e Rosicleia Campos, respectivamente técnicos da seleção masculina e feminina. Todos foram entrevistados.

Tabela 8. Genearcas do judô brasileiro dos CM Universitários e dos treinadores da seleção

Genearca	**1ª geração**	**2ª geração**	**3ª geração**	**4ª geração**	**5ª geração**
Sueo Inoue	Mata	**Mateus**			
Kihara	Sugizaki*	**Sugizaki**			
Yoshida	⇨		**Osvaldo**		
Sobei Tani		Lhofei	**Simões**		
		Shiozawa			
?		Kenjiro		**Rogério**	
		Hironaka		**Cherobin**	
		Makoto			
		Yamanousi			
Carlos Gracie	Hélio	Gentil	Ney		
	Gracie	Almeida	Mecking		
	Gastão	Campos			
	Gracie				
Yuiti Hashizume	Hikari	Shunji	Helcio	**Ney**	
	Kurachi	Hinata	Gama	**Wilson**	
Ryuzo Ogawa	Augusto	Rudolf		**Pereria da**	
	Cordeiro	Hermany	⇨	**Silva**	
Carlos Gracie	Haroldo	Jorge			
	Britto	França			
		De Lucca			
Joji Kosakai	Massao	Shuhei	**Luiz**		
Ryuzo Ogawa	Shinohara?	Okano	**Shinohara**		
Yassuishi Ono	Takeshi	⇨	**Rosicleia**		
	Ueda		**Campos**		

Embora estes ilustres professores e atletas não façam parte da colônia de atletas que foi estabelecida na metodologia deste estudo, optei por completar a lista de genearcas de onde eles descendem judoisticamente. O professor Mateus Sugizaki que obteve o primeiro título de campeão mundial entre os brasileiros, o fez em 1968, momento em que o judô não fazia parte do programa olímpico. Assim sendo, aquela competição universitária deve ter sido o evento internacional mais importante da época. Daí a importância do excelente resultado que a equipe brasileira obteve com a conquista de uma medalha de ouro, com Mateus Sugizaki, uma de prata com Liogi Suzuki e outra de bronze com Haruo Nishimura.

A primeira linha das duas tabelas, após o nome do genearca, apresenta a geração judoística da cada um dos atletas. Os imigrantes japoneses que chegaram a partir de 1908, hoje se encontram na quinta geração (go-sei), da mesma forma, o judô brasileiro também está na sua quinta geração de professores.

Analisando a primeira coluna pode-se observar a lista de genearcas que identifiquei. Todos eles chegaram ao Brasil com conhecimentos suficientes para transmiti-los. A hipótese que formulei de que os genearcas seriam japoneses, não se confirmou na totalidade. Entretanto dos vinte e um nomes que identifiquei, dezoito são japoneses[85], um é francês, ou argelino, sensei Georges Mehdi, um é português, sensei Augusto Cordeiro e apenas um é brasileiro, o gaúcho João Graf Vassoux.

Os japoneses chegaram ao Brasil em momentos muitos diferentes do desenvolvimento do judô e da história do país. Os pioneiros tiveram a sua importância na formação da primeira geração do judô brasileiro, embora no início o judô fosse praticado predominantemente por descendentes. Os *gaigoku jin*[86] nem sempre eram bem vindos aos treinamentos.

A história do judô se divide em duas eras distintas, conforme a Federação Internacional de Judô (IJF). A primeira fase seria da fundação da Kodokan até os anos 50 e a segunda fase inicia após a SGM. Na primeira fase a IJF propõe uma subdivisão, que vai da consolidação do judô no Japão até a primeira guerra mundial (PGM) e a seguir o período entre os dois confrontos. (INTERNACIONAL Judo Federation a,

[85] A lista de Genearcas Japoneses ordenados do mais citado ao menos citado: Ryuzo Ogawa, Chiaki Ishii, Yassuishi Ono, Yoshio Kihara, Tosuke Sugui, Yuiti Hashizume, Yoshimasa Nagashima, Kenji Katsumata, Guengo Katayama, Seissetsu Fukaia, Mitsuyo Maeda, Takeo Yano, Teruo Obata, Yoshimitsu Kussabara, Michio Ninomiya, Sakae Machi, Tokuzo Terazaki, Teroyuki Endo e Joji Kosakai.

[86] Gaigoku jin ou Gaijin – Termo que se refere aos estrangeiros, no caso, os brasileiros sem ascendência japonesa.

2011). Esta divisão pode ser utilizada para explicar o que ocorreu no desenvolvimento do judô no Brasil.

A primeira era de desenvolvimento do judô no Brasil também possui duas fases distintas. A primeira inicia com a chegada do Kasato Maru-1908 quando chega um imigrante de nome Miura (1909) e segue com a chegada da trupe de lutadores em novembro de 1914, Maeda, Satake, Laku e Shimisu. O trabalho de Souza (2010) também se refere a Sakuzo Miura ou Sack Miura, porém afirma que ele não teria chegado a bordo do kassato Maru em 1908, e sim seria náufrago de um barco pesqueiro e teria sido salvo pelo Navio-Escola Brasileiro Benjamin Constant e chegou ao país em 1909 (Souza, 2010). Neste período não haviam instituições que organizassem a modalidade no país e o judô era praticado, muitas vezes com o nome jujutsu ou jiu-jitsu Kano e divulgado através de demonstrações e desafios. Possivelmente era praticado exclusivamente entre os imigrantes nas comunidades de japoneses. O primeiro local de treino de judô no Brasil provavelmente tenha sido no Bairro da Cachoeirinha, em Manaus, sob a tutela de Soishiro Satake. Seu trabalho teve seguimento no Clube Atlético Rio Negro também em Manaus[87]. Satake cuja origem judoística foi a Kodokan chegou com a trupe de lutadores de Maeda e participou durante muitos anos de desafios e demonstrações. Consta que teria vencido Maeda em mais de uma ocasião, entretanto, como o principal objetivo dos desafios era angariar fundos, é possível que muitos desses resultados fossem arranjados. Satake se estabeleceu em Manaus em 1916, segundo Virgílio (2002) portanto, antes do final da Primeira Guerra Mundial. Estes são os mais importantes registros que encontrei desta fase de desenvolvimento do judô brasileiro.

Segundo a IJF a chegada de Tatsuo Okoshi em 1924 é a primeira marca de organização do judô no Brasil. Esta informação parece estar equivocada, pois além de desconhecer o trabalho de Satake em sua escola no bairro da Cachoeirinha e também junto a entidades militares não faz menção ás demonstrações de Maeda que são anteriores a 1924. As aulas que Maeda ministrou em Belém foram também a origem do jiu-jítsu brasileiro e, este por sua vez, deu origem a praticantes de jiu-jítsu muito antes da SGM. Alguns deles migraram para o judô em décadas posteriores. A Satake também é creditada a introdução do beisebol na Amazônia, no Atlético Rio Negro Clube. Acredito que a criação da Ju-Kendo-Renmei, em 1933, é um marco mais importante da institucionalização do judô brasileiro. Não encontrei evidências de que o Dr. Okoshi

[87] Segundo informação pessoal do Prof. Vinícius Ruas Ferreira da Silva, que foi aluno de Satake em Manaus.

tenha ministrado aulas de judô entre 1924 e 1933. Após o trabalho de Satake e Maeda em Manaus e Belém, respectivamente, as primeiras academias organizadas surgiram somente na década de 30, em São Paulo com Ryuzo Ogawa (1936), Yassuishi Ono (1932), em Mogi das Cruzes com Katsutoshi Naito (1931). No início da década de trinta encontrei registros da prática do judô no Estado do Paraná (1935), porém isso ocorria somente entre imigrantes nas regiões de Londrina, Assaí e Uraí. Em 1937 foi criada na região uma filial da Ju-Kendo-Renmei. O principal nome do judô desta região talvez seja o de Sadai Ishihara. Seu trabalho em Assaí e redondezas aconteceu sempre dentro das associações japonesas. A presença de gaijins era rara neste período e a prática foi interrompida em 1939 em função da Segunda Guerra Mundial. (SUZUKI, 1994; SOUZA, 2010; Liogi Suzuki – Informação pessoal –Set. 2011[88])

Sob a liderança de Tatsuo Okoshi é que a Ju-kendo-Renmei iniciou a organização de eventos e competições, até o início da SGM. Entre os pioneiros encontram-se nomes como os de: Sobei Tani em São Paulo; Katsutoshi Naito em Suzano; Shojiro Higuchi, em Mogi das Cruzes e Masami Ogino, no Rio de Janeiro. Todos estes imigrantes vieram para trabalhar na lavoura cafeeira e somente anos mais tarde é que começaram a prática do judô. Isto não deve ter ocorrido antes do início dos anos 30. Até então no Brasil ocorriam apenas demonstrações e desafios com o intuito de auferir algum dinheiro ou a prática dentro da colônia japonesa. (SOUZA, 2010)

Provavelmente o trabalho de Carlos Gracie no Rio de Janeiro, a partir de 1921, foi uma das únicas possibilidades de desenvolvimento do jiu-jitsu no Brasil. O jiu-jítsu Gracie formou a primeira geração de lutadores no Brasil e a partir das viagens dos irmãos, Carlos, Gastão George e Helio, influenciaram o início do jiu-jitsu em diversos estados do país, especialmente nos locais em que a colônia japonesa não era forte. Entre 1921 e 1936 com o início da Academia de Ryuzo Ogawa em São Paulo já havia se passado quinze anos. As competições que ocorriam neste período contavam muitas vezes com atletas oriundos da escola dos Gracie e outros da colônia japonesa, especialmente de Mogi das Cruzes e Suzano, conforme me relatou o professor Roberto Moretti (Informação pessoal, 2009[89]). O próprio Helio Gracie, ícone das competições de vale-tudo da época, participava destes eventos. A influência dos Gracie se espalhou pelo país, em especial pela região Nordeste. Assim alguns dos primeiros registros de aulas de jiu-jitsu antes da SGM se devem possivelmente aos irmãos Gracie e seus alunos.

[88] Entrevista concedida em Londrina em 06 de setembro de 2011.
[89] Entrevista concedida em sua residência em Mogi das Cruzes em julho de 2009.

Notadamente em Fortaleza, no Ceará, onde Carlos viveu por vários anos, Recife, em Pernambuco, onde eram freqüentes os desafios e competições de vale-tudo, os Gracie eram a maior referência.

Os professores de jiu-jitsu e judô sempre estiveram vinculados as academias de polícia, marinha ou exército e ganhavam espaço entre os brasileiros. Isso ocorreu em parte pela fama adquirida pelos soldados japoneses que derrotaram os soldados russos nos combates de 1905. Depois disso os desafios e demonstrações em locais públicos, onde supostamente um menor derrotava um maior e mais forte aumentaram essa fama. Nas décadas de 30, 40 e 50 em especial no Rio de Janeiro e Fortaleza a família Gracie foi a grande responsável por esta forma de marketing. Entre os nomes reconhecidamente vinculados ao desenvolvimento do judô brasileiro e que também participavam destes desafios estão, Takeo Yano, Yassuishi Ono, Geo Omori, além de Maeda e Satake nas décadas anteriores.

Encontrei evidências do trabalho destes precursores na Marinha e na Brigada de Para-quedistas do Rio de Janeiro, na Polícia de Fortaleza, na Polícia de Belo Horizonte e na Academia de Polícia Militar de Natal, e também na Academia da Brigada Militar em Porto Alegre.

No período da SGM os japoneses e os demais imigrantes da região do Eixo sofreram grande discriminação e as atividades competitivas e culturais ficaram bastante prejudicadas. Após a guerra até a criação das federações a Ju-Kendo-Renmei tevê o papel mais importante na organização da modalidade. A primeira federação estadual foi constituída em fins dos anos 50, a Federação Paulista de Judô. Durante a década de sessenta surgiram outras, no Rio de Janeiro e Paraná, desmembrando-se da então Confederação Brasileira de Pugilismo. A Confederação Brasileira de Judô surgiu somente em março de 1969, antes disso as atividades de combate no Brasil eram dirigidas pela Confederação Brasileira de Pugilismo[90]. Outros estados brasileiros somente conseguiram se organizar em federações reconhecidas na década de 70. O primeiro registro de uma competição nacional de judô foi no Rio de Janeiro em 1954. Depois disso até o final da década estes eventos sempre se realizaram nas capitais onde o judô melhor se desenvolvia, 1955 em Belo Horizonte; 1956 em São Paulo; 1957 no Rio de Janeiro; 1958 em Belo Horizonte; 1959 em Porto Alegre e 1960 em Brasília.

[90] A Confederação Brasileira de Judô foi fundada em 18 de março de 1969, porém obteve o seu reconhecimento oficial somente em 22 de fevereiro de 1972.

O judô como modalidade olímpica só surgiu em 1964, enquanto o primeiro Campeonato Mundial foi realizado em Tóquio em 1956. O Brasil enviou sua primeira equipe para um campeonato mundial em 1958, quando Tóquio sediou pela segunda vez o evento. Nesta ocasião fomos representados por três atletas, Massayoshi kawakami e Akira Yamamoto da Budokan de Ryuzo Ogawa e Luiz Alberto Mendonça do Rio de Janeiro, da Academia do Prof. Augusto Cordeiro, também vinculado a Budokan. Em 1964, quando Tóquio sediou os Jogos Olímpicos, o Brasil foi representado por apenas um atleta, o professor Lhofei Shiozawa, oriundo da Academia do sensei Sobei Tani, que em São Paulo representava o grupo da Kodokan. Em 1965 o Brasil foi sede do Campeonato Mundial de Judô. A organização contou com a presença de Rudolf Hermany, um dos meus entrevistados e um dos pioneiros do judô do Rio de Janeiro. A A equipe brasileira ainda foi constituída predominantemente por descendentes de japoneses: Manabu Kurachi e Akira Ono, na categoria leve; Lhofei Shiozawa e Roberto David, na categoria médio; Georges Mehdi e Milton Lovato, na categoria pesado e Goro Saito e Haruo Nishimura no absoluto. Deste grupo apenas Georges Mehdi era vinculado ao judô do Rio de Janeiro, todos os outros eram de São Paulo. Estas primeiras oportunidades de representar o Brasil em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, ainda não trouxeram medalhas, e por este motivo não fazem parte dos objetivos deste estudo. Algumas das mais importantes escolas de judô que iniciaram as suas atividades antes da SGM, encerraram as atividades e não houve solução de continuidade através de seus alunos.

O Brasil conquistou sua primeira medalha em mundiais em 1971 e em Jogos Olímpicos em 1972 – Munique, com Chiaki Ishii. Em Munique, além de Ishii, Shiozawa participou dos jogos pela segunda vez. Somente a partir da década de setenta os atletas que representavam a Seleção Brasileira de Judô passaram a ser em sua maioria, não descendentes de japoneses[91].

Além dos nomes e fisionomias dos atletas denunciarem as suas origens, os brasileiros desta geração tinham um forte sentimento nipônico, como pode ser observado em muitas de suas falas. “Em nosso dojo eram só japoneses, brasileiro só

[91]Além dos representantes brasileiros nos Jogos Olímpicos de 1964 e 1972, já citados anteriormente (Lhofei Shiozawa e Chiaki Ishii) a equipe brasileira no Campeonato Mundial Universitário de 1968, realizado em Lisboa foi composta por: Liogi Suzuki, Mateus Sugizaki, Haruo Nishimura, Masaru Saito e Ely Sasaki, enquanto nos Jogos Pan-americanos de 1963 a equipe era formada por, Jorge Yamashita, Lhofei Shiozawa, Milton Lovato e Georges Mehdi e em 1967, Akira Ono, Takeshi Miura, Lhofei Shiozawa e Georges Mehdi e ainda no Campeonato Panamericano de Londrina-1970, Takayuki Nishida, Mateus Sugizaki, Lhofei Shiozawa, Milton Lovato e Chiaki Ishii.

tinha um...”(Informação pessoal – Fumio Tani-2011), ou “...quando cheguei encontrei muitos bons lutadores, Goro Saito, Kawakami, Shiozawa...tudo japonês né...” (Informação pessoal – Chiaki Ishii -2010). Esta geração possuía e possui uma forte identificação com os seus antepassados, cultivando até hoje os costumes e tradições do Japão. Alguns desses descendentes mesmo sem ter ido ao Japão ainda preferem se comunicar em japonês do que em português. Isto em parte ocorreu pois ao chegarem ao Brasil as condições que lhes eram oferecidas para criar os filhos e a dificuldade do idioma local levou os japoneses a se organizar em colônias e educar os seus descendentes seguindo a tradição japonesa, seus costumes, idioma etc. Eram poucos os imigrantes que chegaram ao Brasil com formação de nível superior. Entre estes privilegiados, destacou-se Sobei Tani, que ministrava aulas de japonês para a comunidade, na grande São Paulo. Devido a distância, a dificuldade de transporte as comunidades se organizavam e proviam os imigrantes e seus descendentes com aulas de língua japonesa e as práticas esportivas tradicionais, como o kendô, judô, sumô e beisebol.

Na década de oitenta um movimento migratório contrário provocou um retorno as origens de muitos descendentes e alguns japoneses natos. Os “dekasseguis” como ficaram conhecidos no Japão, voltaram às origens com os mesmos objetivos de seus antepassados; ganhar dinheiro e retornar para a sua terra natal. Durante alguns anos isso parecia possível, mas não fácil. Alguns nunca retornarão, ou ainda não retornaram, mas outros, economizaram algum dinheiro e retornaram ao Brasil. Com a chegada do século XXI, as condições econômicas e sociais dos dois países se modificaram e este fenômeno migratório diminuiu. Culturalmente os brasileiros dekassegui deixaram as suas marcas. O sentimento de brasilidade foi crescendo de geração para geração e hoje os go-sei talvez já não cultuem tão fortemente a maneira japonesa de viver.

4.4. Uma genealogia do judô brasileiro

O principal objetivo deste estudo foi o de construir a árvore genealógica judoística dos atletas brasileiros que conquistaram medalhas em Jogos Olímpicos (JO) e campeonatos mundiais (CM). Pressupõem-se que esses atletas e as suas ascendências judoísticas representam a elite do judô brasileiro. Uma árvore genealógica em seu sentido literal é a reconstrução gráfica dos ascendentes e descendentes de indivíduos de uma mesma família. Neste estudo criamos a idéia de família judoística, onde os

professores assumem a posição dos pais, assim atletas formados por um mesmo professor seriam, sob essa ótica, irmãos de judô. Esta lógica segue retrocedendo até a localização do genearca de todos os atletas estudados. Considerei como genearca o professor de judô que ao chegar no Brasil já detivesse o conhecimento de judô suficiente para ministrar aulas. Em minha hipótese, esse professor seria necessariamente um issei, imigrante japonês da primeira geração.

Verifiquei todas as participações brasileiras em JO e CM e encontrei vinte e três (23) atletas, entre eles cinco mulheres[92]. Através das informações que eles prestaram com relação às influências que tiveram em sua formação, construí uma rede de professores que se expande por todo o Brasil e até ao exterior. Infelizmente alguns dos professores que gostaria de ter entrevistado já haviam falecido.

Os medalhistas foram numerados de 01 a 23 por ordem cronológica de resultados e as suas respectivas árvores genealógicas judoísticas serão assim apresentadas:

01 Chiaki Ishii

Professor Ishii além dos títulos e do exemplo pessoal trouxe para o Brasil novas idéias com relação ao treinamento de judô de alto nível. Seu O-soto-gari era temido pelos seus adversários, mesmo após ter abandonado a carreira de atleta. Muitos dos atletas e professores desta época se espelharam em Ishii, em suas técnicas e nos seus métodos. Isto foi relatado por outros medalhistas como Carmona, Aurélio e Rogério, e ainda, por professores da estirpe de Uichiro Umakakeba e Sergio Pessoa. Seu conhecimento e exemplo pessoal influenciaram várias gerações de judocas e professores.

Chiaki Ishii foi o primeiro medalhista brasileiro em campeonatos mundiais, em 1971, sagrou-se terceiro colocado no Campeonato Mundial de Ludwishafen na categoria meio-pesado (-95 kg). No ano seguinte conquistou o bronze nos Jogos Olímpicos de Munique, 1972, ano em que o judô passou definitivamente para o Programa Olímpico. Após ter se naturalizado brasileiro, por sugestão do professor

[92] A metodologia deste estudo estabeleceu o campeonato mundial de 2010, como limite da investigação e, portanto, se encerrou antes do campeonato mundial de 2011, realizado em Paris e encerrado recentemente. Neste campeonato o Brasil conquistou outras cinco medalhas, porém apenas uma nova atleta se somou ao grupo de medalhistas, a atleta Rafaela Silva do Rio de Janeiro, medalha de prata. Os demais medalhistas foram Leandro Cunha, Prata e Leandro Grilheiro, Bronze e as atletas Mayra Aguiar, Bronze e Sarah Menezes, Bronze, todos estes também medalhistas no Campeonato Mundial de 2010, realizado em Tóquio.

Augusto Cordeiro, passou a representar o Brasil em eventos internacionais. Foi campeão paulistano, paulista, brasileiro, sul-americano e pan-americano. Naquela época os judocas brasileiros tinham o costume de treinar duas ou três vezes por semana. Ishii trouxe seu exemplo pessoal e a experiência de treinamentos mais intensos e com maior freqüência. Desta forma influenciou a geração de atletas e professores que o sucedeu.

Tendo em vista os dados anteriormente apresentados, não se justifica estabelecer uma árvore genealógica judoística do atleta, pois, de acordo com o critério estabelecido, ele é um genearca, pois chegou ao Brasil como atleta e professor formado no Japão. Ishii diplomou-se em Pedagogia pela Universidade de Waseda. Sua formação em judô foi na academia de seu pai, que aderiu à Kodokan, embora a origem marcial de sua família seja uma antiga escola de jiu-jitsu, Tenshin-shinyo-ryu. Seu pai Seikishi foi o membro da família que aderiu à Kodokan, pouco antes de Ishii imigrar, em 1964. Ao chegar ao Brasil já possuía o quarto grau (yon-dan). (Informação pessoal - 2010[93])

Ishii teve uma carreira de atleta brilhante e seus resultados mais destacados foram obtidos como brasileiro naturalizado. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio -1964, não tevê oportunidade de representar a sua terra natal, pois perdeu a vaga na seletiva japonesa para o evento. Imigrou em 1964, com vinte e dois anos e inicialmente trabalhou na escola agrícola em Presidente Prudente. Posteriormente mudou-se para São Paulo e como já possuía o 4° Dan, começou a dar aulas de judô. Segundo seu depoimento atuou como técnico do único atleta brasileiro a participar dos Jogos Olímpicos de Tóquio -1964, o professor Lhofei Shiozawa.

Sua influência no judô brasileiro se fez sentir em muitos atletas e diversos professores. Walter Carmona foi o único dos medalhistas que tevê Ishii como seu professor treinador. Entre os treinadores, Uichiro Umakakeba, de Bastos, é um dos que considera que Ishii modificou as métodos de treinar judô no Brasil. Até hoje ambos mantêm um estreito vínculo de amizade.

Chiaki Ishii segue atuando como professor de judô em sua academia em Perdizes, São Paulo. O sobrenome Ishii ainda brilhou nos tatames por intermédio de suas filhas, Tânia e Vânia, ambas integrantes da seleção brasileira por vários anos. Tânia foi a representante do Brasil, nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. Vânia foi campeã dos Jogos Pan-americanos de Winnipeg em 1999, conquistando a única

[93] Entrevista concedida em sua academia em 01 de dezembro de 2010.

medalha de ouro do Brasil naquela competição e representou o Brasil em dois ciclos olímpicos, Sidnei - 2000 e Atenas - 2004.

02 Walter Carmona

Carmona foi o primeiro nome legitimamente brasileiro a conquistar uma medalha em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. A falta de informação sobre os adversários e um sentimento de que japoneses eram invencíveis eram algumas das dificuldades da época. Os atletas brasileiros não possuiam referência e nem tradição de vencedores. Ishii nossa maior referência competitiva ajudava a cultivar o mito da invencibilidade japonesa, comum nesta época. Além disso, a falta de equipes multidisciplinares e o amadorismo vigente provavelmente contribuíram para limitar os resultados dos atletas desta geração. As cargas de treino eram mal estabelecidas e muitas vezes os treinos eram demasiado longos e sem o repouso adequado. Ainda assim Carmona participou de três ciclos olímpicos, terminando a sua participação como porta-bandeira do Brasil nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988.

Em 1979, Walter Carmona conquistou uma medalha de bronze no Campeonato Mundial de Paris. Carmona ainda repetiu o feito nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, sendo o primeiro brasileiro-nato a conquistar uma medalha em campeonatos mundiais e também em Jogos Olímpicos. Sua iniciação no judô ocorreu sob a orientação de Dante Kanayama – professor-formador – aos seis anos de idade, na academia de mesmo nome, em São Paulo. Kanayama, por sua vez, foi aluno de Hikari Kurachi, na Budokan de Ryuzo Ogawa. Sensei Kurachi foi um dos grandes nomes da Budokan e, junto com seus irmãos, um destacado competidor. Sua iniciação, entretanto, não se deu na Budokan, seu professor-formador foi Yuiti Hashizume. Segundo alguns dos entrevistados Kurachi era também praticante de jujutsu. Talvez tenha migrado para o judô sob a orientação de Ogawa. Entretanto o sensei Ryuzo Ogawa nunca esteve vinculado a Kodokan. Seu estilo de jujutsu denomina-se Kashima-tenshinyo-ryu. No momento da conquista dos seus mais expressivos títulos, Carmona treinava sob a orientação de Chiaki Ishii.

03 Luiz Yoshio Onmura

Luiz Onmura, ou Omurinha como é conhecido no meio, foi o terceiro medalhista brasileiro em Los Angeles. Conquistou o bronze na categoria leve, (-71 kg) pela regulamentação da época. Onmura já havia participado dos Jogos de Moscou -1980 e teve ainda outra oportunidade nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, porém foi derrotado por um atleta inglês que acabou sendo eliminado da competição por uso de substâncias proibidas, um dos raros casos de doping em competições de judô.

Luiz iniciou no judô aos dez anos de idade, em 1970, na Associação de Judô Vila Sônia, sob a orientação de Massao Shinohara. Eram os tempos áureos da Vila Sônia e, nessa geração, além de Luiz, surgiram outros atletas de destaque no judô nacional. Seu colega de treino e da seleção brasileira de judô em Los Angeles, Luis Junite Shinohara[94] era um deles; seu irmão mais velho Nelson Onmura, outro, os irmãos Aurélio Miguel e Carlos, também faziam parte deste seleto grupo. Muitos outros atletas também se destacaram no judô da Vila Sônia desde a sua fundação, em 1940. Por essa razão, neste estudo destacamos este local como um dos três que mais contribuíram para a formação de atletas na história do judô nacional. Na época, a participação nos Jogos Abertos do Interior de São Paulo, era uma das formas dos atletas se manterem treinando. O apoio financeiro foi um dos motivos que levaram Onmurinha a se transferir para São José dos Campos, sob a orientação do Sensei Michiharu Sogabe. Segundo Onmura a base de seu judô foi toda na Vila Sônia, mas Sogabe também colaborou na sua carreira. Hoje Onmura está afastado do judô e atua como professor na Academia de Polícia de São Paulo, como instrutor de Tiro.

Luiz fez parte desta geração que carecia de estrutura e condições de treinamento adequado para desenvolverem todo o seu potencial. Campeão desde a base foi um dos maiores talentos do judô brasileiro. Sua participação em três ciclos olímpicos atesta esta competência. Uma medalha de bronze nos Jogos de Los Angeles - 1984 foi um resultado modesto, devido ao seu grande potencial competitivo.

[94] Luis Shinohara ou Jun, como é conhecido no meio, também faz parte deste estudo pois é o treinador da Seleção Brasileira desde 2001 e, é considerado como um dos grandes destaques do judô brasileiro de todos os tempos.

04 Douglas Eduardo de Britto Vieira

Douglas Vieira foi o primeiro brasileiro a participar de uma final olímpica no judô, em Los Angeles - 1984. A medalha de prata foi um resultado excepcional para os padrões da época, sendo o resultado do combate decidido por hantei[95] por dois a um. Nossa melhor classificação até então era a medalha de bronze de Chiaki Ishii em 1972, além do bronze de Carmona, conquistado no dia anterior. Este foi um ano marcante para o judô brasileiro, pois, além da segunda colocação de Douglas, o Brasil conquistou outras duas medalhas de bronze, sob a orientação do sensei Massao Shinohara, que era o técnico do Brasil. Douglas Eduardo de Britto Vieira nasceu no dia 17 de junho de 1960 em Londrina, no norte do Paraná, região que recebeu inúmeros imigrantes japoneses desde o início do século XX, por isso o judô se difundiu nessa região antes de outros locais do país. Seu primeiro professor foi seu pai, sensei Silvio Vieira. Além de Londrina, Assaí e Uraí eram as cidades da região onde a colônia japonesa era predominante e as atividades típicas da cultura japonesa eram desenvolvidas. Entre os esportes estavam o atletismo, o beisebol (yakyu) e o judô. As associações japonesas da época eram os centros de desenvolvimento cultural e de lazer. Douglas iniciou no judô aos quatro anos, em 1964, juntamente com seu irmão mais moço. Neste período, a família Vieira havia se mudado para Caçapava, no Vale do Paraíba, estado de São Paulo. Sensei Silvio havia aberto uma academia para seguir ensinando judô. Silvio iniciou no judô em Londrina, em 1952, no Templo de Tenri. Na época os alunos eram na maioria nikkeis e com a presença de apenas dois gaijins. Silvio Vieira trabalhava em um banco e assim foi transferido de cidade muitas vezes. Como não encontrava academias de judô nos locais, ele acabou por iniciar essa prática em Caçapava, Fartura e depois Catanduva. Os irmãos Vieira seguiam na prática do judô e também de outros esportes. Douglas era aficionado por futebol e também competia na natação. Quando finalmente decidiu pelo judô com objetivos mais ambiciosos na competição já estava com 13 para 14 anos. Sentiu então a necessidade de buscar treinamento mais forte. Passou a treinar em São José do Rio Preto e lá foi o primeiro campeão brasileiro da cidade. Neste período recebia orientação de Kazuo Nagamine que lhe auxiliava na preparação física e orientação da carreira. Em 1981 teve uma passagem por São Bernardo do Campo e 1982 recebeu convite para integrar a equipe do Esporte Clube

[95] Forma de definição do vencedor do combate por decisão dos juízes, por maioria de três, anunciada com o levantamento de bandeiras (branca ou vermelha) que representavam cada um dos lutadores.

Pinheiros. Neste período Douglas cursava a Escola de Educação Física na USP, numa clara programação para transição de carreira. Antes disso prestou vestibular para Odontologia. Quando conquistou a sua medalha em Los Angeles - 1984, residia em São Paulo e representava o Esporte Clube Pinheiros, sob a Coordenação do professor João Gonçalves. Além desta medalha, Douglas conquistou outros resultados importantes, como a terceira colocação na Copa Jigoro Kano de Tóquio, em 1986. Nesta competição Douglas perdeu apenas para o japonês Hitoshi Sugai, o campeão da categoria. Na mesma competição e na mesma categoria, Aurélio Miguel ficou com a outra medalha de bronze, tendo sido derrotado na semi-final pelo Belga Robert Van-Der-Valle. Para surpresa do público japonês, Sergio Pessoa[96] foi o campeão na categoria -60kg, vencendo, na final, o favorito T. Deguchi, do Japão. Antes dele Pessoa venceu por ipon a A.Latif da Siria, W.Wu da China, e S. Bregeon da França. Este 01 de novembro de 1986 ficou marcado pela primeira vitória de um brasileiro em uma Copa Jigoro Kano, hoje o Grand Slam de Tóquio e, talvez tenha servido para aumentar a auto-estima dos judocas brasileiros daquela geração. (DRAW SHEET,1986; Sergio Pessoa –Informação pessoal - 2010[97]; Douglas Vieira –informação Pessoal -2010[98])

05 Aurélio Fernandes Miguel

Aurélio Miguel foi e é um dos mais importantes judocas brasileiros. Além dos destacados resultados competitivos ele foi pioneiro em vários aspectos. Primeiro medalhista de ouro do judô brasileiro, em Seul -1988, serviu de inspiração para muitos atletas das gerações futuras. Suas maiores conquistas foram as duas medalhas olímpicas, ouro em Seul e bronze em Atlanta -1996 e as três classificações em campeonatos mundiais, Hessen 1987, bronze – Hamilton, 1993 e Paris, 1997, ambas medalhas de prata. Infelizmente encerrou sua carreira sem a almejada conquista de um campeonato mundial senior. Ainda assim é o único brasileiro incluído na lista dos 50 maiores judocas da história do judô mundial. Iniciou no judô, juntamente com seu irmão mais velho (Carlão) no São Paulo Futebol Clube com o sensei Kimura, mas em seguida

[96] Sergio Pessoa faz parte da colônia dos treinadores, pois é o professor-treinador de Henrique Guimarães, Bronze em Atlanta -1996, mas poderia muito bem ter entrado nessa história como um dos medalhistas em Seul -1988.

[97] Entrevista concedida durante o treinamento de campo do Grand Slam do Rio de Janeiro de 2010, no Ginásio do Maracanazinho)

[98] Entrevista concedida em 27 de maio de 2010, no ônibus da CBJ, no trajeto entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

passou para a Vila Sônia, sob a orientação do sensei Massao Shinohara e depois de seu colega de treino Luiz Junite Shinohara. Destacou-se internacionalmente também por suas atitudes em treinos e competições. Antes desta conquistas foi Campeão Mundial Júnior, vencendo um atleta japonês na final. Até então isto parecia estar fora das possibilidades para atletas brasileiros. Foi um dos líderes do movimento que permitiu aos atletas brasileiros participarem de seletivas justas e dentro das regras da federação internacional, em 1991. Este movimento nacional e os seus desdobramentos, culminou com a queda da diretoria da Confederação Brasileira de Judô em 2000. Juntamente com outros atletas da seleção, insurgiu-se contra o tratamento dado aos atletas e a falta de critérios justos para a escolha dos representantes brasileiros nos eventos internacionais e outros desmandos que ocorriam nesta época. Após os Jogos Olímpicos de Seul, com a força da sua medalha de ouro, liderou o grupo de atletas que se afastou do certame internacional, retornando somente para os Jogos Olímpicos de Barcelona, após um acordo que estabeleceu uma moralização na escolha dos representantes brasileiros.

Segundo Aurélio, esta sua desavença pode ter lhe custado a participação nos Jogos Olímpicos de Los-Angeles, pois os critérios de escolha naquela época não eram bem claros e, dependiam do humor dos dirigentes no poder. Este fato por sua vez contribuiu para uma experiência destacada no aspecto competitivo. Aurélio passou um longo período no Japão e na Europa em treinamento e participando de competições. Graças a esta experiência de Aurélio, no Brasil se popularizou o que se chamava na época de circuito europeu. Os atletas brasileiros da época nem sequer sabiam da existência desta sequência de competições. Neste período Aurélio sofreu diversas influências e desenvolveu seu estilo de judô competitivo e de grande empenho, mesmo sem um professor específico. Esta sua experiência foi decisiva para a construção de seu judô competitivo. Conheceu muitos dos seus futuros adversários e os estilos de judô europeu da época. A sua exclusão dos Jogos Olímpicos de 1984 acabou por favorecer a sua carreira, com as experiências vividas. Afora disso, abriu as portas do judô europeu para muitos atletas.

Aurélio segue ligado ao esporte, desta vez como político, foi re-eleito recentemente como vereador da Cidade de São Paulo. Hoje exerce a sua liderança fora dos tatames.

06 Rogério Cardoso Sampaio

Rogério é o mais importante representante da escola santista de judô. Campeão Olímpico e melhor atleta da competição nos Jogos de Barcelona -1992 no meio-leve (-65 kg), no ano seguinte em Hamilton, sagrou-se terceiro colocado na categoria leve (-71 kg) do campeonato mundial. Iniciou no judô por influência de seu irmão mais velho, Ricardo Sampaio, que também integrou a Seleção Brasileira de Judô, justamente nesta categoria. Rogério ocupou a vaga do irmão na seleção, após o falecimento trágico de Ricardo. Seu irmão sempre foi considerado um dos atletas mais técnicos da seleção, tendo participado dos Jogos Olímpicos de Seul, quando Aurélio conquistou a primeira medalha de ouro do judô brasileiro. Rogério acabou suplantando os excelentes resultados de Ricardo e, depois de Aurélio, foi o único atleta brasileiro a sagrar-se Campeão Olímpico. Título esse que completa vinte anos no ano que vem (2012), sem que nenhum brasileiro o tenha conquistado novamente.

Rogério nascido a 12 de setembro de 1967, iniciou no judô em 1972 aos 4-5 anos por indicação médica. Sempre treinou em Santos, na Associação de Judô Paulo Duarte. No momento da conquista de sua medalha de ouro em Barcelona, representava a ABREV São Caetano, recém formada equipe que proporcionava uma renda mensal para os atletas. Hoje Associação Desportiva São Caetano sob a orientação técnica de Mário Tsutsui é uma das entidades destaques do judô brasileiro. Conforme a classificação que elaborei trata-se de um dojo patrocinador (D.Pa). Pouco antes dos Jogos Olímpicos de Barcelona, Rogério fez parte do movimento contra os desmandos promovidos pela Confederação Brasileira de Judô. Neste período alguns dos atletas titulares da Seleção brasileira, deixaram de competir pelo Brasil. As únicas oportunidades que surgiram de competir no exterior foi representando o Brasil através da Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU). Em 1991 o Brasil levou ao Campeonato Mundial uma equipe jovem e pouco experiente. O grupo liderado por Aurélio ainda estava em conflito com a CBJ. Após uma longa negociação e o estabelecimento de critérios justos para a definição das vagas para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos, o que incluía a organização de seletivas abertas e com arbitragem dentro das regras da IJF, Rogério e seus colegas retornaram ao time principal. Muito deles talvez tenham sido prejudicados no seu desempenho em Barcelona, afinal ficaram fora do circuito internacional de competições, onde seria possível treinar e conhecer os adversários mais fortes. Para Rogério isto parece ter tido o efeito contrário. Como ficou

fora do circuito internacional no ano anterior aos Jogos Olímpicos de Barcelona, incluindo o Campeonato Mundial de 1991, que foi realizado em Barcelona; Rogério não estava entre os favoritos na sua categoria. Desta forma, seus adversários mais fortes, não tiveram condições de analisar a sua estratégia de combate, como o fizeram com outros adversários da categoria.

Atletas como Udo Quelmanzs da Alemanha, Israel Hernandez de Cuba e Kenji Maruyama, do Japão eram alguns dos favoritos. Conforme informação pessoal recebida do treinador do atleta Alemão, o professor Karl Heinz Deblitz, Rogério não estava entre os atletas que eles esperavam na final ou nas semi-finais da categoria. Quelmanzs era um dos favoritos em função dos resultados obtidos durante o ciclo anterior e recebia orientação do IAT, Centro de Pesquisa da Universidade de Leipzig. Neste caso específico, como não esperava por Rogério entre os finalistas, seu treinamento foi direcionado para enfrentar outros adversários e foi justamente o cruzamento com Rogério que o derrubou, literalmente. O IAT já naquela época possuía um sistema de controle de combates com filmagens dos eventos internacionais, comandados pelos professores. Osvald e Heininsh. O judô alemão é bastante metódico e baseado em controles rigorosos das cargas de treino, assim como em sistemas de scout e controle dos adversários, de forma a elaborar uma programação de treinos específicos para as características dos adversários. Desta forma Rogério se beneficiou do seu afastamento por este período e sagrou-se campeão da categoria de forma espetacular. Sensei Deblitz me confidenciou em Leipzig que eles não esperavam por Rogério entre os finalistas. No ciclo olímpico seguinte Udo conquistou a medalha de Outro em Atlanta - 1996. Na final bateu o atleta japonês, por ipon, conforme os alemães haviam previsto e elaborado treinamentos específicos. Rogério que era um dos atletas de maior envergadura da categoria sofria bastante para chegar no peso, -65kg na época. No ano seguinte migrou para o peso leve, - 71kg. Mesmo com pouco tempo de adaptação na nova categoria, conquistou a medalha de bronze no Campeonato Mundial de Hamilton - 1993. As principais influências de Rogério foram Paulo Duarte e Uichiro Umakakeba, onde sensei Paulo e seus alunos costumavam fazer intercâmbio. Com a saída de Paulo Duarte de Santos, Rogério encaminhou a sua transição de carreira, montando seu próprio dojo, com o colega de treino e amigo Ivo Nascimento. Até o momento da nossa entrevista, em Santos no mês de julho de 2010, Rogério segue com seu dojo, função que acumula com um cargo de administrador esportivo em Santos, onde foi responsável pela organização dos Jogos Abertos do Interior de São Paulo de 2010. Em 2011 passou a

atuar como comentarista esportivo da Rede Record de Televisão. Casado e com um casal de filhos Rogério não conseguiu se desviar do judô. Segue sendo uma parte importante da sua vida. Recentemente Rogério teve acesso a um DVD em que reuni todos os seus combates em Barcelona, e tive a oportunidade, juntamente com ele, de rever estes momentos emocionantes de sua carreira e, que são também um marco do judô brasileiro. Especialmente porque no Brasil não havia a expectativa de uma vitória de Rogério naquela competição, as manchetes dos jornais brasileiros daquela data não deixam dúvida. Em 02 de agosto de 1992 Rogério sagrou-se Campeão Olímpico de Judô, vencendo por ipon quase todos os combates, e com O-soto-gari como seu tokui-waza.

07 Danielle Zangrando

Danielle Zangrando nasceu em Santos em 25 de julho e 1979. Foi uma atleta precoce, tendo conquistado a terceira colocação no Campeonato Mundial no Japão, em 1995 quando tinha apenas 16 anos. Sempre treinou em Santos e somente iniciou no judô após insistir muito com o professor Paulo Duarte, pois era uma menina muito jovem, tinha apenas 04 anos (1983). Seu irmão mais velho é que praticava na academia e Dani ficava assistindo as aulas do lado de fora do tatame. Nesta época, Ivo Nascimento, um dos atletas de Paulo o auxiliava nas categorias de base e foi um dos iniciadores de Dani no judô.

Danielle se destacou desde o início, pois era dotada de grande força e vontade de praticar. A maior parte das vezes treinava com meninos, pois as meninas eram em pequeno número na academia naquela época. Participou da primeira seletiva adulta para o mundial de 1993, em Hamilton[99] quando tinha apenas 13 anos e perdeu apenas a luta final. Como não tinha idade suficiente não pode participar dos campeonatos da categoria júnior e, como na sua classe não tinha adversárias à sua altura no Brasil, chegou a ficar desestimulada. Em 1994 assumiu a vaga de titular da Seleção Adulta, participando do Campeonato Sul-Americano, sagrando-se Vice-Campeã. Em 1995 também participou dos Jogos Pan-americanos de Mar Del Plata, onde conquistou a medalha de bronze. Quando disputou o Campeonato Mundial de 1995 e conquistou o terceiro lugar, representava a Associação de Judô Rogério Sampaio, pois Paulo Duarte

[99] Campeonato Mundial Adulto de Judô Masculino, realizado no Canadá, na cidade de Hamilton, onde Rogério Sampaio conquistou a medalha de bronze na categoria leve (-71 kg).

havia se transferido para Santa Isabel em 1991. Ivo que era o auxiliar de Paulo Duarte na academia em Santos, ficou responsável pelos treinos de Dani a partir da faixa roxa. Em 1992 Ivo iniciou uma sociedade com Rogério que retornou de Barcelona com a medalha de Ouro. Dani que sempre treinou com Ivo e Rogério, como seus "senpai" seguiu nos treinamentos com eles. No decorrer da sua carreira que se estendeu até 2008, Danielle defendeu outras instituições que foram os locais que patrocinaram a sua carreira e possibilitaram a ela a participação de três ciclos olímpicos. São Caetano do Sul e Esporte Clube Pinheiros foram agremiações que Danielle defendeu, mas onde não teve vínculos importantes, foram as típicas instituições patrocinadoras que identificamos neste estudo. No caso de Dani seu vínculo com estas duas instituições não coincidiu com seus melhores desempenhos esportivos. Quando participou da sua última competição olimpica, em Atenas, 2004 ela já havia retornado para Santos onde encerrou sua carreira de atleta.

No momento em que a sua entrevista foi realizada, em 30 de junho de 2010, Danielle seguia sua a carreira de jornalista, fazendo cobertura para a TV Globo local em Santos, especialmente no Esporte. Assim continua ligada a sua grande paixão.

08 Henrique Serra Azul Costa Guimarães

Henrique Guimarães foi medalha de bronze nos Jogos de Atlanta -1996, seu principal título internacional. Além desta grande conquista obteve um vice-campeonato mundial Júnior em Buenos Aires - 1992 e diversos outros títulos nacionais e internacionais. Esteve vinculado a Associação Desportiva Palmeiras desde a sua iniciação com sensei Akira Yamamoto e a seguir com seu professor treinador Sergio Pessoa, ex-atleta e professor do clube. Henrique e Sérgio tiveram iniciação no Palmeiras, assim sua árvore genealógica judoística é a mesma. Sérgio teve suas primeiras aulas com sensei Zaqueu, que segue no clube trabalhando com a iniciação. Depois dele Pessoa também foi aluno de Akira Yamamoto, um dos representantes brasileiros no Campeonato Mundial de 1958 em Tóquio. Tanto Akira, que foi aluno de seu irmão Hiroshi, quanto Zaqueu, que iniciou no judô com Nakano, tem sua base de judô vinculada a Budokan de Ryuzo Ogawa. A iniciação de Henrique ocorreu quando tinha 05 anos (1977) e seguiu no Palmeiras até 1997 quando se transferiu para o Flamengo, seguindo os passos de seu treinador Sergio Pessoa. Henrique ainda disputou mais uma Olimpíada, em Sidnei, 2000, porém sem ganhar medalha. Desta forma

Henrique é uma exceção, pois conquistou seu melhor resultado no clube de formação e quando saiu para uma entidade patrocinadora não conseguiu repetir o resultado. Em 2001 Henrique ainda participou do Campeonato Mundial de Munique, mas não foi um dos medalhistas.

Henrique e Sérgio são um caso raro, em que atleta e treinador disputaram vaga em uma mesma categoria de peso. Em 1992, na seletiva final para os Jogos Olímpicos de Barcelona, Sérgio venceu Henrique na semi-final da seletiva. Esta seletiva foi vencida por Rogério Sampaio, que conquistou a medalha de ouro nestes jogos olímpicos. Sérgio havia disputado os Jogos de Seul na categoria ligeiro (-60 kg) e era um dos favoritos, porém foi prejudicado por uma pneumonia poucas semanas antes de embarcar tendo sido derrotado pelo atleta da Coréia do Sul no hantei[100] (em julgamento), dividindo as bandeiras. Para o ciclo olímpico de Atlanta, Henrique assumiu a vaga na seleção nos meio-leves até os Jogos de Sidnei- 2000.

Logo após a seletiva para os Jogos Olímpicos de Barcelona, Sergio jantou com seu atleta, derrotado por ele, e se comprometeu a preparar Henrique para buscar sua vaga para os próximos Jogos Olímpicos, que seriam realizados em Atlanta – 1996. O trabalho da dupla resultou em sucesso e Henrique conquistou o bronze.

Henrique formou-se em Educação Física e atua como treinador das categorias de base da Seleção Brasileira. Em São Paulo atua junto ao Centro Olímpico do Ibirapuera, com crianças e jovens. Sua transição de carreira parece ter sido tranqüila pois segue atuando com judô, emprestando a sua experiência vitoriosa as novas gerações. Foi em seu local de trabalho que Henrique me recebeu e concedeu a entrevista.

09 Fúlvio Kimi Miyata

Fúlvio foi considerado um dos mais técnicos judocas de sua geração, dono de uma velocidade incrível e de aplicação de técnicas clássicas do judô que lhe renderam grandes resultados, inclusive internacionalmente. Seu Uchi-mata era notável. A medalha de bronze conquistada no campeonato Mundial de Paris -1997, onde venceu todos os seus combates por ipon, perdendo apenas para o campeão da categoria na semi-final, poderia ter sido a primeira de muitas outras em campeonatos mundiais e Jogos

[100] Forma de decisão que ocorria na regra antiga do judô ao final do tempo regulamentar, para decidir uma luta empatada. Os árbitros definiam o resultado através de maioria de três, levantando uma bandeira colorida (azul ou branca) correspondente a cor do judogui do atleta considerado por ele o vencedor.

Olímpicos, porém algumas lesões e a grande concorrência na categoria impediram outras conquistas do mesmo porte. Em 1998 participou da equipe que foi vice-campeã mundial por equipes, perdendo a final para o time do Japão. A derrota em seletivas importantes marcou a sua carreira, de acordo com o seu depoimento. Para o Campeonato Mundial Junior de 1996 foi derrotado por seu colega de Projeto Futuro Mauazinho, como é conhecido, e no mesmo ano para Alexandre Garcia na decisão de melhor de cinco combates que definiu o representante do Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Neste mesmo período, o auge de sua carreira, Fúlvio foi vice-campeão em um torneio na Coréia em 1995 e em 1996, terceiro colocado na Copa Jigoro Kano, em Tóquio – Japão, dois dos mais importantes torneios de judô do mundo.

Na sua opinião, a sua Olimpíada seria a de Sidnei, 2000, porém uma importante lesão no músculo da coxa o tirou da disputa mais uma vez. Fúlvio que foi a Atlanta na qualidade de reserva ao relembrar o pódium, relata que já havia vencido a todos os atletas, exceto o campeão. Retornando de lesão novamente se preparou para mais uma seletiva para os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas. A seletiva final, em melhor de três combates, foi contra um adversário conhecido, Alexandre Lee, para o qual nunca tinha sido derrotado. Porém mais uma vez Fúlvio deixou escapar a vaga. Assim sua carreira vitoriosa ficou sem a tão almejada participação em Jogos Olímpicos como titular da equipe brasileira.

Fúlvio iniciou no judô com seis anos de idade (1983) na Academia Hirakawa de Judô, em São José dos Campos –SP. Esteve em São José entre os 06 e os 15 anos, onde além da orientação do professor Orlando Sator Hirakawa ainda contou com colegas que se destacavam no cenário do judô nacional. Entre outros, Fúlvio cita, Kira, sócio na sua academia na ocasião desta entrevista, Marco Antônio (Rato) e Anderson Bortole (Dedão), que segundo ele lhe abriram as portas do projeto futuro em São Paulo. Aos 15 anos Fúlvio se mudou para São Paulo e passou a integrar o Projeto Futuro, sob a orientação do professor Floriano Paulo de Almeida. Ao final da carreira retornou a São José dos Campos e desta vez quem passou a influenciar a sua carreira foi o sensei Michiharu Sogabe. Assim Fúlvio relembra que os três professores tiveram, cada qual a seu tempo, importância na sua formação de atleta e de profissional da Educação Física, vinculado ao judô. Hirakawa treinou com Sogabe mas também refere o sensei Kihara como uma das influências do seu judô. Michiharu Sogabe que era de Cotia, iniciou a prática do judô com Kenji Katsumata e depois refere que Kihara foi um dos professores com quem mais conviveu, mas não esquece dos treinos do sensei Hikari Kurachi e

Seissetsu Fukaia. Floriano que treinou Fúlvio no Projeto Futuro foi aluno de sensei Oide e depois atleta do Esporte Clube Pinheiros, sob a coordenação do professor João Gonçalves Filho, a quem atribui uma nova visão de preparação física no judô brasileiro. João Gonçalves Filho teve uma grande experiência como atleta de natação e Pólo aquático, tendo participado de cinco edições dos Jogos Olímpicos como atleta. Sua experiência com esportes de combate começou no Rio de Janeiro no jiu-jítsu Gracie, onde foi aluno de Haroldo Britto. Em São Paulo deu aulas de jiu-jitsu no interior e depois ingressou no Esporte Clube Pinheiros com o sensei Seissetsu Fukaia, sua primeira experiência no judô.

A primeira tentativa de Fúlvio para integrar o Projeto Futuro, em 1990, foi frustrada, mas em 1991, acabou sendo selecionado juntamente com outros 25 atletas. Os treinos rigorosos e a presença de grandes atletas como Aurélio Miguel, Shigueto Yamasaki e Rogério Sampaio, contribuíram para que, o então garoto, Fúlvio, se entusiasmasse com a possibilidade de ser um grande campeão. Fúlvio segue vinculado ao judô, deixou sua academia em São José dos Campos para atuar em um projeto no Rio de Janeiro e também faz parte do grupo de treinadores das categorias de base da Confederação Brasileira de Judô, em parceria com a professora Andréia Berti Guedes.

10 Edinanci Silva

Nascida em Souza, interior da Paraíba e representante do Brasil em três edições dos Jogos Olímpicos, Edinanci foi a segunda mulher a conquistar uma medalha em campeonatos mundiais. Seus dois bronzes, primeiro em 1997 no Campeonato Mundial de Paris e novamente em Osaka, 2003 foram resultados aquém da expectativa que se tinha sobre ela no Brasil. De certa forma seus resultados competitivos talvez tenham sido frustrantes para a atleta, devido ao seu alto potencial. Em Sidnei - 2000 Edinanci lutou no peso pesado, pois o Brasil não havia conquistado a vaga da sua categoria, o meio-pesado. Ainda assim poderia ter conseguido a sua primeira medalha olímpica. Outros fatores, extra-judô, prejudicaram a sua preparação e ela não chegou em Sidnei na sua melhor forma. Nos Jogos Olímpicos de Atenas-2004 estava muito próxima de conquistar a sua primeira medalha olímpica, quando rompeu os ligamentos do joelho e ficou fora do pódium mais uma vez. Edinanci conquistou muitos outros títulos importantes e foi imbatível na categoria no Brasil por mais de dez anos. Em 2007

foi Campeã dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro e em 2003 venceu o Campeonato Pan-americano realizado em Salvador na Bahia.

Edinanci iniciou a sua carreira em Campina Grande por recomendação médica, em função de ser muito franzina. Sua mãe se mudou de cidade, pois Souza não possuía muitos espaços para a prática de esportes. Edinanci encontrou no SESC de Campina Grande várias atividades, dentre as quais ela e as irmãs optaram pelo judô. Seu primeiro professor foi Carlos Roberto Fialho Bezerra, que nesta época trabalhava no SESC e no Colégio Pio XII. Fialho começou no judô, com um dos ícones do vale-tudo da época, o lendário Ivan Gomes. Ivan e Antonio Luiz (Lula) Cabral davam aulas de judô em uma academia de Campina Grande. Embora Fialho não tenha mencionado que Lula teria sido seu professor, este se considera como seu professor na iniciação, juntamente com Ivan Gomes. Posteriormente Lula Cabral se afastou do judô se vinculando ao Handebol, onde obteve grande destaque. Em Campina Grande não consegui descobrir a origem de Ivan Gomes no judô, porém uma indicação de um professor que esteve em Campina Grande na época me levou a Natal. Fui atrás de um tal de sensei Biuce, que talvez tivesse dado aulas para Ivan Gomes.

Encontrei sensei Biuce em Parnamirim, próximo a Capital do Rio Grande do Norte. De fato na entrevista com Osmar Mouzinho de Oliveira, o sensei Biuce, este me afirmou que teria sido o professor de Ivan Gomes, já falecido. Biuce esteve muitos anos envolvido com a Academia de Polícia de Natal, onde foi professor. A academia de Policia Militar de Natal tem uma sala de lutas denominada Biuce, em homenagem a este personagem dos esportes de combate do Nordeste. Segundo as informações de Biuce que na época da entrevista estava com 78 anos, ele seria o último aluno vivo de Mitsuyo Maeda, com quem teria vivido entre 1938 e 1941, data do falecimento de Maeda. Esta descoberta que foi surpreendente deixa algumas questões em aberto. Teria Biuce sido aluno de Maeda? Que tipo de informação pode ele ter assimilado em função de sua pouca idade na época que conviveu com Conde Koma? De qualquer forma, outras fontes confirmam que Biuce foi mesmo professor de Ivan Gomes aproximadamente em 1956-7. Depois dessa iniciação ele informou que teria viajado para São Paulo onde foi aluno de Yassuishi Ono, e ainda de Takeo Yano no Rio de Janeiro. Ao retornar ao Ceará também deve ter treinado com os Gracie, mas o seu depoimento não deixa isto muito claro, exceto que treinou com Pedro Hementério, aluno de Carlos Gracie em Fortaleza. Assim a origem de Biuce o professor de Ivan Gomes, não é muito clara, mas com certeza tem uma forte influência do jiu-jítsu brasileiro.

Roberto Fialho acompanhou a carreira de Edinanci até sua mudança para Guarulhos, quando já despontava no cenário judoístico nacional. Aconselhada por Aurélio Miguel e com apoio de seu professor Edinanci foi para Guarulhos para um período de treinamento. Durante este estágio ela completou 18 anos e, portanto, a maioridade. Então ligou para casa e para seu sensei e comunicou que não retornaria mais. Em Guarulhos, cidade que a contratou para participar dos Jogos Abertos do Interior e demais competições, ficou sob a orientação do sensei Miguel Suganuma e lá estava quando conquistou sua primeira medalha em mundiais. Suganuma tevê seu início no Judô em Presidente Prudente sob a orientação de Kussabara sensei. Muito cedo conquistou a sua faixa preta pelo sistema *batsukun*[101]. Kussabara era oriundo do jujutsu e esta foi a formação inicial recebido por Miguel. Alguns anos depois, já residindo na capital paulista passou a treinar com Yoshio Kihara. Sensei Kihara veio com uma missão da Kodokan, padronizar o ensino dos kata da Kodokan. Suganuma seu aluno mais destacado sempre servia de *uke*[102] nas demonstrações e assim foi assimilando as técnicas. Com o falecimento de sensei Kihara, Miguel Suganuma passou a ser o responsável por retransmitir estes conhecimentos na Federação Paulista de Judô. A sua maior experiência sempre foi na execução do papel de uke nas demonstrações e em função da perda de seu professor, Miguel resolveu criar um sistema de ensino das ações básicas no kata, como as saudações, posturas e deslocamentos. Suganuma serviu na Polícia da Cidade de São Paulo em um período de grande agitação política. Por isto nem sempre conseguia tempo para treinar. Como atleta sua carreira foi até 1965 quando participou do Campeonato Mundial do Rio de Janeiro. Nesta época Miguel já não treinava com assiduidade. Foi por insistência do amigo Akira Ono que voltou a treinar para participar da competição.

No decorrer dos anos 80 Suganuma foi convidado a montar uma equipe de competição para os Jogos Abertos do Interior de São Paulo, para representar a cidade de Guarulhos. Em 1991 recebeu Edinanci na sua equipe e, a partir de então, contribuiu para o desenvolvimento de seu judô. Entre outras conquistas, Edinanci integrou a equipe brasileira nos Jogos Olímpicos de Atlanta – 1996 e conquistou a medalha de bronze no Campeonato Mundial de 1997 em Paris. Após uma mudança política na prefeitura da cidade, o incentivo ao esporte foi cortado e a Associação Guarulhos fechou as suas

[101] Forma de organização de combates em sequência, onde o vencedor segue disputando. Bastante utilizado no passado para exames de graduação.
[102] Um dos praticantes de judô, quando recebe as técnicas aplicadas pelo adversário.

portas. Ainda hoje sensei Suganuma participa de seminários de judô, embora esteja afastado dos trabalhos junto a federação. Neste momento Edinanci se transferiu para a Associação Desportiva São Caetano onde se encontrava até a data em que a entrevistei, em 31 de março de 2010. Em São Caetano ela ainda representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Sidnei-2000 e Atenas-2004. Por esta agremiação Edinanci conquistou a segunda medalha no Campeonato Mundial de 2003 em Osaka. Tendo em vista a realização do Campeonato Mundial Militar no Rio de Janeiro em 2011, Edinanci juntamente com outras atletas da seleção, ingressaram na Marinha Brasileira, adquirindo o direito de representar o Brasil neste evento. Acredito que a carreira na Marinha Brasileira é uma possibilidade de transição de carreira desta atleta que, oriunda do judô de Campina Grande na Paraíba, participou de três ciclos olímpicos e, por mais de 10 anos foi a titular da Seleção Brasileira de Judô.

11 Sebástian Rafael Dias Pereira

Atleta dotado de grande habilidade e velocidade conquistou a medalha de bronze no Campeonato Mundial de Birmingham em 1999, sendo o primeiro atleta de fora de São Paulo a conquistar um título deste nível. A partir do ano 2000 observam-se atletas de diversos outros estados da união com títulos mundiais e em Jogos Olímpicos, porém antes de 1999, isto não havia ocorrido.

Sebástian já havia participado dos Jogos Olímpicos de Atlanta onde foi até a semi-final. Acabou sendo derrotado por Jimmy Pedro, atleta norte-americano que lutando em casa foi favorecido pela arbitragem, que marcou um ponto indevido, já que Sebástian estava com ambos os joelhos em contato com o solo ao receber o Uchi-mata que decidiu o combate. Esta é uma opinião pessoal que não foi relatada pelo atleta e apenas comentada por ele, quando instigado pelo entrevistador. Entretanto essa opinião é comum a muitos outros atletas e treinadores presentes, entre eles, Sérgio Pessoa (informação pessoal – 2010[103]) um dos meus entrevistados, e treinador de Henrique Guimarães, que conquistou a medalha de bronze neste mesmo evento. Outro dos meus entrevistados, que comunga da mesma opinião, é Alexandre Garcia (Informação pessoal

[103] Entrevista concedida em 24 de maio de 2010, no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, durante o treinamento de campo do Grand Slam do Brasil.

-2010[104]), que foi o representante do Brasil, na categoria -60kg neste evento e hoje é um dos responsáveis pelo Projeto Futuro em São Paulo. Jimmy Pedro estava em excelente forma, mas naquele combate, foi beneficiado o que retirou a possibilidade de Sebástian disputar a final da categoria (leve -71kg). Seba, como era conhecido, acabou em quinto lugar após perder a decisão da repescagem.

Sebástian foi um garoto criado na baixada fluminense, mais especificamente em Nova Iguaçu, onde iniciou na prática do judô junto com o irmão mais velho, da mesma forma que muitos dos atletas da nossa colônia. Seu professor foi o sensei Cesar Romeu José da Silva, que continua trabalhando com iniciação no Ginásio Municipal de Nova Iguaçu, onde o entrevistei. Após se destacar nas competições escolares e estaduais começou a participar de treinos no Rio de Janeiro, para onde acabou transferindo o seu domicílio de judô. A partir de então passou a treinar sob os cuidados do professor Ney Wilson Pereira da Silva, que nesta época, tinha uma equipe de judô no Colégio Sion. Seba seguiu evoluindo até chegar a titular da Seleção Brasileira. Ainda tentou a vaga para os Jogos Olímpicos de Sidnei, 2000 quando era o franco favorito. A vaga entretanto, ficou com um novato, um garoto de 18 anos que acabou conquistando a medalha de prata e se tornando um dos maiores destaques do judô brasileiro de todos os tempos, Tiago Camilo. Por ironia do destino o vencedor da final, o atleta italiano, Giuseppe Maddaloni, foi muitas vezes derrotado por Sebástian nos torneios em que disputaram. (SHINOHARA, 2005; Informação pessoal -2009[105])

O primeiro professor de Sebástian foi praticante de outros esportes de combate. Iniciou no jiu-jítsu brasileiro e depois seguiu sob a orientação de Yoshimaza Nagashima e Tokuzo Terazaki que passavam periodicamente pela região para ministrar aulas. Seguiu ainda seu treinamento com o professor Shuno Mesquita, filho e aluno de Theóphanes Mesquita, que por sua vez, iniciou no judô com Yoshimaza Nagashima.

Ney Wilson que foi o treinador de Sebástian no momento da conquista dos seus melhores resultados, inclusive a medalha do Campeonato Mundial de Birmingham, em 1999, cita quatro professores que muito influenciaram a sua carreira. Primeiro foi aluno de Hélcio Gama, depois passou Rudolf Hermany e George França. Finalmente afirma que as orientações do sensei De Lucca foram igualmente importantes na sua formação. Hélcio Gama foi aluno de Shuji Hinata que teve sua origem em Santos com

[104] Entrevista concedida em 29 de junho de 2010 no Ginasinho do judô, no Ibirapuera em São Paulo.
[105] Entrevista concedida por Sebástian Pereira, na sede do Comitê Olímpico Brasileiro em 02 de dezembro de 2009.

Kurachi enquanto Hermany era aluno de Augusto Cordeiro, que iniciou no jiu-jitsu e depois se vinculou com a Budokan de Ogawa.

O Professor Sebástian Pereira, formado em Educação Física segue envolvido com o judô agora como dirigente, pois ocupa um cargo junto ao Comitê Olímpico Brasileiro que lhe permite continuar contribuindo para o desenvolvimento do esporte brasileiro.

12 Carlos Eduardo Honorato

Carlos Honorato é mais um dos "filhos da Vila Sônia", um dos maiores celeiros do judô nacional. Honorato é um dos sete atletas que obtiveram medalhas em campeonatos mundiais e em Jogos Olímpicos. Sua principal conquista foi a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sidnei – 2000, na categoria Médio (-90 kg). Esta medalha foi especial porque a sua chegada aos Jogos foi após ter sido derrotado na seletiva final para outro atleta, Branco Zanol. A seletiva final ocorreu em melhor de 05 combates, com um resultado de 3 X 2 para Branco, porém Honorato não saiu satisfeito com a atuação dos árbitros e com a sensação de que merecia a vaga. Apesar disso aceitou a função de "sparring"[106], pois após a definição da vaga todos os reservas imediatos foram convocados para auxiliar no treinamento da equipe principal. Durante os primeiros dias após o resultado, Honorato pensou em desistir, mas passada a decepção inicial se dispôs a colaborar. Por ironia do destino Branco ficou fora dos jogos em função de uma lesão e Honorato assumiu a vaga.

Outro fato marcante da sua conquista foi a sua vitória na luta semi-final. O adversário deste combate foi, o até então considerado imbatível, Yoshida. Ídolo no Japão e considerado no mundo inteiro como um dos maiores favoritos ao título. Honorato desconheceu essa aparente vantagem e aplicou-lhe um Uchi-mata sem pegar a manga com uma impressionante velocidade e explosão que não permitiu a defesa do adversário. Possivelmente Honorato tenha se beneficiado por ser reserva da seleção, e assim, muitos dos seus adversários talvez estivessem esperando por Branco Zanol, que naquele ciclo, vinha apresentando resultados destacados nos torneios na Europa. Isso já aconteceu com Rogério Sampaio em 1992, conforme já comentei.

[106] Nos Jogos Olímpicos de Atlanta a CBJ decidiu levar os atletas reservas para atuarem como auxiliares nos treinamentos, e, para substituírem os titulares em situações de lesão, que impossibilitassem o atleta de participar do evento.

A cena da queda, onde infelizmente, Yoshida sofreu uma fratura com luxação do cotovelo, foi manchete dos principais jornais esportivos do mundo na manhã seguinte. Esta projeção levou Carlos ao estrelato. Após essa luta Honorato foi convidado para demonstrações e competições em todo o mundo, inclusive em outros estilos de luta. Na luta final Honorato foi surpreendido pelo atleta da Holanda, Mark Huizinga, e ficou com a medalha de prata.

Em 2003, Honorato conquistou o bronze no mundial de Osaka e antes disso, em 1998 já havia conquistado o vice-campeonato mundial universitário em Praga, na República Tcheca e, a mesma classificação, na competição por equipes. Estes talvez tenham sido os seus resultados mais expressivos.

Carlos iniciou no Judô na Vila Sônia juntamente com o irmão mais moço, Honoratinho, como é conhecido, que também integrou a Seleção Nacional em outras ocasiões, como no Campeonato Mundial de 2001 em Munique. Sua família tem tradição no judô, sendo seu pai um dos árbitros do quadro da CBJ.

Na Vila Sônia Honorato identifica em Luis Shinohara seu sensei e como Luis passou a ser o treinador da Seleção Brasileira a partir de 2001, continuou sendo sua principal influência na orientação técnica e também no gerenciamento de sua carreira.

Seguindo a tendência inevitável de todos os outros atletas, no auge da sua carreira Honorato transferiu-se para a Associação Desportiva São Caetano, onde estava vinculado no momento desta entrevista. Em São Caetano Honorato é orientado por Mario Tsutsui e Bacelar, mas nenhum deles assumiu a importância de Jun como seu treinador e referência pessoal. Vínculo de amizade que é recíproco, pois Luis Shinohara também faz referência ao forte vínculo entre atleta e treinador, embora reconheça que nem sempre Honorato seguiu os seus conselhos. De fato a carreira de Carlos Honorato poderia ter sido ainda mais vitoriosa, tal a sua força e velocidade no tatame, aliada a uma qualidade técnica diferenciada. Seu ímpeto no início dos combates era notável e sua grande variedade de técnicas pareciam insuperáveis, porém, a sua resistência e a dificuldade de manutenção do peso corporal dificultaram ou até impediram que obtivesse melhores resultados em algumas competições importantes, como os Jogos Olímpicos de Atenas - 2004 e Campeonato Mundial de 2007 no Rio de Janeiro.

Honorato seguia como atleta da A.D.S. São Caetano, onde o entrevistei em março de 2010. Aos 39 anos deve estar se preparando para a transição de carreira que espero seja a continuação da carreira vitoriosa que teve como atleta. Por ocasião de uma

recente passagem por Santos em setembro de 2011, fui informado que Carlos está atuando em um projeto de judô da Prefeitura de Santos, com apoio de Rogério Sampaio.

13 Tiago Henrique de Oliveira Camilo

A Seleção Brasileira de Judô apresentou atletas muito jovens em algumas categorias nos Jogos Olímpicos de Sidnei. A gaúcha Mariana Martins 17 anos (-48kg) foi a atleta mais jovem entre as mulheres e Tiago Camilo, 18 anos, (-71 kg) o mais jovem entre os atletas do sexo masculino. Sua classificação foi surpresa para muitos que acreditavam que a experiência de Sebástian Pereira iria prevalecer na seletiva final. Porém a história foi bem diferente e, Tiago não só conquistou a vaga, como fez a final olímpica na categoria tendo conseguido inúmeras vitórias por ipon, mesmo que saísse invariavelmente, perdendo os combates. Era o começo de uma carreira vitoriosa nesta classe, embora na categoria júnior Tiago já houvesse conquistado um título Mundial.

O início de sua carreira foi em Bastos, cidade do interior de São Paulo onde ele e o irmão mais velho começaram a treinar sob orientação do sensei Uichiro Umakakeba. Bastos já era famosa pelos excelentes resultados das equipes lá formadas e pelo rigor nos treinamentos. O kangueiko[107] de Bastos é uma referência em todo o país.

Seu irmão mais velho, Francisco Camilo, também integrou a seleção brasileira de judô, sagrando-se campeão dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo-2003. Naquela ocasião aplicou um Sassae-tsuri-komi-ashi[108] no atleta de Cuba, faltando menos de 30 segundos para o final do combate. Mais uma vez aparece a relação familiar na prática do judô e outra vez o irmão mais moço ou o segundo a entrar para o judô, consegue resultados mais expressivos, ainda que o outro tenha se destacado e feito parte na seleção nacional.

Tiago ficou fora dos Jogos Olímpicos de Atenas, mas a sua categoria foi muito bem representada por Flávio Canto, que conquistou o bronze. Desta feita Tiago estava tentando a vaga na categoria meio-médio (-78 kg), porém na decisão em melhor de cinco combates, Flávio saiu vencedor. O desempenho apresentado nestes combates foi muito semelhante o que propiciou muitas discussões relacionadas a escolha de Flávio, afinal Tiago no ciclo anterior e com muito menos experiência havia conquistado

[107] A palavra significa “Treinamento de inverno” e faz parte da tradição japonesa onde os alunos são exigidos em condições de treino bem rigorosas, com grande volume e intensidade.
[108] Técnica de projeção classificada como técnica de perna e, de acordo com a Kodokan faz parte do primeiro grupo (Ik-kyo).

uma medalha de prata. De fato, em Atenas, Tiago assistiu da arquibancada o excelente desempenho de Flávio Canto, que ficou como o bronze.

Após se destacar em competições regionais e nacionais Tiago e seu irmão Chicão Camilo, foram selecionados para o Projeto Futuro, onde passaram a ser orientados pelo professor Floriano de Almeida. Pouco tempo depois, Floriano se afastou do Projeto, indo para Belo Horizonte onde começou um trabalho junto ao Minas Tênis Clube. Neste período Tiago refere que Alexandre Garcia, um dos *senpai* do Projeto teve a sua contribuição para o seu desenvolvimento, colaborando com ele em treinos individuais, fora do horário previsto. Do projeto Tiago saiu para o seu primeiro contrato profissional, na VW clube e depois na sequência para o AD São Caetano, onde contou a favor de sua decisão a orientação de Mário Tsutsui, ex-aluno de Umakakeba em Bastos.

Tiago segue em excelente forma e depois da prata de Sidnei foi campeão mundial em 2007, melhor atleta da categoria, e medalha de bronze em Pequim, 2008. Neste período representava a SOGIPA de Porto Alegre, onde viveu por cerca de três anos. Além destes resultados foi campeão dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, também em 2007. Logo após os Jogos Olímpicos de Pequím, Tiago retornou a São Paulo, desta vez, para representar o Esporte Clube Pinheiros, onde se encontra até a data de sua entrevista em maio de 2010. Tiago segue na busca de medalha de ouro olímpica e no Campeonato Mundial de 2011, realizado em Paris, auxiliou na conquista da medalha de prata na competição por equipe.

14 Mário Sabino Junior

Mário Sabino é um exemplo de humildade. Rapaz simples criado em Bauru, onde trabalha como policial militar e ainda atuava como atleta de judô da AD São Caetano, quando o entrevistei em maio de 2010. O local da entrevista foi o Rio Othon Hotel, local de alojamento da Seleção Brasileira de Judô para o Grand Slam de Judô do Rio de Janeiro. Já projetando uma transição de carreira, para a qual vem se preparando a vários anos, atualmente cursa a Faculdade de Educação Física, pois pretende seguir atuando como treinador.

Marião, como é conhecido no meio, participou de dois ciclos olímpicos, representando o Brasil em Sidnei, 2000, e Atenas, 2004. A conquista da vaga para a sua primeira participação olímpica foi especial, pois disputava a vaga com, nada mais nada menos, que Aurélio Miguel e outros quatro atletas de excelente nível. Segundo Mário,

quem apostou nele nesta seletiva ficou milionário, pois o nível era alto e todos os atletas eram bastante experientes. Ele recém tinha trocado de categoria (antes lutava no peso médio -86 kg) e era, portanto, o menos experiente na categoria meio-pesado (-95 kg). Nesta seletiva de 1999, realizada na Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro, o sorteio das chaves levou Mario a enfrentar Aurélio na primeira luta. Ele havia previsto isso e conversado com o seu preparador físico, quando lhe disse: *"oh, se eu ganhar do Aurélio eu não perco a seletiva"*. O que parecia ser um obstáculo intransponível serviu de estímulo e, sua incontestável vitória por Ipon, deixou Mário ainda mais confiante contribuindo para a conquista da vaga. Além de Aurélio Mario deixou para trás Daniel Del´Aquila, Joseph Guilherme, Alex Matos, do Flamengo e Marcelo Figueiredo, todos atletas de renome nacional.

A partir desta seletiva, já com 28 anos passou a ser o titular da seleção brasileira por quase dez anos consecutivos, na categoria meio-pesado (-100 kg após uma alteração da regulamentação). Nesta categoria de peso o Brasil tem a tradição de excelentes resultados, como os de Chiaki Ishii, Douglas Vieira e do próprio Aurélio Miguel, o dono da categoria, desde 1988 quando foi campeão olímpico.

Infelizmente Mário não conseguiu a tão almejada medalha olímpica, tendo se classificado em sétimo lugar nos Jogos de Sidnei- 2000. Em 2003 sagrou-se terceiro colocado no campeonato mundial de Osaka. Este não foi o seu único resultado importante, mas o que o faz fazer parte da colônia de atletas deste estudo. Em 2003, sagrou-se campeão dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, ao vencer na final o Canadense Nicholas Gil, medalhista olímpico. Marião aplicou-lhe um O-soto-gari vencedor no tempo suplementar (Golden Score) marcando ipon, após uma luta truncada onde ambos conseguiram anular os pontos fortes do adversário. O ginásio de esportes onde ocorreu o evento estava especialmente quente, pois não possuía climatização, o que dificultava ainda mais um bom desempenho na ilha caribenha.

Mario Sabino, nascido a 23 de setembro de1972, iniciou no judô no SESI de Bauru com o professor Paulo Bicalho, aos cinco anos de idade (1977) onde ficou até 1981, porém sem competir. Teve uma passagem por Barra Bonita com o professor Fernão, na Associação Barra Bonitense de Judô, onde ficou por três anos, portanto de 1981-84. Logo se transferiu para Bauru novamente, onde conheceu sua maior influência, professor Artêmio Caetano Filho. Seu reinício no judô com Artêmio se deu no Bauru Judô Clube e Marião ainda estava na faixa amarela. Artêmio e Paulo Bicalho trabalharam juntos no SESI de Bauru, onde Mário iniciou juntamente com seu irmão

mais velho e, onde entrevistamos Artêmio em 2010. Artêmio que iniciou no judô aos 11 anos de idade, junto com Bicalho, foram alunos de Roberto Michio Harada no SESI de Bauru. O professor Harada, que foi um destacado competidor de sua geração iniciou no judô, na Budokan de Ryuzo Ogawa, pelas mãos do sensei Tadao Nagai. Harada que foi para Bauru para cursar a universidade, identifica Nagai como seu mestre, porém na entrevista que fiz com sensei Nagai, em sua academia no Recife, Nagai afirmou que Michio realmente iniciou com ele, porém depois passou a treinar com sensei Kihara, onde o próprio Nagai esteve aprendendo kata. Artêmio praticou outras modalidades oferecidas na época e acabou optando pelo judô, onde veio a se destacar. Seu primeiro professor foi para o Japão, por volta de 1971, e o SESI contratou então Valter Nishida para substituí-lo. Depois de Bauru Mário também fez parte do Projeto Futuro, onde esteve de 1989 a 1996, sob o comando de Floriano Paulo de Almeida Neto. Nas suas próprias palavras, quando perguntado sobre o Projeto Futuro afirma: *"o Projeto a gente sabe né,..lá é uma vida dura...lá vc tem que...pra agüenta....fiquei lá um bom tempo lá...a gente sabe que os treinos eram bem exigidos, treinamento a tarde, treinamento a noite..."* .

As exigências eram grandes não só relativas aos treinamentos em dois turnos, somados a obrigação de estudar e o regime disciplinar rígido e, seguir o rigoroso código de conduta dos alunos do projeto. Código esse não escrito, como o bushido, mas que exigia e exige um alto grau de subordinação dos mais novos para com os mais velhos e especialmente em relação ao sensei. A meritocracia também é levada em consideração, assim aqueles com melhores resultados assumem naturalmente o papel de líderes no grupo. O Projeto Futuro merece um capítulo a parte neste estudo devido a sua importância na formação de atletas do judô brasileiro.

Do Projeto Futuro Mario foi para a AD São Caetano, onde ainda estava vinculado no momento da entrevista. Mário me confidenciou que pretendia encerrar sua carreira de atleta ainda em 2010. No momento da nossa entrevista já está atuando como treinador auxiliar da Seleção Brasileira de Judô, por ocasião da realização do Grand Slam de Judô do Rio de Janeiro de 2010.

15 Leandro Guilheiro

Considerado como um dos mais técnicos do judô brasileiro da atualidade e um dos sete atletas com conquistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais, Leandro ganhou a sua primeira medalha olímpica em Atenas - 2004, resultado que repetiu em Pequim, 2008. O bronze de Atenas foi conquistado apesar de uma grave lesão na mão que fez com que o atleta tivesse lutado todo o tempo com uma imobilização que cobria a mão e parte do antebraço. Este obstáculo não foi o suficiente para atrapalhar o seu desempenho, segundo ele mesmo. Simplesmente perdeu o combate na semi-final e conquistou o bronze demonstrando uma grande capacidade de superação, pois a lesão que possuía era passível de procedimento cirúrgico. Logo após os Jogos Olímpicos de Atenas o atleta teve um período de recuperação que incluíram algumas cirurgias. Em 2007 não repetiu o desempenho esperado, ainda em função de uma lesão na coluna. Ao retornar aos tatames trocou de categoria e hoje disputa na categoria -81kg. Nesta categoria foi que conquistou suas últimas medalhas internacionais, inclusive os Campeonatos Mundiais, em Tóquio 2010 (bronze), e este ano de 2011, repetiu o feito no Campeonato Mundial de Paris.

Leandro Guilheiro é mais um dos filhos do judô de Santos. Aluno de Paulo Duarte na iniciação seguiu trabalhando com Ivo Nascimento e Rogério Sampaio, quando Paulo se mudou para Santa Isabel. Disputando pela Associação Rogério Sampaio, conquistou seu primeiro bronze olímpico e quando da medalha de Pequim, estava representando o Esporte Clube Pinheiros, mas sob orientação técnica de Paulo Duarte, seu primeiro professor.

Leandro iniciou no judô na sua escola, Atheneu Santista Júnior, com o professor de educação física chamado Marco Antônio, um faixa marron de judô que trabalhava com a iniciação. Embora essa experiência tenha sido de cerca de oito ou nove meses, ela foi estimulante e a primeira impressão que Leandro teve com o judô, foi positiva. Sua lembrança é que o professor cobrava muita disciplina, inclusive no seu primeiro exame de faixa fez exigências maiores, o que lhe serviu de estimulo. Logo Leandro se destacou entre seus colegas e como queria participar de competições, seus pais o levaram para a Associação de Judô Paulo Duarte.

Leandro Guilheiro iniciou no judô aos seis anos em Santos e lá estava quando ganhou a medalha em Atenas - 2004, com Ivo e Rogério, já as suas últimas medalhas foram conquistadas representando o Esporte Clube Pinheiros. Ainda assim até

2010 mantinha um vínculo estreito com Paulo Duarte, comparecendo regularmente no dojo do Sesc de Cubatão. Nos últimos meses tem recebido orientação do Dr. Emerson Franchini na preparação física e segue sendo um dos destaques da atual seleção nacional. No momento segue marcando pontos para tentar a vaga para os Jogos Olímpicos de Londres em 2012, estava em segundo do ranking da IJF em outubro de 2011.

16 Flávio Vianna de Ulhôa Canto

Flávio Canto é um atleta exemplar, o mais experiente da atual seleção, está no seu terceiro ciclo olímpico e aos 35 anos estava em plena forma quando o entrevistei durante o Copa do Mundo por equipes de Belo Horizonte em julho de 2010. No dia anterior Flavio ajudou o Brasil a derrotar a Espanha ao vencer seu adversário.

No início de sua carreira Flávio tinha por adversário Sebástian Pereira, a quem tinha muita dificuldade para vencer. Contra sua vontade Geraldo o fez trocar de categoria, passando para o peso meio-médio (-81kg) onde se encontra até hoje. Por ironia do destino Sebástian encerrou sua carreira na seleção ao ser derrotado por Tiago Camilo, na seletiva para os Jogos Olímpicos de Sidnei - 2000, onde Tiago conquistou a medalha de prata. Em 2004, Tiago subiu para os meio-médios e perdeu a seletiva final para Flávio que consegui o terceiro lugar em Atenas.

Iniciou no Judô em março de 1989, quando tinha 13 para 14 anos, influenciado pelo irmão que já praticava judô com o professor Geraldo Bernardes no Clube Marapendi, Rio de Janeiro. No ano anterior Aurélio Miguel, uma de suas inspirações foi campeão olímpico e o treinador da Seleção brasileira na época era Geraldo, o professor de seu irmão. Esta proximidade levou Flávio direto para o judô.

Flávio nasceu em 16 de abril de 1975 na Inglaterra, onde seus pais residiam na época em que seu pai fazia seu Doutorado em Física Nuclear na Universidade de Oxford. Retornou ao Brasil com dois anos e posteriormente residiu na Califórnia dos nove aos onze anos, onde seu pai completou o Pós-Doutorado na Universidade de Berkley. Seu primeiro esporte foi a natação que ingressou por recomendação médica, em função da asma que lhe importunava. Competiu nesta modalidade nos Estados Unidos e depois no Brasil, representando o Flamengo. Porém na sua modesta avaliação era uma atleta medíocre, e o judô brasileiro ganhou um grande atleta.

Os primeiros Jogos Olímpicos que acompanhou foi o de Los Angeles, 1984. As imagens vitoriosas de Ricardo Prado, Joaquim Cruz e do voleibol masculino do

Brasil serviram de estímulo para o nascimento de seu sonho olímpico. Somente dez anos depois, em 1994 conseguiu uma vaga na seleção brasileira universitária, aos 19 anos. Conseguiu a quinta colocação na competição e para lutar recebeu a faixa preta, pois era condição para participar da competição. Após esta competição ele e Varejão ficaram treinando na Europa. Antes disso Flávio jamais havia ganhado um campeonato carioca de judô. Atribui ao bom nível dos principais adversários, entre eles cita Sebástian e Varejão, o seu crescimento.

Seu melhor resultado internacional foi a medalha de bronze conquistada em Atenas -2004, nesta época competia representando as cores da Universidade Gama Filho, porém seu treinamento sempre foi no Clube Marapendi com Geraldo Bernardes ou no Clube Militar com sensei De Lucca, a segunda influência que Flávio refere em sua carreira.

Flávio segue tentando a vaga para disputar os Jogos Olímpicos de Londres -2012, para quem sabe, fechar com chave, e a medalha de ouro, a sua brilhante carreira. Sua transição de carreira já está organizada, formado em Economia gerencia uma Projeto Social chamado Reação, onde atende muitos meninos e meninas de comunidades pobres do Rio de Janeiro, cujo principal objetivo é a inclusão social, mas que não descarta a formação de atletas de alto nível. Deste projeto destaca-se a atleta Rafaela Silva, que recentemente sagrou-se vice-campeã mundial de Judô em Paris-2011.

17 João Derly de Oliveira Nunes Júnior

João Derly é o único atleta brasileiro que conquistou duas medalhas de ouro em campeonatos mundiais. Sua primeira vitória no Cairo em 2005 contra um atleta japonês e por ipon, foi absolutamente inesperada. Nem mesmo Aurélio Miguel, um dos seus ídolos havia conquistado essa glória. Para confirmar o seu desempenho *sui-generis*, em 2007, no Rio de Janeiro, João repetiu a dose e sagrou-se bi-campeão mundial na categoria meio-leve (-66 kg). Além destes dois títulos que o colocam na colônia de atletas desta investigação, João foi campeão dos Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, entre outros resultados destacados.

João é nascido aos 02 de junho de 1981 e iniciou sua carreira na escolinha de judô do seu colégio, Escola Estadual Rio Branco, em Porto Alegre – RS, aos seis anos de idade (1988). Nesta época seu professor, Antônio Carlos Pereira, atuava também num dos grandes clubes da capital, a Sogipa. Seus expressivos resultados competitivos

desde o início da carreira levaram João rapidamente para os tatames do clube, por onde sempre competiu. Embora tenha começado no judô na escola, João é um dos raros exemplos que não trocaram de filiação da iniciação até o presente momento. Participou do Campeonato Mundial de Munique em 2001, porém não obteve classificação e teve muitas dificuldades para manter o peso na categoria que disputava até 2002, o peso ligeiro (-60 kg). Após sagrar-se campeão dos Jogos Sul-americanos de 2002 no Brasil, foi flagrado no doping, perdendo a medalha e ficando suspenso por seis meses. Ainda insistiu nesta categoria, pois era absoluto neste peso no Brasil, mesmo lutando contra adversários bem qualificados como Fúlvio Miyata, Tiago Takara e Leandro Cunha entre outros. Em 2003 lutou o Campeonato Pan-americano em Salvador onde já apresentou grande dificuldade para *dar o peso*[109], acabando por perder a final da categoria. Durante os Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, no mesmo ano, sofreu uma mal estar no dia anterior da sua luta. A causa provável foi a perda excessiva e rápida de peso corporal, o que provocou um desempenho pífio e o seu corte da seleção brasileira nesta categoria.

O retorno de João na categoria meio-leve (-66 kg) foi rápido. Suas qualidades de força e velocidade não sofreram com a troca de peso, até por que ele já possuía esse peso corporal, e agora não mais precisava fazer o esforço para desidratar. O resultado desta troca, mesmo que tenha sido dolorida para o atleta e para a comissão técnica de seu clube, foi o bi-campeonato mundial em 2005 e 2007. Este resultado que por si só é excepcional, ficou super valorizado por tratar-se de uma atleta formado e treinando fora do eixo Rio – São Paulo. Seu clube a SOGIPA de Porto Alegre, que já tinha uma certa tradição local no judô, passou a ser referência nacional. Isto possibilitou a vinda para o estado de atletas destacados como Tiago e Chicão Camilo, entre outros.

Infelizmente João não repetiu nos Jogos Olímpicos de Pequim o desempenho esperado pela mídia e por sua equipe de trabalho. No momento o atleta está se recuperando de sucessivas lesões e tentando uma vaga na seleção em outra categoria de peso, o leve (-73 kg). Sua transição de carreira não parece estar organizada e possivelmente vai depender de seu desempenho nos próximos meses, quando retorna aos tatames.

Independente do próximo capítulo, João Derly já escreveu seu nome nas páginas da história. O título de bi-campeão mundial consecutivo é bastante difícil de ser

[109] Chegar no peso estabelecido para determinada categoria nos esportes de combate.

conquistado, já que nestes mais de 50 anos, apenas outros dois atletas conseguiram um título mundial, Tiago Camilo e Luciano Correa, ambos no Campeonato Mundial do Rio de Janeiro em 2007. O próximo campeonato mundial será novamente no Brasil, em 2013, porém como nenhum atleta brasileiro foi Campeão em 2011, ainda não veremos um bi-campeão mundial consecutivo até lá. Especula-se que João irá tentar a carreira política no próximo pleito, indicando que já iniciou o processo de transição de carreira.

18 Luciano Ribeiro Correa

Luciano Correa é um dos poucos atletas com formação no Centro-Oeste do Brasil. Iniciou no judô de Brasília com o professor. Ivanez, com quem treinou dos 04 aos 16 anos. A academia de Ivanez que ficava no bairro Octogonal, não existe mais e o professor também está afastado do judô. Somente em 1999 quando pensava em tentar a vaga no Projeto Futuro em São Paulo recebeu o convite de Floriano para se transferir para Belo Horizonte e integrar a equipe do Minas Tênis Clube, sob seu comando. A melhor performance de Luciano foi no Campeonato Mundial de 2007, realizado no Rio de Janeiro, quando foi o campeão da categoria meio-pesado (-100 kg), confirmando a tradição brasileira na categoria. No mundial do Cairo em 2005, Luciano já havia conquistado a medalha de bronze neste mesmo peso. Apesar do excelente resultado, sua conquista ficou em segundo plano devido ao surpreendente resultado de João Derly, que venceu o japonês Ushishiba na final do meio-leve. De certa forma, o resultado de 2007, quando Luciano venceu a final com um clássico seoi-nague de ipon, também ficou ofuscado pelo bi-campeonato de João. Além destes dois resultados que o colocaram na colônia de atletas, Luciano foi terceiro colocado nos Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, além de ser campeão pan-americano júnior e campeão pan-americano sênior.

Desde 2005, com a aposentadoria da seleção de Mário Sabino, Luciano tem sido o mais assíduo no posto dos meio-pesados. Neste ciclo ele segue pontuando para conquistar a vaga nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Com a transição de carreira programada, porém sem data, vai seguir a carreira de Administrador de Empresas, curso que concluiu recentemente. Agradece a Floriano, a quem considera muito mais que um professor, nas suas palavras: “Floriano é um pai pra mim em Belo Horizonte..”

19 João Gabriel Schlittler

João Gabriel é um dos destaques do judô do Rio de Janeiro e um peso pesado com características modernas, longilíneo, peso abaixo dos 120 kg e um biótipo mesomorfo e não endomorfo, como antigamente se via com mais freqüência. Seu mais importante título foi o terceiro lugar no Campeonato Mundial de 2007, no Rio de Janeiro. Na decisão de terceiro lugar venceu o ídolo japonês Kosei Inoue, surpreendendo muitos da platéia que esperavam por uma vitória do japonês. Além deste resultado João Gabriel foi vice-campeão dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro em 2007 e representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Pequim - 2008, chegando até a semi-final da competição. Infelizmente João teve um percalço na sua preparação, sofreu uma lesão no joelho e teve que interromper os treinamentos por um período relativamente longo. Sua recuperação foi um sucesso, mas o tempo perdido pode ter sido decisivo no resultado final. Além disso os primeiros três combates de João foram vencidos no *golden score*[110] o que o desgastou sobre maneira. Na outra chave, seu adversário na semi-final teve a sorte de vencer por ipon todos os seus combates, o que lhe permitiu uma grande economia de energia. Nestas condições o sétimo lugar de João foi uma conquista, porém com gosto amargo, pois ficou aquém de suas reais condições.

A iniciação de João no judô foi por influência de seu irmão mais velho, como em muitos outros casos na nossa colônia. João era uma criança super ativa e os pais encaminharam para o esporte, tendo entrado inicialmente no basquete. Mesmo contra a vontade, ingressou no judô para acompanhar o irmão, e com isso, facilitar a vida dos pais. Seu primeiro dojo foi o do Flamengo, com o sensei Valquenares, que segue ministrando aulas em uma academia do Recreio dos Bandeirantes.

Ao conquistar a sua medalha no Campeonato Mundial de 2007, no Rio de Janeiro, João representava a Universidade Gama Filho, mas seus treinamentos eram administrados por ele mesmo em diferentes lugares. Nem sempre é fácil encontrar treino para um peso pesado no Brasil. A parte física João fazia na Escola de Educação Física do Exército, sob a orientação geral do professor Josué Moraes e sua equipe. Na Universidade Gama Filho, sob a Coordenação do professor Alfredo Dornelles e sua equipe, João fazia os treinos técnicos. Na opinião de João, Valquenares foi a sua maior

[110] Tempo suplementar de 3 min. no judô quando ocorre um empate no tempo regulamentar.

referência, mesmo reconhecendo que muitos outros profissionais contribuíram para o seu desempenho.

Logo após os Jogos Olímpicos João se submeteu a um procedimento cirúrgico no joelho lesionado e posteriormente no ombro. Assim aproveitou este tempo para retornar a universidade e completar seu curso superior. Somente agora início de 2011 é que João está de volta aos tatames tentando recuperar a sua vaga na seleção. Vaga que abdicou voluntariamente em 2009, após sofrer a segunda intervenção cirúrgica. Mesmo fora do grupo na seleção, João foi convidado a participar do Grand Slam de Judô do Rio de Janeiro -2011, tendo em vista a lesão de um dos atletas da seleção. Para surpresa de muitos se sagrou campeão da categoria e passou a pontuar para este ciclo olímpico, embora não estivesse nos planos da confederação para representar o Brasil no Campeonato Mundial de 2011.

20 Ketleyn Lima Quadros

Mais uma representante do Centro-Oeste, Ketleyn é a primeira atleta do sexo feminino a conquistar uma medalha em Jogos Olímpicos. Seu bronze em Pequím-2008 foi uma agradável surpresa para o público brasileiro que ainda não estava acostumado a ver Ketleyn brilhar em competições internacionais. A vitória na seletiva final quando superou Danielle Zangrando, por si só, a qualificava para a conquista.

Sua iniciação no judô ocorreu na cidade de Taguatinga, no Distrito Federal no SESC de Taguatinga. Iniciou no judô por indicação do professor de educação física. Primeiro foi levada para a natação, mas após as primeiras aulas decidiu ingressar no judô, atividade que ela assistia ao passar para o treino de natação. Levada pela mãe que nem sequer lhe comprou o uniforme (judogui), pois acreditava que ela não seguiria nas aulas. O primeiro professor chamava-se Guilherme, e o enfoque adotado em suas aulas era mais lúdico e disciplinar. Os ensinamentos versavam sobre a história do judô, as etiquetas, hierarquia e pouca ênfase nos aspectos competitivos. Aos 11 anos trocou de professor, passando a trabalhar com o sensei Heder da Silva, que, este sim buscava objetivos mais competitivos. Esteve sob a orientação de Heder até os 13-14 anos e foi o próprio sensei Heder que a levou para a academia de sua terceira influência na iniciação, professor Robert Marques que dividia a condução do seu dojo com o irmão Ebert Marques, também em Taguatinga. Ao começar a se destacar nacionalmente recebeu o convite de Floriano Almeida para integrar a equipe do Minas Tênis Clube.

Em 2006, aos 19 anos foi para Belo Horizonte junto com sua amiga e colega de treino em Taguatinga, Érica Moraes. As duas ainda tinham o exemplo de Luciano Correa, outro atleta do Distrito Federal que antes delas se mudou para o Minas Tênis, sob orientação de Floriano. Quis o destino que dois anos depois de estarem em BH, ambas conquistassem a vaga para os Jogos Olímpicos de Pequim; Érica na categoria meio-leve (-52 kg) e Ketleyn no leve (-57 kg). Os resultados das duas na primeira participação em Jogos Olímpicos, foram bem diferentes. Érica foi cortada dos jogos por lesão, quando já estava em Pequím e foi substituída pela sua reserva imediata, Andressa, atleta de Santos, da Associação Rogério Sampaio; enquanto Ketleyn, conquistou a medalha de bronze, entrando para a história como a primeira mulher brasileira a conquistar uma medalha em Jogos Olímpicos. Ambas seguem integrando a seleção brasileira neste ciclo olímpico, tentando a vaga em Londres -2012.

Ketleyn está plenamente satisfeita com as condições de treino oferecidas pelo clube que a recebeu e pelo acompanhamento do professor Floriano de Almeida. Na seleção também tem recebido o apoio necessário, segundo seu depoimento. As oportunidades de viajar e treinar com as principais adversárias e a atenção da treinadora da seleção, a quem se refere como (Tia Rosi), parecem deixá-la bem a vontade no ambiente da seleção.

Assim como não tem queixas do trabalho de iniciação, Ketleyn acredita que tem a sua disposição todas as condições necessárias para atingir os seus objetivos, tanto por parte de seu clube, o Minas Tênis e seu sensei Floriano, como por parte de CBJ e a Treinadora, professora Rosicleia. O fato de ser uma mulher que pratica um esporte de combate, não a fez se sentir discriminada em nenhum momento de sua carreira.

Ketleyn foi a primeira atleta a referir que um apoio do governo brasileiro a auxiliou no início da carreira. Ela foi bolsista do Projeto Bolsa Atleta, até se transferir para o Minas Tênis Clube em 2006.

21 Leandro Cunha

O atleta Leandro Cunha entrou para o seleto grupo de medalhistas em campeonatos mundiais, no ano de 2010 em Tóquio. Aos vinte e oito anos ele só agora integrou a seleção brasileira em campeonatos mundiais. Assim como ocorreu com Mário Sabino, que entrou para a seleção com 28 anos, pois nesta categoria Aurélio Miguel era soberano. Leandro esteve nos últimos anos a sombra de João Derly, Campeão da categoria dos meio-leves em 2005 e 2007 e integrante da seleção nacional

nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Mesmo tendo ficado fora da seleção nos últimos anos Leandro entende que esta é a sua hora e está satisfeito pelo desempenho que lhe rendeu a medalha de prata em Tóquio - 2010, feito que repetiu em 2011 no Campeonato Mundial de Paris.

Seu início no judô foi em São José dos Campos, na Associação de Judô, Hirakawa. Junto com outro irmão mais velho e em função do negócio da mãe, que vendia salgados, ele acabou com o apelido de coxinha. Apelido que leva até hoje em dia desde os tempos em que vivia em São José e pertencia a equipe multi-campeã do professor Hirakawa. Somente nesta colônia de medalhistas temos dois atletas, Fúlvio Kimi Miyata e Leandro Cunha, que partilharam espaço na sua iniciação em São José e posteriormente no Projeto Futuro, com Floriano de Almeida.

Desde de sua saída do projeto Leandro é atleta do Esporte Clube Pinheiros, onde segue seus treinamentos sob a orientação de Mauro Oliveira. Leandro segue pontuando para garantir a sua vaga nos Jogos Olímpicos de Londres, que deverá ser a sua primeira participação em Jogos Olímpicos.

22 Sarah Menezes

Sarah Meneses é uma das novatas da seleção. Sua primeira medalha em mundiais foi conquistada em condições bem adversas. Durante o Campeonato Mundial de Tóquio em 2010, na disputa da luta semi-final, ela sofreu um luxação no dedo da mão e conseguiu seguir no combate até o final. Sem que o juiz observasse, ela conseguiu reduzir a luxação e sair vitoriosa no combate. Isto a levou a conquista do bronze, mesmo sem condições de iniciar novo combate que ela perdeu por desistência. Em 2011 no Campeonato Mundial de Paris ela repetiu o feito, e conquistou mais uma medalha de bronze para o Brasil,

Outra filha do judô nordestino, Sarah iniciou no judô em Teresina, Piauí. O local de iniciação nunca foi alterado e Sara é uma das exceções que encontrei nesta população. A atleta segue com o mesmo treinador da iniciação, até o momento desta entrevista, em janeiro de 2011. Seu treinador, Expedito Falcão sempre foi o professor de Sara e o local de treino de sua equipe sempre o foi o SESC de Teresina. Este é mais um dos exemplos onde o sistema de iniciação esportiva da rede SESI /SESC contribui significativamente para a formação de atletas e professores que se destacam no judô nacional. Possivelmente isto ocorra em outras modalidades, mas este estudo não se propôs a verificar este interessante achado. Pode-se afirmar que no caso específico dos

atletas de judô no Brasil, ou pelo menos os da colônia de atletas investigada, a rede SESI / SESC foi o mais importante local de iniciação esportiva na formação dos atletas brasileiros de judô. Além do local de formação e treinamento de Sarah, no Nordeste temos o exemplo de Edinanci Silva, que iniciou no SESC de Campina Grande na Paraíba, no Centro-oeste o exemplo é da nossa única medalhista feminina em Jogos Olímpicos, Ketleyn Quadros que iniciou no SESC de Taguatinga DF; no interior de São Paulo, o exemplo é Mario Sabino e seu treinador Artêmio, que iniciaram no SESI de Bauru; no Rio de Janeiro, pode-se citar o SESI de Nova Iguaçu onde inciou Sebastian Pereira; além de outros trabalhos de destaque como o do Sensei Paulo Duarte, no SESI de Cubatão nos últimos anos.

Além da rede SESI/SESC pode-se citar o judô escolar, muitas vezes ministrado por professores de educação física sem uma grande especialização na modalidade. Do judô na escola vieram João Derly, Leandro Grilheiro e Mayra Aguiar. Os demais atletas iniciaram em academias de judô ou clubes. Nenhum dos atletas que investigamos é oriundo dos programas de detecção de talentos do Ministério do Esporte. Isto pode ser justificado pela recente instalação deste tipo de programa, porém até o momento no judô não demonstrou eficácia. O único programa efetivo que precisamos ressaltar é o Projeto Futuro, do Governo o Estado de São Paulo, que contribuiu e continua contribuindo para a formação do grande número de atletas. Alguns deles se tornaram medalhistas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

O judô no estado do Piauí é recente e foi introduzido pela família do professor de Expedito, o atual presidente da Federação Piauiense de Judô, Denis. Seu pai e seus tios tiveram origem no jiu-jitsu brasileiro do Ceará, de onde migraram para o Piauí e posteriormente aderiram à organização do judô. O caso do Piauí é um argumento em favor da tese de que o judô brasileiro, em parte, se originou no jiu-jítsu brasileiro, ou jiu-jítsu Gracie.

23 Mayra Aguiar

Mayra é uma das maiores promessas do judô brasileiro nesta década, segundo alguns dos atletas e professores entrevistados. Aos dezenove anos sagrou-se vice-campeã mundial em Tóquio, e no mesmo ano de 2010, campeã mundial júnior. Estes dois títulos ocorreram na categoria meio-pesado (-78 kg) que ela estreou em 2010, pois até então lutava na categoria médio (-70 kg). Aos dezesseis anos ela ingressou na seleção e foi campeã nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro. Em edições

anteriores de campeonatos mundiais juniores, já havia conquistado um bronze e uma prata. Sua carreira meteórica foi interrompida para fazer uma cirurgia de joelho e a seguir esteve se adaptando a nova categoria, porém os recentes resultados parecem comprovar que nesta categoria ela deve continuar brilhando. Em 2011 deu mais um passo para quem sabe chegar a medalha olímpica em Londres, conquistou a medalha de Bronze no Mundial de Paris.

Seu início no judô ocorreu em aulas de judô no seu colégio em Porto Alegre aos seis anos de idade. Deu sequência aos treinos no clube de seu primeiro professor, Cid Borges, que atuava e ainda atua no Grêmio Naútico Gaúcho em Porto Alegre. Incentivada pelos pais e pela irmã mais velha, também judoca, ambas com o objetivo de aumentar e qualificar o seu treinamento, se transferiu para a SOGIPA. Mayra já portava a faixa roxa, mas foi a partir daí que começou a atingir o alto rendimento e os resultados destacados no judô internacional. Aos treze anos quando ainda competia na classe sub 14, já obteve vitórias sobre adversárias bem mais velhas, como ocorreu ao vencer os Jogos do Interior do Rio Grande do Sul, sub -16 anos (Jirguinhos). Desta feita Mayra e outro colega da SOGIPA, representaram a equipe da UFRGS, que foi escolhida para representar a cidade de Porto Alegre no evento. Mayra venceu a sua categoria de peso e a categoria absoluto. No mesmo ano sagrou-se campeã brasileira sub-14 em São Luiz do Maranhão. Em ambas as ocasiões tive a oportunidade de acompanhar a atleta, na primeira como treinador da UFRGS e na segunda em função da falta de seu treinador que não se deslocou até o Maranhão.

Em 2011 Mayra já conquistou a vaga para o campeonato mundial realizado em Paris no mês de agosto como uma das cabeças de chave, graças ao seu excelente desempenho nos últimos meses. Desta feita ficou com a medalha de bronze. Entre outros resultados venceu o Grand Slam do Brasil no mês de junho, próximo passado. A atleta segue sua preparação para os Jogos Olímpicos de Londres -2012, na busca da tão sonhada medalha de ouro.

Apresentarei a seguir as vinte e três (23) “Árvores genealógicas judoísticas” dos atletas brasileiros que conquistaram medalhas em JO e CM. Os fluxogramas são auto-explicativos, iniciando pelo nome do atleta medalhista e seguindo de cima para baixo indicando o seu professor formador e seus professores treinadores e assim sucessivamente.

A primeira árvore é a exceção, pois o atleta é o próprio genearca, pois trata-se de Chiaki Ishii, japonês naturalizado.

Chiaki Ishii (01)

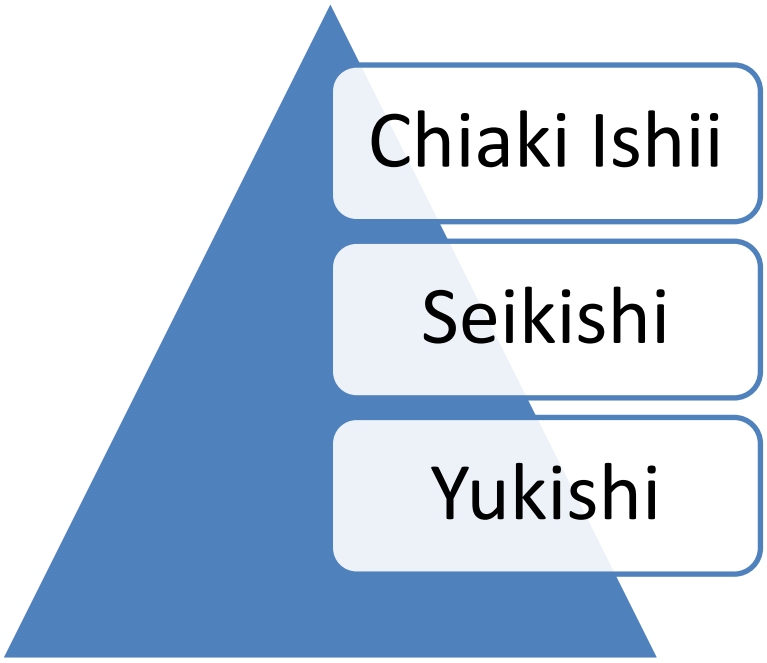


Figura 3. Árvore genealógica judoística de Chiaki Ishii

Walter Carmona (02)

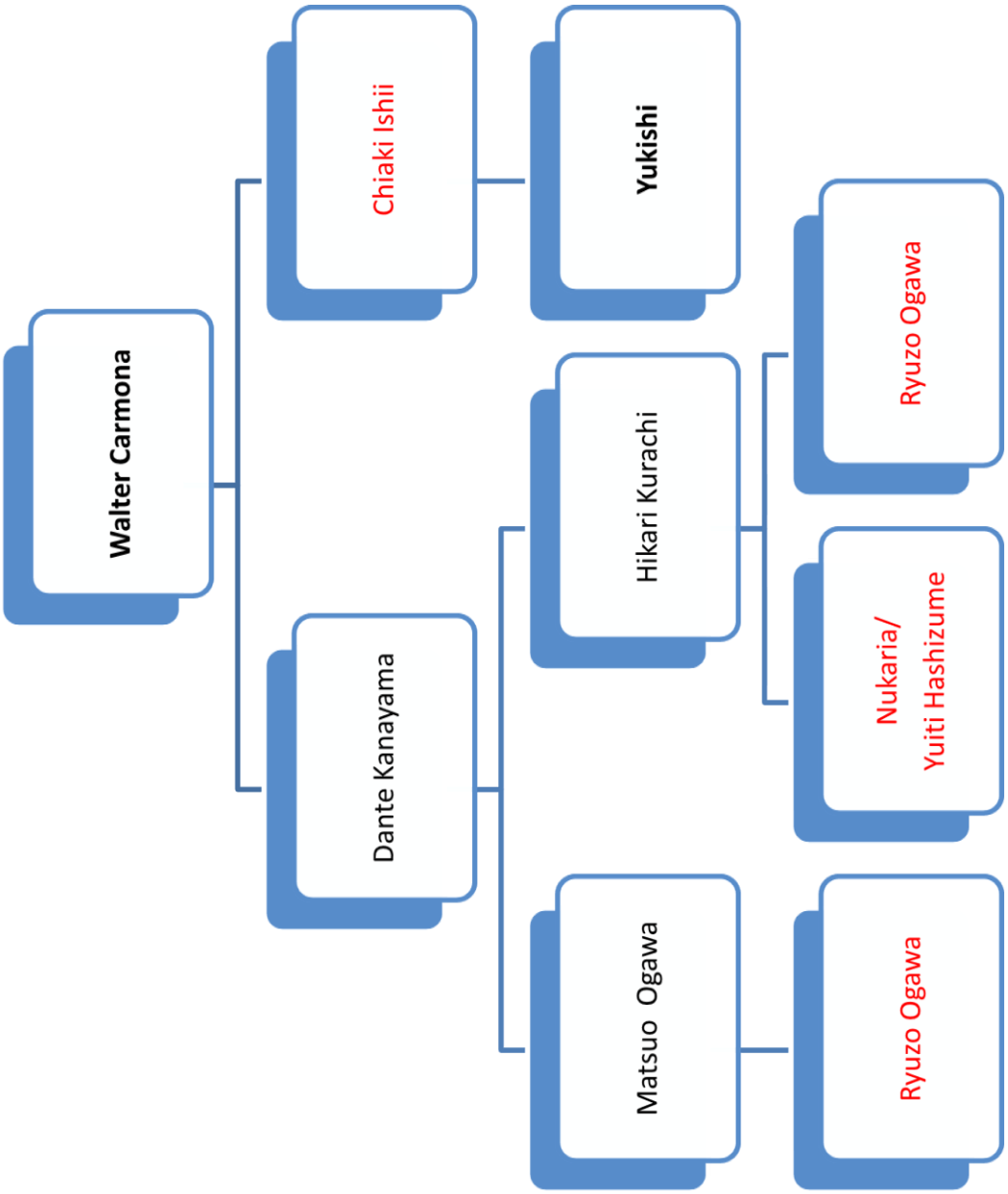


Figura 4. Árvore genealógica judoística de Walter Carmona

Luiz Yoshio Onmura (03)

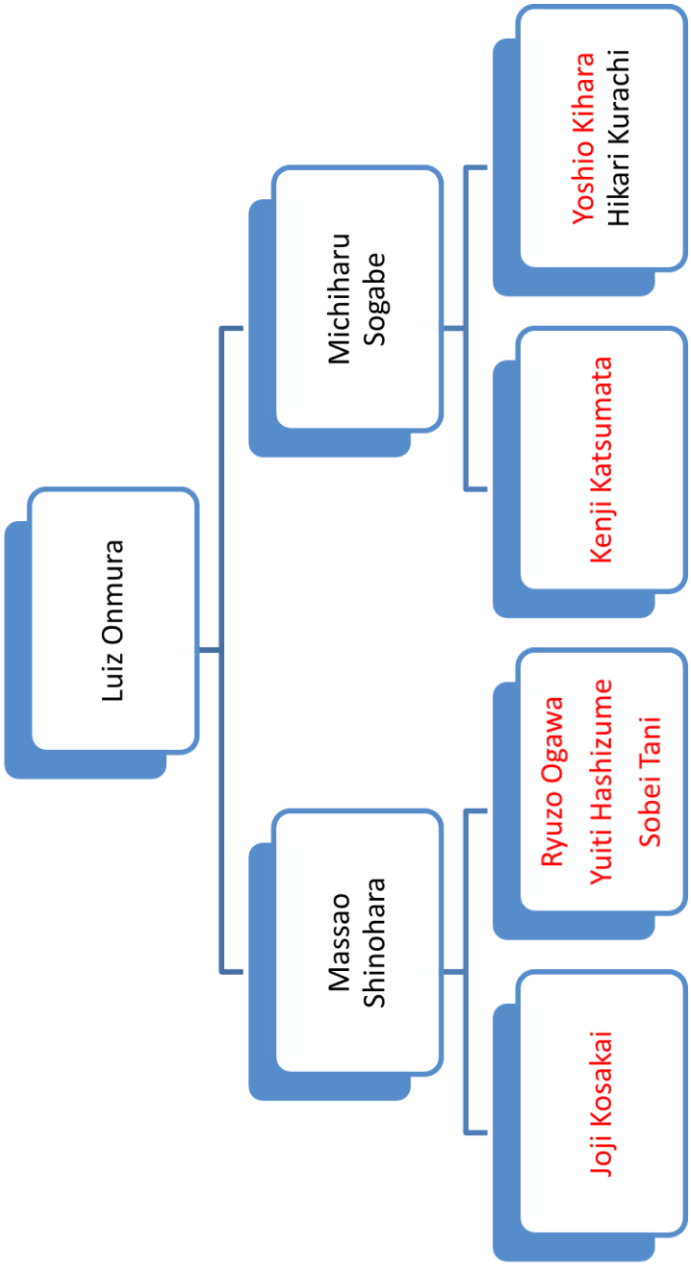


Figura 5. Árvore genealógica judoística de Luiz Onmura

Douglas Eduardo de Britto Vieira (04)

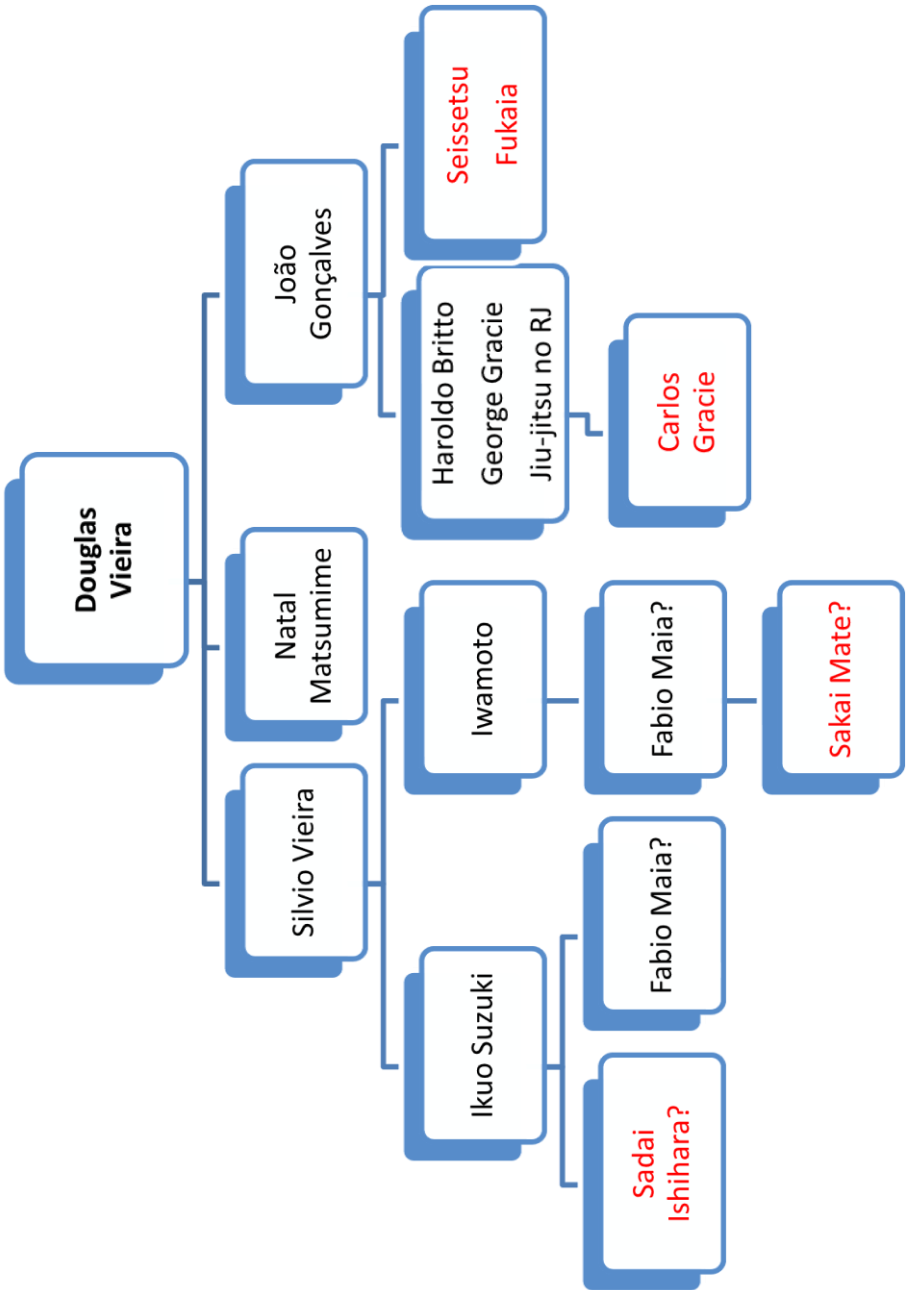


Figura 6. Árvore genealógica judoística de Douglas Vieira

Aurélio Fernandez Miguel (05)

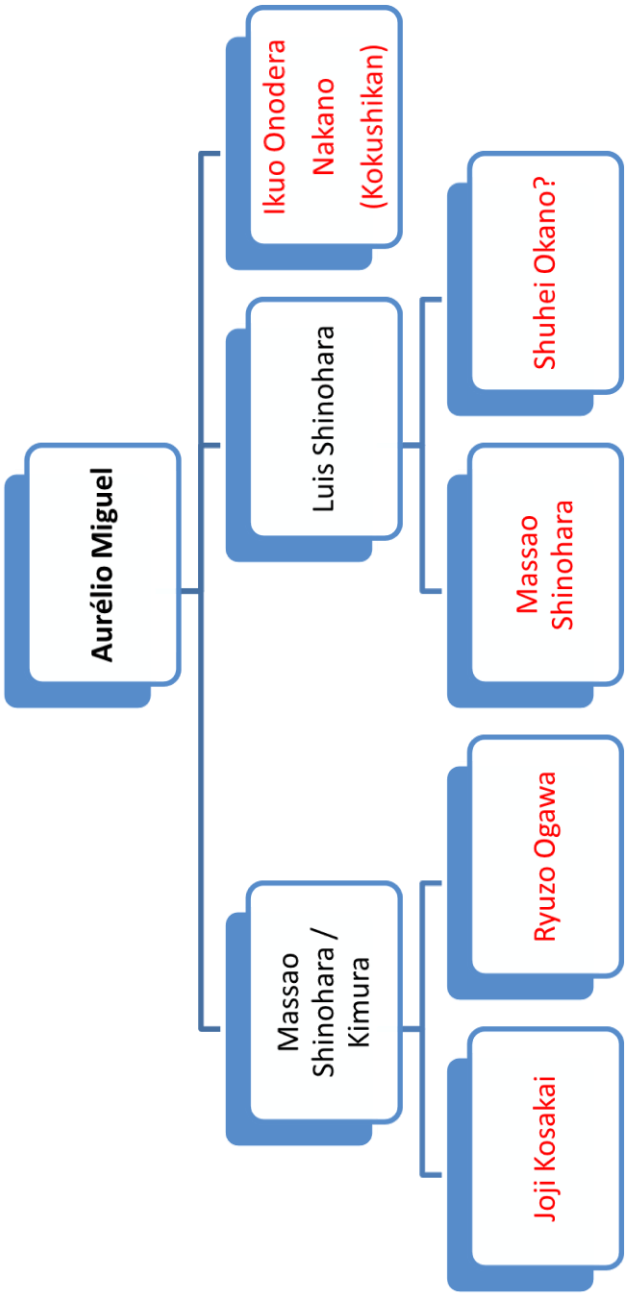


Figura 7. Árvore genealógica judoística de Aurélio Miguel

Rogério Cardoso Sampaio (06)

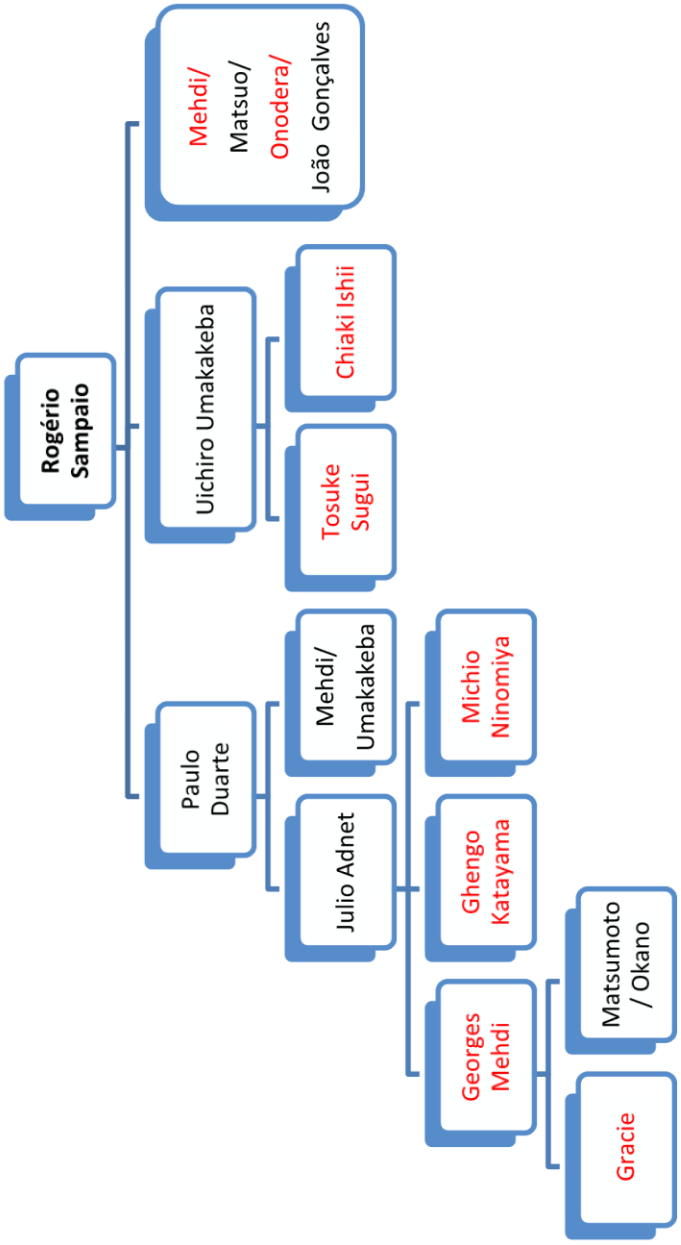


Figura 8. Árvore genealógica judoística de Rogério Sampaio

Danielle Zangrando (07)

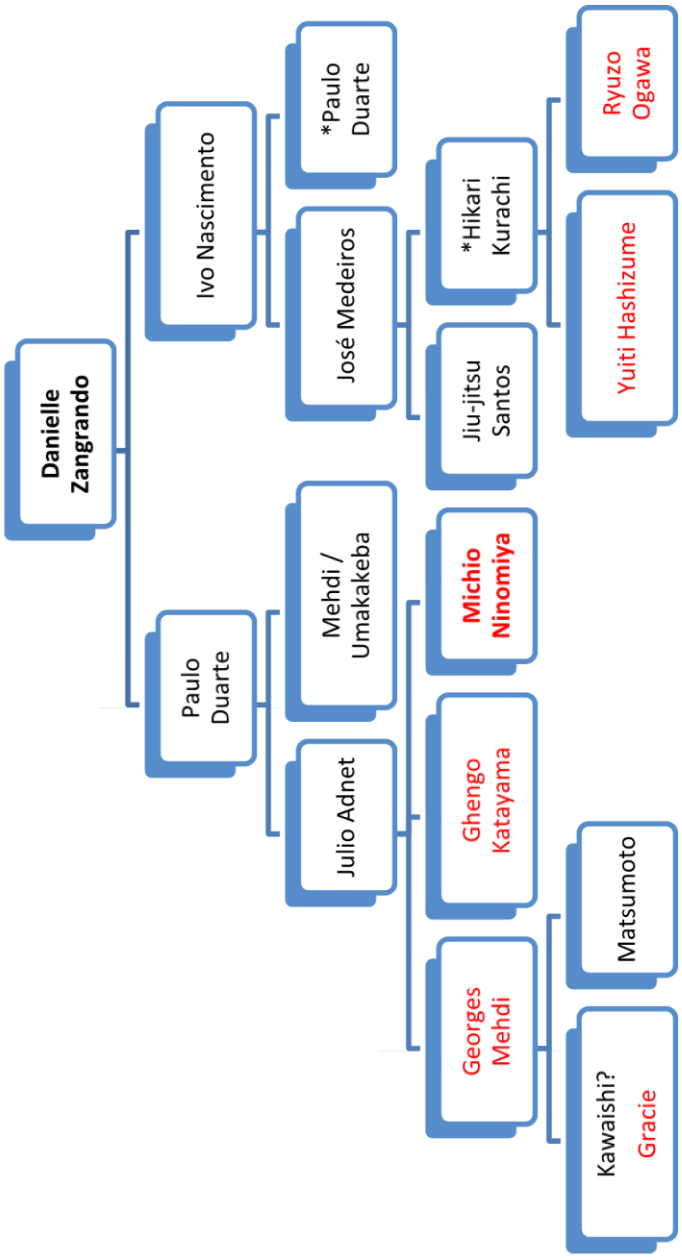


Figura 9. Árvore genealógica judoística de Danielle Zangrando

Henrique Serra Azul Costa Guimarães (08)

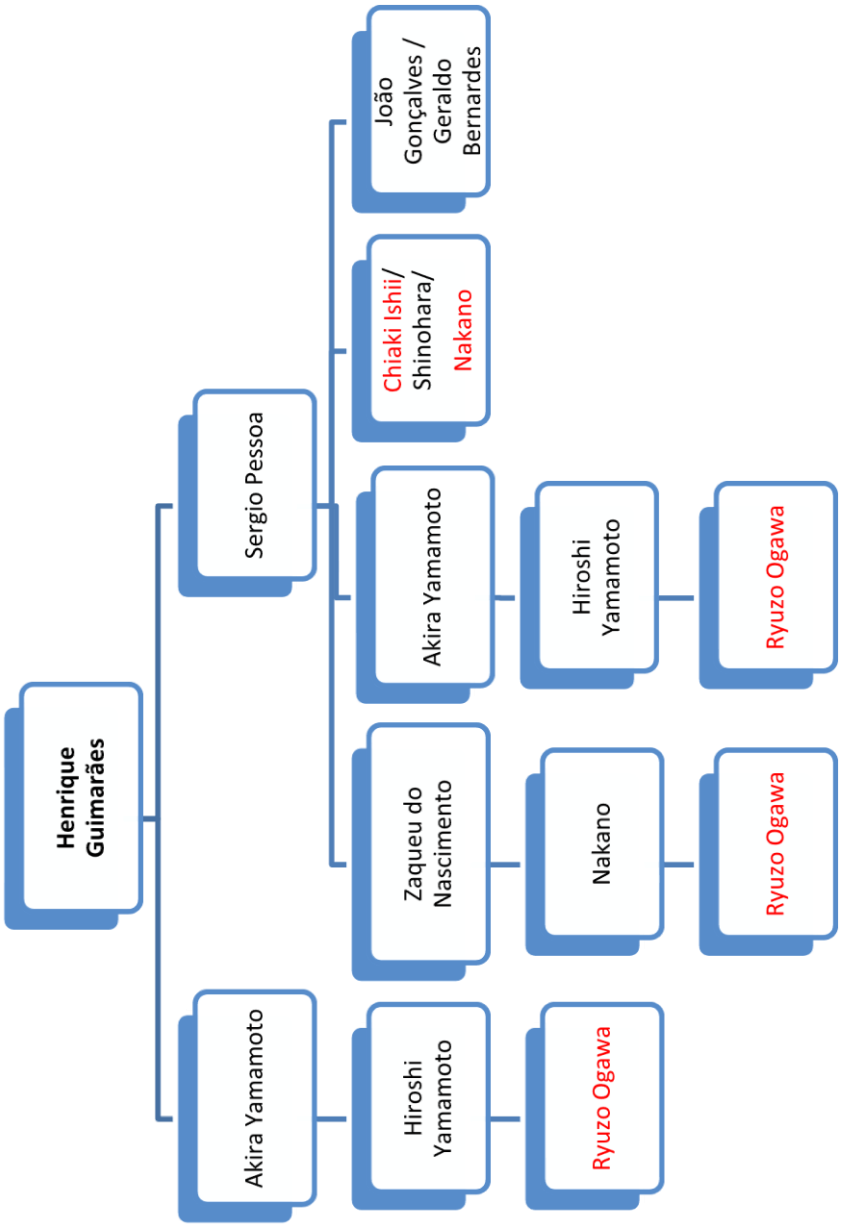


Figura 10. Árvore genealógica judoística de Henrique Guimarães

Fúlvio Kimi Miyata (09)

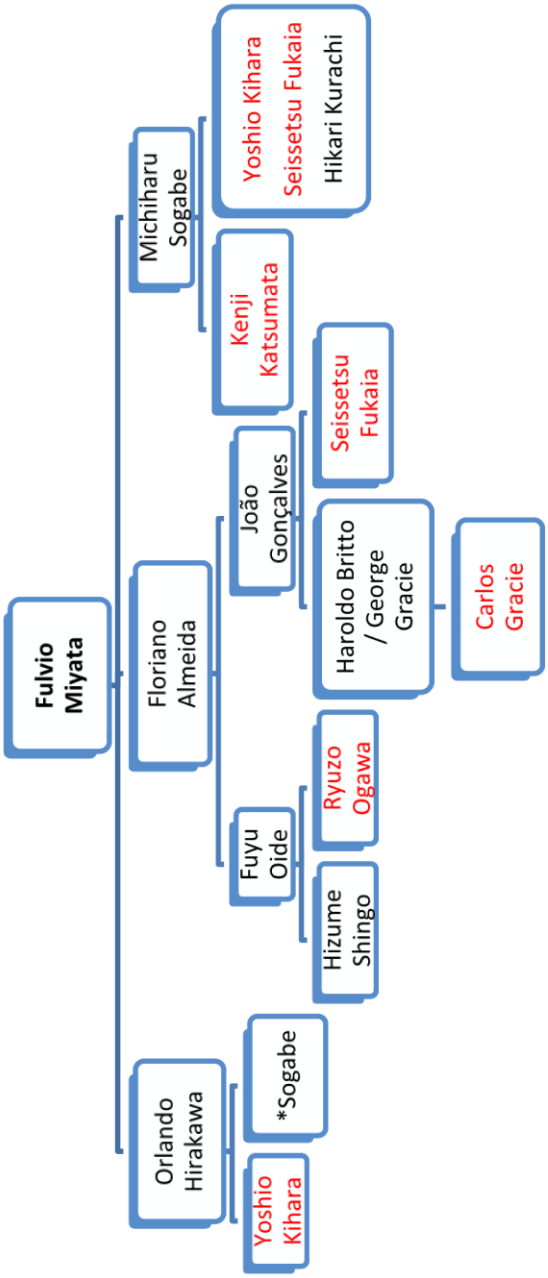


Figura 11. Árvore genealógica judoística de Fúlvio Miyata

Edinanci Silva (10)

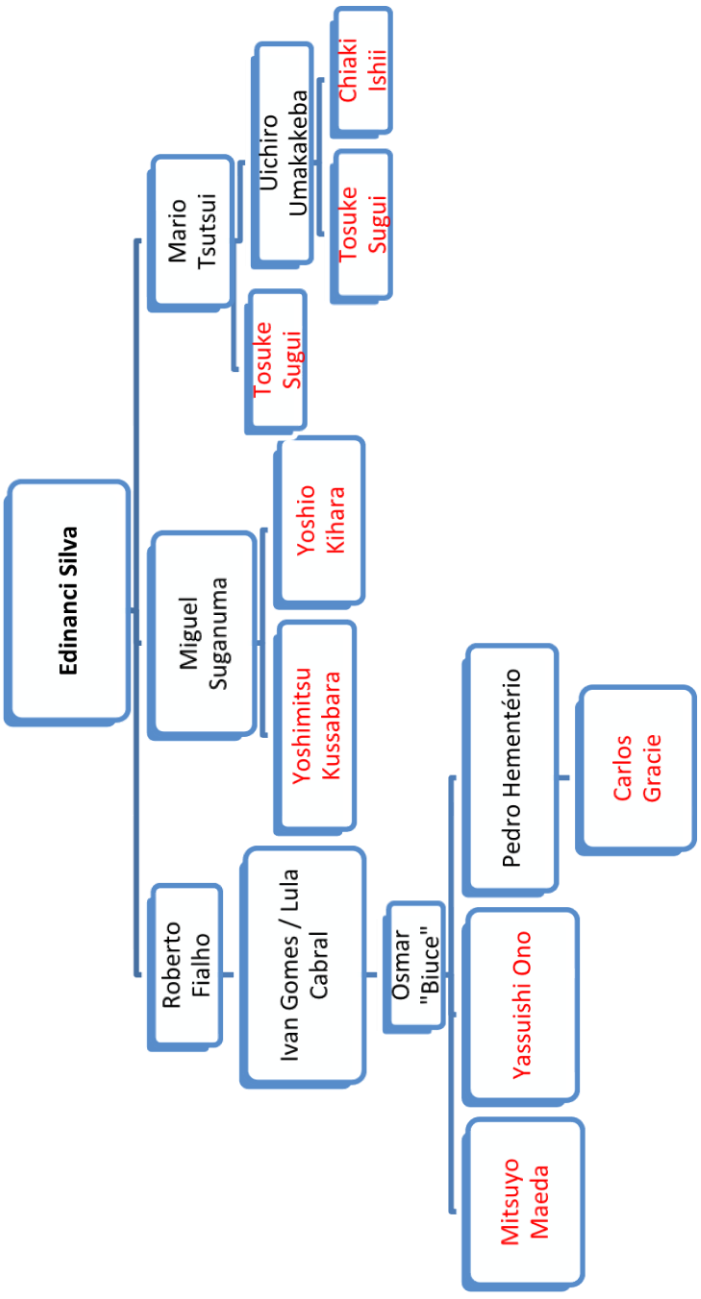


Figura 12. Árvore genealógica judoística de Edinanci Silva

Sebástian Rafael Dias Pereira (11)

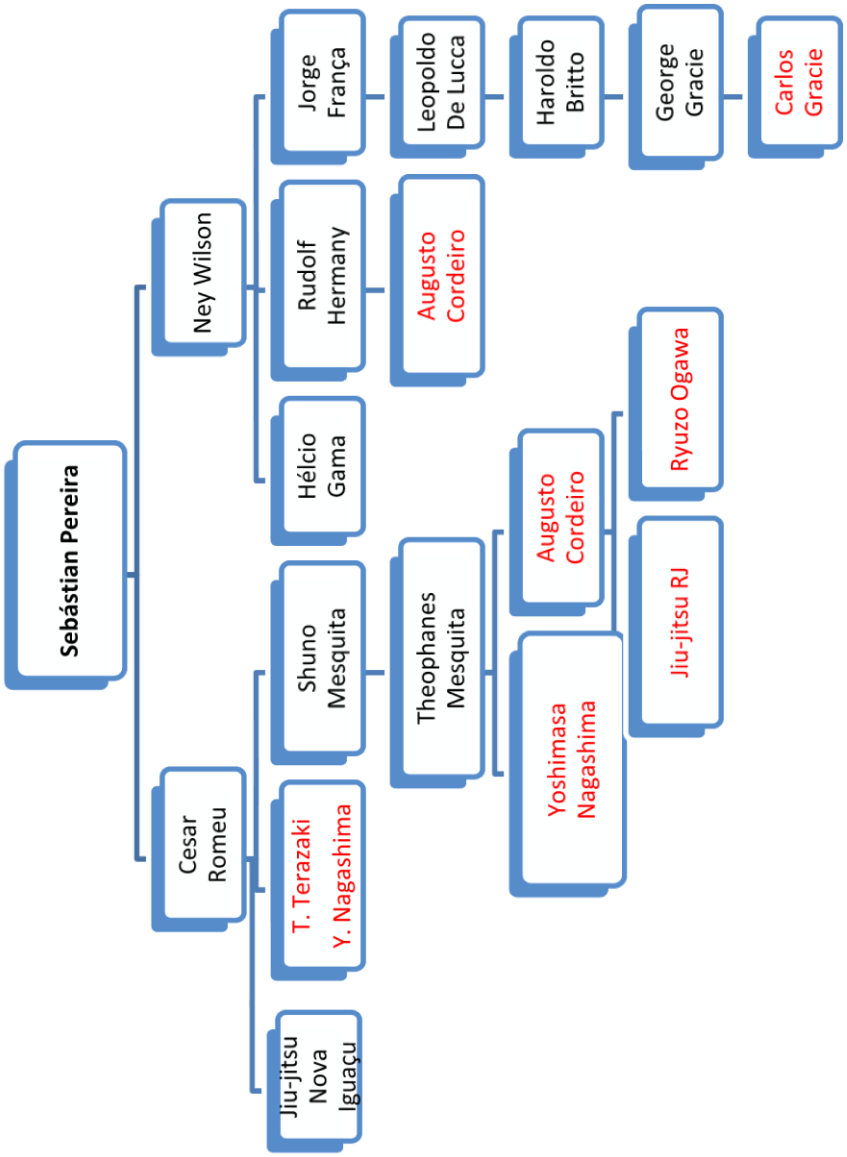


Figura 13. Árvore genealógica judoística de Sebástian Pereira

Carlos Eduardo Honorato (12)

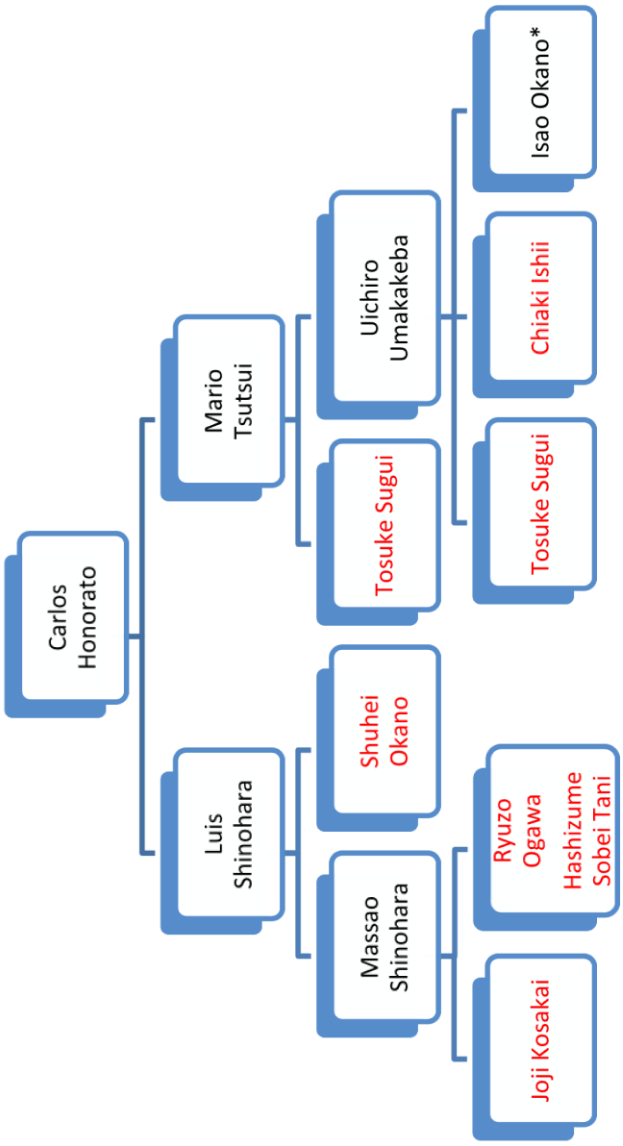


Figura 14. Árvore genealógica judoística de Carlos Honorato

Tiago Henrique de Oliveira Camilo (13)

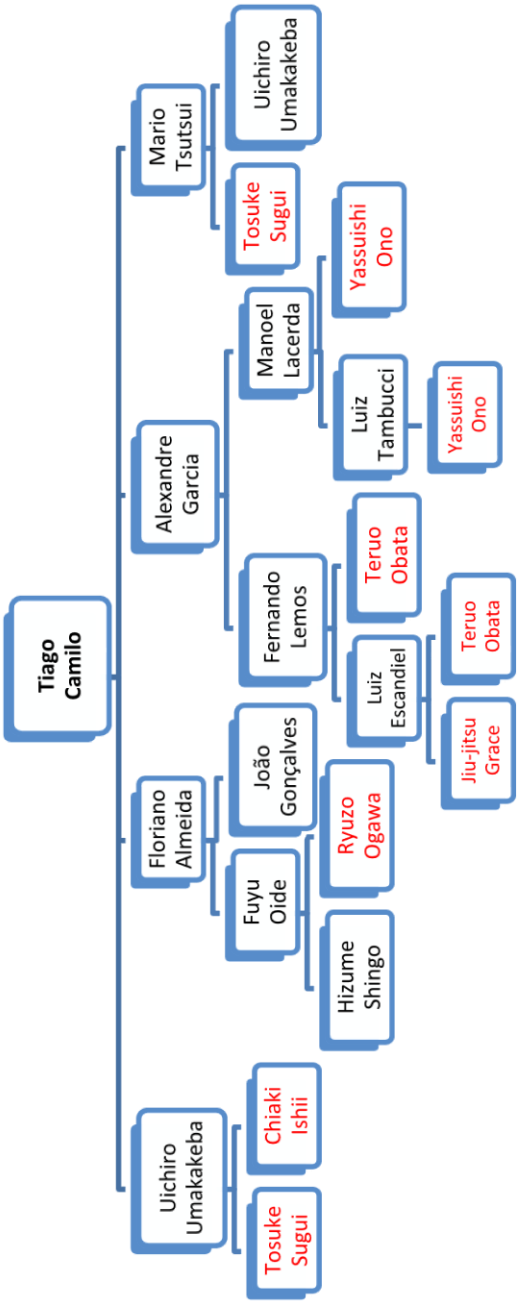


Figura 15. Árvore genealógica judoística de Tiago Camilo

Mário Sabino Júnior (14)

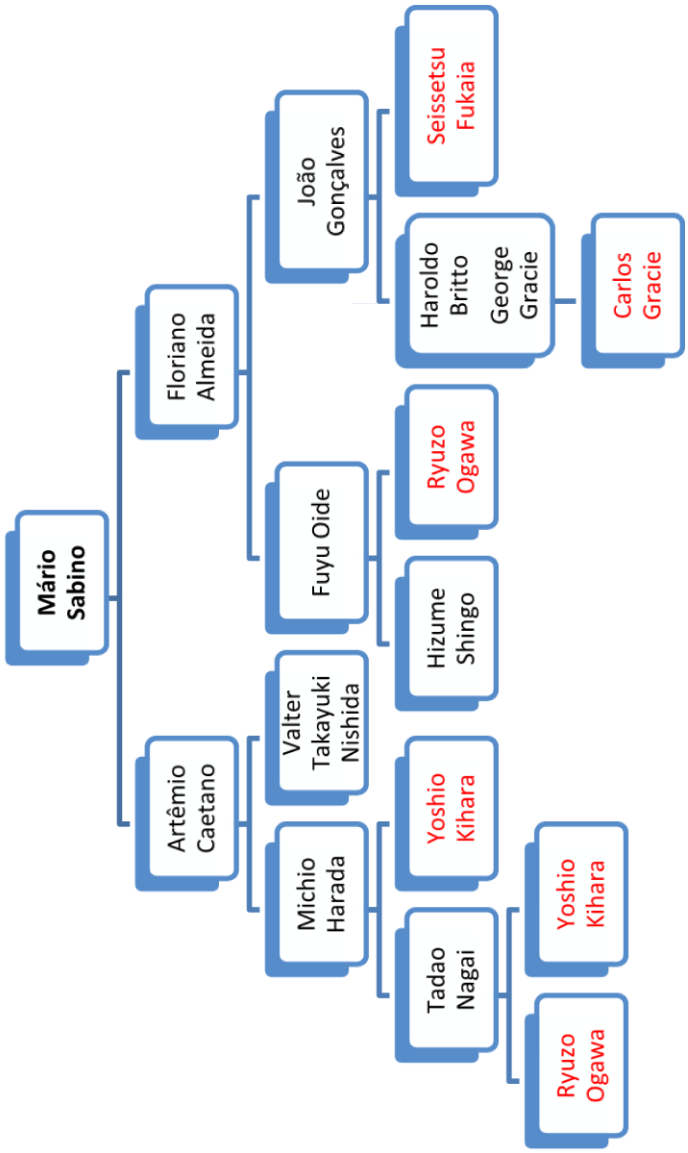


Figura 16. Árvore genealógica judoística de Mário Sabino

Leandro Guilheiro (15)

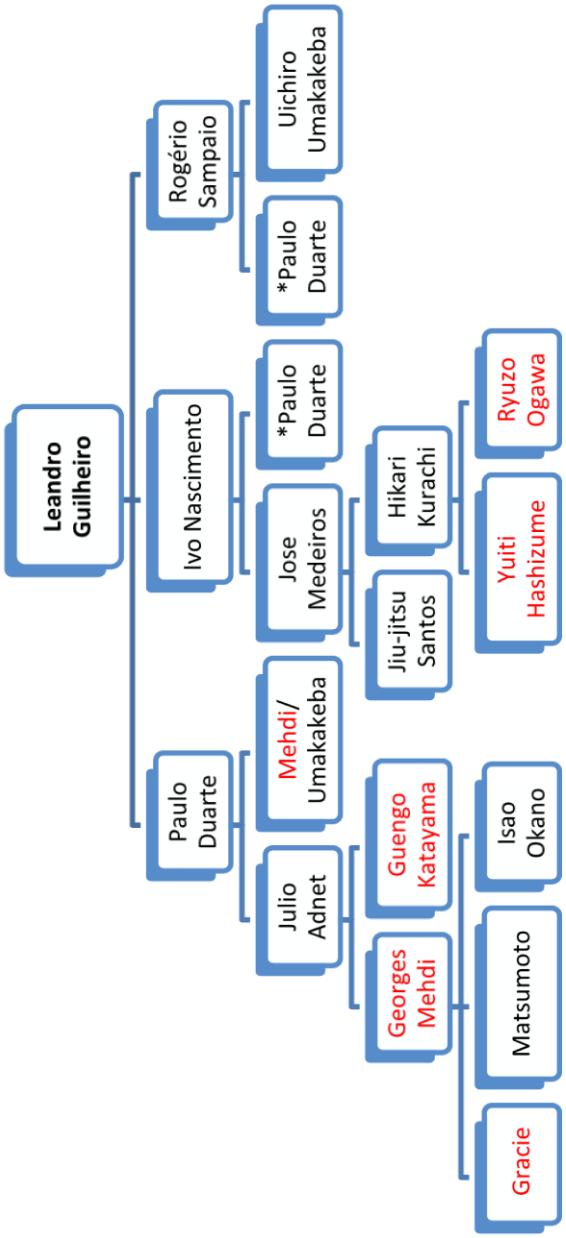


Figura 17. Árvore genealógica judoística de Leandro Guilheiro

Flávio Vianna de Ulhôa Canto (16)

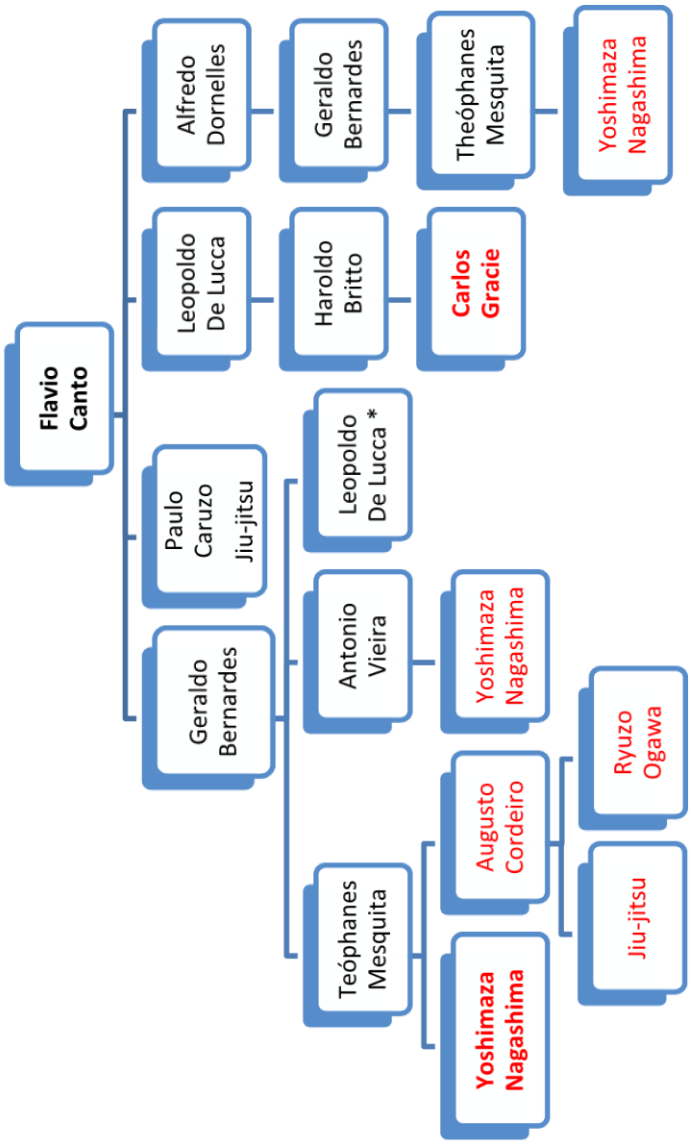


Figura 18. Árvore genealógica judoística de Flávio Canto

João Derly de Oliveira Nunes Junior (17)

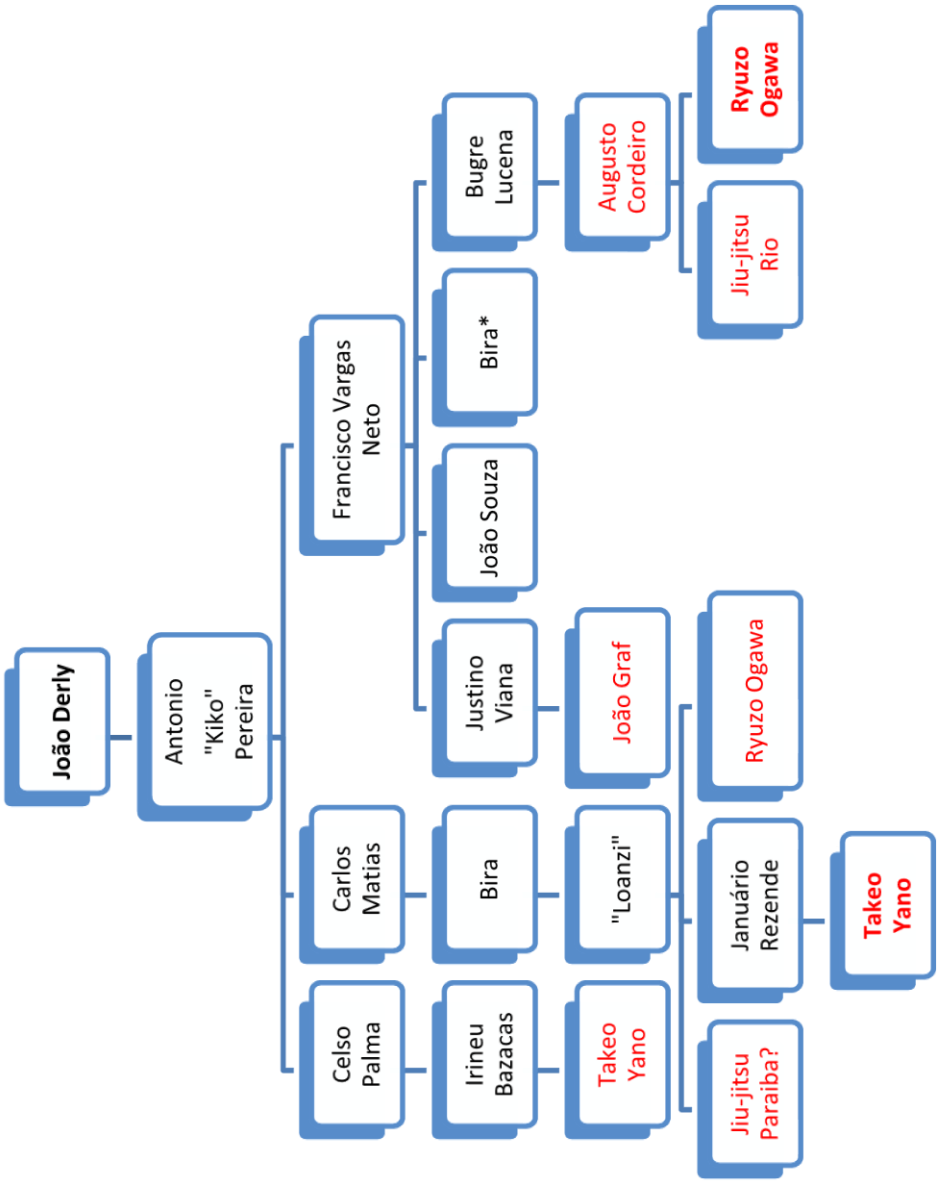


Figura 19. Árvore genealógica judoística de João Derly

Luciano Ribeiro Correa (18)

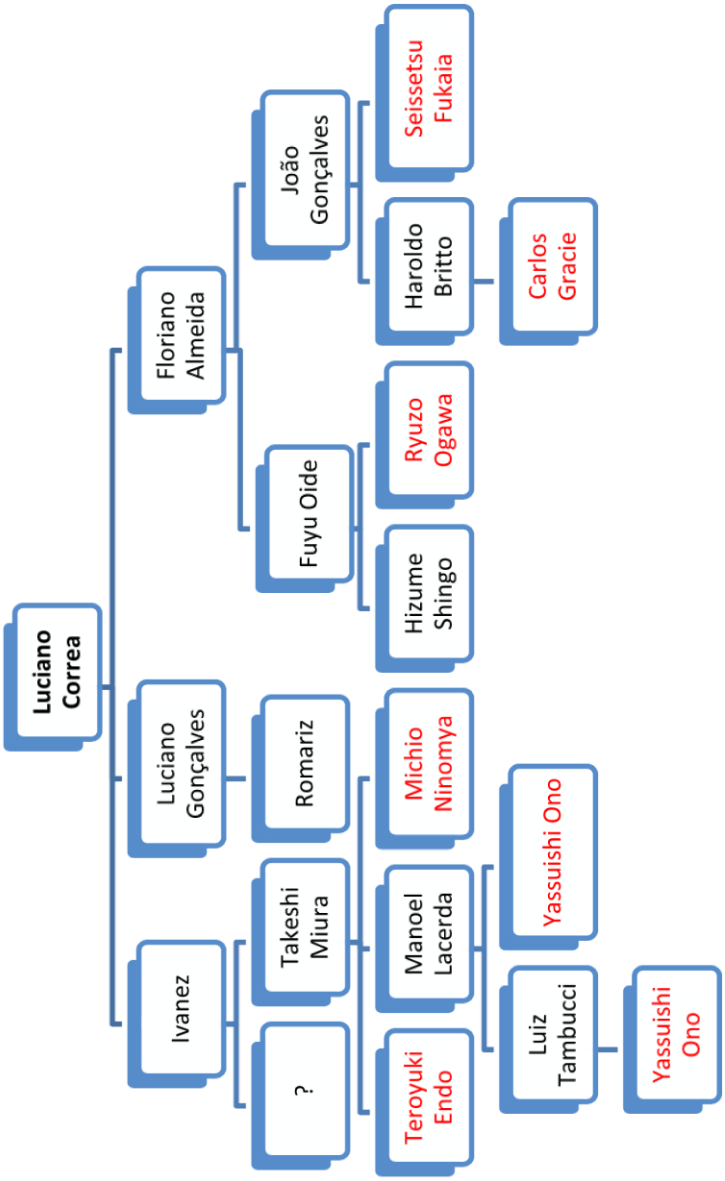


Figura 20. Árvore genealógica judoística de Luciano Correa

João Gabriel Schlittler (19)

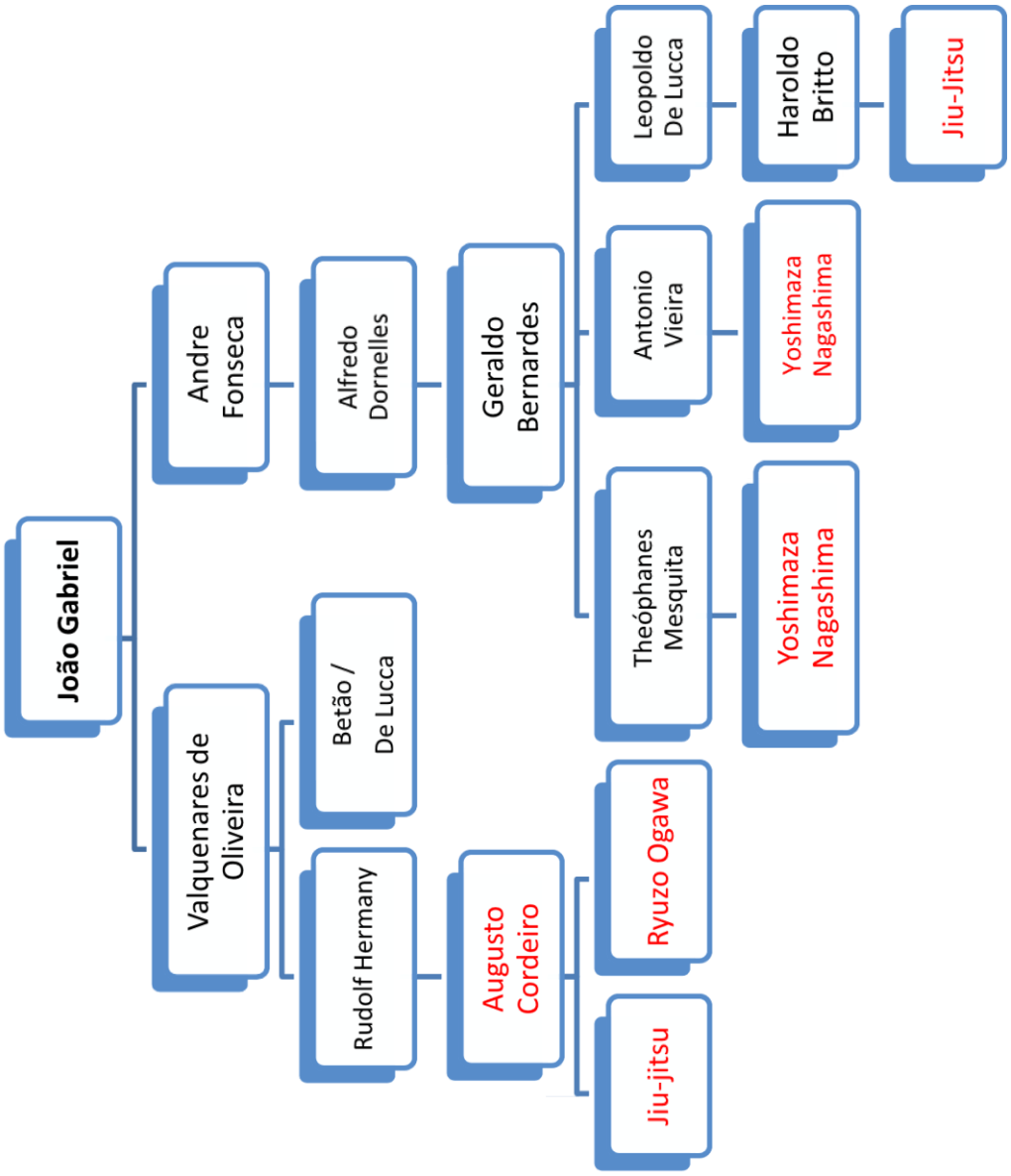


Figura 21. Árvore genealógica judoística de João Gabriel

Ketleyn Lima Quadros (20)

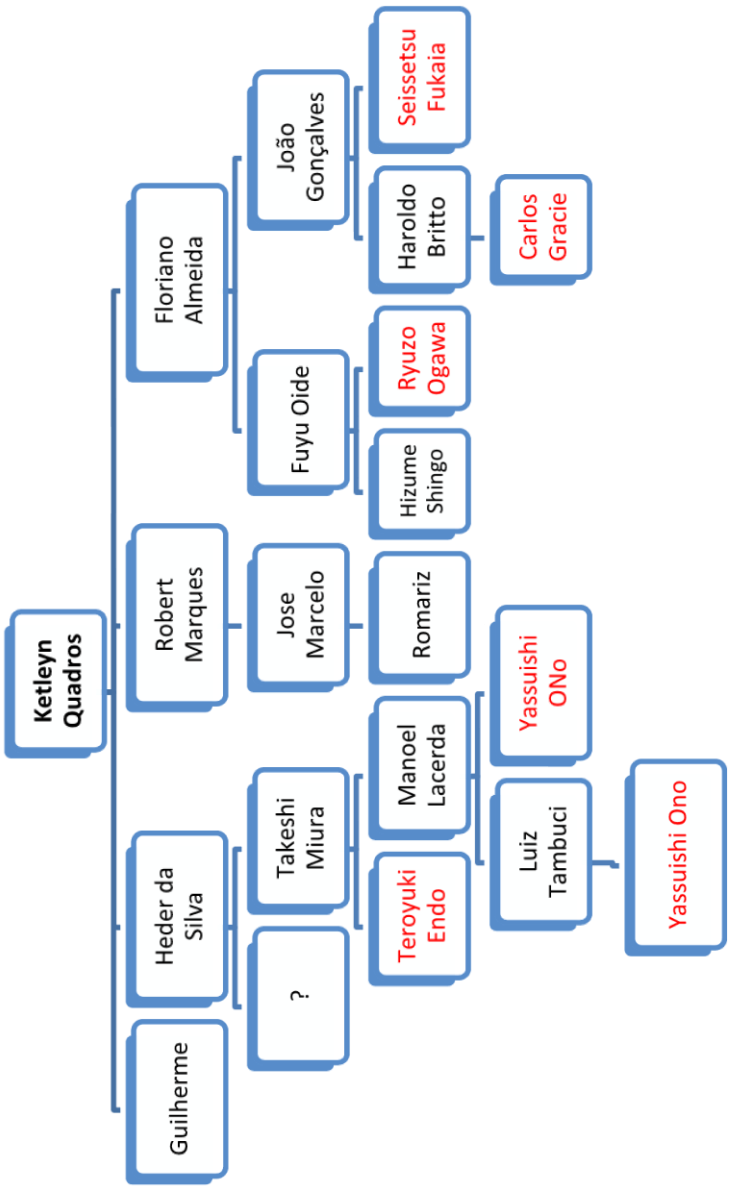


Figura 22. Árvore genealógica judoística de Ketleyn Quadros

Leandro Cunha (21)

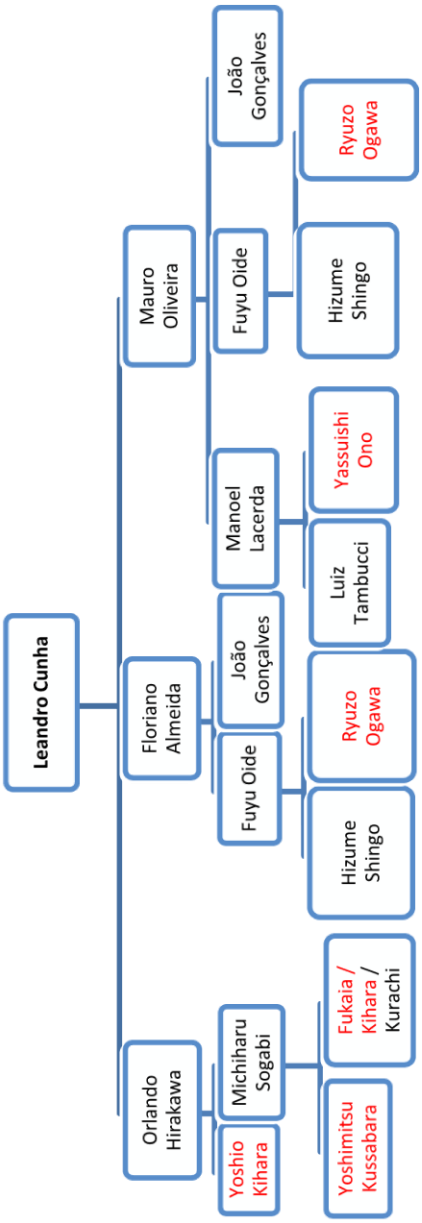


Figura 23. Árvore genealógica judoística de Leandro Cunha

Sarah Menezes (23)

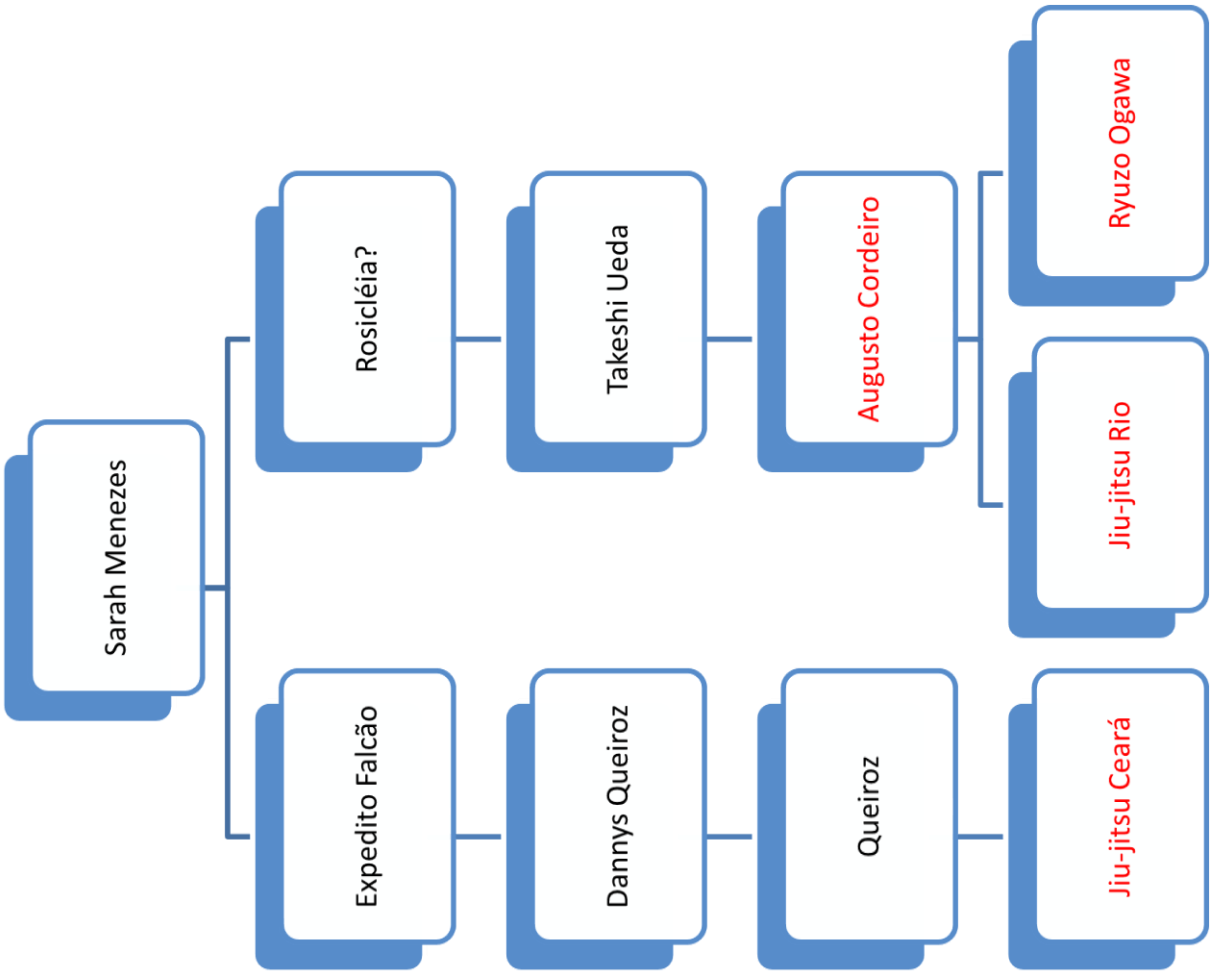


Figura 25. Árvore genealógica judoística de Sarah Menezes

Mayra Aguiar da Silva (23)

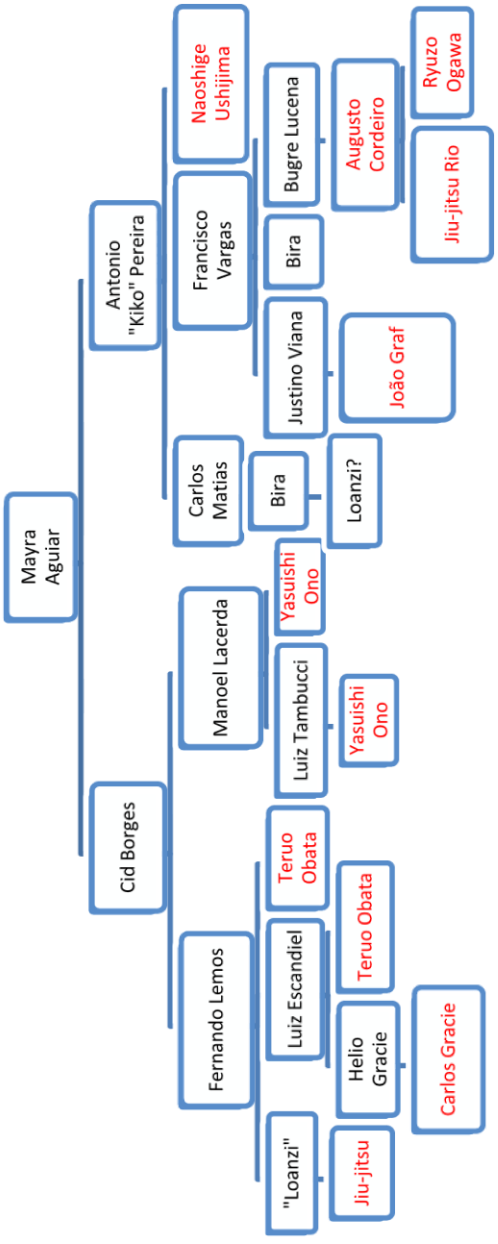


FIGURA 25 – Árvore genealógica judoística de Maira Aguiar

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia de história oral de vida híbrida possibilitou que este estudo tivesse uma grande abrangência, bem maior do que a proposta original da pesquisa. O grande número de entrevistas efetuadas e as origens diversas dos colaboradores permitiram-me registrar opiniões distintas sobre um mesmo fato, ou versões diferentes para um mesmo acontecimento. A comparação destas versões e a triangulação das informações encontradas nos documentos da história convencional permitem muitas outras possibilidades de análise. Esta riqueza de pontos de vista ao mesmo tempo se transformou em uma das limitações do estudo, pois a cada nova entrevista, novas informações vinham a tona, deixando sempre a impressão que outros dados deveriam ser colhidos para desvendar o que realmente aconteceu.

Após realizar a nonagésima entrevista dei por encerrado este estudo, na certeza de ter atingido os objetivos propostos e ido inclusive mais além. Sobre os elementos inicialmente previstos, que se limitariam aos atletas medalhistas que participaram até o ciclo olímpico de Pequim - 2008; acrescentei os atletas que participaram do Campeonato Mundial de 2010, realizado em Tóquio. Ainda entrevistei todos os campeões mundiais universitários, Mateus Sugizaki (Lisboa - 1968), Osvaldo Simões (Rio de Janeiro 1978) e Rogério Cherobin (São Paulo - 1986). Os achados deste estudo e as inúmeras informações que tive acesso, entretanto, não foram suficientes para desvendar todos os aspectos e fatos que permeiam a história do desenvolvimento do judô no Brasil e a sua íntima relação com o processo de imigração japonesa que ocorreu desde o início do século passado.

Entre tantas observações e constatações ficou claro que o judô se transformou e vem se transformando, de um método de educar o corpo, a mente e o espírito, idéia original do Mestre Kano, em um esporte de competição, desde a sua inclusão no programa olímpico em 1964/1972 e mais recentemente em um espetáculo internacionalmente difundido e negócio altamente rentável para grupos de dirigentes, patrocinadores, equipes multidisciplinares e até mesmo para os atletas da elite internacional. Os eventos programados pelo sistema desportivo internacional, Federação Internacional de Judô (IJF), uniões continentais e confederações nacionais são padronizados na sua forma e modelo. Os atletas participam de um circuito internacional composto por eventos de maior ou menor importância que lhes permitem acesso aos mega-eventos como campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. A proposta de

ranqueamento internacional segue o modelo de outras modalidades esportivas, como o tênis de campo, onde a acumulação de pontos no ranking é correspondida ao acúmulo de premiações em dinheiro. Os valores são significativos e impensáveis a vinte ou trinta anos atrás. Atualmente a IJF prevê a realização de quatro Grand Slams[111], cinco Grand Prixs[112] e vinte e quatro Copas do Mundo[113] e ainda cinco Campeonatos Mundiais (Individual, Equipes, Júnior, Master e Kata). (INTERNATIONAL Judo Federation, 2010).

Da antiga arte marcial, o judô do século vinte e um herdou muito pouco. Na maioria dos clubes e academias brasileiras a prática das técnicas de defesa pessoal e de combate real são desconhecidas, ou muito pouco praticadas. As formas clássicas, os katas, também foram esportivizados. Neste espaço vem ganhando terreno, na mídia e na sociedade, outras práticas como o jiu-jítsu brasileiro e os eventos de vale-tudo. Mesmo estes eventos que hoje são apresentados como MMA (Mixed Martial Arts), também se transformaram em um espetáculo e negócio rentável. A marca UFC, ou Ultimate Figthing Championship tem um valor de mercado superior a 2 bilhões de dólares americanos. A mídia vende os combates como produto e a televisão aberta e a cabo aufere grandes lucros com os eventos que vêm ganhando espaço em diversos países como Estados Unidos, Japão, Brasil e muitos outros.

Os próximos parágrafos sintetizam os principais achados desta investigação, embora possam ser encontrados ao longo do texto.

O judô brasileiro se desenvolveu a partir de duas fontes distintas, dentro da colônia japonesa como uma forma de conservação dos valores e da cultura nipônica, e posteriormente se espraiando entre os brasileiros natos e os descendentes japoneses e; pela atuação de lutadores japoneses que faziam demonstrações e combates de vale-tudo, onde auferiam dinheiro e fama. Esta segunda vertente de divulgação era mais uma forma como estes imigrantes conseguiam sobreviver, fora das más condições oferecidas como mão de obra barata na lavoura cafeeira, do que tinha por objetivo a divulgação das idéias originais de Jigoro Kano.

---

[111] Desde de 2008 a IJF promove 4 Grand Slans, Paris, Rio de Janeiro, Moscou e Tóquio onde as pontuações adquiridas e premiações em dinheiro são os mais elevados dentro daquele ano.

[112] Em 2010 foram realizados em Tunis (TUN); Rotterdam (NED); Abu Dhabi (UAE); Dusseldorf (GER) e Quidao (CHN).

[113] Em 2010 foram realizados em: Tibilissi (GEO); Sofia (BUL); Vienna (AUT); Budapest (HUN); Warsaw (POL); Prague (CZE); Ulaanbaatar (MGL); São Paulo (BRA); Bucharest (ROM); Madrid (ESP); Isla Margarita (VEN); Cairo (EGY); Tallinn (EST); Lisbon (POR); Miami (USA); Tashkent (UZB); Aimata (KAZ); Birmingham (GBR); Rome (ITA); Baku (AZE); Minsk (BLR); APIA, Samga (WSM); Suwon (KOR) e TBC (COL).

Os pioneiros entre estes lutadores chegaram ao Brasil em novembro de 1914, e fizeram a primeira demonstração na cidade de Porto Alegre. Liderados por Eisei Mitsuyo Maeda e Soishiro (ou Sanshiro) Satake, ex-alunos de Jigoro Kano na Kodokan, eles percorreram o Brasil participando de combates e demonstrações e se radicaram na região Norte, onde a riqueza da borracha atraia muitos estrangeiros. Satake ficou em Manaus, onde abriu o que talvez tenha sido a primeira academia de judô no Brasil, no bairro da Cachoeirinha. Maeda esteve vinculado à imigração na colônia de Tomé Açu no Pará e, envolvido em combates de vale-tudo no Brasil e em freqüentes viagens ao exterior. Ensinou judô/jiu-jitsu em Belém por algum tempo e possivelmente para poucos alunos. Entre eles ensinou para Carlos Gracie, que veio a criar um estilo novo de judô, que denominou jiu-jítsu brasileiro. Esta nova escola também é parcialmente responsável por alguns dos atuais locais de treinamento do judô Kodokan no Brasil, já que posteriormente, alguns ex-alunos do jiu-jítsu brasileiro aderiram às instituições responsáveis pelo judô no Brasil.

Os principais divulgadores do judô na colônia japonesa iniciaram o seu trabalho somente na década de 30 e, a primeira instituição de organização destas práticas foi a Ju-kendo-Renmei[114], fundada em 1933 na região de Mogi das Cruzes e Suzano. Além dos representantes da Kodokan, a rede de academias ligadas a Budokan de Ryuzo Ogawa e as academias Ono, foram os principais responsáveis pela divulgação do judô antes da SGM. As duas últimas escolas de luta citadas não tinham vínculo com a Kodokan, sendo que o sensei Ryuzo Ogawa, representante do estilo kashima-Tenshin-ryu nunca se vinculou a Kodokan.

Neste período inicial lutadores japoneses, vinculados ou não a Kodokan, percorreram o país em demonstrações, combates reais e criando escolas que ensinavam uma prática de luta que podia ser chamada de judô, jiu-jitsu ou jiu-jitsu kano. Lutadores que se destacaram como Geo Omori, no RJ, Yassuisshi Ono, em SP, e Takeo Yano, que esteve em muitos estados do Brasil, foram responsáveis pelo início do judô/jiu-jitsu nos locais por onde passaram. O período da SGM diminuiu a prática do judô no Brasil e trouxe diversos problemas para os imigrantes oriundo do Eixo, notadamente para os japoneses em São Paulo e Alemães no Sul do Brasil.

A primeira federação estadual de judô foi criada em 1958 (São Paulo) e a seguir no Paraná (1961), em Minas Gerais (1961) e Rio de Janeiro (1962). As demais só

[114] Esta instituição organizava as atividades esportivas na colônia, não somente o judô. Tatuso Okoshi, Katsutoshi Naito, Sobei Tani e Tokuzo Terazaki estão entre os mais destacados deste período.

surgiriam na década de 70. Estas entidades organizaram campeonatos nacionais de judô, anualmente desde 1954 (RJ), 1955 (MG), 1956 (SP), 1957 (RJ), 1958 (MG), 1959 (RS), 1960 (DF) e 1961 (RJ). A fundação da Confederação Brasileira de Judô, em 1969, direcionou a prática do judô para a esportivização, separando definitivamente o judô do jiu-jitsu e dos combates reais.

O judô brasileiro de competição se desenvolveu também fora do eixo Rio-São Paulo, não só na formação, mas também no treinamento dos atletas de alto rendimento, porém estes resultados só apareceram no século XXI. Neste período ocorreu um sensível crescimento do judô feminino brasileiro. Se comparamos os resultados do judô feminino com os resultados do judô masculino no último campeonato mundial (Paris – 2011), as meninas se saíram melhor. As seis atletas brasileiras com melhores resultados internacionais tiveram a sua formação no judô em seis diferentes estados brasileiros e, três delas, permanecem no seu dojo de origem.

Após a SGM o judô passou a ser uma atividade muito praticada no Brasil. Os resultados de Chiaki Ishii, em 1971 (bronze no campeonato mundial) e 1972, (bronze nos Jogos Olímpicos de Munique) e, especialmente, a medalha de Ouro conquistada por Aurélio Miguel, em Seul -1988 popularizaram a prática do judô no país.

A sociedade brasileira atribui à prática do judô, entre outras virtudes, a melhora de crises de asma, ao tratamento da obesidade infantil, de fraqueza ou fragilidade física de crianças e adolescentes, de alterações comportamentais como timidez, falta de limites, agressividade excessiva e ainda que a prática do judô promove o autocontrole.

A família foi decisiva para o ingresso no judô dos atletas investigados e o principal motivo foi explorar as possibilidades educacionais do método Kano, e não o interesse em formar campeões. O ingresso no judô dos medalhistas investigados neste estudo ocorreu pelos seguintes motivos: indicação médica, ou de outros profissionais da área da saúde, pela necessidade da mãe de deixar o filho em uma atividade para desfrutar de um tempo livre e pela atividade ser oferecida em um local próximo a residência.

Os pais acreditavam, e talvez acreditem, que o judô possa contribuir no tratamento de asma, na diminuição da obesidade, para diminuir alguma fragilidade física, para reduzir comportamentos agressivos, ou diminuir a timidez ou hiper-atividade.

Muitos dos atletas que entrevistei bem como alguns dos professores iniciaram no judô ou ministraram aulas de judô nos dojos do SESI e/ou do SESC. O oferecimento da modalidade em atividades curriculares ou extracurriculares nas escolas também foram portas de entrada na prática dos indivíduos desta colônia.

Nenhuns dos atletas que fazem parte deste estudo fizeram parte de algum programa governamental de descoberta de talentos. O programa bolsa atleta que atende praticantes que já se destacam no judô regional é o único programa citado pelos atletas. A participação em jogos escolares regionais e nacionais serviu para impulsionar as carreiras de diversos atletas. O Projeto Futuro do Governo do Estado de São Paulo parece atingir plenamente os objetivos, pois contribuiu na formação de muitos atletas.

Com relação à idade de iniciação, os atletas dessa população iniciaram muito jovens. A maioria ingressou antes dos 10 anos, muitos deles antes de terem se alfabetizado, o que indica que a participação da família foi decisiva. Apenas dois ingressaram após os dez anos de idade.

O tempo de treino necessário para atingir resultados internacionais varia de acordo com o gênero. Pode-se inferir que no Brasil as mulheres devem treinar judô entre 11-13 anos para serem medalhistas em campeonatos mundiais ou Jogos Olímpicos enquanto os homens necessitam mais tempo, entre 14 e 20 anos de treino. A idade que estes atletas obtiveram as suas maiores conquistas também varia de acordo com gênero, enquanto para as mulheres estes resultados aparecem com maior frequência aos 20 ou 21 anos de idade, para os homens isso ocorre entre os 22 e os 25 anos de idade.

Com relação à formação destes atletas pode-se afirmar que no judô brasileiro a maioria os atletas têm um professor-formador e outro professor-treinador. Os locais de formação, em geral, são distintos daqueles onde os atletas alcançaram as suas melhores performances. Tanto o professor formador tem características diferentes dos treinadores, quanto os dojos formadores são diferentes dos dojos patrocinadores.

Como já escrito anteriormente a metodologia demonstrou ser adequada para atingir os objetivos aqui estabelecidos e pode ser utilizada em outras populações de forma a registrar o seu desenvolvimento. Pessoalmente estimularia a outros

pesquisadores a utilizar o método adotado para verificar como ocorreu o desenvolvimento de outras modalidades esportivas no Brasil.

A elaboração deste estudo permitiu-me literalmente seguir o caminho. Percorri o caminho do judô no Brasil, pois foram mais de vinte mil quilômetros, visitando mais de vinte cidades em onze estados do Brasil Retrocedi na história, pois tive a oportunidade de conversar com muitos dos que construíram esta história. Ainda que os primeiros japoneses tenham chegado no início do século passado, o judô brasileiro fora da colônia japonesa e de forma institucionalizada surgiu após a fim da SGM e a primeira federação somente foi criada em 1958[115]. A primeira instituição a regular esta prática, Ju-kendo-Renmei, surgiu em 1933 dentro da colônia japonesa em Mogi das Cruzes, porém teve a sua atuação limitada pela guerra que iniciou logo a seguir. Neste período nem mesmo o nome da prática estava definido, enquanto uns chamavam de judô, outros a denominavam jiu-jítsu ou jujutsu.

Pelo menos vinte dos meus entrevistados têm mais de setenta anos e passaram a maior parte deles ajudando a construir a história do judô brasileiro. Procurei dar voz a representantes das três escolas mais destacadas dos primórdios do judô brasileiro, a Budokan de Ryuzo Ogawa e suas dezenas de 'filiais' pelo Brasil, a Kodokan do Dr. Okoshi, Sobei Tani, Goro Saito, Seissetsu Fukaia, Yoshio Kihara e outros e as academias Ono de jiu-jitsu de onde entrevistei Manoel Aparecido Lacerda e Luiz Tambucci.

Deixo como colaboração a outros pesquisadores a idéia de dar continuidade a este estudo no judô, aumentando o leque de atletas entrevistados e buscando as suas origens, por exemplo, entrevistando a todos os participantes brasileiros em Jogos Olímpicos. Além disso, as entrevistas se prestam para outros tipos de análises de forma a aprofundar ou direcionar o estudo para questões aqui não abordadas.

Como última sugestão para estudos históricos deste tipo, sugiro que os pesquisadores estejam preparados para registrar e fotocopiar os acervos pessoais dos indivíduos que tenham disponibilidade para dar este tipo de contribuição, pois muitos deles vão se perder sem a devida divulgação.

Finalizando esta Tese de Doutorado significou para mim, a oportunidade de realmente seguir o caminho e entender que o "suave" só se encontra com muito suor e enfrentando as inúmeras dificuldades que se apresentam. Esta talvez seja a mais

[115] A Federação Paulista de Judô foi a pioneira com data de criação de 14 de abril de 1958.

importante mensagem deixada por Kano para nós, seguidores do caminho, judocas na sua essência e que ainda que tardiamente, possamos compreender o judô para além de uma arte marcial, de um esporte de competição, de um espetáculo ou de uma profissão, mas um eterno caminho de aprendizado onde devemos crescer e fazer com que os outros ao nosso lado também cresçam. Jita Kyoei[116]. Encerro este estudo com uma frase do Dr. Kano, retirada do prefácio da edição japonesa da obra de Sumitomo Arima, de 1908, e que apesar de escrita a mais de um século, parece bastante atual: "The prosperity of a country depends on the fullness of the nation´s energy, which in turn is inseparably linked with the efficient training of the people´s mind and body." Que em tradução livre seria: A prosperidade de um país depende da totalidade da energia da nação, que é inseparavelmente associada ao treinamento eficiente do corpo e da mente do povo.

[116] Uma das máximas do Judô Kodokan – Eu e tu vamos crescer juntos ou bem estar e benefícios para todos.

5. REFERÊNCIAS

AMADIO, Alberto Carlos. **Diretrizes para a elaboração de dissertações e teses**. São Paulo: EEFEUSP, 2000.

ARDOINO, Jacques; BROHM, Jean-Marie. Repères et jalons pour une intelligence critique dú phénoméne sportive contemporaine. In: CRITIQUE de la modernité sportive. Paris: La Passion, 1995. p. 45-75.

ARIMA, Sumitomo. **Judo:** japanese physical cultura, being a further exposition of jujitsu and similar arts. Tokyo: Mifsumura, 1908.

ARLOTT, John (Ed.) **The Oxford companion to sports e games**. Oxford: London, 1975.

ASARI, Alice Yatiyo; TSUKAMOTO, Ruth Youko. Da terra do sol nascente ás terras férteis do Paraná: territorialização e organização socila de nikkeys. In: SAKURAI, Célia et all (Org.). **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

AURÉLIO Miguel. **Judô:** depoimento. [2003] Entrevistadora: Dra. Katia Rubio. Duração: 53 min. Arquivo de filme (MPEG) 1 CD. Entrevista inédita.

BENNETT, Alexander (Ed.). **Budo perspectives**. Auckland: Kendo World, 2005.v. 1.

BIANCONI, Nara. Nipo-brasileiros estão mais presentes no norte e no centro-oeste do Brasil. In: CENTENÁRIO da Imigração Japonesa: reportagens. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/arquivo/nipo-brasileiros-estao-mais-presentes/> Acesso em: 9 jun. 2009.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da historia**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONET-MAURY, Paul; COURTINE, Henri. **O judo**. Porto: Cultura Geral, 1994.

BROHM, Jean Marie. 20 tesis sobre el deporte. In: MATERIALES de Sociologia del Deporte. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 47-55.

BURSTYN, Varda. Sport as secular sacrament. In: EITZEN, D. Stanley. **Sport in contemporary society**: an anthology. 6th. ed. New York: Worth, 2001. p. 10-19.

CALLEJA, Carlos Catalano. Judô. In: MACHADO, David Camargo (Coord.) **Manual de educação física**: natação, judô. São Paulo: EPU, 1974-1979. v. 10. p. 51-84

CARDOSO, Cíntia Brasil; NUNES, Alexandre Velí. Diciplinas de combate en el curriculo de los cursos de Educación Física en Brasil. In: CONGRESO SUD AMERICANO FIEP; JORNADA DE EDUCACIÓN FÍSICA DEL MERCOSUR, 7., 2001, Córdoba. **Anuario**: sesiones científicas, Córdoba: FIEP, 2001. p. 76.

CARLOS Honorato. **Judô:** depoimento. [2003]. Entrevistadora: Dra. Katia Rubio. Duração: 53 min. 25s. Arquivo de filme (MPEG) 1 CD. Entrevista inédita.

CARR, Kevin Gray. Making way: war, philosophy and sport in Japanese judo. **Journal of Sport History,** Los Angeles**,** v. 20, n. 2, p. 167-188, 1993.

CARRAVETTA, Elio Salvador Praia. **O esporte olímpico**: um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

CASADO, Julián Espartero; VILLAMÓN, Miguel. La utopia de Jigoro Kano: el judô kodokan. **Recorde:** Revista de História do Esporte, Espanha, v. 2, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordev2n1_2009_11.pdf> Acesso em: 8 jul. 2009.

COAKLEY, Jay J. Sport in society: an inspiration or an opiate. In: EITZEN, D. Stanley. **Sport in contemporary society**: an anthology. 6th ed. New York: Worth, 2001. p. 20-37.

Comité International Olympique, **Répertoire /Directory 2008**. Lausanne: IOC, 2008.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpismo:** sua origem e ideais. São Paulo: Assessoria de Comunicação do COB/Textual, SESC/SP, 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Galeria dos campeões:** medalhistas do Brasil em Campeonatos Mundiais Sênior, 2008. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/novo/medalhistas.asp> Acesso em: 12 nov. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. Assessoria de imprensa. **Danny Queiroz é o Brasil na arbitragem do Mundial Sub 17.** Disponível em: <http://cbj.dominiotemporario.com/2011app/site/index.php?acao=imprime&modulo=n>. Acesso em: 13 ago. 2011.

COUBERTIN, Pierre. **Memórias olímpicas**. Laussane: Comitê Olímpico Internacional, [1989?]

CRAIG, Darrell. **Japan´s ultimate martial art:** jujitsu before 1882 the classical Japanese art of self-defense. Boston/Rutland: Charles Tittle, 1995.

CRUZ, Ricardo; De ROSA, Daniel; KEISI, Minami. **Almanaque do centenário da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Escala. [2008?]

Da COSTA, Lamartine Pereira; MIRAGUAYA, Ana. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. 183 p.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1987.

DAOLIO, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro**.** In: CARVALHO, Yara M. de; RUBIO, Kátia. **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-38.

DEHO, Mauricio. **Gracie não se arrepende de vender UFC, mas alerta:** 'não é mais briga de verdade'. Disponível em: <http.uol.com.br/lutas/vale-tudo/ultimas-noticias/2011/07/24/gracie-não-se-ar>. Acesso em: 24 jul. 2011.

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo; MATARUNA, Leonardo. **Jigoro Kano e Barão de Coubertin:** nuances de um pré olimpismo no oriente. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd68/kano.htm>. Acesso em: 10 nov. 2008.

DRAEGER, Donn F.; SMITH, Robert W. **Asian fighting arts.** Tokyo: Kodansha, 1969.

DRAW SHEET. **Jigoro Kano Cup International JUDO Tournament, 1986. Tokyo: All Japan Judo Federation, 1986.**

EITZEN, Stanley D. The structure of sport and society. In: EITZEN, D. Stanley. **Sport in contemporary society**: an anthology. 5th ed. New York: St. Martin, 1996. p. 19-24.

FEDERAÇÃO MATOGROSSENSE DE JUDÔ. **História:** Presidentes da Federação Matogrossense de Judô. Disponível em: <http://www.fmtj.xpg.com.br/pg000.html>. Acesso em: 7 set. 2009.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE JUDÔ. **Presidentes da Federação Mineira de Judô.** Disponível em: <http://judomineiro.com.br/modules/tinycontent/index.php?id=15>. Acesso em: 7 set. 2009.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE JUDÔ. **A história da federação.** Disponível em: <http://paranajudo.org.br/afederacao.php>. Acesso em: 7 set. 2009.

FERREIRA, Andréia; TOBACE, Ewerthon. A origem dos filhos do Sol. **Made in Japan**. São Paulo: JBC, n.143, Ano 12, p. 20-27. 10 Out. (21 Taisho)

FRANCHINI, Emerson. As modalidades de combate nos Jogos Olímpicos modernos. In: MORAGAS, M; Da COSTA, L. P. **Seminars Spain-Brazil the olympic values as a research object in the área of education and culture in Spain and Brazil.** São Paulo: Editora Gama Filho, 2006. p. 716-724.

FRANCHINI, Emerson; DORNELES, Alfredo Gomes. Judô. In: Da COSTA, Lamartine Pereira; MIRAGUAYA, Ana. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

FRANCHINI, Emerson; Da COSTA, Lamartine P. Fundamentos do judô aplicados a educação olímpica e ao desenvolvimento do Fair Play. In: TURINI, M; Da COSTA, Lamartine Pereira. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro, 2002. p. 355-372.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEESINK, Anton. The paradox of "Judo as an Olympic sport" and "judo as tradition". In: BENNETT, Alexander (Ed.). **Budo perspectives**. Auckland: Kendo World, 2005. v. 1, p. 379-401.

GLADWELL, Malcolm. **Fora de série**: Outliers. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

GHRISTOUPOLUS, Georg A. (Ed.). **The olympic games in ancient Greece**. Athens: Athenos, 2003.

GRACIE, Reyla. **Carlos Gracie**: o criador de uma dinastia. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GREEN, Thomas; SVINTH, Joseph R. **The circle and the octagon:** Maeda´s judô and Gracie´s jiu-jitsu. Artigo do acervo do Pesquisador Carlos Eduardo Loddo do DF recebido por meio eletrônico em agosto de 2011.

GUTTMANN, Allen; THOMPSON, Lee. **Japanese sports**: a history. Honolulu: University of Hawai´I, 2001.

HACKNEY, Charles H. The Aristotelian Philosophy of the Martial Arts**. Journal of Asian Martial Arts**, [s. l.], v. 18, n. 4, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANCOCK, Harrie Irving; HIGASHI, Katsukuma. **The Complete Kano Jiu-Jitsu (Judo)**. New York: Dover, 2005. Originaly published: London/NewYork: G.P. Putnam´s Sons, 1905.

HARRINGTON, Patricia. **Judo basics**: principles, rules and rankings (Based on the teachings of Kyuzo Mifune). Tokyo: Kodansha, 2002.

HENNING, Stanley E. The chinese martial arts in historical perspective. **Military Affairs**, v. 45, n. 4, p. 173-179, dec. 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1987462>. Acesso em: 4 abr. 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IATSKEVICH, Alexander. **Russian Judo**. London: Ippon, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA**. Contagem da população 2007**: Tabela 1.1 População recenseada e estimada, segundo as grandes regiões e as unidades da federação – 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica>. Acesso em: 29 jul. 2009.

_____**. Produto Interno Bruto dos Municípios:** 2003-2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2006/tab01.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA**.** Diretoria de Geociências. **Brasil em síntese**: tabelas/território. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/territorio.htm>. Acesso em: 29 jul. 2009.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. Disponível em: <http://www.ijf.org.jp>. Acesso em: out. 2007.

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. Kano Jigoro (1860-1938) Disponível em: <http://www.intjudo.com/> Acesso em: 6 dez. 2007. Ás 10:15

_____. From martial art to olympic Sport. **IJF NEWS**, [s. l.], n. 7, apr. 2011. Disponível em: <http://www.intjudo.eu/magazinok/ijfnewsletter07/>. Acesso em: 25 ago. 2011.

_____. IJF World Judo Tour 2010. **IJF NEWS**, [s. l.], n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.intjudo.eu/magazinok/ijfnewsletter02>. Acesso em: 25 ago. 2011.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITEE. [**Site**]. Disponível em: <http//www.olympic.org.uk>. Acesso em: 30 out. 2008.

ITO, Yoshiteru et al. **Nihongo**: curso elementar de Kanji. Tokyo: The Japan Foundation, 1978.

JIGORO KANO: the founder of kodokan judo. In: Jigoro Kano Cup International Tournament, 1986. [Programa…] Tokyo: All Japan Judo Federation. Professor, 1986. p. 3-7.

JIUDO: uma arte de cultura physica japonesa. Belém: Livraria Escolar, 1935. Obra do acervo de Vinícius Ruas Ferreira da Silva supostamente escrita por Conde Koma.

JUDOBRASIL. Resultados. Disponível em: **<**http://www.judobrasil.com.br**>.** Acesso em: 8 nov. 2008.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Pensamento, 2008.

_____. **Illustrated Kodokan Judo.** Tokyo: Kodansha, 1954.

_____,_____, Tokyo: Kodansha, 1986-1989.

_____,_____ Jigoro. Judô Kodokan. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2008.

KANO, Yukimitsu. Welcome address. In: Jigoro Kano Cup International Tournament, 1986. [Programa…] Tokyo: All Japan Judo Federation. Professor, 1986. p. 8-9.

KAWASE, Ikuo; SUGIHARA, Masakatsu; UENO, Tazuko. **Nihongo**: a pronúncia da lingual japonesa. Tokyo: The Japan Foundation, 1979.

KIMURA, Masahiko. **El judo**: conocimiento practico y normas. Barcelona: Aedos, 1976.

_____. **My judô:** part 1. Disponível em: <http://www.judoinfo.com/kimura2.htm>. Acesso em: 21 nov. 2008.

_____. **My judô:** part 2. Disponível em: <http://www.judoinfo.com/kimura4.htm>. Acesso em: 21 nov. 2008.

KODAMA, Kaori; SAKURAI, Célia. Episódios da imigração: um balance de 100 anos. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Org.). **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p. 17-29.

KURIHARA, Tamio; WILSON, Howard. **Championship judo**. Londres: Arthur Barker, 1966.

LANCELLOTTI, Sílvio. **Olimpíadas 100 anos**: história completa dos jogos. São Paulo: Círculo do livro, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

_____. **Raça e história**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1996.

_____. A noção de estrutura em etnologia. **Revista Tempo Brasileiro**: Estruturalismo, Rio de Janeiro, n. 15/16, p. 65-77, [1978?]

LIMA, Manoel de Oliveira. **No Japão:** impressões da terra e da gente. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.

LUIZ JÚNIOR, Clóvis Corrêa.et al Um olhar tradicional sobre a contemporânea filosofia do judô**.** In: ENCONTRO DA ALESDE 1., 2008, Curitiba. **Anais**...: esporte da América Latina, atualidade e perspectivas. Curitiba:UFPR, 2008.

LUÍZ Onmura. **Judô:** depoimento. [2003] Entrevistadora Dra. Kátia Rubio. Duração: 58 min. 57s. Arquivo de filme (MPEG) 1 CD. Entrevista inédita.

MAEKAWA, Mineo. Jigoro Kano´s thoughts on judo: with special reference to the approach to judo thought during his jujutsu training years. **Bulletin of the Association for the scientific studies on judo, Kodokan,** Tokyo, n. 5, p. 1-6, 1978.

MAEKAWA, Mineo; HASEGAWA, Y. Studies on Jigoro Kano: significance of his ideals of Physical Education and Judo. **Bulletin of the Association for the scientific studies on judo, Kodokan,** Tokyo, n. 2, p. 1-12, 1963.

MADURO, Luís Alcides Ramires. **A historia do Judô no Rio grande do Sul**: das primeiras manifestações aos Jogos Olímpicos de Atlanta. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999. Material não publicado.

MAGUIRE, Joseph. The sports-industrial complex: sports sciences, social development and images of humankind. In:_____ (Org.). **Power and global sport**: zones of prestige, emulation and resistance. New York: Routledge, 2006. p. 158-176.

_____. Un desafio al complexo deportivo industrial: ciências humanas, apoyo y servicio. **EF Deportes.com**, Buenos Aires, v. 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: fev. 2009.

MARQUES, Juliana Bastos et al. Aspectos históricos do judô olímpico. In: ENCONTRO DA ALESDE, 1., 2008, Curitiba. **Anais...:** esporte da América Latina, atualidade e perspectivas. Curitiba: UFPR, 2008.

MATARUNA, Leonardo; CANCELLA, Karina. Educação Olímpica por meio do Judô. In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (Org.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 139-146.

MATSUMOTO, Yoshizo**.** A história do judô: a criação do Judô, Prof. Jigoro Kano funda a Kodokan. **In: Jigoro Kano Cup International Tournament, 1986. [Programa…] Tokyo: All Japan Judo Federation, 1986. p. 3-7.**

MATSUMOTO, Yoshizo et al. A survey of the measures for the judo dissemination. **Bulletin for the Scientific Study of kodokan Judo,** Tokyo, n. 6, p. 35-54, 1984.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. H**istória oral**: como fazer como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MORGAN, Willian J. **Lefitist theories of sport**. Chicago: Unversity of Illinois, 1994.

MURATA, Naoki. From "jutsu" to "do", the birth of Kodokan Judo. In: BENNETT, Alexander (Ed.). **Budo perspectives**. Auckland: Kendo World, 2005. v. 1, p. 141-154.

MUSASHI, Miyamoto**. O livro dos 5 anéis**: o clássico guia de estratégia. Tradução Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2003.

NINOMIYA, Masato. O centenário do Tratado de Amizade Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. **Revista USP**, São Paulo, n. 28 p. 245-250, dez./fev. 1995-96.

NITOBE, Inazo. **Bushido**: alma de samurai. São Paulo: Tahyu, 2005.

NUNES, Alexandre Velly. Artes marciais e dança: contextualização In: FÓRUM NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 2002, Rio de Janeiro. 1 CD.

_____. A dimensão social do doping. In: RÚBIO, Kátia. (Org.). **Megaeventos esportivos:** legado e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 191-214.

NUNES, Alexandre Velly; KOSSMANN, Fernanda Torres; SCHAMES, Maurício. Judô no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zarpellon. (Org.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 2005.

OIMATSU, Shinichi. The way of Seiryoku Zenyo - Jita kyoei and its instruction. **Bulletin for the Scientific Study of kodokan Judo,** Tokyo, n. 6, p. 3-8, 1984.

OLIVEIRA, Francilene. Imigração japonesa: uma hitória em 100 anos (especial). **Revista Dolce Morumbi**, São Paulo, n. 44, p. 33-39, mar. 2008.

OTAKI, Tadao; DRAEGER, Donn F. **Judo formal techniques**: a complete guide to Kodokan Randori no Kata. 1 ed. Rutland/Tokyo: Charles E. Tuttle, 1983.

OYAMA, Thaís; VITALE, Paulo. O Brasil do sol nascente: os 100 anos da imigração japonesa. **Revista Veja,** São Paulo, v. 40, n. 49, p. 78-140, dez. 2007.

PANCORBO SANDOVAL, Armando Enrique. **Medicina do esporte**: princípios e prática. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PFISTER, Gertrud. The fascination of the exotic? On the development of jujitsu and judo in Germany. In: _____; YUEYE, Liu. **Sports - the East and the West**. Sankt Augustin: Academia, 1999. p. 29-33. Documentary volume of the 3rd International ISHPES Seminar, Shunde, Guandong, China, 16-22 sept. 1996.

PIMENTA, Tiago. Imaginário e identidades ocidentais: contribuição para a interpretação de artes marciais orientais no Brasil. In**:** ENCONTRO DA ALESDE, 1, 2008, Curitiba. **Anais...:** esporte da América Latina, atualidade e perspectivas. Curitiba: UFPR, 2008.

PLATONOV. V. N. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de vida**: teoria e prática. 2. ed. Oeiras: Celta, 1999.

RUAS, Vinícius. Os extraordinários samurais e a etnografia de Jigoro Kano. Separata de: **Práxis,** Rio de Janeiro, n. 1, 1999

RUBIO, Katia. Alteridade e cidadania como caminhos para a compreensão da diversidade e do multiculturalismo na educação Olímpica. In: REPPOLD Filho, Alberto Reinaldo et al., (Org.) **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 89-97.

_____. **Heróis olímpicos brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. O legado heróico do papel social do atleta. In: DaCOSTA, Lamartine (Ed.). **Legados e megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 217-225.

_____. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. Sobre as origens do esporte moderno e do olimpismo. In: _____ (Org.). **Educação olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 149-168.

SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Org.). **Resistência & integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Sumaré, 1993.

SALTER, Michael. The diffusion of Asian martial arts: a Canadian case study. In: PFISTER, Gertrud; YUEYE, Liu. **Sports - the East and the West**. Augustin: Academia, 1999. p. 19-24. Documentary volume of the 3rd International ISHPES Seminar, Shunde, Guandong, China, 16-22 Sept. 1996. Sankt

SAMARANCH, Juan A. The vision of the Internacional Olympic Academy: to explore and enhance the contribution of olympism to humanity in the 21st century. In: THE INTERNATIONAL Olympic Academy. Ancient Olympia: IOA, [2005?] p. 6.

SÁNCHEZ GARCIA, Raúl; MALCOLM, Dominic. Decivilizing, civilizing or informalizing ? The international development of Mixed Martial Arts. **International Review for the Sociology of Sports**, v. 45, n. 1, p. 39-58, 2010. Disponível em: <http://irs.sagepub.com/content/45/1/39>.

SCHILLING, Voltaire; GUSMÃO, Luiz Alberto. Japão: da espada à industria. **Cadernos de História:** memorial do Rio Grande do Sul, Local, n. 11, [2002?].

SCHINKE, Robert J.; HANRAHAN, Stephanie J.; CATINA, Peter. Introduction to cultural Sport Psychology. In: SCHINKE, Robert et all (Ed.). **Cultural Sport Psychology**. Champaign: Human Kinetics, 2009. p. 3-11.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura. Memorial do Imigrante. **Imigração Japonesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo, 2008.

SERICANO, Ricardo A. **Porto de Galinhas de ponta a ponta**. João Pessoa: Carona Casa, 2007.

SERRANO, Emilio Franco. Génesis del judo. **EFDesportes/Revista digital,** Buenos Aires, v. 10, n. 126, nov. 2008. p. 1-13. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 nov. 2008.

SHINOHARA, Massao. **Manual de Judô Vila Sônia**.[S.l.: s.n.], 1982.

_____. **Manual de Judô Shinohara**. [São Paulo: s.n.], 2002.

_____. **Manual de Judô Shinohara**. 5. ed. [São Paulo: s.n.], 2005.

SHOUHE, Cao. Oriental Physical Culture and the Olympic Movement. In: PFISTER, Gertrud; YUEYE, Liu. **Sports - the East and the West**: Sankt Augustin: Academia,

1999. p. 157-159. Documentary volume of the 3rd International ISHPES Seminar, Shunde, Guandong, China, 16-22 Sept. 1996.

SIEBER, Lothar; CYNARSKI, Wojciech J.; LITWINIUK, Arthur. Spheres of fight in martial arts. **Archives of Budo**, v.3, p. 42-48, 2007. Disponível em: <http://journals.indexcopernicus.com/fulltxt.php?ICID=>. Acesso em: 13 jun. 2009.

SIKORSKI, Waldemar. Changing judô in changing Europe: on the identity of combat sports in the era of integation and globalization. **Arquives of Budo**, v. 1, p. 27-30, 2005

SOUZA, Gilmar, Barbosa de; CARDIA, Fabio; FRANCHINI, Emerson. Contribuições do Judô a educação olímpica e responsabilidade social. In: RÚBIO, Kátia (Org.). **Educação olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, Gilmar Barbosa de. **Princípios e valorização do judô na vida cotidiana de mestres da região de Mogi das Cruzes.** São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Não publicada.

STEVENS, John. **Três mestres do budo**: Kano (judô), Funakoshi (Karatê), Ueshiba (Aikido). São Paulo: Cultrix, 2007.

SUGAI, Vera L. **O caminho do guerreiro II**. São Paulo: Gente, 2000.

_____. **Arte da Estratégia**: obra que integra a Arte da Guerra e o livro dos Cinco Anéis. 2. ed. São Paulo: Sapienza, 2005.

SUGDEN, John. Critical left-realism and Sport interventions in divided societies. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 45, n. 3, p. 258-272, [2009?] Disponível em: <http://irs.sagepub.com/content/45/3/258>.

SUGIZAKI, Mateus. Reflexões sobre a história do judô no Brasil: a contribuição dos Senseis Uadi Mubarac (8 Dan) e Luis Tambucci (9 Dan). **Judobrasil.** Disponível em: <http://www.judobrasil.com.br/histnet.htm>. Acesso em: abr. 2005.

SUZUKI, Eico. **O pai da educação integral e o universo do judô.** São Paulo: Escritor, 1986.

SUZUKI, Liogi. A história do judô no Paraná. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 1994. Disponível em: <http://www.paranajudo.org.br/destaque.php?id=42>. Acesso em: 11 ago. 2011. Material não publicado.

SUZUKI, Teiti. **The Japanese immigrant in Brazil**: narrative part. Tokyo: University of Tokyo, 1969.

TANNO, Janete Leiko. Formas de sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descentes na sociedade paulista, 1930-1970. In: HASHIMOTO, Francisco (Org.). **Cem anos da Imigração Japonesa**. São Paulo: UNESP, 2008. p. 63-77.

TAKEUCHI, Márcia Yumi. **Japoneses**: a saga do povo do sol nascente. São Paulo: Editora Nacional, 2007. 151 p.

TAVARES, Otávio; DACOSTA, Lamartine Pereira. **Estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

TAVARES, Otávio, Referenciais teóricos para o conceito de 'Olimpismo', In: _____; DACOSTA, Lamartine. P. **Estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

THANH, Ly Gia. The average of the Olympic Champions. In: **8th International Session for Director of National Olympic Academy**, 2005. Olympia –Greece.

THE BIOGRAPHIES OF ALL IOC-Members (Part IV). Wassong, Stephan (Ed.) **JOURNAL OF OLYMPIC HISTORY**: battle of medals. [s. l.] v.18, n.1, p. 49-59. Apr 2010.

TOMIKI, K. Kodokan judo and its technical development which contibuted to the modernization of budo. In: Bulletin for the Scientific Study of Kodokan judo, Kodokan. Report. III, Tokyo: Kodokan, 1969. p. 129- Disponível em: <www.bstkd.com> Acesso em: 18 mar. 2001.

TRUSZ, Rodrigo A.; NUNES, Alexandre. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de Educação Física da UFRGS. **Revista Movimento,** Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179-204, jan./abr. 2007.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2000.

VILLAMON, Miguel et al. Reflexive modernization and the disembedding of judo from 1946 to the 2000 Sydney Olympics. **International Review for the Sociology of Sport,** London, v. 39, n. 2, p. 139-156, 2004.

VIRGÍLIO, Stanlei. **Personagens e histórias do judô brasileiro**. Campinas: Átomo, 2002.

WANDERLEY, Paulo Fernando Tenório. **O judo no Rio de Janeiro:** orígem e trajetória. Material em arquivo eletrônico obtido com o Prof. Rudolf Otero Hermany durante entrevista no Rio de Janeiro em 2010.

WATANABE, Jiichi; AVAKIAN, Lindy. **The secrets of Judo**: a text for instructors and students. 9th. ed. Rutland: Tuttle, 1997.

WATSON, Brian N. **The father of Judo**: a biography of Jigoro Kano. Tokyo: Kodansha, 2000.

WASSONG, Stephan (Ed.). The biographies of all IOC Members (Part IV). **Journal of Olympic History:** battle of medalsm, v. 18, n. 1, p. 49-59, apr. 2010.

WEISS, Kurt. Between religion and records: Eastern and Western sport cultures. In: PFISTER, Gertrud; YUEYE, Liu. Sports - the East and the West: 3rd International ISHPES Seminar, Sep. 1996. Sankt Augustin: Academia Verlag, 1999. p. 83-87.

YOKOYAMA, Sakujiro; OSHIMA, Eisuké. **Judo:** judô kyohan. Tradução Yamakichi Horiguchi Nishodo: Tokyo, 1915.

Glossário

Árvore genealógica judoística- Termo criado pelo autor para e execução deste estudo que é uma árvore genealógica elaborada a partir dos professores e treinadores que influenciaram a carreira de um grupo de atletas de judô.

Atemi-waza- Uma das classificações das técnicas do judô Kodokan. Palavra composta por dois ideogramas japoneses que significam técnicas de contundência. Normalmente utilizadas como forma de defesa pessoal.

Batsukun- Forma antiga de combate entre diversos adversários, onde o vencedor segue combatendo com os demais, sem descanso e somente sai do "Shiai-jo" ao ser derrotado.

Bullying- Termo utilizado para se referir as situações em que uma ou mais pessoas constrangem ou aborrecem um amigo ou colega, com ou sem o uso de violência física.

Bu-jutsu- Palavra japonesa composta por dois kanji utilizado comumente a partir da Era Meiji com o significado de arte marcial.

Bugei- Forma antiga para denominar o bu-jutsu, utilizada antes da era Meiji.

Bushido- Código de honra dos samurais. Sistema de etiqueta não escrito, utilizado pelos guerreiros japoneses e que perdura até os nossos dias, perpetuado através da prática das artes marciais e outras atividades de origem japonesa.

Colônia- Termo utilizado na metodologia de historia oral para determinar os indivíduos que serão entrevistados em uma investigação.

Dan- Grau superior, uma das formas propostas por Jigoro Kano para diferenciar a qualificação dos praticantes. O primeiro Dan corresponde à faixa preta.

De-ashi-barai- Técnica de projeção do judô, cujo significado literal é varrida do pé que avança.

Dekassegui- Brasileiro descendente de japoneses que emigrou para o Japão para trabalhar.

Dojo- Local para a prática ou treino.

Gaijin/gaigokujin- Palavra japonesa que significa estrangeiro, ou o que não é Japonês.

Genearca- O primeiro de uma geração, neste estudo definido como os pioneiros a chegarem ao Brasil com condições de ensinar a prática do judô aos seus semelhantes.

Golden-score- Termo utilizado nas competições para definir o tempo extra, que é determinado quando um combate encerra o tempo de luta em condições de igualdade. No "golden score" qualquer pontuação encerra o combate, determinando a vitória do atleta que pontuou.

Hantei- Em julgamento. Situação em um combate de judô que termina empatado, e onde ocorre uma decisão do resultado pelos juízes, através de uma votação indicada pela elevação de uma bandeira azul ou branca que identifica cada uma dos atletas do combate.

Hashi- Instrumento de origem japonesa utilizado para a alimentação. Composto por dois palitos, que podem ser descartáveis ou não, e que são utilizados em substituição aos talheres ocidentais.

Ipon- Ponto completo. Interrompe o combate e determina a vitória para o lutador que conseguir essa pontuação.

Judogui- Vestimenta para a prática do judô, constituída por calça (zulbon ou shitabaki), casaco (wagui) e a faixa para amarrar o casaco (obi).

Jujutsu/Jiu-jítsu/ju-jitsu- Palavra japonesa composta por dois kanji. O Primeiro “ju” ou “jiu”, significa leve ou suave, e o segundo “Jutsu” ou “jitsu”, significa arte. Como a tradução dos ideogramas japoneses se dá através da pronúncia dos mesmos, são aceitas mais de uma forma de escrita para o mesmo ideograma.

Jiu-jítsu brasileiro /jiu-jítsu Gracie – Estilo de esporte de combate com origem no judô Kodokan que foi desenvolvido no Brasil, predominantemente pelos integrantes da família Gracie. Hoje é uma marca internacionalmente conhecida vinculada aos combates de vale-tudo, mas que também possui aspectos de esporte, com competições de nível nacional e internacional, institucionalizada e com regras próprias que a caracterizam e diferenciam de outras práticas semelhantes como o judô.

Ju-jitsuca- Praticante de jiu-jitsu.

Kanji- Alfabeto ou forma de escrita através de ideogramas, utilizado no idioma japonês e chinês. Cada kanji possui o seu próprio significado e este significado pode mudar conforme a posição que ele se encontra na palavra ou frase.

Kata- Palavra japonesa cujo som pode ter pelo menos dois significados, dependendo do kanji. A mesma palavra kata pode significar ombro ou treinamento dentro da técnica perfeita. Em geral trata-se de uma forma de treinamento de técnicas, ou sistema de técnicas pré-arranjadas em sequência utilizado em diversas escolas de jujutsu, judô, caratê e outras escolas de luta.

Kodokan- Palavra composta por três ideogramas japoneses (kanji), literalmente significa escola que ensina o caminho. Foi a denominação escolhida por Jigoro kano para identificar a sua escola de jujutsu, o judô Kodokan. Também utilizado para diferenciá-la de outras escolas que utilizassem o termo judo.

MMA- Sigla de mixed martial arts. Espetáculo que propõe combates em ringue em forma de um octógono cercado por grades onde os lutadores se enfrentam, em tese, com a possibilidade de aplicar qualquer tipo de técnica. Entretanto os combates ocorrem com a supervisão de um árbitro e diversas regras devem ser seguidas.

Mukso- Trabalho de concentração utilizado no início e/ou final dos treinamentos de judô

Nikkei- Termo utilizado para definir decente japonês de qualquer geração.

Ni-sei (san-sei, yo-sei...)- Termo utilizado para identificar a geração de descendência japonesa, por exemplo, primeira geração "Issei", imigrante nascido no Japão ou "ni-sei" filho de imigrante e, portanto, de segunda geração e assim por diante, "san-sei", "yo-sei" etc.

Obi- Faixa para amarrar o wagui. No judô e em algumas atividades de origem japonesa as faixas coloridas significam um determinado grau de conhecimento.

Olimpismo- Sistema de educação criado por Pierre de Coubertin que pretende utilizar as atividades esportivas como uma ferramenta para a educação da sociedade.

Randori- Uma das formas de treinamento de judô proposta por Kano. A outra é o Kata. A palavra "randori" significa literalmente treino livre, porém é comumente interpretada como combate em situação de treinamento.

Renshuo- Treinamento em idioma japonês.

Ronin- Termo utilizado para identificar lutador ou guerreiro sem vínculo com um "senhor feudal" ou "daimyo". Quando este guerreiro se vinculava a um senhor feudal, era chamado de samurai.

Ryu- Palavra designada por um kanji com o significado de escola ou estilo de jujutsu.

Sassae-tsuri-komi-ashi- Técnica de projeção do judô do grupo das técnicas de perna, onde ocorre um apoio do pé de tori na perna (tornozelo) de uke, e este, acaba por tropeçar e assim cai ao solo.

Sensei- Palavra japonesa composta por dois ideogramas que significam “aquele que veio antes”, normalmente utilizada com a tradução de professor, o que de fato ocorre, pois o que veio antes, em tese, obteve maiores experiências e por isso tem condições de transmiti-las e, portanto, professor.

Sen-pai- Mais antigo no treinamento. Trata-se de uma relação de subordinação onde é considerado o aspecto da antiguidade que normalmente corresponde a um maior tempo de treino.

Sho Dan- Primeira graduação dos graus superiores, correspondente a faixa preta dentro do sistema kyu/dan proposto pelo Judô Kodokan.

Shogun- Palavra japonesa escrita com dois kanji que defini o cargo político e militar equivalente a “generalíssimo”, literalmente comandante do exército. No Japão do século XII ao XVI o Daimyo que conquistava este posto dominava o país. Durante o período do xogunato, a figura do Imperador era apenas decorativa, cabendo ao shogun a tomada das decisões no arquipélago japonês.

Sumô- Esporte de combate tradicional japonês.

Tokui-waza- Termo japonês que significa técnica de preferência, onde o segundo kanji (waza) significa técnica.

Tori- O praticante que aplica a técnica.

Uchi-mata- Técnica de projeção ensinada no judô, cuja tradução literal é entre as virilhas. Esta projeção faz parte do grupo das técnicas de perna, embora conforme a sua aplicação pode ter mais ou menos influência do quadril.

UFC- Sigla de Ultimet Fighting Championship. Expressão criada por Rorion Gracie quando tentou traduzir para o inglês os combates de vale-tudo organizados pela família Gracie no século passado no Brasil.

Uke- O praticante que recebe a técnica do seu adversário.

Vale-tudo- Forma de combate sem regras que adquiriu formato de espetáculo nos anos noventa nos Estados Unidos. Possivelmente criada no Brasil nos anos 20-30, por Carlos Gracie e seus discípulos e popularizada nos anos 90 por Rorion Gracie. Deu origem ao espetáculo ou combates de MMA, Mixed Martial Arts.

Xogum- Palavra em português para designar os comandantes do exército japonês.

Xogunato- Em idioma japonês era conhecido como bafuku, a corte do Xogum.

APÊNDICE A - Marcadores de narrativas - Atletas

1 – Identificação do Atleta
Nome, idade atual, graduação no judô, etc.

2-Origem no judô / Localização temporal e geográfica
Idade que iniciou no judô e onde (cidade, região, dojo)
Identificação do professor/treinador formador e local
Identificação do treinador(es) no momento do melhor(es) resultado(s) competitivo(s)
Identificação da instituição que representava no momento da conquista da medalha.

3-Motivos e influências para o ingresso na prática do judô
Quem o levou para o judô
Porque escolheu o judô
O que o motivou a seguir treinando

4-Resultados expressivos na carreira competitiva
Melhores desempenhos internacionais
Onde e quando ocorreram estas performances
Quem o orientava na época

5- Identificação da influência do judô na sua vida cotidiana
Vínculo como o judô no momento
Influencia na sua vida pessoal
Participa de alguma forma de atividades relacionadas ao judô

6- Transição de carreira
Sua transição de carreira de atleta foi planejada (está sendo planejada
Ocorreu de forma tranqüila e organizada
Deixou a desejar (mágoas com pessoas ou frustrações)

7- Quem foram os seus principais adversários (nacional e internacionalmente)
Colegas de treino ou adversários mais aguerridos
Adversidades encontradas na trajetória

8-Superação da dor
Momentos que a dor (lesões) foram obstáculos
Como convive(eu) com a dor

9-Controle de peso
Precisa(ou) perder muito peso
Quantos Kg no momento da medalha
Quais os métodos que utiliza(ou)

APÊNDICE B - **Marcadores de Narrativa para os treinadores**

1 – Identificação do treinador

Nome, idade atual, graduação no judô, etc.
Idade no momento da conquista da medalha pelo atleta
Melhor resultado competitivo (como treinador) onde
Formação acadêmica (onde)

2-Origem no judô / Localização temporal e geográfica

Idade que iniciou no judô e onde (cidade, região, dojo)
Identificação do seu professor/treinador formador e local
Quem o levou para o judô/Porque escolheu o judô

3-Resultados expressivos na carreira competitiva de seu(s) atleta(s)

Atletas de maior destaque
Melhores desempenhos internacionais
Onde e quando ocorreram estas performances

4-Características de seu atleta no momento do ingresso

Motivo para o ingresso
Físicas, Psicológicas, etc.
Talento precoce ou tardio

5- Quem foram os seus principais adversários (nacional e internacionalmente)

Colegas de treino ou adversários mais aguerridos
Adversidades encontradas na trajetória

6-Estrutura de treino proporcionada aos atletas

Dojo (tamanho)
Equipe multidisciplinar
Patrocínio

7- Identificação da influência do judô na sua vida cotidiana

Vínculo como o judô no momento
Influência na sua vida pessoal
Participa de alguma forma de atividades relacionadas ao judô

APÊNDICE C – Termo de compromisso

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME DO INDIVÍDUO:.....
DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº: ..... SEXO: M Ž F Ž
DATA NASCIMENTO: ...../...../..... ENDEREÇO: ..... Nº ..... APTO ..... BAIRRO: .....
CIDADE: ..... CEP: .....
TELEFONE: DDD (.....).....E-MAIL.....

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA

A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em jogos olímpicos e campeonatos mundiais

2. PESQUISADOR RESPONSÁVEL
Profa Kátia Rúbio

3. CARGO/FUNÇÃO
Professora Doutora

4. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA: **x** RISCO BAIXO
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como conseqüência imediata ou tardia do estudo)

5. DURAÇÃO DA PESQUISA: quatro anos

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

1. Justificativa e os objetivos da pesquisa;

O principal objetivo deste estudo é o de localizar e entrevistar os medalhistas brasileiros em jogos olímpicos e campeonatos mundiais. Através da análise das suas histórias de vida, das histórias de vida de seus professores formadores e das observações dos locais onde eles treinam, pretende-se verificar como se desenvolveu o judô no Brasil, compreender qual foi a influência da imigração japonesa nessa evolução e estabelecer uma genealogia do judô no Brasil.

2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são descritivos e comparativos;

A metodologia prevê a elaboração de dois procedimentos: observação dos locais de treinamento, registradas através de um diário de campo e entrevista com os atletas selecionados e seus treinadores. Os atletas selecionados são os brasileiros, ganhadores de medalhas em Jogos Olímpicos, período compreendido entre 1964 e 2008, e os medalhistas em Campeonatos Mundiais na categoria de adultos, entre 1956 e 2007.

3. Desconfortos e riscos esperados;

O risco envolvido na participação deste estudo é nulo ou muito próximo disso. A pesquisa prevê dois tipos de intervenção, observação e entrevista. Nenhum tipo de método invasivo ou potencialmente prejudicial à saúde será utilizado.

4. Benefícios que poderão ser obtidos;

Os resultados desse estudo pretendem contribuir para o entendimento de como ocorreu o desenvolvimento do judô do Brasil e qual a influência da imigração japonesa neste processo. A

elaboração de uma genealogia dos principais atletas brasileiros pretende contribuir para a identificação das origens e o entendimento das relações entre os principais professores/formadores do judô brasileiro. As observações nos dojo pretendem identificar as diferenças encontradas nos meios e métodos de ensino e de treinamento de judô. Todos os participantes terão acesso aos resultados da investigação.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

O pesquisador responsável pelo estudo se coloca a disposição para esclarecer, a qualquer momento, as possíveis dúvidas sobre essa pesquisa, seus procedimentos, riscos e benefícios prorporcionados. Adicionalmente, você tem o direito de se retirar a qualquer momento do estudo sem que isso lhe proporcione qualquer prejuízo ou transtorno dentro da competição. Sigilo, confidencialidade e privacidade dos dados e informações obtidos no estudo são assegurados pelo pesquisador responsável.

Em caso de necessidade, você poderá entrar em contato com o Profa. Dra. Kátia Rubio pelos telefones: (11) 34868104 e 91387466.

VI. - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

Nenhuma.

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

_____

Assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

APÊNDICE D – Lista de atletas-professores e dojos

Nome do atleta	Local de formação	Local de treinamento	Professores
Chiaki Ishii	Japão	São Paulo/Brasil	Yukishi
Valter Carmona	São Paulo	Acad. Kanayama Acad. Ishii	Dante Kanayama Chiaki Ishii
Douglas Vieira	Catanduva/ Paraná	Assoc. Catanduvense São J. do Rio Preto E. C. Pinheiros	Silvio Vieira Kazuo Nagamime João Gonçalves
Luiz Onmura	Vila Sônia/ SP	Assoc. Vila Sônia Tênis Clube de S.J C.	Massao Shinohara Yasuhiro Sogabi
Aurélio Miguel	Vila Sônia São Paulo	Assoc. Vila Sônia AD/São Caetano do Sul	Massao Shinohara Onodera Nakano
Rogério Sampaio	Santos	Paulo Duarte/Santos ABREV. São C. do Sul	Paulo Duarte
Dani Zangrando	Santos	Paulo Duarte/Santos E.C. Pinheiros	Paulo Duarte Ivo Nascimento Rogério Sampaio
Henrique Guimarães	São Paulo	S. E. Palmeiras C. R. Flamengo	Akira Yamamoto Sergio Pessoa
Fúlvio Miyata	S. J. dos Campos	Assoc. Hirakawa Projeto Futuro Tênis Clube de S. J.	Orlando Hirakawa Floriano de Almeida Yasuhiro Sogabi
Sebástian Pereira	Rio de Janeiro	Acad.	César Romeu Ney Wilson
Carlos Honorato	São Paulo	Assoc. Vila Sônia AD/São Caetano do Sul	Luiz Shinohara Mario Tsutsui
Tiago Camilo	Bastos	Bastos Projeto Futuro AD/São Caetano do Sul SOGIPA/Porto Alegre	Uetiro Umakakeba Floriano / Garcia Mário Tsutsui Kiko

Nome do atleta	**Local de formação**	**Local de treinamento**	**Professores**
Mario Sabino	Bauru	SESI de Bauru Projeto Futuro AD/São Caetano do Sul	Artêmio Caetano Filho Floriano de Almeida Mario Tsutsui
Flávio do Canto	Rio de Janeiro	UGF/Rio de Janeiro	Geraldo Bernardes Alfredo Dornelles
João Derly	Porto Alegre	SOGIPA/Porto Alegre SOGIPA/Porto Alegre	Kiko
Luciano Correa	Brasília	Minas Tênis/B. H. Minas Tênis/B. H.	Ivanez Floriano de Almeida
Leandro Guilheiro	Santos	Paulo Duarte Rogério Sampaio Paulo Duarte/Pinheiros	Paulo Duarte / Ivo Ivo / Rogério Paulo Duarte Mauro Oliveira
João Gabriel Schlittler	Rio de Janeiro	C. R. Flamengo UGF/Rio de Janeiro	Valquenares de Oliveira Alfredo Dornelles / André Silva
Ketleyn Quadros	Brasília	SESI Taguatinga Minas Tênis/B. H.	Heder da Silva Robert Marques Floriano de Almeida
Leandro Cunha	S. J. dos Campos	Acad. Hirakawa Projeto Futuro E.C. Pinheiros	Orlando Hirakawa Floriano de Almeida Mauro Oliveira
Mayra Aguiar	Porto Alegre	G.N. Gaúcho SOGIPA	Cid Borges Antônio Pereira “Kiko”
Sarah Menezes	Teresina	SESC Teresina	Expedito Falcão